



QUANDO O SILÊNCIO É
ROMPIDO:
HOMOSSEXUALIDADES
E ESPORTES
NA INTERNET

Luiza Aguiar dos Anjos

PRÊMIO CBCE DE LITERATURA CIENTÍFICA



**QUANDO O SILÊNCIO É ROMPIDO:
HOMOSSEXUALIDADES E ESPORTES NA INTERNET**

Luiza Aguiar dos Anjos



Porto Alegre

2014

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

A597q Anjos, Luiza Aguiar dos

Quando o silêncio é rompido [recurso eletrônico] : homossexualidade e esportes na Internet / Luiza Aguiar dos Anjos. – Porto Alegre : Orquestra, 2014.

197 p. : il. ; 15 x 21cm.

E-book.

ISBN 978-85-65862-18-9

1. Internet – Homossexualidade. 2. Internet – Esportes. I. Título.

CDU 004.738.5-055.34

004.738.5:796

Bibliotecária Responsável Denise Pazetto CRB-10/1216

Coordenação Editorial: Flávio Possani

Projeto Gráfico e Diagramação: Orquestra Comunicação Editorial

Edição: Orquestra Comunicação Editorial

(51) 3024-2324

www.orquestraeditora.com.br

Copyright © 2014 Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte

Chancela: CBCE

Apoio: Ministério do Esporte

Coleção: Prêmios CBCE de Literatura Científica

Comissão Editorial:

COORDENAÇÃO: Paula Cristina Costa Silva

Leonardo Alexandre Peyré-Tartaruga

Christiane Garcia Macedo

INTEGRANTES: Diego Mendes

Admir Soares A. Júnior

Carlos Herold Junior

Fábio Zoboli

Rosianny Campos Berto

Edivaldo Góis Júnior

Luis Eduardo Thomassim

Alexandre Palma

Fábio Nakamura

Wellington Lunz

Luciana Carletti

OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO:

- Efeitos de um Treinamento de Força no Meio Aquático com Diferentes Volumes em Homens Jovens - *Adriana Cristine Koch Buttelli*
- Nos domínios do corpo e da espécie: Eugenia e Biotipologia na constituição disciplinar da Educação Física - *André Luiz dos Santos Silva*
- Educação Física: Atuação Profissional e Condições de Trabalho em Academias - *Alessandra Dias Mendes*
- Efeitos de Diferentes Programas de Treinamento de Força no Meio Aquático com Diferentes Volumes nas Adaptações Neuromusculares de Mulheres Jovens - *Maira Cristina Wolf Schoenell*
- Efeitos Agudos e Crônicos do Treinamento em Hidroginástica no Perfil Lipídico e na Enzima Lipase Lipoprotéica de Mulheres Pré-menopáusicas Dislipidêmicas - *Rochelle Rocha Costa*

DIRETORIA NACIONAL DO COLÉGIO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE (GESTÃO 2011/2013)

Presidente: Leonardo Alexandre Peyré-Tartaruga

Vice-Presidente: Edson Marcelo Húngaro

Direção Administrativa: Maria do Carmo Morales Pinheiro

Direção Financeira: Nair Casagrande

Direção Científica: Alexandro Andrade

Direção de Comunicação: Paula Cristina Costa Silva

Coordenador Nacional de GTT's: Marcia Chaves Gamboa

Coordenador Nacional das SE's: Carlos Fabre Miranda

Qualquer parte ou o todo desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada corretamente a fonte.

LUIZA AGUIAR DOS ANJOS

É mestre em Lazer pela Universidade Federal de Minas Gerais. Possui graduação em EDUCAÇÃO FÍSICA, modalidades licenciatura e bacharelado, pela UFMG (2009) e Especialização em Lazer, também pela UFMG (2011). Faz parte do Grupo de Estudos sobre Futebol e Torcidas, da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, da UFMG. É professora da Rede Municipal de Belo Horizonte e do Programa Academia da Cidade, ligado à Secretaria Municipal de Saúde. Tem experiência na área de Educação Física, com ênfase em Lazer, Gênero e Sexualidade, Escola e Futebol.

Tem coisas da gente que não são defeito nem erro,
são só o jeito da gente ser.

Caio Fernando Abreu

PREFÁCIO

Nos últimos 20 anos, observa-se, no Brasil, um notável aumento dos estudos sobre o esporte no âmbito das ciências humanas e sociais. No plano qualitativo, contudo, os avanços parecem lentos. Soma-se a isso uma certa mesmice, fruto da realização de pesquisas com estruturas muito semelhantes: replicam-se estudos de caso que, para surpresa de ninguém, chegam a conclusões próximas. Inovar, portanto, é uma meta urgente para o avanço do campo de estudos.

Justamente neste ponto reside uma das contribuições deste livro. Ele aborda os discursos sobre homossexualidades, tema que sofre um triplo silenciamento: na sociedade, no jornalismo diário (sobretudo na cobertura esportiva) e no esporte. Fruto de pesquisa de mestrado desenvolvida no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), descreve e analisa a repercussão, em matérias veiculadas nos sites de quatro veículos jornalísticos importantes da Região Sudeste, do "episódio Michael", quando um jogador de vôlei profissional foi xingado pela torcida da equipe adversária. Debruçou-se ainda sobre os comentários dos leitores, material que se revelou bastante rico.

A obra atesta as virtudes de uma abordagem interdisciplinar dos fenômenos esportivos e comunicacionais. Tal característica está presente na bibliografia, que reúne autores de diferentes áreas de conhecimento, sem que, daí, resulte uma salada conceitual. Tampouco há capítulos teóricos: os autores e conceitos aparecem na medida em que auxiliam a construção da problematização e a análise do objeto empírico. Trata-se de um trabalho construído a partir das fontes - muito distinto dos construtos teóricos frequentemente observados em textos acadêmicos sobre esporte (e também na área de Comunicação), nos quais as questões parecem ser dadas de antemão pela bibliografia, e os dados aparecem episodicamente, como exemplos a confirmar impressões, opiniões e/ou certezas definidas a priori. A interdisciplinaridade também pode ser observada na metodologia e no olhar lançado sobre o objeto de estudo.

Do ponto de vista comunicacional, a primeira contribuição que salta aos olhos é a consistência metodológica. Uma das preciosidades deste livro é a forma como a

autora explica a construção do corpus empírico. Em vez de ser informado sobre o nome de um método e como alguns autores o definem, o leitor acompanha as decisões tomadas, o que lhe permite compreender o processo. A validade do método, da base de dados e da análise não se escoram em argumentos de autoridade, mas em explicações cuidadosas. Isto é particularmente relevante por se tratar de um estudo sobre material veiculado pela internet, objeto que costuma ser fugidio e cuja disposição e características nem sempre são facilmente inteligíveis ao leitor.

Para além do método, a obra também permite pensar os lugares do jornalismo e dos comentários dos leitores na apresentação, construção e discussão de valores na sociedade em que vivemos. Tais discursos, implícita ou explicitamente, revelam pontos de vista a respeito de questões cruciais da democracia, como liberdade de expressão, censura e os limites ao gozo de direitos¹. Em se tratando de internet, aspectos como anonimato e autoria complexificam ainda mais a análise.

Do ponto de vista dos estudos do Lazer, entre os aspectos que podem ser destacados está a exploração da mídia como instância privilegiada de construção de representações sobre o fenômeno, temática ainda incipiente neste campo de estudos. Em segundo lugar, reforça a possibilidade de olhar os meios de comunicação tanto como fontes (objeto empírico) quanto como objetos de investigação - o que requer metodologias apropriadas e o já citado diálogo interdisciplinar (com a Comunicação, por exemplo).

Retomando o argumento inicial, destaco ainda a contribuição deste livro para os estudos do esporte. Venho defendendo a posição de que pesquisá-lo a partir das ciências humanas só faz sentido se isto nos permitir compreender algo sobre a sociedade em que vivemos (ou sobre a sociedade estudada, caso ela seja distinta, no tempo e/ou no espaço). Isto significa recusar a investigação do esporte pelo esporte - que, frequentemente, reforça mitos, tradições, representações e verdades próximas do senso comum.

Neste livro, por um lado, o esporte é o pano de fundo para o debate de questões relativas à sociedade brasileira no presente: a cobertura esportiva realizada pelos meios de comunicação de massa; a possibilidade de diálogo e interação viabilizada pela internet; a homofobia. Por outro, a análise do material empírico explorado com maestria por Luiza Aguiar dos Anjos levanta e aprofunda discussões a respeito de especificidades do fenômeno esportivo, como: as representações de atletas e torcedores de distintas

¹ Refiro-me, por exemplo, à legislação referente à comunicação social e aos caminhos e possibilidades de garantir seu cumprimento.

modalidades (especialmente futebol e vôlei); o caráter normativo e, não raro, excludente e violento que reside em determinadas visões do esporte, de seus praticantes e torcedores; de que maneira problemas e características da sociedade se manifestam no campo esportivo.

Este último aspecto é delicado: se, por um lado, pode-se dizer que o esporte é apenas mais uma esfera da vida social, na qual características (violência, homofobia, racismo, solidariedade, emoção etc.) que permeiam a sociedade vão se manifestar, por outro, há traços distintivos do campo esportivo em relação aos outros espaços sociais, e tais especificidades permitem que as questões mais amplas se manifestem de forma particular. Por exemplo, cabe perguntar: se podemos compreender a violência no esporte como parte de um problema social amplo (existe violência na sociedade; como o esporte faz parte da sociedade, há violência nele), por outro lado, de que particularidades ela se reveste quando manifestada e praticada no âmbito esportivo? Este diálogo entre as especificidades do campo esportivo e os traços gerais da sociedade é um dos méritos do texto cuja leitura em breve o leitor iniciará. E sua autora o faz com sensibilidade admirável, que já se anuncia na epígrafe.

Por fim, o livro evidencia a riqueza de se construir abordagens sobre o esporte que não se dediquem a uma modalidade específica. Ao operar a análise das fontes, Luiza Aguiar dos Anjos discute as múltiplas - às vezes convergentes, às vezes divergentes - representações das modalidades, de seus praticantes, de seus torcedores, as quais seguem parâmetros que, direta ou indiretamente, remetem a orientação afetiva, sexo, gênero, classe social, nível de escolaridade etc. Não se trata de um trabalho sobre vôlei (modalidade em disputa no ginásio em que ocorreu o episódio) ou sobre futebol (repetidamente presente nos discursos elaborados sobre o "caso Michael" e seus desdobramentos). É sobre ambos, mas também sobre outras modalidades, sobre o esporte em geral, e sobre as disputas em torno deste fenômeno relevante de nosso tempo.

Tal como o episódio cujos desdobramentos analisa, este livro rompe silêncios. Que venham novas pesquisas e debates.

Boa leitura!

Rafael Fortes

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	A INTERNET COMO FÓRUM DE DISCUSSÃO	23
	2.1 A descrição do <i>corpus</i>	23
	2.2 A mídia enquanto ator social e o caso Michael enquanto acontecimento midiático	34
	2.3 A ambiência virtual	51
	2.4 Entre a censura e a liberdade de expressão	65
	2.4.1 Os direitos de se expressar	66
	2.4.2 A liberdade de expressão no ambiente virtual	72
3	OS SUJEITOS DA HOMOFOBIA	78
	3.1 Posicionamentos polêmicos	78
	3.2 As homossexualidades em movimento	84
	3.3 As marcas da homofobia	96
	3.4 A violência simbólica e a homofobia	113
4	A ARENA ESPORTIVA ENCAMPA A HOMOFOBIA	132
	4.1 A presença da violência no esporte	133
	4.2 Esporte: aprender para participar	138
	4.3 Representações e estereótipos do vôlei e do futebol	144
	4.3.1 O vôlei como esporte de elite	164
	4.3.2 O vôlei como esporte de massa	174
	4.3.3 O vôlei como esporte de bicha ou como esporte de macho	178
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	183
	REFERÊNCIAS	191

1 INTRODUÇÃO

No dia primeiro de abril de 2011, no Ginásio Poliesportivo do Riacho, em Contagem², Minas Gerais, as equipes Sada Cruzeiro (MG) e Vôlei Futuro (SP) se enfrentavam no primeiro jogo da semifinal da Superliga Masculina de Vôlei desse ano. Havia grande expectativa por ambos os lados, pois o vencedor do embate de três jogos garantiria, pela primeira vez, uma vaga na final do torneio. O Cruzeiro vinha de um terceiro lugar na fase classificatória, seguido de duas vitórias nas quartas de final sobre o Pinheiros/Sky (SP). Já o Vôlei Futuro, apesar da campanha irregular na primeira fase, foi capaz de superar o então campeão, Cimed (SP), também com apenas dois jogos.

Não foi, contudo, o esperado e acirrado confronto dentro de quadra que marcou os noticiários esportivos nos dias que se seguiram, mas sim as manifestações vindas das arquibancadas. Durante o jogo, um coro praticamente uníssono de torcedores da equipe mineira ofendia constantemente o jogador adversário Michael, fazendo uso de expressões de caráter homofóbico (sobretudo “Bicha! Bicha! Bicha!”).

A partir dessa primeira ocorrência, a homofobia e as homossexualidades³ no esporte passaram a ser pauta na mídia⁴ durante semanas. Momentaneamente, o fato rompeu com a prática comum de se evitar a discussão do tema, que no cotidiano é ocultado. As homossexualidades, sobretudo no campo esportivo, parecem ser consideradas demasiadamente indesejáveis ou intoleráveis para se tornarem notícia, mantendo-se, assim, sob o silêncio, como algo marcado para não ser percebido (MOUILLAUD, 1997b)⁵. Utilizando como *corpus* as repercussões que cercam o “caso Michael”, acesso, portanto, uma série de representações acerca das homossexualidades e do esporte que, no cotidiano, têm pequena visibilidade.

² Contagem é uma cidade que faz parte da Região Metropolitana de Belo Horizonte. Ela abriga o ginásio Poliesportivo do Riacho, local que sedia as partidas da equipe de vôlei Sada Cruzeiro.

³ Utilizo intencionalmente o termo *homossexualidades* no plural, deixando claro que são muitas as formas de se exercer essa identidade sexual.

⁴ Na ocasião desse primeiro confronto, o ginásio abrigava um público de aproximadamente duas mil pessoas e a partida estava sendo transmitida ao vivo pela emissora Sportv, o que pode ter contribuído potencialmente para a difusão dos comentários acerca do episódio citado.

⁵ É importante dizer que o texto de Mouillaud (1997b) não aborda as homossexualidades especificamente, mas como assuntos polêmicos, chamados de “tabus”, são condenados à invisibilidade.

Dessa forma, este trabalho investiga os discursos sobre os homossexuais no meio esportivo, expressos no ambiente da internet, a partir da análise de textos veiculados na ocasião desse caso emblemático, ocorrido em um ginásio de vôleibol. Parto da premissa que a internet, como instrumento midiático que dilui a dicotomia produtor-receptor, constitui-se como interessante palco de análise dos sujeitos e suas relações. Tal meio institui-se, ainda, como instrumento educativo, ao participar na construção e na divulgação de sentidos que definem as identidades dos sujeitos, num processo de aprendizagem pela prática social (LAVE; WENGER, 1991; INGOLD, 2010). Entendo, assim, que esse objeto expõe questões importantes que emergem a partir da tensão esporte-mídia-cultura.

Retomando a cronologia dos acontecimentos do episódio supracitado, ao fim da primeira partida entre as equipes Sada Cruzeiro e Vôlei Futuro, na qual a equipe mineira obteve a vitória, Michael fez a seguinte declaração a uma emissora de TV: “Me senti ofendido e constrangido pelo ocorrido; não eram só alguns torcedores de torcida de futebol, eram crianças, mulheres, o ginásio inteiro gritando e me ofendendo”⁶.

A declaração ressentida do jogador evidencia duas questões que interessam a este trabalho: primeiro, a separação dos grupos “torcedores de torcidas de futebol” e “mulheres e crianças”, como se os últimos não são pudessem ser, também, membros do primeiro; segundo, a expectativa de que os torcedores de futebol sejam os responsáveis pelas ofensas preconceituosas, ao apontar como surpresa que as crianças e mulheres também entoassem o coro.

Entendendo a atitude como antidesportiva e digna de punição, o Vôlei Futuro pressionou o Superior Tribunal de Justiça Desportiva (STJD) a julgar o caso, na expectativa de que a punição fosse a perda do mando de quadra da equipe cruzeirense para o jogo final do embate.

No jogo de volta, ocorrido no dia nove de abril, na cidade de Araçatuba, e transmitido ao vivo pela Rede Globo e pelo canal Esporte Interativo⁷, o time da casa aproveitou o ocorrido para organizar uma grande manifestação contra o preconceito: foram distribuídos bastões infláveis e camisetas rosas aos torcedores; faixas estampavam dizeres contra a homofobia; um jogador da equipe paulista utilizava uma proteção rosa

⁶ VÔLEI: jogador acusa rivais de homofobia e gera polêmica na Superliga. *O Estado de São Paulo*. 5 Abr. 2011. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/esportes,volei-jogador-acusa-rivais-de-homofobia-e-gera-polemica-na-superliga,702049,0.htm>>. Acesso em: 14 de julho de 2012.

⁷ O Esporte Interativo é um canal de conteúdo exclusivamente esportivo, podendo ser assistido na TV aberta (para alguns estados) e parabólica, na internet e no celular. Disponível em: <<http://www.esporteinterativo.com.br/a-empresa/>>. Acesso em: 09 de julho de 2012.

na mão, e o uniforme do líbero do time tinha as cores do arco-íris, em alusão ao símbolo do movimento LGBT. Nesse confronto, o Vôlei Futuro conseguiu a vitória, levando a decisão de quem iria para a final para o terceiro jogo.

No período anterior a esse decisivo embate, o STJD definiu que a punição para a equipe celeste seria o pagamento de uma multa no valor de 50 mil reais, penalidade considerada pífia pela equipe do Vôlei Futuro, e injusta pelos dirigentes cruzeirenses⁸.

Na partida, realizada no dia quinze de abril e transmitida pelo canal a cabo Sportv e pelo Esporte Interativo, a torcida cruzeirense não repetiu os coros proferidos no primeiro jogo. Alguns, contudo, não deixaram de eventualmente gritar “Richarlyson”, em referência ao jogador de futebol de seu rival, Atlético Mineiro, constantemente chamado de homossexual⁹. Apesar disso, o ginásio também expunha faixas educativas, colocadas, dessa vez, pela Prefeitura de Contagem, pela equipe mineira e por seus torcedores¹⁰.

Nos discursos veiculados na mídia, diversos pontos eram levantados: o torcedor estaria cumprindo o seu papel ao tentar desestabilizar o jogador adversário? Um jogador profissional deveria ser capaz de manter seu desempenho independentemente de qualquer ofensa que venha das arquibancadas? As expressões de preconceito estariam partindo de torcedores tradicionais de futebol¹¹? Tais expressões teriam tamanha repercussão se ocorressem não em um ginásio de vôlei, mas em um estádio de futebol? As ofensas proferidas são sinal de homofobia? Há permissividade a expressões de preconceito em arenas esportivas?

Diante desses questionamentos, o presente trabalho acessou as falas acerca do episódio descrito e seus desdobramentos nas reportagens dos sites de alguns jornais de grande circulação, assim como os comentários postados sobre as mesmas, sendo eles: *Estado de Minas*, *O Estado de São Paulo*, *Folha de São Paulo* e *O Globo*.

⁸ CUNHA, Ary. Cruzeiro é multado por manifestações de homofobia de sua torcida de em jogo de vôlei. *O Globo*. 13 Abr. 2011. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/esportes/cruzeiro-multado-por-manifestacoes-de-homofobia-de-sua-torcida-em-jogo-de-volei-2796641>> Acesso em: 15 de janeiro de 2012.

⁹ MACHADO, Frederico. Torcida do Sada Cruzeiro se desculpa com o central Michel. *Ig Esporte*. 15 Abr. 2011. Disponível em: <<http://esporte.ig.com.br/volei/torcida+do+sada+cruzeiro+se+desculpa+com+o+central+michael/n1300078498012.html>> Acesso em: 18 de novembro de 2011.

¹⁰ LACERDA, Bernardo; ARAÚJO, Guyane. Michael evita torcida do Cruzeiro no aquecimento em quadro do Vôlei Futuro. *Uol Esporte*. 15 Abr. 2011. Disponível em: <<http://esporte.uol.com.br/volei/ultimas-noticias/2011/04/15/michael-evita-torcida-do-cruzeiro-no-aquecimento-em-quadra-do-volei-futuro.jhtm>> Acesso em: 18 nov. 2011.

¹¹ A expressão “torcedores tradicionais de futebol” está se referindo a sujeitos que têm o costume de frequentar estádios de futebol e torcer por um clube. Trabalha-se com a hipótese de que muitos desses torcedores foram inicialmente atraídos para as arenas de vôlei para torcer pela equipe do Sada Cruzeiro devido ao vínculo construído no futebol.

Análises das falas encontradas sugeriram que, marcadamente pelo fato de uma das equipes – Sada Cruzeiro – ser ligada a um clube de futebol – Cruzeiro Esporte Clube, da cidade de Belo Horizonte –, uma série de questões eram ligadas ao esporte bretão. De fato, a criação de uma equipe de vôlei pelo Cruzeiro possivelmente aproximou parte de seus torcedores, tradicionais espectadores de futebol, desse outro esporte. Assim, provavelmente alguns desses passam a frequentar os ginásios para torcer, no vôlei, para seu clube de coração. E foi no movimento de entrada do *etbos* do torcedor de futebol na arena do vôlei que a polêmica envolvendo o jogador Michael emergiu.

Assim, apesar de ter ocorrido em uma quadra de vôlei, esse fato desperta uma série de apontamentos relativos ao comportamento das torcidas de futebol. Nesse sentido, é interessante notar que injúrias semelhantes, que classificam o adversário como homossexual, ou fazem referência à passividade em relações sexuais, ocorrem rotineiramente nos estádios, sem que seja levantado nenhum tipo de discussão ou polêmica quanto ao seu caráter homofóbico. Foi necessário, assim, outro cenário para que fosse gerado um estranhamento diante das ofensas proferidas.

Dessa forma, uma das questões que busco compreender neste estudo é que parâmetros são construídos e/ou acionados pelos sujeitos no ambiente midiático para analisar tal episódio, entendendo que eles apontam para representações acerca do vôlei, mas também do futebol.

Ademais, o baixo número de pesquisas que trata da questão das homossexualidades, em especial no cenário esportivo¹², enfatiza a necessidade de novos trabalhos com essa temática, por motivos tanto acadêmicos quanto políticos. Escolhendo como ambiente de análise a internet, busco apreender qual é a atribuição de sentidos presente nessas falas, entendendo que a circularidade de discursos gerada, especialmente nesse espaço¹³, tem capacidade de contribuir para a manutenção ou rompimento de significados, representações e valores hegemônicos (DIAS, 2006). Tais posturas podem, assim, apontar para mudanças no que tange às representações sobre o que é o esporte, e quem são e devem ser os sujeitos nele inseridos. Uma vez que há uma série de estereótipos que cerca as diversas práticas esportivas, é sensato afirmar que tal estado de coisas influencia

¹² Entre as pesquisas que abordaram tal temática, posso citar: Rosa (2010); Silveira (2008); Knijnik e Vasconcellos (2003); Cunha Jr e Melo (1996).

¹³ Como pontuei anteriormente e discutirei de forma mais aprofundada no Capítulo 1, defendo que a internet é um espaço que, pela flexibilidade da relação produtor-receptor, abre maiores possibilidades para exposição de múltiplos pontos de vista e posicionamentos contra-hegemônicos, por vezes ocultados em mídias mais tradicionais, como a TV, por exemplo.

nas escolhas das práticas de lazer das pessoas, sejam elas homossexuais ou não¹⁴.

A mídia escolhida como objeto de estudo (e fonte) foi a internet. Percebe-se que ela tem se tornado, cada vez mais, um meio acessado por torcedores em busca de informações e canais de diálogo. Contudo, em grande medida devido a seu caráter recente, não há grande número de pesquisas que busquem nela seu material empírico, especialmente quando tratamos de trabalhos sobre esporte e lazer. Ao utilizá-la como ambiente de análise, tenho a possibilidade de refletir acerca do encontro dos discursos de jornalistas e leitores, além de evidenciar as especificidades da utilização desse espaço.

Assim, entendo que olhar para um conjunto de textos que revelem os discursos midiáticos que transitaram no contexto desse episódio pode ajudar a responder questões como: Que imagens dos homossexuais são construídas a partir desses discursos? Qual a representação construída sobre o torcedor de vôlei? Em que situações e com que intuítos são acionados referenciais do futebol? Que representação sobre o futebol e seus torcedores constituem esses referenciais? Qual o comportamento esperado de um torcedor dentro de um ginásio? Quais os usos e possibilidades a internet apresenta para a discussão de temas controversos, como as homossexualidades e a homofobia?

A partir dessas questões, o objetivo deste trabalho é analisar os discursos que transitaram nos sites de alguns jornais de grande circulação nacional, acerca das ofensas ao jogador Michael, na partida entre Sada Cruzeiro e Vôlei Futuro, e seus desdobramentos, possibilitando reflexões sobre as homossexualidades no esporte e, mais amplamente, na sociedade.

Tratando do fazer empírico da pesquisa, busquei traçar um intermédio entre a segurança de seguir fidedignamente um método tradicional e a possibilidade de explorar caminhos metodológicos alternativos. Nessa perspectiva, como proposto por Morin (1982), busquei valorizar a estratégia e a inventividade do pesquisador, de forma a reconstruir a teoria ao confrontá-la com a prática.

Assim, minha pesquisa iniciou-se na coleta e análise dos dados, para que esses me apontassem os temas principais e, a partir daí, busquei autores que construíram minhas referências bibliográficas. Ao optar por tecer meu quadro teórico após esse primeiro diagnóstico de meu material empírico, sigo os conselhos de Bruno Latour, que questiona em forma de metáfora: “É verdade que molduras são interessantes: douradas, brancas, esculpidas, barrocas, em alumínio, etc. Mas você já conheceu algum

¹⁴ Como indicio disso, a pesquisa de Cunha Jr e Melo (1996) demonstra como práticas de preconceito são apontadas por homossexuais masculinos como motivos para o seu afastamento das aulas de Educação Física escolar.

pintor que iniciou sua obra-prima escolhendo primeiramente sua moldura? Seria um tanto estranho não?” (LATOURE, 2006, p. 341)

No texto em questão, em que o autor apresenta um diálogo entre um aluno e um professor, Latour refuta a ideia de que realizar uma pesquisa que se constitua enquanto uma “mera descrição” seja uma tarefa fácil. Além disso, para ele, a escolha dos dados a serem narrados e sua organização por meio de quadros explicativos, comparações e explicações se faz pelos próprios atores da pesquisa:

[...] eles [os atores] também comparam, eles também produzem tipologias, eles também elaboram padrões, eles também disseminam suas máquinas, bem como suas organizações, ideologias e estados mentais. O que eles fazem para expandir, para relacionar, para comparar e para organizar é também o que você tem a descrever. [...] Se seus atores não atuam, eles não deixarão qualquer rastro que seja. Assim, você não terá nenhuma informação. Então você não terá nada a dizer. (Idem, p. 346)

Dessa forma, meu desafio foi me atentar a tais organizações, que meus atores construíram por meio de seus discursos, identificar diálogos pertinentes entre eles, e buscar teorias que me amparassem na análise do cenário encontrado.

Reconheci, ainda, a necessidade de construir boa parte da própria metodologia ao longo do processo de pesquisa, ao me deparar com as dificuldades e imprevistos que o campo apresentou. Se em todo trabalho acadêmico isso é possível – e até mesmo recomendável –, tendo como campo de pesquisa a internet, isso se fez fundamental. A tecnologia do ambiente em rede é capaz de construir labirintos complicados para o entendimento de leigos em informática e programação. Conflitos e dúvidas aparecem com frequência, exigindo a criação de novos critérios e normas de procedimento. Diferentemente das fontes impressas que são estáticas, registros fixos, palpáveis, os textos da rede são vivos e inconstantes. Algo lido em um dia pode estar apagado no dia seguinte – é comum encontrar comentários que fazem menção a outros comentários inexistentes (apagados pelos próprios autores ou por moderadores dos sites) –, uma mesma busca apresenta resultados diferentes de um dia para o outro. Isso exige o registro de cada passo, de cada tomada de decisão. Percebi, na prática, por meio do percurso de coleta de dados e de construção metodológica, que a internet é um espaço aberto a transformações e de registros fluidos.

Ciente de tais especificidades, parece-me lógico que as pesquisas, tais como esta, que optem por extrair seus dados da rede, devam buscar contribuir também para o entendimento desse espaço, ainda em processo de reconhecimento pelo meio acadêmico. Diante da latente ampliação de seu uso, é fundamental que novos trabalhos coloquem suas lentes sobre esse novo ambiente de interação social. Para me amparar nessa tarefa de compreensão do espaço virtual, embasei-me nos conceitos de cibercultura (LE MOS, 2004), sociedade em rede (CASTELLS, 2005), mediação (MARTIN-BARBERO, 2003) e comunidade virtual (LÉVY, 1999)¹⁵.

A partir desses autores, reconheço a cibercultura como um prolongamento da oralidade e da escrita (LE MOS, 2004), sendo mais um espaço em que sujeitos se expressam e se posicionam. Entende-se, assim, a internet e as demais novas tecnologias da comunicação e da informação como produtos da cultura (VIANA, 2010), uma vez que é a sociedade que dá forma e uso à tecnologia, adaptando-a e transformando-a a partir de suas novas demandas (CASTELLS, 2005). Temos, assim, no ambiente da rede, um espaço legítimo, ainda que específico, de expressão da sociedade.

Assim, buscando escolher veículos que representassem a comunicação via internet, escolhi analisar textos de reportagens extraídos de sites de jornais impressos de grande circulação no país.

Desse modo, entendo que o diálogo entre as vozes presentes nos textos e nos comentários postados me permitirá desenvolver reflexões tanto acerca do uso da internet como fórum de discussões, quanto das repercussões do caso Michael, objetivo central deste trabalho.

Como previamente informado, os sites escolhidos foram os dos jornais: *Folha de São Paulo*, *O Estado de São Paulo*, *Estado de Minas* e *O Globo*. Optei por sites de grandes veículos de comunicação, pois, ainda que a internet nos permita buscar a informação potencialmente em todo lugar, entendo que boa parte dos leitores ainda recorra à imprensa tradicional, tida como ágil e confiável¹⁶. Baseada nisso, busquei tais sites com a expectativa de que encontrasse maior número de matérias, bem como amplo número de comentários de leitores. Tais quantidade e qualidade dos dados eram desejadas a fim de promover uma análise com certa amplitude de abrangência sobre a repercussão do caso. Assim, todos os veículos foram escolhidos por sua tradição e relevância na mídia

¹⁵ Os conceitos dos autores supracitados serão desenvolvidos mais profundamente no Capítulo 1.

¹⁶ Um indicio disso é o fato dos grandes conglomerados de comunicação serem responsáveis pela maioria dos sites mais visitados da internet. (Cf. ALEXA – Top Sites In Brazil. Disponível em: <<http://www.alexa.com/topsites/countries/BR>>. Acesso em: 21 de agosto de 2012.)

nacional, sendo jornais de ampla circulação no país. Amparados pela popularidade de suas versões impressas, seus sites são, também, amplamente visitados¹⁷. Selecionei, ainda, jornais que não são especializados apenas em cobertura esportiva, entendendo que meu trabalho trata de uma questão cara à sociedade, não apenas ao esporte. Fez-se tal escolha com o intuito de possibilitar uma maior abrangência de olhares, não necessariamente ligados a questões de performance atlética ou uma perspectiva clubística¹⁸.

Uma vez que o episódio ocorreu em um jogo de vôlei entre equipes dos estados de Minas Gerais e São Paulo era esperado que houvesse maior cobertura das mídias sediadas nesses locais. Considerei importante, assim, selecionar jornais de ambos os estados. Além disso, tais análises me propiciam identificar e contrapor possíveis repercussões parciais de cunho bairrista¹⁹. Diante da existência de dois jornais com número semelhante de unidades diárias em circulação²⁰ e de tradição no estado de São Paulo – Estado de São Paulo e Folha de São Paulo – optou-se por incluir ambos. Fenômeno semelhante não ocorre em Minas Gerais, no qual o jornal Estado de Minas é notadamente o de maior tradição e repercussão.

Optou-se, ainda, pela inserção do site do jornal O Globo, do estado do Rio de Janeiro. Ele foi selecionado enquanto possível elemento de diferenciação, por não ser produzido nos estados de onde os clubes envolvidos no episódio se originam.

Para todos os sites, incluí somente o conteúdo aberto a qualquer leitor, desconsiderando os textos exclusivos a assinantes. O conjunto das reportagens a serem analisadas foi obtido por meio de uma busca em cada site utilizando como palavras-chave os termos “Michael vôlei”. A partir dos conteúdos encontrados, foi feita uma filtragem dos textos que, de fato, tratam do episódio. Os selecionados foram objeto de análise da pesquisa. Quando o site possibilitava a inclusão de comentários dos leitores das notícias, esses foram, também, analisados. Em todos os veículos, os comentários são identificados por assinaturas que foram mantidas nas citações ao longo do trabalho devido à

¹⁷ No ranking de sites mais visitados do país, segundo a Alexa, Folha.com está em 19º lugar; globo.com – que hospeda o site de O Globo – em 7º lugar; estadão.com.br em 44º lugar; em.com.br em 506º lugar. (Disponível em: <<http://www.alexa.com/topsites/countries/BR>>. Acesso em: 21 de agosto de 2012.)

¹⁸ Apesar dessa intenção inicial, foi encontrada uma única matéria que não tinha o jogo como preocupação central.

¹⁹ Por “bairrismo”, entendo a defesa de determinados argumentos para privilegiar o grupo de pessoas de sua região, no caso, de seu estado.

²⁰ Segundo a Associação Nacional dos Jornais, no ano de 2011, a média de exemplares em circulação diariamente do jornal Folha de São Paulo foi de 286.398 e de O Estado de São Paulo foi de 263.046. (ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE JORNAIS, 2011)

possibilidade do apelido escolhido fornecer indícios sobre questões pertinentes à pesquisa²¹, sugerindo um posicionamento diante do caso, sendo em si sujeito à análise. Quando necessárias, foram feitas correções ortográficas nos comentários citados, de forma a facilitar a compreensão das falas e evitar uma exposição depreciativa de seus autores.

Devido aos objetivos a que se presta, esta pesquisa é de natureza qualitativa. A opção por uma pesquisa primordialmente dessa natureza se fez, também, pelas características dos veículos dos quais foi extraído o material empírico e pelos dados encontrados, que mostraram especificidades tais que uma quantificação poderia trazer conclusões equivocadas. Aponto aqui essas particularidades.

Notei, ao longo do processo de coleta de dados²², que há sensíveis diferenças na organização dos sites e nos sistemas de busca dos mesmos. Assim, foi necessário construir caminhos específicos para cada um deles. No caso do jornal Estado de Minas, por exemplo, o instrumento de busca geral do site não localizou nenhum texto com as palavras-chave escolhidas – “Michael vôlei”. Contudo, ao realizar a busca no setor de esportes do site (Superesportes), uma série de reportagens é encontrada. Elas foram, então, incluídas na análise. Já no site da Folha de São Paulo, foi necessário estabelecer um critério extra para a identificação de textos a serem analisados. Utilizando unicamente as palavras-chave como forma de localização, encontrei um número de reportagens bastante extenso, boa parte delas sem nenhuma relação com o episódio. Por isso, foi necessário utilizar um instrumento de busca avançada. Para evitar tais correspondências equivocadas, foi estabelecido um recorte temporal, excluindo todas as reportagens postadas fora desse intervalo. O período foi entre 31 de março de 2011 e 31 de agosto de 2011. Considerando que o primeiro jogo entre Sada Cruzeiro e Vôlei Futuro ocorreu no dia primeiro de abril de 2011, e o terceiro e último jogo no dia quinze de abril de 2011, acredito que o período consiga incluir a totalidade das reportagens que trataram do tema.

Outra diferença importante é a possibilidade de inserção de comentários. O site d'O Estado de São Paulo possibilitou, em cada uma das reportagens encontradas, uma das três opções: 1. Não permite postagens de comentários; 2. Permite postagens de comentários sobre cada reportagem; 3. Permite postagens de comentários agrupadas junto com comentários de outras matérias que tratem de temas semelhantes, nomeados

²¹ Maiores informações acerca das identificações dos comentários serão dadas em meio à descrição de cada site, no Capítulo 1.

²² Os dados foram coletados entre os dias 02 e 15 de janeiro de 2012.

a partir de *hashtags*²³. A temática em questão foi “#homofobia”²⁴. Os *hashtags* são usados unicamente como forma de nomear o tema desse fórum, no qual haverá comentários de reportagens diversas. Não há, assim, algum tipo de direcionamento ou conectividade com o Twitter. Já os sites do Estado de Minas e da Folha de São Paulo apresentam ferramentas para comentários em cada reportagem. Contudo, o número de comentários em um ou outro site, bem como o de reportagens, diferem sensivelmente, nos dois casos com maior quantidade no veículo paulista. Por fim, no site do jornal O Globo não é possível inserir comentários nas matérias. Essa quantificação pode ser observada na Tabela 1:

TABELA 1
Número de reportagens e média de comentários por unidades ou tamanho
(quantidade de caracteres) de cada site

Site	Número de reportagens	Média de comentários por reportagem	Média de caracteres dos comentários por reportagem
folha.com	13	67	17.713,7
em.com.br	32	3093	707,4
oglobo.globo.com	4	0	0
estadao.com.br	26	1	355,7
TOTAL/MÉDIA GERAL	71	790,25	4694,2

Diante dessas diferenças, não considerei interessante buscar comparações ou quantificações rigorosas acerca de número de comentários, temas abordados, etc., tendo em vista, ainda, que esta pesquisa não possui um número de reportagens estatisticamente representativo (75 reportagens de quatro sites). Essa ação poderia propor, assim, conclusões equivocadas. Os comentários de leitores, apesar de serem numericamente mais expressivos, também não foram utilizados para comparações quantitativas por dois motivos centrais: o primeiro deles é a já citada diferença técnica de possibilidade de inserção de comentários em cada veículo; o segundo é a hipótese de um alinhamento entre o comentário e a matéria da qual ele trata. Assim, ainda que por vezes os leitores-comentaristas²⁵ transbordem a linha de raciocínio delineada pelo jornalista e proponham

²³ *Hashtags* são palavras-chave antecedidas pelo símbolo “#”, que designam o assunto que está se discutindo em tempo real no Twitter. O Twitter é uma rede social e microblog que permite o envio e recebimento de textos de até 140 caracteres.

²⁴ A coleta dos dados ocorreu no período de 2 de janeiro de 2012 à 15 de janeiro de 2012. Em novembro de 2012, voltei ao fórum de comentários “#homofobia” e percebi que ele havia sido excluído.

²⁵ Ao longo deste texto, para me referir aos leitores que postaram comentários sobre as reportagens, utilizarei o termo leitores-comentaristas.

novas discussões²⁶, seria arriscado propor padrões de interesse ou opiniões desses sujeitos, uma vez que eles se pautam no assunto proposto pelo jornalista.

Para organizar o material encontrado, cada trecho – de reportagem ou de comentário – considerado relevante foi grifado e deu-se a ele um título genérico. O título serviu como um instrumento que visava facilitar a localização de cada temática. Ao fim da leitura de todo o material, fez-se uma segunda leitura apenas dos trechos grifados. Esses trechos foram agrupados, conforme suas aproximações, em categorias elaboradas a partir dessa leitura das fontes. Essas categorias, assim, não foram pré-definidas, mas criadas a partir do próprio material empírico.

As categorias criadas foram as seguintes: 1. Relações ou comparações estabelecidas com o futebol; 2. Discussões que defendem ou repudiam o fato do episódio ser considerado um caso de homofobia, sob diferentes argumentos; 3. Argumentações acerca do comportamento natural de uma torcida e da relação de um atleta profissional com a mesma; 4. Argumentações acerca de censura e liberdade de expressão; 5. Exposição de estereótipos diversos; 6. Outros²⁷.

A construção dessas categorias possibilitou a organização dos dados de forma a perceber as temáticas com maior ou menor recorrência, ainda que não tenha sido feita uma hierarquização de importância exclusivamente a partir desse dado.

Num momento posterior, foi feita uma análise das relações entre os conteúdos de cada categoria, de forma a perceber diálogos entre elas, possibilitando a construção dos capítulos desta dissertação. Enfatiza-se, assim, que, por vezes, uma categoria pode ser discutida em mais de um capítulo, e que um único capítulo pode abordar mais de uma categoria.

A análise dos dados organizados é feita na perspectiva de uma abordagem discursiva (HALL, 1997), fazendo uso da noção foucaultiana de discurso. Dentro dessa perspectiva, o discurso está necessariamente associado ao poder e a constituição de saberes.

Assim, os textos analisados são vistos enquanto discursos, que manipulados por tecnologias de poder e controle, podem assumir valor de verdade (FOUCAULT, 1980). Nessa visão, o poder não é compreendido como algo externo às relações, algo que se pode ter, perder, compartilhar. Ele está, sim, presente nas próprias relações, nas práticas, permeando de forma dinâmica todo o corpo social. Ainda nessa perspectiva, o

²⁶ Essa questão será abordada no capítulo 1.

²⁷ Essa categoria incluiu questões interessantes, mas que julguei não justificarem a constituição de uma categoria própria. Entre esses assuntos, encontram-se discussões envolvendo religião e comparações entre a homofobia e o racismo, por exemplo.

poder não emana de um ponto central, mas é organizado como uma rede que interliga focos de poder.

Assim, os discursos refletem não um mundo “tal como ele é”, mas representações, produtos da atribuição de sentidos de tudo que nos cerca. Nesse sentido, uma abordagem discursiva preocupa-se em compreender como o conhecimento produzido pelos discursos relaciona-se com o poder, regulando condutas, construindo identidades e subjetividades e definindo a forma como as coisas são representadas, pensadas, praticadas (HALL, 1997).

No primeiro capítulo desta dissertação, intitulado “A internet como fórum de discussão”, descrevo os veículos analisados e o perfil dos dados encontrados em cada um deles. Além disso, discuto o enquadramento do episódio enquanto um fenômeno midiático, possuidor de determinadas características que fizeram com que ele se tornasse notícia. Ao ser divulgado, são atribuídos, assim, valores ao fato retratado, sob o processo de mediação. Problematizo que esse processo, envolvendo a seleção, hierarquização e definição de uma abordagem dada aos fatos, legitima certos saberes e discursos. Evidenciou-se que o número limitado de fontes, assim como o uso restrito dessas, contribuiu para uma discussão superficial sobre a homofobia nas reportagens analisadas.

Ainda nesse capítulo, exponho as especificidades encontradas na ambiência da internet. A partir dos dados encontrados, são percebidas relações e atividades em consonância com a ideia de sociedade em rede, proposta por Castells (2003). Defendo que, ao potencializar a ampliação do modelo reticular de comunicação, em oposição a um modelo linear e unidirecional, vozes marginalizadas e silenciadas ganham novos espaços de expressão, propondo debates e apresentando pontos de vista diversos sobre temas polêmicos, entre eles sobre as homossexualidades. Em concordância com Castells (2005), Lemos (2004) e Lévy (1999), apresento a tecnologia como aspecto indissociável da cultura, não sendo a sociedade em rede o produto do desenvolvimento tecnológico.

Abordo, também nesse capítulo, aspectos referentes ao anonimato possibilitado pela internet, hipotetizando que esse pode ser um fator que aumenta a tendência à transgressão a regras de civilidade (MARQUES, 2006) e diminui constrangimentos relativos à exposição de certas opiniões.

Finalizo esse primeiro capítulo discutindo as noções de liberdade de expressão e censura acionadas nos textos analisados, refletindo especialmente sobre o uso de tais termos e a especificidade do ambiente na internet no que os concerne.

No segundo capítulo, “Os sujeitos da homofobia”, analiso os argumentos apresentados para defender ou refutar a ideia de que as manifestações da torcida foram atos de homofobia. Em seguida, apresento a emergência dos estudos brasileiros sobre homossexualidades e dos movimentos LGBT’s, demonstrando como ambos convergiram para um entendimento plural das identidades sexuais, rompendo com padrões baseadas em supostas pré-determinações biológicas ou sociais. Assim, os dois movimentos – acadêmico e militante – passam a se atentar não apenas a gays e lésbicas, mas também a transexuais, bissexuais, transgêneros e até mesmo heterossexuais que não aderem às imposições heteronormativas. Mais do que isso, percebem que os próprios rótulos, por vezes, são incapazes de identificar sujeitos que se posicionam exatamente nas margens dessas divisões.

Apresento, também, a perspectiva de gênero utilizada no trabalho, entendendo-o como a organização social entre os sexos, uma construção instável e flexível. Principalmente a partir das ideias de Butler (1986; 2006) e Louro (2001; 2004; 2009), discuto como a expectativa social de um alinhamento entre sexo, gênero e sexualidade – ou desejo – é uma ferramenta que mantém parâmetros heteronormativos e sustenta a homofobia. Discuto, ainda, as compreensões acerca das agressões verbais, incluindo insultos homofóbicos: para alguns leitores-comentaristas, uma forma de violência simbólica, e para outros, uma atitude comum e normal.

Já no último capítulo, “A arena esportiva encampa a homofobia”, analiso as especificidades que o contexto esportivo impõe ao episódio em questão. Sobretudo a partir das contribuições de Elias e Dunning (1992), Hollanda (2009) e Toledo (2002), busco compreender como a violência esteve e está presente no esporte e em seu imaginário, fazendo das arenas esportivas um espaço de maior permissividade à agressividade física e verbal. Discuto, também, que tais comportamentos se perpetuam por meio de um processo de aprendizagem pela prática social.

Ainda nesse capítulo, analiso as representações e estereótipos acerca dos torcedores e do esporte, especialmente do vôlei e do futebol, colocados sob alguns ângulos de comparação. A partir de algumas reflexões de Stuart Hall (1997), Michel Foucault (1980; 1988) e João Freire Filho (2004), discuto a importância do discurso na construção de saberes que alimentam “verdades” sobre o fenômeno esportivo e seus pertencentes.

2 A INTERNET COMO FÓRUM DE DISCUSSÃO

Este capítulo começa com uma descrição dos sítios eletrônicos dos quais extrai as reportagens e comentários que formaram o *corpus* dessa pesquisa. Em seguida, foco na compreensão do episódio enquanto fenômeno midiático, refletindo sobre seus valores-notícia e a abordagem dada ao tema. Em um terceiro item, abordo as especificidades da internet e da sociedade contemporânea na qual ela emergiu enquanto tecnologia. O quarto item encerra este capítulo, focando na liberdade de expressão e na censura, questionando como a virtualidade reconstrói o embate entre a liberdade e o controle.

2.1 A descrição do *corpus*

De forma a apresentar um panorama de meus dados, abaixo faço uma breve descrição dos sites dos jornais selecionados, apontando algumas especificidades encontradas em cada um:

a) www.folha.com - Folha Online

Sediado na capital paulista, o jornal Folha de São Paulo foi fundado em 19 de fevereiro de 1921, sob o nome Folha da Noite. Já em 1925, surge a Folha da Manhã e, em 1949, a Folha da Tarde. Em 1960, os impressos foram unificados e rebatizados como Folha de São Paulo. Dois anos depois, foram comprados por [Carlos Caldeira Filho](#) e [Octavio Frias de Oliveira](#) (cuja família ainda mantém o controle do jornal)²⁸. A partir de então, a empresa passou a adquirir jornais menores, diminuindo seu custo de produção²⁹. Segundo Barros (1993), o jornal se destacou ao assumir sua identidade de empresa capitalista. O autor assim afirma:

[O jornal] Adota a concepção de jornalismo como negócio e não mais como mera produção simbólica, de natureza política, somente, utilizando estratégias editoriais baseadas na prestação de serviços, no apartidarismo. Com isso, evidencia-se, no contexto da organização capitalista da

²⁸FOLHA DE SÃO PAULO. *História da Folha*. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/institucional/historia_da_folha.shtml>. Acesso em: 01 de junho de 2012.

²⁹FOLHA DE S. PAULO. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2012. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Folha_de_S._Paulo&oldid=33267872>. Acesso em: 01 de junho de 2012.

imprensa no Brasil, a concepção de notícia como um bem de consumo diário e não apenas “público”, de “interesse social”. O jornal passa, então, a ser regido por uma “ética de mercado”, cujo objetivo maior é o lucro da empresa. (BARROS, 1993, p.266)

Atualmente, a Folha de São Paulo pertence ao Grupo Folha³⁰, detentora também dos jornais Agora, dos provedores de acesso à internet e portais Universo Online (UOL) e Brasil Online (BOI), do instituto de pesquisa Datafolha, entre outros.

A construção de um Projeto Editorial sistematizado da Folha de São Paulo se iniciou em 1981, quando um documento de circulação interna propõe as três seguintes metas: informação correta, interpretações competentes e pluralidade de opiniões. Em seguida, no ano de 1984, é publicado seu primeiro Projeto Editorial sistematizado, defendendo um jornalismo crítico, pluralista, apartidário e moderno. No mesmo ano, é implantado, ainda, o Manual da Redação³¹, editado em livro e comercializado para o público externo ao jornal. Outros cinco textos seguiram a esse primeiro projeto, que, conjuntamente, constituem o chamado Projeto Folha³². Em sua versão mais recente, editada em 1997, o Projeto Editorial da Folha propõe a seleção criteriosa dos fatos a serem tratados jornalisticamente, sob uma abordagem aprofundada, crítica e pluralista, com texto didático e interessante³³.

No ano de 2011, apresentou, seguindo a Associação Nacional de Jornais (ANJ), uma média diária de circulação de 286.398 exemplares³⁴.

Sua versão virtual, a Folha Online, surgiu em 1995, tendo como objetivos, segundo o próprio site, “a criação, a produção e o desenvolvimento de conteúdo jornalístico online, além de serviços, com destaque para áreas de interatividade”³⁵. Em 2010, jornais impresso e online unificaram suas redações, passando por reformas gráficas e editoriais. A partir de então, a versão digital foi reestruturada e rebatizada como Folha.com.

³⁰ O Grupo Folha é um conglomerado de empresas de mídia que inclui jornais, editoras, gráficas, acesso à Internet e outros veículos de jornalismo.

³¹ Esse Manual teve novas edições em 1987, 1992 e 2001, essa última utilizada até hoje.

³² FOLHA DE SÃO PAULO. *Linha Editorial*. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/institucional/linha_editorial.shtml>. Acesso em: 01 de junho de 2012.

³³ FOLHA DE SÃO PAULO. *História da Folha*. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/institucional/historia_da_folha.shtml>. Acesso em: 01 de junho de 2012.

³⁴ ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE JORNAIS. *Maiores jornais do Brasil – Os maiores jornais do Brasil de circulação paga, por ano*. Disponível em: <<http://www.anj.org.br/a-industria-jornalistica/jornais-no-brasil/maiores-jornais-do-brasil>>. Acesso em 20 de setembro de 2012.

³⁵ FOLHA DE SÃO PAULO. *Folha*. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/institucional/folha_com.shtml>. Acesso em: 01 de junho de 2012.

O site oferece conteúdo próprio, disponível gratuitamente, além de abrigar, também, conteúdos publicados no jornal. Não há informações sobre quais conteúdos disponibilizados on-line também são publicados no jornal impresso. O veículo oferece, ainda, uma versão on-line do jornal exclusiva a assinantes da versão impressa ou do provedor de acesso à internet UOL³⁶.

O site permite comentários em cada uma de suas matérias. Para comentar, é necessário fazer um cadastro, fornecendo as seguintes informações obrigatórias: e-mail, nome e sobrenome, CPF, CEP. A data de nascimento e o sexo são informações facultativas. Para autenticar o cadastro, é preciso acessar o e-mail informado, assim, não é possível registrar um e-mail falso. Observando as identificações dos comentários analisados nesta pesquisa, percebe-se que é possível inserir um apelido ou nome fictício.

A tabela abaixo mostra a quantificação dos dados encontrados nesse portal de notícias:

TABELA 2
Folha OnLine

(Continua)

Item	Título da reportagem	Número de comentários	Total de caracteres dos comentários
1	“‘Não importa se jogador tem namorado ou namorada’, diz Bernardinho”	71	19803
2	“‘A Superliga não se paga’, diz maior cartola do vôlei nacional”	5	1902
3	“Sesi banca viagem de torcida para minimizar desvantagem em MG”	2	952
4	“Torcida vaia Michael e grita ‘Richarlyson’; Cruzeiro vence”	28	7090
5	“Jogador do Vôlei Futuro revê torcida que o ofendeu”	39	8967

³⁶ Para obter a informação sobre a média de acessos do site, no dia 4 de setembro de 2012 enviei um e-mail para o endereço da Folha emergência, encontrado na sessão “Fale Conosco” do site. A escolha pelo endereço foi devido à ausência de uma opção aparentemente mais apropriada. Dentro de “Fale com a Folha”, encontrei as seguintes opções: “Fale com o atendimento” (subdividido em assine a folha, anuncie e atendimento ao assinante) e “Fale com a redação” (subdividido em ombudsman, painel do leitor, editorias, folha emergência e comunicar erros). Não obtive resposta do e-mail e repeti o procedimento no dia 20 de setembro, também sem obter sucesso.

TABELA 2
Folha OnLine

Item	Título da reportagem	(Conclusão)	
		Número de comentários	Total de caracteres dos comentários
6	“Vôlei Futuro critica multa dada ao Cruzeiro e ironiza STJD”	41	11790
7	“Cruzeiro é multado em R\$ 50 mil em caso de homofobia no vôlei”	27	6668
8	“Nos EUA, site ajuda atletas a sair do armário”	2	539
9	“Vôlei Futuro vence Cruzeiro e força terceiro jogo na Superliga”	32	8589
10	“Rivais voltam a duelar após polêmica no vôlei”	6	1607
11	“Equipes trocam acusações em caso de homofobia no vôlei”	215	52470
12	““Vi um ginásio inteiro gritando 'bicha", diz Michael”	304	77083
13	“Vôlei Futuro reclama de homofobia em Minas; Cruzeiro rebate”	105	32818
TOTAL		877	230278

b) www.estadao.com.br – O Estado de São Paulo

Sediado na cidade de São Paulo, O Estado de São Paulo, também conhecido como Estadão, é o mais antigo dos jornais paulistanos ainda em circulação. Sob o nome de A Província de São Paulo, ele surgiu em 4 de janeiro de 1875, fundado por um grupo de republicanos e abolicionistas. Além da venda avulsa tradicional, o periódico era também oferecido por um vendedor montado em um burro que percorria toda a cidade. Tal estratégia de venda, motivo de ridicularização pelos concorrentes, foi um sucesso e possibilitou a popularização do jornal, aumentando rapidamente sua tiragem. Foi em 1890, com a queda da Monarquia e instituição da República, que o jornal passou a ser chamado de O Estado de São Paulo. Ao final do século XIX, o impresso já havia superado o Correio Paulistano, tornando-se o maior jornal da cidade³⁷.

³⁷ O ESTADO DE SÃO PAULO. Histórico Grupo Estadão. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/historico/index.htm>>. Acesso em: 01 de junho de 2012.

O ESTADO DE S. PAULO. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2013. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=O_Estado_de_S._Paulo&oldid=33779610>. Acesso em: 01 de junho de 2012.

O jornal faz parte do Grupo OESP, também conhecido como Grupo Estado. O conglomerado integra ainda o *Jornal da Tarde*, a *Agência Estado*, a *Revista Piauí*, as *Rádios Estádio ESPN* e *Eldorado Brasil 3000*, entre outros.

No ano de 2011 apresentou, segundo a ANJ, uma média diária de circulação de 263.046 exemplares³⁸. Segundo o site do jornal, seu portal foi lançado em março de 2000³⁹.

O site apresenta conteúdo próprio, além de abrigar conteúdos publicados no periódico impresso. Não há informações sobre quais conteúdos disponibilizados online são também publicados no impresso, contudo, as autorias das reportagens dividem-se entre: O Estado de São Paulo, Agência Estado e *estadao.com.br*, dando indícios ao menos da editoria responsável por sua produção⁴⁰. O site oferece, também, uma versão digital do jornal impresso, exclusiva para assinantes⁴¹.

Conforme já explicado na introdução, com relação à participação do leitor por meio de comentários, o site possibilitou uma das três opções em cada uma das reportagens encontradas: 1. Não permite postagens de comentários; 2. Permite postagens de comentários sobre cada reportagem; 3. Permite postagens de comentários agrupadas junto com comentários de outras reportagens que tratem de temas semelhantes, nomeados a partir de *hashtags*. A temática em questão foi “#homofobia”. Os *hashtags* são usados unicamente como forma de nomear o tema desse fórum, no qual haverá comentários de reportagens diversas. Não há, assim, algum tipo de direcionamento ou conectividade com o Twitter. Abaixo, segue uma tabela que quantifica os dados encontrados:

³⁸ ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE JORNAIS. *Maiores jornais do Brasil – Os maiores jornais do Brasil de circulação paga, por ano*. Disponível em: <<http://www.anj.org.br/a-industria-jornalistica/jornais-no-brasil/maiores-jornais-do-brasil>>. Acesso em: 20 de setembro de 2012.

³⁹ Disponível em <<http://www.estadao.com.br/historico/index.htm>>. Acesso em: 02 de dezembro de 2012. No site Wikipedia é informado que essa criação ocorreu a partir da fusão dos sites da Agência Estado, de O Estado de São Paulo e do *Jornal da Tarde*, dando origem ao *estadao.com.br*. O site oficial não menciona esse fato. (Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Grupo_OESP>. Acesso em: 27 de novembro 2012.)

⁴⁰ Por vezes, a reportagem é assinada pela editoria, em outros momentos pelo nome do jornalista, seguido de sua editoria.

⁴¹ Para obter a informação sobre a média de acessos do site, no dia 4 de setembro de 2012 enviei um e-mail para o endereço do *estadao.com.br* e de O Estado de São Paulo, encontrado no “Fale com os Editores”, do item “Fale Conosco” do site. Não obtive resposta. Repeti o procedimento no dia 20 de setembro, também sem obter sucesso.

TABELA 3
O Estado de São Paulo

(Continua)

Item	Título da reportagem	Número de comentários	Número de caracteres dos comentários
1	“Semáforo”	Não permite	Não permite
2	“Cruzeiro bate Vôlei Futuro e está na final”	Não permite	Não permite
3	“Cruzeiro derrota Vôlei Futuro e vai à final da Superliga”	Não permite	Não permite
4	“Cruzeiro vence Vôlei Futuro por 3 sets a 0 e garante vaga na final da Superliga”	Não permite	Não permite
5	“Para Sada Cruzeiro, Vôlei Futuro tenta ganhar jogo no 'tapetão' com caso Michael”	#homofobia	-
6	“Jogo em Contagem revolta Vôlei Futuro”	Não permite	Não permite
7	“Vôlei Futuro critica decisão do STJD e esquenta clima para decisão”	#homofobia	-
8	“Cruzeiro recebe punição inédita por homofobia”	Não permite	Não permite
9	“Advogada do Vôlei Futuro vê falta de rigor em pena posta ao Cruzeiro”	#homofobia	-
10	“Cruzeiro leva multa de R\$ 50 mil após caso de homofobia”	Não permite	Não permite
11	“STJD multa Cruzeiro em R\$ 50 mil por ato de homofobia contra Michael”	#homofobia	-
12	“Vôlei Futuro ganha e dá lição contra o preconceito”	Não permite	Não permite
13	“Michael se diz surpreendido com manifestação da torcida em seu apoio”	#homofobia	-
14	“Vôlei Futuro pinta ginásio de rosa em homenagem a Michael; veja fotos”	#homofobia	-
15	“Após polêmica, Vôlei Futuro empata semi da Superliga”	Não permite	Não permite
16	“Tensão e equilíbrio marcam semifinal”	Não permite	Não permite
17	“MP mineiro investiga ofensas a Michael”	Não permite	Não permite

TABELA 3
O Estado de São Paulo

			(Conclusão)
Item	Título da reportagem	Número de comentários	Número de caracteres dos comentários
18	“MP analisa acusação de homofobia em jogo da Superliga masculina”	Não permite	Não permite
19	“Assessor do governo de MG pede desculpas a Michael por caso de homofobia”	#homofobia	-
20	“Caso de homofobia provoca troca de acusações entre times”	Não permite	Não permite
21	“Superliga: Vôlei Futuro rebate acusação de confusões do Sada Cruzeiro”	Não permite	Não permite
22	“Sada/Cruzeiro minimiza homofobia contra Michael e ataca o Vôlei Futuro”	#homofobia	-
23	““Se ficar calado, todo mundo vai achar que é normal”, diz Michael”	18	9250
24	“Vôlei Futuro denuncia caso de homofobia”	Não permite	Não permite
25	“Acusação de homofobia gera polêmica na Superliga”	Não permite	Não permite
26	“Vôlei: jogador acusa rivais de homofobia e gera polêmica na Superliga”	#homofobia	-
TOTAL		18	9250

c) www.em.com.br - Estado de Minas On-line

Tendo sede em Belo Horizonte, o Estado de Minas foi fundado em 7 de março de 1928, a partir da aquisição do acervo do Diário da Manhã pelos acadêmicos Pedro Aleixo, Mendes Pimentel e Juscelino Barbosa, que se juntaram, ainda, a Milton Campos e Abílio Machado. No ano seguinte, Assis Chateaubriand incorporou o novo jornal aos Diários Associados, grupo do qual ainda faz parte. Esse grupo, que já deteve as antigas TV Tupi e revista O Cruzeiro, atualmente produz, também, os jornais Correio Brasiliense e Aqui, as rádios Guarani FM e Tupi AM, a TV Alterosa, o portal de acesso à internet Uai, entre outras empresas de mídia⁴².

No ano de 2011, apresentou, seguindo a ANJ, uma média diária de circulação de 79.823 exemplares⁴³.

⁴² ESTADO DE MINAS. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2012. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Estado_de_Minas&oldid=29347583>. Acesso em: 01 de junho de 2012.

⁴³ ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE JORNALIS. *Maiores jornais do Brasil – Os maiores jornais do Brasil de circulação paga, por ano*. Disponível em: <<http://www.anj.org.br/a-industria-jornalistica/jornais-no-brasil/maiores-jornais-do-brasil>>. Acesso em: 01 de julho de 2012. Procurei obter os princípios editoriais do jornal no site, mas não obtive sucesso.

A versão digital do jornal, com redação própria, surgiu em 2010⁴⁴. A sessão reservada à discussão dos esportes, chamada de Superesportes, surge como fruto de uma parceria com o grupo Esporte Interativo⁴⁵. O site, tal como os sites de jornais paulistas, possui conteúdo próprio e abriga, também, textos publicados no jornal. Existe uma aba no site intitulada Impresso, na qual se pode acessar separadamente esse material. Os conteúdos acessados pelo instrumento de busca, caso das matérias analisadas nesta pesquisa, não apresentam dados que os identifiquem enquanto publicações do jornal impresso ou matérias próprias do site. As assinaturas das reportagens analisadas indicam que o “Superesportes” centraliza matérias produzidas por editorias de outros jornais. Foram encontradas as seguintes autorias: Correio Brasiliense, Estado de Minas, Gazeta Press, Superesportes e Agência Estado⁴⁶.

No site há, ainda, uma versão digital do jornal na íntegra, exclusiva a assinantes da versão impressa, do provedor de acesso à internet Uai ou do conteúdo exclusivo Uai/EM Digital.

Segundo informação cedida pelo site do jornal, o EM Online possui uma média de dez milhões de visualizações por mês⁴⁷.

O site permite a inserção de comentários em cada reportagem. Para comentar, é necessário fazer um cadastro fornecendo as seguintes informações obrigatórias: e-mail, apelido, nome e sobrenome, data de nascimento, CPF, CEP, estado, cidade, bairro, endereço completo e telefone. O RG e o sexo são informações facultativas. É ainda exigido que se aceite um termo de uso e marque um campo declarando estar disponibilizando informações pessoais e verdadeiras, sob o risco de pena criminal por falsidade ideológica. Para autenticar o cadastro, é preciso acessar o e-mail informado. Assim, não é possível registrar um e-mail falso. Observando as identificações dos comentários, percebe-se que é possível inserir um apelido ou nome fictício.

Abaixo, segue uma tabela com a quantificação dos dados encontrados nesse site:

⁴⁴ Desde 1999, os Diários Associados possuíam o Portal Uai, responsável do grupo pela veiculação de notícias online. O site, contudo, não representava diretamente o Jornal Estado de Minas.

⁴⁵ DIÁRIOS Associados lançam site Superesporte. *Portal Imprensa*. 27 de abril de 2010. <<http://portalimprensa.uol.com.br/portal/agenda/2010/04/27/imprensa35243.shtml>>. Acesso em: 01 de junho de 2012.

⁴⁶ Por vezes a reportagem é assinada pela editoria, em outros momentos pelo nome do jornalista, seguido de sua editoria.

⁴⁷ Para obter a informação acerca do número de acessos do site, mandei em e-mail, no dia 4 de setembro de 2012, para alguns contatos informados no expediente do site, a saber: Editor de mídias convergentes, Fale com Uai e Redação. No mesmo dia, o editor Benny Cohen me respondeu, pelo e-mail bennycohen.mg@diariosassociados.com.br, informando o dado solicitado.

TABELA 4
Estado de Minas

(Continua)

Item	Título da reportagem	Número de comentários	Número de caracteres dos comentários
1	“Segundo especialistas, homofobia reflete uma sociedade hipócrita”	6	1043
2	“Centro das polêmicas, Michael é preservado antes da partida em Contagem”	3	495
3	“Pressão dentro e fora da quadra”	0	0
4	“Michael, do Vôlei Futuro, esquece polêmica e foca partida contra Cruzeiro	2	474
5	Michael: ‘Só quero jogar’”	0	0
6	“Michael se emociona com homenagem do Vôlei Futuro”	2	643
7	“Entre o direito e o limite à livre manifestação”	0	0
8	“Michael quer fim de homofobia e não espera revide em Araçatuba”	2	582
9	“Cruzeirenses repetem provocação e chamam Michael de Richarlyson”	1	85
10	“Vôlei Futuro dispara acusações contra Cruzeiro, que pretende acionar Justiça”	5	1340
11	“Cruzeiro quer superar polêmica e Vôlei Futuro para chegar à final inédita”	8	1851
12	“Michael esquece episódios e visa neutralizar ataques do Cruzeiro”	0	0
13	“Giovane fala ao Correio sobre a nova fase como técnico do Sesi-SP”	0	0
14	“Acusação de homofobia gera polêmica”	9	2759
15	“Cruzeiro quer driblar polêmica e retornar de Araçatuba com a classificação”	1	121

TABELA 4
Estado de Minas

			(Conclusão)
Item	Título da reportagem	Número de comentários	Número de caracteres dos comentários
16	“Cruzeiro é multado em R\$ 50 mil, pelo STJD, por ato homofóbico dos torcedores”	16	3363
17	“Depois de polêmica, Cruzeiro se prepara para duelo com Vôlei Futuro”	0	0
18	“Cruzeiro faz a festa da torcida, atropela Vôlei Futuro e chega à decisão inédita”	11	1959
19	“O Mineirinho vai tremer”	0	0
20	“Venda de ingressos para Cruzeiro x Vôlei Futuro começa nesta terça-feira”	7	1670
21	“Vôlei Futuro divulga nota oficial ironizando Cruzeiro, CBV e imprensa”	8	1979
22	“Vôlei Futuro rebate Cruzeiro em nota oficial”	0	0
23	“Vôlei Futuro vence o Cruzeiro em casa e força o terceiro jogo, em Contagem”	9	2255
24	“Atletas do futebol vão ao ginásio torcer pelo time de vôlei do Cruzeiro”	3	895
25	“Em nota oficial, Cruzeiro minimiza fatos e critica Vôlei Futuro”	2	462
26	“Em 35min, torcida esgota ingressos para Cruzeiro x Vôlei Futuro em Contagem”	4	483
27	“Prova de amor explícito em 35 minutos “Jogadores do Cruzeiro esquecem	0	0
28	polêmica e se concentram na decisão de sexta”	1	179
29	“Nos tempos de Vanderléa”	0	0
30	“Homofobia em discussão”	0	0
31	“A quadra decide”	0	0
32	“Humor com o Gandula”	0	0
TOTAL		99	22638

d) www.oglobo.globo.com – O Globo

Sediado na cidade do Rio de Janeiro, o jornal O Globo foi fundado em 29 de julho de 1925. É integrante das Organizações Globo, maior conglomerado de empresas do setor de mídia do Brasil, grupo do qual também fazem parte a Rede Globo de Televisão, a Rádio Globo, a Editora Globo, o portal Globo.com, entre vários outros.

No site analisado, diz-se sobre os princípios editoriais dos veículos das Organizações Globo:

As Organizações Globo serão sempre independentes, apartidárias, laicas e praticarão um jornalismo que busque a isenção, a correção e a agilidade, como estabelecido aqui de forma minuciosa. Não serão, portanto, nem a favor nem contra governos, igrejas, clubes, grupos econômicos, partidos. Mas defenderão intransigentemente o respeito a valores sem os quais uma sociedade não pode se desenvolver plenamente: a democracia, as liberdades individuais, a livre-iniciativa, os direitos humanos, a república, o avanço da ciência e a preservação da natureza⁴⁸.

No ano de 2011 apresentou, seguindo a ANJ, uma média diária de circulação de 256.2598 exemplares⁴⁹.

Sua versão digital surgiu em 1996. Tal qual os demais, o site apresenta uma versão digital do jornal impresso, exclusiva para assinantes⁵⁰. Não há informações sobre quais conteúdos disponibilizados on-line são, também, publicados no jornal impresso. Nas matérias analisadas na pesquisa, nota-se que há reportagens assinadas pela redação do jornal, juntamente com assinadas exclusivamente pelo jornalista Ary Cunha – não informando sua filiação – e pelo LancePress.

O site não permite a inclusão de comentários em nenhuma das reportagens analisadas. A seguir, está a tabela com as informações desses textos:

⁴⁸ O GLOBO. *Princípios Editoriais das Organizações Globo*. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/principios-editoriais/#secao-3>>. Acesso em: 01 de junho de 2012.

⁴⁹ ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE JORNAIS. *Maiores jornais do Brasil – Os maiores jornais do Brasil de circulação paga, por ano*. Disponível em: <<http://www.anj.org.br/a-industria-jornalistica/jornais-no-brasil/miiores-jornais-do-brasil>>. Acesso em: 01 de julho de 2012.

⁵⁰ Para obter a informação sobre a média de acessos do site, no dia quatro de setembro de 2012 enviei uma mensagem através da sessão “Fale Conosco” do veículo. Diferentemente dos demais sites, não há os endereços de e-mails, e sim um campo para envio da mensagem. Nele, além do texto a ser enviado, você deve informar seu nome, e-mail, local de acesso (Brasil, América Latina, América do Norte, Ásia, Europa e Oceania). Há ainda o campo “assunto” em que devemos optar por um dentre os seguintes: um dos cadernos do jornal, central do assinante, dúvidas sobre cadastramento, dificuldades para acessar o site, anúncios no jornal O Globo, O Globo a mais ou outros. Enviei duas mensagens, uma para editoria nacional e outra para “outros”, ambas no dia 4 de setembro de 2012 e novamente no dia 20 de setembro do mesmo ano. Não obtive resposta.

TABELA 5
O Globo

Item	Título da reportagem	Número de comentários	Número de caracteres dos comentários
1	“Após ofensas ao meio de rede Michael, Vôlei Futuro homenageia diversidade sexual e vence jogo dramático”	Não permite	Não permite
2	“Vítima de preconceito, central Michael, que assumiu ser gay, quer levantar a discussão sobre intolerância no esporte”	Não permite	Não permite
3	“Cruzeiro é multado por manifestações de homofobia de sua torcida em jogo de vôlei”	Não permite	Não permite
4	“Sada Cruzeiro vence e está na final da Superliga”	Não permite	Não permite

Como já previamente citado na Introdução, optei por manter o apelido utilizado pelos leitores-comentaristas para assinar a autoria dos comentários. Em todos os sites nos quais era permitido inserir um comentário, esse apelido é criado pelo usuário. Assim, a pessoa pode utilizar o seu próprio nome, um nome diferente ou um apelido. Além disso, é possível que uma mesma pessoa crie mais de uma conta, com apelidos diferentes, podendo inserir comentários como se fossem duas pessoas. É importante apontar que não trabalho com a ideia de veracidade, buscando identificar se há ou não essa ou outra estratégia dentro dos fóruns. Todos os discursos encontrados são considerados dignos de análise⁵¹.

2.2 A mídia enquanto ator social e o caso Michael enquanto acontecimento midiático

Não é fenômeno recente a intensa utilização dos meios de comunicação como equipamentos de lazer. É notável, contudo, a ampliação dessa mediação da sociedade pelo surgimento de novas mídias e de sua, cada vez mais ampla, comercialização.

⁵¹ Vale pontuar que o uso de nomes fictícios é um ponto questionado por alguns leitores-comentaristas, fato que será abordado neste capítulo.

Schwartz (2003) chega a propor a inclusão do conteúdo virtual enquanto um dos interesses culturais do lazer, categorias inicialmente propostas por Dumazedier⁵².

Esse fenômeno, somado à crescente exploração comercial das práticas de divertimento que vem se evidenciando nas últimas décadas, estabelece um rico espaço de análises para os estudos da comunicação e do lazer (FORTES, 2011).

Segundo Fortes (2011), há dois conjuntos de estudos que relacionam o lazer e os meios de comunicação: no primeiro, o foco é dado à maneira que determinadas práticas de lazer são representadas; já no segundo, os meios de comunicação são tratados enquanto instrumentos da fruição do lazer, discutindo por vezes seus possíveis desdobramentos. Ele ressalta, ainda, que uma categoria não exclui a outra, uma vez que a fruição necessariamente traz consigo um produto carregado de representações.

Podemos entender, ainda, que os meios de comunicação constituem-se como formas de mediação entre as práticas de que tratam e o espectador. Jesús Martín-Barbero (2003) defende que todo processo de comunicação é baseado em mediações, que, para ele, é onde a compreensão entre o espaço de produção e o da recepção se situa.

Focando suas análises na recepção, Martín-Barbero utiliza a mediação como forma de compreender os deslocamentos de significados entre produtores, produtos e receptores. A comunicação é vista, assim, como processo simultâneo e dependente das formações culturais.

Bastos (2008) e Signates (1998) apontam que, ao longo de sua obra, Martín-Barbero não propõe uma definição clara do que seria a mediação. Para Bastos (2008), o conceito compreende toda a gama de relações e intersecções entre cultura, política e fenômeno comunicacional. Produção, recepção, meio e mensagem são vistos como um processo contínuo em que as mediações fazem referência às apropriações, recodificações e ressignificações particulares aos receptores. Sob esse entendimento, o episódio de Michael não se encerra enquanto fenômeno localizado naquele tempo e espaço, abarcando a circulação social que o segue, pois esse trânsito provoca desestabilizações nos sentidos e significados acerca do fato.

Assim, um mesmo episódio é percebido de formas diferentes por cada sujeito. E cada receptor é capaz, ainda, de reconstruir, sob seus pontos de vista, as informações previamente recebidas, tornando-se um novo vetor de transmissão de conhecimentos.

⁵² Em sua Sociologia Empírica do Lazer, Dumazedier propõe que os conteúdos do lazer fossem analisados dentro de categorias, sendo elas: físicos, manuais, estéticos, intelectuais e sociais. Vale pontuar que o autor reconhecia que tais nomenclaturas eram possivelmente provisórias e que pela pluridimensionalidade desses conteúdos, um pode estar inserido em outro (DUMAZEDIER, 1979). Em 1998, Camargo propõe, ainda, a inclusão do conteúdo turístico.

Fazendo uso dessa perspectiva e focando no objeto desta pesquisa, defendo que a mídia é capaz de atribuir significados e valores ao esporte, e, enquanto difusora da hegemonia cultural, deve ser considerada instância fundamental do processo de construção de verdades acerca desse fenômeno. Isso não significa que os sujeitos absorvem passivamente as informações a ele transmitidas. Como já exposto, nesse processo, há a possibilidade de ressignificações, apropriações, negações, etc. Aponto, no entanto, que, diante do reconhecimento do poder de influência dos meios de comunicação, faz-se necessária a reflexão sobre sua participação nos processos de constituição e circulação de discursos na sociedade.

Nesse sentido, os discursos são definidos por Hall (1997) como:

[...] modos de se referir a, ou de construir conhecimento sobre, um tópico particular da prática: um conjunto (ou *formação*) de ideias, imagens e práticas, que fornece formas de falar de, formas de conhecimento e conduta associadas a, um tópico particular, uma atividade social ou um lugar institucional na sociedade. Essas formações discursivas, como são conhecidas, definem o que é e o que não é apropriado em nossa formação de, e nossas práticas em relação a, um assunto particular ou espaço de atividade social; que conhecimento é considerado útil, relevante e ‘verdadeiro’ nesse contexto; e que tipo de pessoas ou ‘sujeitos’ encarnam suas características (p.6. Tradução livre do inglês. Grifos do original).⁵³

Assim, dizer de algo é revesti-lo de sentido. Dessa maneira, o conhecimento produzido nos discursos regula condutas, constrói identidades e subjetividades, e define a forma como as coisas são representadas, pensadas, praticadas (HALL, 1997). Em concordância, Leal e Carvalho (2009) enfatizam a importância dos saberes construídos pelas narrativas jornalísticas, apontando que ele é decisivo para o modo como diversos grupos sociais constroem sua realidade e elaboram sua percepção do cotidiano. Nesse sentido, a mídia não só apresenta a realidade, como participa de sua produção, sendo, assim, um ator social.

⁵³ Ways of referring to or constructing knowledge about a particular topic of practice: a cluster (or *formation*) of ideas, images and practices, which provide ways of talking about, forms of knowledge and conduct associated with, a particular topic, social activity or institutional site in society. These *discursive formations*, as they are known, define what is and is not appropriate in our formulation of, and our practices in relation to, a particular subject or site of social activity; what knowledge is considered useful, relevant and ‘true’ in that context; and what sorts of persons or ‘subjects’ embody its characteristics.

Castells (2005), também advogando acerca da importância da mídia para a opinião pública, explica que estamos num mundo de mensagens diversificadas que se recombina no hipertexto eletrônico e são processadas em nossas mentes com uma crescente autonomia das fontes de informação. Para o autor, apesar de que nem tudo que se diz nos espaços midiáticos determine o que as pessoas pensarão ou farão, a dominação da mídia trabalha com base em um mecanismo fundamental: presença/ausência de mensagens no espaço midiático, sendo esse aspecto fundamental para a construção de uma hegemonia política ou uma contra-hegemonia.

Assim, a definição de conteúdos é um processo que seleciona acontecimentos a serem noticiados, necessariamente atribuindo valores que determinam o que é ou não importante, e como cada assunto deve ser tratado e apresentado. Para tal definição, determinados critérios são utilizados para identificar, dentre uma série de fatos políticos, sociais, econômicos, naturais e culturais, quais virarão notícia.

A repercussão midiática obtida no episódio do jogador Michael denota que determinados critérios de noticiabilidade identificaram características nesse acontecimento que o tornam digno de ser explorado em um texto jornalístico. Vale aqui pontuar que manifestações semelhantes por parte de torcedores são corriqueiras em outros terrenos esportivos. Em jogos de futebol, é comum que a insatisfação com o juiz, com o adversário ou com os próprios atletas da equipe para qual se torce seja extravasada com gritos de “bicha” e “viado” direcionados ao alvo da crítica. Tal fenômeno é visto, inclusive, com muita naturalidade, como nos mostram muitos comentários das reportagens analisadas nesta pesquisa:

LD Molina: Que coisa mais ridícula. Há séculos que ouço os torcedores xingando a mãe do juiz, do bandeirinha, dos jogadores adversários, tec. Isso faz parte de um evento esportivo e nunca ninguém se importou. [...] ⁵⁴

Ao citar o “bandeirinha” ⁵⁵, fica claro que o esporte que constrói a referência de evento esportivo do leitor-comentarista é o futebol. Nessa modalidade, como afirma o leitor, tais brados são tidos como normais e não costumam se tornar notícia. O episódio de Michael, por sua vez, ocorrido numa arena de vôlei, tornou-se assunto recorrente em diversos veículos de comunicação, inclusive os que não têm como tema central o esporte.

⁵⁴ Comentário da reportagem do site da Folha de São Paulo intitulada “Equipes trocam acusações em caso de homofobia no vôlei”, de autoria da editoria do site, de 6 de abril de 2011. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/esporte/899157-equipes-trocaram-acusacoes-em-caso-de-homofobia-no-volei.shtml>>. Acesso em: 15 de janeiro de 2012.

⁵⁵ “Bandeirinha” é o nome popular que se dá ao árbitro assistente do futebol, responsável por sinalizar lances de impedimento e auxiliar o árbitro nas demais marcações em situações em que sua visão da jogada for favorável.

A noticiabilidade é, assim, entendida neste trabalho como

todo e qualquer fator potencialmente capaz de agir no processo da produção da notícia, desde características do fato, julgamentos pessoais do jornalista, cultura profissional da categoria, condições favorecedoras ou limitantes da empresa de mídia, qualidade do material (imagem e texto), relação com as fontes e com o público, fatores éticos e ainda circunstâncias históricas, políticas, econômicas e sociais (SILVA, 2005, p. 96).

Cientes de que seria impossível incluir todos os acontecimentos que ocorrem no cotidiano nos veículos informativos, uma série de estudiosos⁵⁶, especialmente a partir do século XIX, propõe-se a enumerar quais os quesitos que potencialmente atraem o interesse e atenção do público, com vias a categorizações dos chamados valores-notícia (SILVA, 2005). Uma proposta de organização das propostas desses autores pode ser vista na seguinte tabela:

TABELA 6
Proposta de tabela de valores-notícia para operacionalizar análises de acontecimentos noticiáveis/ noticiados

(Continua)

IMPACTO	PROEMINÊNCIA
Número de pessoas envolvidas (no fato)	Notoriedade
Número de pessoas afetadas (pelo fato)	Celebridade
Grandes quantias (dinheiro)	Posição hierárquica
	Elite (indivíduo, instituição, país)
	Sucesso/ Herói
CONFLITO	ENTRETENIMENTO/ CURIOSIDADE
Guerra	Aventura
Rivalidade	Divertimento
Disputa	Esporte
Briga	Comemoração
Greve	Reinvidicação

⁵⁶ Bond, Stiele, Lippman, Galtung e Ruge, Golding-Elliot, Gans, Warren, Hetherington, Shoemaker et al., Wolf, Erbolato, Chaparro e Lage, todos citados em Silva (2005).

TABELA 6
Proposta de tabela de valores-notícia para operacionalizar análises de acontecimentos
noticiáveis/ noticiados

(Conclusão)	
POLÊMICA	CONHECIMENTO/ CULTURA
Controvérsia	Descobertas
Escândalo	Invenções
	Pesquisas
	Progresso
	Atividades e valores culturais
	Religião
RARIDADE	PROXIMIDADE
Incomum	Geográfica
Original	Cultural
Inusitado	
SURPRESA	GOVERNO
Inesperado	Interesse nacional
	Decisões e medidas
	Inaugurações
	Eleições
	Viagens
	Pronunciamentos
TRAGÉDIA/ DRAMA	JUSTIÇA
Catástrofe	Julgamentos
Acidente	Denúncias
Risco de morte e morte	Investigações
Violência/ Crime	Apreensões
Suspense	Decisões judiciais
Emoção	Crimes
Interesse Humano	

Fonte: SILVA, 2005.

Esse quadro aponta alguns elementos que são observados por jornalistas, ainda que por vezes de forma instintiva, para identificar fatos potencialmente noticiáveis. Mostrando a valorização de certas características como valores-notícia, Silva (2005) defende que alguns estudos pontuais demonstraram que diferentes produtos jornalísticos tomam como valor noticioso o mesmo tipo de acontecimento. Faço, contudo, a ressalva de que o fato de um mesmo acontecimento ser noticiado em diversos veículos não significa que ele seja divulgado de uma mesma forma. Além disso, acontecimentos semelhantes podem não receber a mesma atenção, levando-os a tornar-se ou não notícia.

Vale pontuar, também, que há diferenças de força entre os valores-notícia. Uma catástrofe, de forma geral, atrai mais atenção do que uma atividade cultural, por exemplo. Além disso, de acordo com o perfil de cada veículo, determinada característica toma maior importância do que outras. Assim, uma revista esportiva pode noticiar um jogo de futebol da segunda divisão e ignorar as eleições presidenciais, que são, teoricamente, um valor-notícia de grande noticiabilidade, mas que não se enquadra em sua linha editorial.

O fator proximidade, citado em todos os autores consultados por Silva (2005) para a construção do quadro, parece ter sido relevante para a repercussão midiática do acontecimento analisado nesta pesquisa, como é possível verificar a partir do número de reportagens presente em cada um dos sites: Folha de São Paulo, 13 reportagens; Estado de Minas, 32 reportagens; O Globo, 4 reportagens; O Estado de São Paulo, 26 reportagens.

Enquanto os sites de jornais de Minas Gerais e São Paulo apresentaram número relativamente elevado de reportagens, alimentando a discussão durante todo o período em que as equipes se enfrentavam, o site d'O Globo se limitou a publicar quatro notícias, uma referente a cada um dos três jogos entre Sada Cruzeiro e Vôlei Futuro, e uma quarta após a decisão do STJD de multar a equipe celeste. Percebe-se, então, que os sites de jornais dos estados que abrigam as equipes presentes no confronto esportivo em que o episódio ocorreu mostraram-se mais interessados em noticiá-lo.

Ponto uma questão acerca desse dado: essa diferença de visibilidade entre os estados seria esperada no tratamento do fato “disputa de semifinal entre uma Cruzeiro e Vôlei Futuro”, que, em tese, interessaria mais a mineiros e paulistas do que a cariocas. Contudo, se o foco for “manifestação homofóbica contra jogador de vôlei”, as equipes em questão se tornam menos importantes, e o fato passa a ter um nível de relevância similar em qualquer local do país.

Essa hipótese, somada ao fato de que a maioria das reportagens noticiou o episódio de forma predominantemente descritiva, expondo os fatos ocorridos, mas poucas vezes apresentando reflexões ou questionamentos, levanta a pergunta: será que as manifestações da torcida foram noticiadas enquanto um fato de relevância social, por se tratar de um ato homofóbico, ou enquanto um acontecimento que influenciou o desenvolvimento do jogo, apresentando relevância centralmente no âmbito esportivo?

Primeiramente, é importante enfatizar que essa questão não propõe que o enfoque em um determine, necessariamente, a desconsideração do outro. Além disso, as reportagens, ainda que de um mesmo veículo, não necessariamente seguem uma

mesma abordagem. Ainda sim, as análises desenvolvidas ao longo desse trabalho demonstram que jornalistas e leitores-comentaristas desenvolvem discussões excessivamente superficiais no que tange a aspectos relativos à sexualidade e à homofobia, estando questões relativas a interesses esportivos frequentemente em maior destaque.

Ainda sobre o processo de identificação dos acontecimentos que serão noticiados a partir de seus valores-notícia, Gislene Silva (2005) afirma que:

[...] não basta aos seletores de notícias escolherem entre um acontecimento que será publicado e outro que ficará de fora, na gaveta das matérias mortas ou que simplesmente será deletado, sem chance de ganhar vida pela visibilidade noticiosa. Entre os selecionados será preciso escolher novamente quais deles merecem entrar nas chamadas dos telejornais ou quais ganharão as primeiras páginas dos impressos, ou mesmo quais ocuparão mais espaço nas páginas internas. A seleção, portanto, se estende redação adentro, quando é preciso não apenas escolher, mas hierarquizar (SILVA, 2005, p. 98).

Assim, compreende-se que a seleção e a hierarquização dos fatos ocorrem em sua etapa primária, mas também nos procedimentos posteriores, ligados sobretudo ao tratamento da notícia. Esse tratamento determina a organização dos fatos sob determinados pontos de vista, o que, longe de ser um processo de escolha ingênuo, é uma ação que legitima certos saberes e discursos (LEAL e CARVALHO, 2009). Mais além, os próprios valores-notícia não são traços naturais ou neutros, são códigos ideológicos que marcam, e, sobretudo, evidenciam e valorizam certas características sobre outras ignoradas ou menosprezadas.

Essa seleção, não ocasionalmente, expõe ao público as questões que estão na “ordem do dia”, agendando temas para debate. De forma relacional, o público é também capaz de propor agendamentos, demandando visibilidade para temas que lhe são interessantes. Ademais, as mídias agendam-se mutuamente, ao alimentar a repercussão de temáticas de amplo apelo social (PONTE, 2005).

Destacando a intencionalidade da escolha de temas a serem ignorados pelas mídias, Leal e Carvalho (2009) afirmam que “o silêncio e a omissão, pautados pela interdição ou pela indiferença, são tão desumanizadores quanto os xingamentos e a ofensa” (LEAL; CARVALHO, 2009, p.6). Em concordância, Mouillaud (1997b, p. 38)

ênfatisa que a “informação é o que é possível e o que é legítimo mostrar, mas também o que devemos saber, o que está marcado para ser percebido”. Assim, ao produzir uma superfície visível, induz-se o surgimento de uma parte invisível, uma parte que, tal qual o avesso de um tecido, não pode ser destacado de sua frente. Contudo, o avesso, ainda que escondido, existe e pode, a qualquer momento, ser desvendado, processo esse que depende, sobretudo dos produtores – sujeitos ou instituições –, pois, como afirma Mouillaud (1997b, p.40), “a “parte da sombra” não está somente no quadro (a sombra na qual se perdem os contornos do assunto), mas na mão de quem pinta ou que escreve [...]”.

Leal e Carvalho (2009) apontam, ainda, que a noticiabilidade, tanto na seleção quanto no tratamento de notícias, é ligada a um conjunto de variáveis que vai desde a identidade do veículo, sua relação com o público-leitor e seu posicionamento político-ideológico, passando por aspectos “técnicos” e/ou circunstanciais, como a estrutura organizacional e a disponibilidade de espaço ou tempo, e chegando a atingir mesmo a leitura individual que cada jornalista, inserido na cadeia produtiva da notícia, faz dos eventos capturados pela rede noticiosa (LEAL; CARVALHO, 2009, p. 15).

Os autores reconhecem, assim, que também as especificidades de cada veículo influenciam em seus conteúdos. Mais além, Mouillaud (1997a) defende que o dispositivo (livro, jornal, canção, disco, filme, etc.) e a notícia tomam posições de gerador um do outro de forma alternada. Assim, a existência do jornal precede a de seu conteúdo, impondo-o condições técnicas e econômicas, um perfil de público, etc. No entanto, na mesma medida, diz o autor, os textos “fazem” o jornal e podem assim pressioná-lo a mudanças ou gerar a sua implosão⁵⁷.

Para explicar as lógicas que organizam os conteúdos em torno de um suporte midiático, Leal e Carvalho (2009) utilizam o conceito de enquadramento, entendido

⁵⁷ Foi possível perceber certas similaridades entre os comentários de cada site, e diferenças para os demais sites. Contudo, como os leitores-comentaristas não são, necessariamente, uma amostra representativa do público do site, seria equivocado traçar um perfil de leitor a partir do material analisado. Além disso, apesar das semelhanças encontradas, o volume de dados não me pareceu suficientemente grande para traçar um perfil de “leitor-comentarista”. Seriam necessários, assim, mais instrumentos para fazer alguma das duas caracterizações. Optei por não realizá-las, pois considero que os dados que seriam obtidos não são fundamentais para os objetivos da pesquisa.

enquanto visões que o jornalismo apresenta de um determinado tema, implicando em uma concepção de mundo e em estratégias narrativas.

Para a construção dos enquadramentos em cada texto, apontam os autores, os jornalistas organizam um jogo de vozes no qual constroem hierarquias a partir de interesses político-ideológicos. Assim, os critérios de noticiabilidade e os enquadramentos fazem parte de estratégias de constituição do produto notícia, processo que envolve técnica, mas também racionalidade (LEAL; CARVALHO, 2009).

Uma das possíveis formas de analisar quais são as vozes acionadas é a partir das fontes às quais os repórteres recorrem⁵⁸. Sobre elas, assim diz Manuel Pinto:

As fontes são pessoas, são grupos, são instituições sociais ou são vestígios – falas, documentos, dados – por aqueles preparados, construídos, deixados. As fontes remetem para posições e relações sociais, para interesses e pontos de vista, para quadros espaço-temporalmente situados. Em suma, as fontes a que os jornalistas recorrem ou que procuram os jornalistas são entidades interessadas, quer dizer, estão implicadas e desenvolvem a sua atividade a partir de estratégias e com táticas bem determinadas (PINTO, 2000, p. 278).

Portanto, as fontes presentes em qualquer notícia são selecionadas para atender a objetivos específicos, para representar determinada voz escolhida como legítima e digna de ser noticiada. Elas são intencionalmente colocadas de forma a direcionar nosso olhar na notícia. Além disso, as pessoas utilizadas como fontes tendem a ser vistas como autoridades no assunto tratado. A presença de um entrevistado que defenda determinado argumento é um fator que dá mais poder de convencimento a esse ponto de vista, em especial quando não há espaço para outras abordagens.

É importante apontar que a exposição de determinadas vozes não se faz exclusivamente por meio da menção explícita a fontes. Assim, é possível fazer a defesa de determinado ponto de vista sem que nenhuma fonte seja citada. Contudo, como dito previamente, o seu uso é uma estratégia que dá legitimidade a uma informação. Dessa forma, a análise das fontes utilizadas é capaz de apresentar indícios dos enquadramentos dados à notícia.

⁵⁸ É importante salientar que as vozes dizem respeito a determinado discurso ou ponto de vista do texto, que pode ser acionado mesmo sem o uso de fontes, por meio dos dados inseridos e da própria redação do jornalista.

De maneira geral, todos os veículos analisados nesta pesquisa fizeram uso de poucas fontes. Com frequência, são citadas as notas oficiais de ambos os clubes envolvidos, mas, exceto por depoimentos do próprio Michael, há raros momentos em que agentes ligados a ele – diretores, atletas, membros da comissão técnica – se fazem ouvidos. Além de alguns poucos torcedores, os personagens utilizados como fontes para tratar do caso foram quatro personalidades do esporte – os ex-atletas de vôlei e atuais treinadores Bernardinho⁵⁹ e Giovane⁶⁰, o presidente da Confederação Brasileira de Voleibol (CBV), Ary Graça Filho⁶¹, e o ex-jogador de futebol Raul Plasmann⁶² –, além de Antônio Sérgio Figueiredo Santos, advogado especialista em Justiça Desportiva e dos profissionais envolvidos no julgamento do caso na Superior Tribunal de Justiça Desportiva⁶³. Nos quatro primeiros casos, as matérias têm como cerne a exposição das opiniões das pessoas citadas obtidas em uma entrevista. Tais opiniões do entrevistado não são, assim, utilizadas como fonte de informações que serão somadas a outros dados e opiniões. Elas são, assim, a simples organização do que esses personagens disseram, ainda que a partir de perguntas feitas pelo jornalista.

No primeiro caso, a reportagem do site da Folha de São Paulo focou exclusivamente nos posicionamentos de Bernardinho sobre o episódio Michael. Em um trecho citado, ele diz:

O que me preocupa naquela história toda é usar isso de uma forma excessiva e não discutir seriamente a questão do preconceito, transformar aquilo numa parada de apoio

⁵⁹ BARROS, Mariana. “Não importa se jogador tem namorado ou namorada”, diz Bernardinho. *Folha de São Paulo*. 27 de maio de 2011. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/esporte/921425-nao-importa-se-jogador-tem-namorado-ou-namorada-diz-bernardinho.shtml>>. Acesso em: 15 de janeiro de 2012.

⁶⁰ SEFFRIN, Felipe. Giovane fala ao Correo sobre a nova fase como técnico do Sesi-SP. *Estado de Minas*. 28 de maio de 2011. Disponível em: <http://www.superesportes.com.br/app/19.68/2011/04/28/noticia_volei_17551/giovane-fala-ao-correo-sobre-a-nova-fase-como-tecnico-do-sesi-sp.shtml>. Acesso em: 15 de janeiro de 2012.

⁶¹ A SUPERLIGA não se paga, diz maior cartola do vôlei nacional. *Folha de São Paulo*. de 3 de maio de 2011. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/esporte/910441-a-superliga-nao-se-paga-diz-maior-cartola-do-volei-nacional.shtml>>. Acesso em: 15 de janeiro de 2012.

⁶² DRUMMOND, Ivan. Nos tempos de Vanderléa. *Estado de Minas*. 14 de maio de 2011. Disponível em: <http://www.rj.superesportes.com.br/app/1.15/2011/04/14/noticia_volei_181822/nos-tempos-de-vanderlea.shtml>. Acesso em: 15 de janeiro de 2012.

Raul Plasmann foi goleiro do Cruzeiro entre os anos de 1978 a 1983. Ele tinha longos cabelos loiros e utilizava uma camisa amarela, considerada extravagante. Tais características eram mote para constantes ofensas e jocosidades que questionavam sua homossexualidade por parte das torcidas rivais. O fato de ter passado por tais experiências, semelhantes às de Michael, parece ter sido o motivo pelo qual Raul Plasmann foi entrevistado. O ex-jogador é recorrentemente citado, também, nos comentários das reportagens.

⁶³ Procuradores Fábio Lira, Wanderley Rebelo e Renata Mansur Baceral além do advogado do Cruzeiro Henrique Saliba, citados em mais de uma matéria. Vale pontuar, ainda, que no site da Folha de São Paulo foi encontrada uma reportagem sobre um “site que ajuda atletas a sair do armário”. A matéria parece aproveitar-se da maior visibilidade da causa LGBT no período de grande repercussão do episódio de Michael. Como a reportagem não se refere especificamente ao caso, suas fontes não foram descritas.

aos homossexuais. Vamos combater a homofobia de verdade. Eu apoio totalmente.

Esse sentimento de que é necessário “discutir seriamente a questão do preconceito” é também apontada por um leitor-comentarista do site de Folha de São Paulo:

João André Ribeiro Lepsch: Como brasileiro com alguns anos nas costas acho oportuno este momento para discutir o preconceito. O preconceito no Brasil é forte? O que é preconceito? Existem preconceitos já mais trabalhados no brasileiros e outros ainda não? Alguém já se interessou em saber se o mundo pode viver em dignidade e em real liberdade de outra forma? Dê liberdade a si mesmo, aceite o diferente. O diferente pode ser digno, correto, social. Enfim, o diferente pode não ser para você, mas pode ser respeitado.⁶⁴

Contudo, ao longo deste trabalho, especialmente do capítulo 2, defendo que a expectativa de aproveitar o momento oportuno para discutir questões que norteiam a homofobia pouco é concretizada nos espaços midiáticos analisados nesta pesquisa. Uma lacuna pode ser apontada na própria entrevista de Bernardinho. Apesar do texto demonstrar que o treinador é aparentemente uma pessoa sem preconceitos contra homossexuais, seu posicionamento acerca das manifestações da torcida fica, em alguma medida, ambígua, como podemos perceber no trecho abaixo:

*Ninguém pode sofrer preconceito de qualquer tipo. Isso tem a ver com falta de educação, de clareza de ideias. Mas confesso que, ao longo do processo, aquilo pareceu se transformar numa coisa de oportunidade. Usar uma pessoa tão bacana. Não é bem por aí. Será que ele realmente queria expor sua sexualidade naquele momento?*⁶⁵

Assim, se em um primeiro momento a frase “ninguém pode sofrer preconceito de qualquer tipo” nos induz a pensar que ele está incluindo as manifestações contra

⁶⁴ Comentário da reportagem do site da Folha de São Paulo intitulada “Rivais voltam a duelar após polémica no vôlei”, de autoria da editoria do site, de 9 de abril de 2011. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/esporte/900394-rivais-voltam-a-duelar-apos-polemica-no-volei.shtml>>. Acesso em: 15 de janeiro de 2012.

⁶⁵ BARROS, Mariana. “Não importa se jogador tem namorado ou namorada”, diz Bernardinho. *Folha de São Paulo*. 27 de maio de 2011. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/esporte/921425-nao-importa-se-jogador-tem-namorado-ou-namorada-diz-bernardinho.shtml>>. Acesso em: 15 de janeiro de 2012. (Grifos meus)

Michael como forma de “sofrer preconceito”, num segundo momento a ressalva de que “ao longo do processo, aquilo pareceu se transformar numa coisa de oportunidade”, deixa certa dúvida. O texto poderia colaborar para o enriquecimento da discussão se esclarecesse o posicionamento do treinador e mostrasse os motivos que o levam a ter esse ponto de vista.

O posicionamento de Bernardinho é exaltado por leitores-comentaristas, que aplaudem sua afirmação de que as oportunidades em suas equipes não são interferidas pela orientação sexual. Boa parte dos leitores que dizem concordar com o treinador, contudo, são defensores de que os homossexuais não devem se expor, como demonstra o trecho:

Cláudio Rocha: Tem toda razão Bernardinho! A melhor maneira é realmente desprezarmos todo o tipo de preconceito, mas também não ficar aproveitando a situação e levantando bandeiras! Respeito e privacidade é bom.⁶⁶

Tal visão parece ter sido direcionada pela seguinte fala de Bernardinho, que encerra a reportagem:

A maior noção de igualdade que eu tive quando era garoto foi com meu primeiro treinador, um professor excepcional. Ele era negro e dizem também que era homossexual. E pouco importa. Ele queria me educar e mostrar caminhos. É o Bené. Foi o cara que formou Bernard, Fernandão, Badá. Vários da geração prata passaram por ele. Foi um cara que transformou vidas. O cara é um craque. Era preto, tinha fama de homossexual. E aí? Vem falar comigo de preconceito?

Assim, apesar de parecer que, de fato, o treinador valoriza uma postura reservada por parte dos homossexuais⁶⁷, suas posições não são exploradas. Fez-se uma seleção de frases do entrevistado, sem abrir possibilidade para análises ou discussões mais aprofundadas.

⁶⁶ Comentário de matéria do site da Folha de São Paulo intitulada “Não importa se jogador tem namorado ou namorada, diz Bernardinho”, de autoria de Mariana Bastos, de 27 de maio de 2011. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/esporte/921425-nao-importa-se-jogador-tem-namorado-ou-namorada-diz-bernardinho.shtml>>. Acesso em: 15 de janeiro de 2012.

⁶⁷ A cobrança feita aos homossexuais por uma postura discreta com relação à manifestações de afeto e carícias e à exposição, de forma geral, serão exploradas no capítulo 2.

No segundo caso que abordo, o site do Estado de Minas entrevista o treinador Giovane. Diferentemente do caso de Bernardinho, nesse texto o foco não é episódio de Michael, mas a carreira de treinador do ex-atleta. Além disso, o texto apenas introduz a entrevista e apresenta perguntas e respostas, ao menos aparentemente, na íntegra. Em apenas um momento lhe é perguntado se “viu o caso de homofobia contra o Michael”. Em consonância com argumentos usados por muitos leitores-comentaristas, questão que será abordada no próximo capítulo, Giovane afirmou o seguinte:

Eu não estava lá no ginásio para ver se foi agressivo dessa forma como falaram, mas acho que ninguém atacou o rapaz. Não sei se ele se sentiu agredido. Foi um grito de torcida tentando prejudicar o adversário. Já me chamaram de veado em vários ginásios no mundo inteiro. É uma característica de torcida⁶⁸.

Nessa entrevista, o foco é a atividade de Giovane enquanto treinador. Assim, as demais perguntas não abordam o episódio de Michael. É possível pensar, contudo, que essa discussão ainda estava muito presente no cenário esportivo e, em especial, do vôlei, tornando pertinente incluir essa questão na entrevista. Vale pontuar que a matéria foi publicada no dia 28 de abril, 13 dias após o confronto final entre Sada Cruzeiro e Vôlei Futuro.

Já no terceiro caso, apenas um trecho é disponibilizado para não assinantes. Nele, o site afirma que Ary Graça Filho, presidente da CBV, “embora condene as ofensas homofóbicas ao jogador Michael, do Vôlei Futuro, diz ter considerado o episódio ‘normal’ e de ‘menor importância’”.⁶⁹ Dessa forma, o presidente mostra até mesmo certa incoerência ao considerar uma atitude condenável normal. Essa entrevista foi o único conteúdo do material analisado no qual houve exposição de alguma fala de representantes da Confederação, excetuando-se o relato divulgado no qual a entidade afirma que a partida não apresentou problemas técnicos, uma vez que nada foi registrado pelo árbitro na súmula ou pela Polícia Militar⁷⁰. Essa atitude dá indícios de que a

⁶⁸ SEFFRIN, Felipe. Giovane fala ao Correio sobre a nova fase como técnico do Sesi-SP. *Estado de Minas*. 28 de maio de 2011. Disponível em: <http://www.supersportes.com.br/app/19,68/2011/04/28/noticia_volei,17551/giovane-fala-ao-correio-sobre-a-nova-fase-como-tecnico-do-sesi-sp.shtml>. Acesso em: 15 de janeiro de 2012.

⁶⁹ A SUPERLIGA não se paga, diz maior cartola do vôlei nacional. *Folha de São Paulo*. de 3 de maio de 2011. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/esporte/910441-a-superliga-nao-se-paga-diz-maior-cartola-do-volei-nacional.shtml>>. Acesso em: 15 de janeiro de 2012.

⁷⁰ MICHAEL quer fim de homofobia e não espera revide em Araçatuba. *Estado de Minas*. 5 de abril de 2011. Disponível em: <http://www.supersportes.com.br/app/1,15/2011/04/05/noticia_volei,181109/>. Acesso em: 15 de janeiro de 2012.

instituição não identificou na manifestação um *problema*, algo que demandasse mais do que um simples pronunciamento, um *posicionamento* oficial.

Na quarta matéria, o ex-goleiro Raul Plasmann é o entrevistado. O texto muito se aparenta ao de Bernardinho, uma vez que parece ter como intuito a simples exposição das ideias do entrevistado, abordando a experiência do ex-jogador com os gritos de “Vanderléa” que recebia da arquibancada quando atleta. Ao comentar o episódio Michael, o ex-atleta defende que a revolta de alguns para com o ocorrido, fato que não ocorria em sua época, é resultado de uma mudança da sociedade.

Houve uma mudança no comportamento geral da sociedade. Naquela época, não se falava em crime para discriminação, ao contrário de hoje. Não se permite mais ouvir expressões como negro safado, branco ordinário, índia sem-vergonha. Tudo mudou, mas só há pouco tempo houve essa mudança. Agora, o ofendido se defende e, em muitos casos, processa por discriminação o autor do insulto.⁷¹

Apesar de identificar essa mudança, Raul não problematiza a questão, assim como o autor da matéria, que opta por apenas expor as opiniões do entrevistado, sem discuti-las. Ainda nessa matéria, o entrevistado defende que o fato foi “um grande oportunismo do time paulista”. Para ele o ocorrido é fruto da popularização do voleibol, que acaba por trazer uma cultura futebolística para os ginásios⁷².

A quinta fonte citada foi o advogado Antônio Sérgio Figueiredo Santos, especialista em direito desportivo que foi procurado pelo site do Estado de Minas para argumentar sobre a legalidade da punição aplicada ao clube mineiro⁷³. O entrevistado utilizou do Estatuto de Defesa do Torcedor e o Código Brasileiro de Justiça Desportiva (CBJD) para explicar a questão. A multa dada ao Cruzeiro foi um ponto bastante discutido entre os leitores-comentaristas, embora os outros sites não tivessem feito abordagem semelhante⁷⁴.

⁷¹ DRUMMOND, Ivan. Nos tempos de Vanderléa. *Estado de Minas*. 14 de maio de 2011. Disponível em: <http://www.rj.superesportes.com.br/app/1,15/2011/04/14/noticia_volei_181822/nos-tempos-de-vanderleia.shtml>. Acesso em: 15 de janeiro de 2012.

⁷² Tal posição foi encontrada em outras matérias e comentários, e será problematizada no capítulo 3.

⁷³ DRUMMOND, Ivan. Entre o direito e o limite à livre manifestação. *Estado de Minas*. 7 de abril de 2011. Disponível em: <http://www.superesportes.com.br/app/1,15/2011/04/07/noticia_volei_181246/>. Acesso em: 15 de janeiro de 2012.

⁷⁴ Algumas matérias citarem o artigo do CBJD utilizado para punir o Sada Cruzeiro, mas não problematizaram a questão.

Por fim, os procuradores responsáveis pelo julgamento contra o Sada Cruzeiro, apesar de terem sido pouco explorados, foram usados para expor suas decisões. Na maioria dos casos, foi apenas citado o artigo do CBJD no qual eles se embasaram para definir a punição ao Cruzeiro.

Vale pontuar que os poucos agentes ligados aos clubes citados em matérias, sobretudo atletas e treinadores, pouco contribuíram para a discussão acerca da homofobia. Adotando uma postura conservadora, preferiam abster-se de comentar o ocorrido, focando suas ponderações em questões específicas do confronto esportivo.

Assim, pareceu-me baixo o número de fontes, considerando um total de 75 reportagens analisadas nesta pesquisa. Chamou-me atenção a ausência de determinados agentes, notadamente: o Movimento LGBT, estudiosos que discutissem as manifestações dos torcedores sob um viés acadêmico, e mais torcedores de ambos os clubes.

O baixo número e pouca diversidade das fontes é, ao mesmo tempo, sintoma e causa de uma discussão superficial e pouco problematizadora do caso nas reportagens. Assim, as reportagens servem quase como uma breve exposição, dando visibilidade ao tema, mas pouco avançando em termos de apresentação e organização de pontos de vista de sujeitos ou instituições diretamente relacionadas ao episódio e, mais amplamente, à questão da homofobia.

É importante apontar que este trabalho não se propõe a generalizar, apontando que um veículo é contra ou a favor do combate à homofobia. Desenvolvi análises de matérias relativas a um episódio e em um período específicos. E, como lembram Leal e Carvalho (2009), os enquadramentos de um jornal não são necessariamente coerentes, convergindo posicionamentos unânimes sobre cada assunto. Assim, mesmo em sites nos quais encontrei bom número de reportagens, seria arriscado dizer que elas são representativas de todo o conjunto daquela organização midiática.

A aparente superficialidade da maioria das reportagens pode ser fruto não apenas de uma resistência ou dificuldade da mídia de abordar a homossexualidade. A cobertura esportiva de forma geral aponta uma série de acadêmicos⁷⁵, carece em diversidade de tematizações e abordagens.

Gastaldo (2003) afirma que, de antemão, a imprensa esportiva é vista como a responsável por noticiar os “fatos menores”, fatos do jogo, que se opõe à seriedade da vida cotidiana, manifestada no trabalho, na política, na economia⁷⁶. Para o autor, isso

⁷⁵ Eco (1984), Betti (1998), Escher e Reis (2007), entre outros.

⁷⁶ Isso não quer dizer, contudo, que os fatos esportivos não tenham relevância.

faz com que a editoria seja menos cobrada em termo de “objetividade”. Toledo (2002) aponta que, além de mediadores e multiplicadores do jogo, os meios de comunicação têm tido a função de “sustentar a emoção” (p.162), o que demanda do jornalista não apenas dados, mas criatividade, imaginação, subjetividade. Para Escher e Reis (2007), o exercício dessa função faz com que a qualidade da informação seja deixada em segundo plano.

Bastante crítico quanto ao jornalismo esportivo, Eco (1984) entende que sua ênfase é a “falação esportiva”⁷⁷, que informa e atualiza (gols, contratações, vida dos atletas), conta histórias (melhores momentos), faz previsões, explica e justifica (vitórias e derrotas, escolhas), promete (emoções, gols), cria polêmicas e constrói rivalidades, critica, elege ídolos e dramatiza.

Betti (1998) levanta ainda que, nos meios de comunicação, prevalecem os interesses econômicos, o que muitas vezes faz com que se pressuponha o gosto do público e se perpetuem modelos tradicionais (BETTI, 1998; ESCHER; REIS, 2007). De fato, encontrei reclamações de comentaristas demandando que as reportagens tratassem “do jogo” e não de “outros assuntos”, notadamente o episódio de Michael:

silvando antonio: E o jogo que realmente interessa, ninguém fala. Essa discussão é besteira, cada pessoa torce de maneira diferente e o clube não tem como controlar.⁷⁸

Diante da dita impossibilidade do clube em conter as manifestações de seus torcedores, o leitor-comentarista julga como inútil tal discussão. Esse questionamento possivelmente tem raízes no incômodo de se falar sobre homossexualidade, mas pode também estar associado à manutenção do modelo de falação esportiva, focando exclusivamente no jogo, o “que realmente interessa”.

Juntamente às considerações tecidas quanto à noticiabilidade do episódio Michael dentro jornalismo esportivo, é fundamental analisar a ambiência midiática que situa os discursos analisados: a internet. É esse o tema de que tratarei no próximo item.

⁷⁷ Expressão utilizada pelo autor na obra citada.

⁷⁸ Comentário da reportagem do site da Folha de São Paulo intitulada “Vôlei Futuro critica multa dada ao Cruzeiro e ironiza STJD”, de autoria da editoria do site, de 14 de abril de 2011. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/esporte/902694-volei-futuro-critica-multa-dada-ao-cruzeiro-e-ironiza-stjd.shtml>>. Acesso em: 15 de janeiro de 2012.

2.3 A ambiência virtual

Para compreender os sentidos que textos jornalísticos assumem dentro de um contexto, é fundamental compreender as lógicas que regem a plataforma em que eles se localizam. Defendendo esse argumento, Mouillaud (1997a) propõe que um mesmo texto – entendido como qualquer forma de inscrição (de linguagem, icônica, sonora, gestual, etc.) – pode apresentar sentidos diferentes, dependendo do dispositivo que o envolve. Para ilustrar essa ideia, o autor cita o exemplo do vaso grego. Em Atenas, eles eram usados coletivamente nos banquetes como instrumentos de convívio e sociabilidade e, ainda, reafirmando a identidade masculina e cívica. Os mesmos vasos, séculos depois, expostos em museus, passam de objetos rituais a objetos estéticos e arqueológicos, ganhando, assim, novo sentido.

Dentro dessa compreensão, o conceito de dispositivo diferencia-se do de suporte. O suporte está relacionado à materialidade na qual o conteúdo é exposto, enquanto o dispositivo supera essa noção meramente concreta, sendo entendido como uma matriz que impõe suas formas ao texto, preparando seu sentido.

Dessa forma, dizer das especificidades que a ambiência da internet apresenta não é apenas dizer de seus limites e possibilidades concretos, materiais. É, acima de tudo, dizer de dispositivos próprios que trazem novas expectativas e sentidos para seu uso.

Para Manuel Castells (2005), entender as tecnologias de comunicação atuais, com destaque à internet, pressupõe a compreensão da sociedade contemporânea na qual emergiram, chamada por ele de sociedade em rede:

A sociedade em rede, em termos simples, é uma estrutura social baseada em redes operadas por tecnologias de comunicação e informação fundamentadas na microelectrônica e em redes digitais de computadores que geram, processam e distribuem informação a partir de conhecimento acumulado nos nós dessas redes (CASTELLS, 2005, p. 20).

As redes são estruturas abertas que evoluem acrescentando ou removendo nós – pessoas, grupos, instituições –, de forma a melhorar sua *performance* e atingir seus objetivos. Ela é, assim, dinâmica, flexível, adaptável às circunstâncias que a ela são colocadas. Castells (2003) reconhece que a formação de redes enquanto modelo de relação social é uma prática humana antiga, mas que ganhou força com o surgimento da internet, tornando-o um formato de comunicação cada vez mais presente.

Dessa forma, a sociedade em rede faz referência à desconstrução de um modelo unidirecional e linear de comunicação, na qual os sujeitos poderiam ser didaticamente divididos em produtores e receptores, abrindo espaço para um modelo reticular. Nesse novo sistema, receptores podem, também, ser produtores, dando novos contornos à difusão da informação. Tendo como foco as possibilidades técnicas das chamadas novas tecnologias, André Lemos (2004) reafirma tal mudança de paradigmas comunicacionais. O autor afirma:

Esta revolução digital implica, progressivamente, a passagem dos *mass media* (cujos símbolos são a TV, o rádio, a imprensa e o cinema) para formas individualizadas de produção, difusão e estoque de informação. Aqui a circulação de informação não obedece a hierarquia da árvore (um-todos), e sim à multiplicidade do rizoma (todos-todos) (LEMOS, 2004, p. 68).

Na ponderação de Viana (2010), o tipo de comunicação existente no primeiro modelo não constitui comunidades, e sim se dirige a elas. Essa constituição de comunidades é, por sua vez, o cerne do segundo modelo, uma vez que sua estrutura possibilita a circulação de mensagens de forma descentralizada.

Segundo Castells (2005), essa nova configuração é marcada por três tendências:

1. Os grandes conglomerados de mídia, que organizam boa parte da comunicação de massa, são simultaneamente globais e locais, genéricos e especializados, dependendo de mercados e de produtos a que atendem;
2. O sistema de comunicação está cada vez mais digitalizado e gradualmente mais interativo, num processo multidirecional e descentralizado que busca atender audiências cada vez mais segmentadas;
3. Há uma explosão de redes horizontais de comunicação (independentes das mídias de massa e dos governos), chamada pelo autor de comunicação de massa autocomandada – é comunicação de massas porque é difundida em toda a internet, podendo potencialmente chegar a todo o planeta; e é autocomandada porque geralmente é iniciada por indivíduos ou grupos, por eles próprios, sem a mediação do sistema de mídia.

Percebe-se nessas tendências que, apesar da descentralização da comunicação, as grandes empresas de mídia mantêm-se presente como ator importante, buscando adaptar-se diante dos novos contextos culturais.

Marques (2006), ao analisar as possibilidades da internet como uma esfera pública política⁷⁹, reconhece que sua atuação como “espaço deliberativo (no sentido decisório conferido às casas legislativas) de grandes questões nacionais ou como espaço de massiva visibilidade pública seria mais difícil de ser realizada em sua plenitude” (MARQUES, 2006, p. 170). Nesse sentido, seu valor recai sobre a ampliação e potencialização dos espaços de troca de conhecimentos e conteúdos, do estabelecimento de diálogos, no que ele chama de conversação civil, cuja utilidade mais efetiva está na formação de opinião, e não na tomada de decisões.

Marques (2006) explica que a internet é julgada por alguns acadêmicos como uma arena argumentativa pouco séria, em que predomina o caos e a experimentação adolescente. Além disso, considerando o distanciamento físico, há menos garantias do cumprimento de regras mínimas de civilidade, com vias à construção de um debate frutífero. O autor assim complementa essa ideia:

Não que os debates face a face sejam todos bem comportados, mas a tendência em se transgredir as regras de reciprocidade, por exemplo, é mais remota numa interação pessoal. Se o anonimato permite a expressão política de indivíduos tímidos ou que não podem se manifestar por pressões outras (de seus familiares ou dos chefes no trabalho), por outro lado, condiciona os entes do discurso a se tornarem, tendencialmente, menos confiáveis uns aos outros, ou menos confiáveis do que seriam se conversassem face a face: as linhas de um diálogo em bate-papo não permitem que se apreenda a entonação da voz, a reação de quem interage quando dado posicionamento é exposto. Além disso, a natureza escrita, e não falada (na maioria das vezes), destes debates pode limitar a capacidade argumentativa, pois não se escreve tão rápido quanto se fala; ou nem todos têm disposição integral em escrever um argumento por completo quando conversa na internet. São duas questões técnicas, é verdade, e que tendem a ser dissipadas dentro

⁷⁹ Marques (2006) considera, nesse texto, as instituições políticas formais, como os três poderes em níveis municipais, estaduais e federal.

de alguns anos, mas ainda geram ressalvas para a qualidade do debate (MARQUES, 2006, p. 172).

De fato, em consonância com a citação, pude observar entre os comentários de leitores, alguns que questionavam o uso de apelidos:

fabio siqueira ferreira: *A expressão é livre e a assinatura obrigatória.* Por isso não dá pra aguentar tantos comentários assinados por apelidos. Transmite a impressão de covardia. Tem medo de quê?⁸⁰

Assim, sem a presença física – na qual, como dito por Marques (2006), podemos observar entonação de voz e a reação –, o nome se torna um elemento de credibilidade ainda mais importante. Vale pontuar que, em alguns casos, os apelidos servem não apenas para ocultar os sujeitos por meio do anonimato, mas também demonstram um posicionamento, caso de J. C. (Jesus Cristo⁸¹), BRASIL COM DILMA e Patriota Brasileiro, por exemplo. Nesses casos, o apelido oferece elementos para que se crie uma expectativa daquele leitor-comentarista, ainda que as “desvantagens” do anonimato não se anulem.

Cabe lembrar que, como os sites analisados permitem a inserção de qualquer alcunha escolhida pelo usuário, é possível que algum nome de leitor-comentarista seja fictício. Assim, o uso de apelidos apenas evidencia o interesse do comentarista em não utilizar o seu nome.

Para além disso, o anonimato é um atributo que perpassa o ambiente da rede não apenas devido a uma incerteza quanto à identificação nominal. Ainda que o anonimato seja relativo⁸², é fato que ele gera a sensação de proteção. Mesmo que utilizando seu nome real, o fato de estar se comunicando com pessoas com as quais possivelmente não se relaciona para além daquele tempo-espaço específico, sem a exposição de imagem e outros elementos de identificação (onde mora, profissão, estado civil, idade, etc) alimenta essa segurança.

⁸⁰ Comentários da reportagem do site da Folha de São Paulo intitulada “Equipes trocam acusações em caso de homofobia no vôlei”, de autoria da editoria do site, de 6 de abril de 2011. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/esporte/899157-equipes-trocaram-acusacoes-em-caso-de-homofobia-no-volei.shtml>>. Acesso em: 15 de janeiro de 2012. (Gifos do autor).

⁸¹ Ainda que o J. C. não remeta necessariamente a Jesus Cristo, o posicionamento do leitor-comentarista traz indícios disso. Um desses indícios é o seguinte comentário: “Nem sempre, quem cala consente. Jesus também se calou em certos momentos em que tentavam constrangê-lo.”(Extraído da reportagem do site da Folha de São Paulo intitulada “Vi um ginásio inteiro gritando ‘bicha’, diz Michael”, de autoria de Mariana Bastos, de 6 de abril de 2011. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/esporte/898787-vi-um-ginasio-inteiro-gritando-bicha-diz-michael.shtml>>. Acesso em: 15 de janeiro de 2012.)

⁸² A privacidade na internet pode ser rompida pelo uso de certas tecnologias capazes de identificar a origem de mensagens ou dados enviados pela rede.

A construção desse espaço paralelo, à parte do cotidiano, permite que os usuários criem uma identidade que nem sempre corresponde à sua personalidade real e que, no que mais nos concerne nesta pesquisa, não será objeto de constrangimento em outras instâncias de sua vida, além da discussão no fórum em si.

Assim, ainda que não seja possível afirmar que a privacidade foi determinante para certos leitores-comentaristas publicarem suas mensagens, concordo com Marques (2006) quando ele afirma que a *tendência* à transgressão de regras de civilidade é maior. Nesse sentido, o grande número de comentários que foram excluídos, possivelmente por seu teor agressivo ou preconceituoso, pode ser apontado como uma possível manifestação dessa disposição⁸³. Outros comentários que passam no crivo dos filtros e moderadores, ainda que não aparentem agressivos, são notadamente desqualificantes contra os homossexuais, como no caso abaixo:

Ricardo zaron: Prefiro meu filho vendo a torcida do que o mal exemplo do jogador.⁸⁴

Diferentemente de uma série de outros comentários, Ricardo não disfarça sua opinião acerca dos homossexuais, acreditando que eles são um mau exemplo para a sociedade, em especial para seus filhos. Essa visão é claramente preconceituosa e o leitor-comentarista, possivelmente, é ciente disso, o que não o constrangeu a expô-la de forma tão direta. Diferentemente de uma discussão face a face, o leitor-comentarista não terá a oportunidade de perceber boa parte das reações ao comentário, seja de tristeza, raiva ou revolta. Mesmo que as pessoas registrem em outros comentários essas sensações, as palavras não causam o mesmo efeito que o conjunto de reações espontâneas que uma pessoa pode demonstrar ao vivo. Além disso, ainda que haja grande repercussão diante de seu comentário – o que não ocorreu⁸⁵ –, ele possivelmente não voltou a ler o fórum – ou, ao menos, pode optar por não fazê-lo –, evitando o desprazer de receber críticas à sua opinião. Assim, no ambiente virtual, o leitor-comentarista que tenha seu argumento rechaçado não precisa lidar publicamente com os desdobramentos de sua opinião, sejam eles a simples embaraço causado por um argumento infeliz, ou

⁸³ Vale pontuar que é possível, também, que um leitor-comentarista apenas sinta-se à vontade para defender uma posição a favor dos homossexuais por estar sob a proteção do anonimato.

⁸⁴ Comentário da reportagem do site da Folha de São Paulo intitulada “Vi um ginásio inteiro gritando ‘bicha’, diz Michael”, de autoria de Mariana Bastos, de 6 de abril de 2011. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/esporte/898787-vi-um-ginasio-inteiro-gritando-bicha-diz-michael.shtml>>. Acesso em: 15 de janeiro de 2012.

⁸⁵ Apenas uma leitora-comentarista criticou a posição de Ricardo.

consequências como a perda de um emprego ou o julgamento de pessoas próximas devido a um posicionamento socialmente reprovável⁸⁶.

Contra o ponto de vista cético de que o que predomina na rede é o desrespeito e a desordem, possibilitando manifestações de preconceito socialmente condenáveis, há também os entusiastas da rede, que a defendem como espaço público por excelência. Nele, vozes marginalizadas e silenciadas têm espaço de expressão, e usuários geograficamente distantes podem encontrar-se, trocar informações e conteúdos. Nesse sentido, ela poderia ser utilizada como meio de reduzir diversos déficits democráticos, especialmente os relacionados à apatia dos indivíduos, além de estreitar a relação entre políticos e cidadãos (SAMPAIO, 2010).

Marques (2006) e Sampaio (2010) propõem, contudo, uma terceira perspectiva, na qual se entende que as novas tecnologias em si não promovem alterações na democracia. Para Marques (2006), as novas ferramentas de comunicação modificam apenas alguns aspectos de campos sociais tradicionalmente estabelecidos, complementando-os como outra possibilidade de espaço de debates de naturezas diversas, alguns sérios, outros não. Assim, podem contribuir tanto para avançar, quanto para retrogradar a democracia. Em ambos os movimentos, contudo, isso se faz pela constituição de novos espaços de diálogos com características não observáveis em outros espaços de debates – desterritorialização, especialização, fragmentação, dinamismo, etc.

Assim, ainda que eu não esteja tratando neste trabalho de estruturas políticas formais, como fazem os autores previamente citados, tais reflexões são úteis para problematizar o valor dos debates realizados no ambiente da rede, que, ainda que cacofônicos e desordenados, podem promover entendimentos e discussões socialmente relevantes.

Castells (2005) enfatiza em seus textos que a sociedade em rede não é um produto do desenvolvimento tecnológico. De forma inversa, ele defende que é a sociedade que dá forma à tecnologia, de acordo com as necessidades, valores e interesses das pessoas que as utilizam. Os avanços científicos não são vistos, assim, como a causa dessa nova configuração, mas sim um elemento que possibilitou que tal conjuntura se constituísse tal como está. Eles se colocam, então, como pré-requisitos para a sociedade em rede, que somente chegou a se constituir pela comunhão de determinados contingentes sociais, políticos, econômicos e culturais. A tecnologia, assim, não age

⁸⁶ Exemplo extremo disso são comunidades virtuais de neo-nazistas, criadas, muitas vezes por sujeitos que não expõe tal posicionamento em seu cotidiano.

sobre a sociedade, mas é por ela moldada, a partir dos usos sociais que lhe são dados. Como propõe o autor, a tecnologia serve mais como uma ferramenta de performance do que como um fator determinante.

De forma semelhante, Pierre Levy (1999) entende que a tecnologia não deve ser analisada como elemento dissociado da cultura:

Seria a tecnologia um ator autônomo, separado da sociedade e da cultura, que seriam apenas entidades passivas percutidas por um agente exterior? Defendo, ao contrário, que a técnica é um ângulo de análise dos sistemas sócio-técnicos globais, um ponto de vista que enfatiza a parte material e artificial dos fenômenos humanos, e não uma entidade real, que existiria independentemente do resto, que teria efeitos distintos e agiria por vontade própria. As atividades humanas abrangem, de maneira indissolúvel, interações entre: pessoas vivas e pensantes, entidades materiais, naturais e artificiais, ideias e representações (LEVY, 1999, p. 22).

O autor nega a compreensão da técnica como elemento estranho aos valores humanos, desprovida de significação. As atividades humanas são, então, vistas como produto que abrange interações entre pessoas, materiais e ideias, de forma indissociável. Assim, negando qualquer possibilidade de independência entre esses grupos, Lévy (1999, p. 22) afirma que “a distinção traçada entre cultura (a dinâmica das representações), sociedade (as pessoas, seus laços, suas trocas, suas relações de força) e técnica (artefatos eficazes) só pode ser conceitual”.

André Lemos (2004) ressalta que, para a compreensão da cultura contemporânea, é fundamental refletir sobre a presença da técnica – entendida como uma forma particular de resolver conflitos entre o ser humano e o mundo – dentro dessa tríade, analisando seus deslocamentos e transformações ao longo da história. Transformações essas que, ao materializarem-se como produto das demandas e interesses da sociedade (CASTELLS, 2005), revelam, também, seus projetos, nem sempre únicos ou coerentes (LÉVY, 1999).

Tanto Castells (2005) quanto Lévy (1999) criticam visões maniqueístas que analisam a tecnologia de forma apocalíptica – na qual ela é responsável pela destruição de uma comunidade harmoniosa, criando cidadãos solitários e alienados – ou endeusada

– na qual a tecnologia é capaz de libertar o homem, possibilitando experiências ilimitadas de exploração de sua curiosidade e capacidade criativa⁸⁷. Para Lévy:

Nem a salvação nem a perdição residem na técnica. Sempre ambivalentes, as técnicas projetam no mundo material nossas emoções, intenções e projetos. Os instrumentos que construímos nos dão poderes, mas, coletivamente responsáveis, a escolha está em nossas mãos (LÉVY, 1999, p. 16-17).

Assim, devemos estar atentos aos usos das tecnologias, que, em si, não são nem boas nem más. Ciente disso, é que me propus a observar a apropriação feita pelos sujeitos – jornalistas e leitores-comentaristas – das dimensões técnicas que abarcam o espaço da rede analisado neste trabalho.

Ao analisar o desenvolvimento de técnicas ao longo da história, Lemos (2004) identifica como certos projetos presentes na sociedade atual já eram percebidos em tempos passados. Ele aponta que artefatos eletroeletrônicos criados no século XIX (telégrafo, rádio, telefone, cinema) já demonstram o desejo do homem de agir à distância. De forma semelhante, Castells (2005) refuta a ideia de que estamos em uma “sociedade da informação”, uma vez que a informação e a comunicação sempre foram centrais na história humana. Assim, em ambos os casos, o que as contingências e tecnologias atuais provocam é fazer com que essas categorias operem com especial velocidade e dinamismo, num modelo mais autônomo e descentralizado, no qual as redes são ampliadas e multiplicadas. Novamente, o que se percebe é um ganho de performance.

Para Levy (1999), as novas tecnologias geram também um novo ambiente de trânsito de informações. A comunicação não precisa mais se situar no tempo e no espaço, ganhando fluidez. É esse espaço de comunicação aberta, criado a partir da interconexão de computadores – e seus demais sucessores tecnológicos –, que coloca em sinergia dispositivos de criação de informação, de gravação, comunicação e simulação, que o conceito de ciberespaço busca contemplar (LEVY, 1999). Assim, mesmo que outros dispositivos possam, também, prestar serviço semelhante, é notável que as novas tecnologias exploram com maior vigor essas possibilidades. Essa dimensão foi abordada por uma leitora-comentarista:

⁸⁷ Ainda que focando em aspectos diferentes, é uma crítica semelhante à empreendida por Marques (2006) e por Sampaio (2010), em relação à visão da rede enquanto um espaço de expressão e discussão públicos.

Alcioni Possamai: [...] Desde que a internet existe, uma das coisas que mais eu gosto de fazer é ler comentários dos leitores sobre matérias diversas. Me inspiro! É incrível como todo fato tem vários pontos de vista. Não existe a verdade. O que é pra você, não é para mim. [...] ⁸⁸

A leitora-comentarista afirma que o gosto por ler comentários se iniciou com o surgimento do internet. A possibilidade de enviar comentários sobre as matérias existe, contudo, já há algum tempo na mídia impressa. De forma semelhante, rádio e televisão com frequência propõem formas de participação do público. Contudo, os novos formatos que a internet apresenta, não raramente, passam a impressão de oferecer algo completamente novo. Nesse caso, provavelmente, tem-se essa impressão devido aos sensíveis avanços em velocidade e dimensão das possibilidades de interação oferecidas pela internet. Em especial, há pouca ou nenhuma restrição com relação ao número de pessoas que podem manifestar-se na internet, diferentemente dos outros meios, que apresentam uma limitação de tempo ou espaço. Além disso, no caso da mídia impressa, os comentários são expostos na edição posterior a da matéria à qual ele se refere, perdendo em dinamicidade. O que se defende, assim, é que as “novidades” oferecidas pela internet possuem raízes em ferramentas anteriores.

Reiterando que a técnica e a sociedade se relacionam de forma indissociável, Levy (1999) afirma que, especialmente a partir da possibilidade de interconexão virtual, multiplicando formas de sociabilidade e comunicação, a sociedade desenvolveu um conjunto de técnicas (materiais, mas também intelectuais), práticas, atitudes, modos de pensamento e valores. É essa vivência do ciberespaço, constituindo modos de comportamento, de organização social e de participação que o autor chama de cibercultura. Dizer da existência de uma cibercultura não é apontar para culturas específicas e paralelas, no ambiente on-line e off-line. É assumir que novas configurações estão sendo formadas e que as novas possibilidades de existência virtual vêm se articulando com tradicionais formas de relação e comunicação.

Se a relação é um ponto importante quando tratamos da cibercultura, é fundamental refletir, também, acerca das comunidades virtuais. Isso porque, segundo Castells (2003), enquanto a cultura hacker foi responsável pela constituição dos

⁸⁸ Comentário da reportagem do site da Folha de São Paulo intitulada “Vi um ginásio inteiro gritando ‘bicha’, diz Michael”, de autoria de Mariana Bastos, de 6 de abril de 2011. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/esporte/898787-vi-um-ginasio-inteiro-gritando-bicha-diz-michael.shtml>>. Acesso em: 15 de janeiro de 2012.

fundamentos tecnológicos da internet, os usos sociais, hábitos e padrões emergem, por sua vez, da prática de comunidades virtuais. Para Levy (1999),

[...] uma comunidade virtual é construída sobre as afinidades de interesses, de conhecimentos, sobre projetos mútuos, em um processo de cooperação ou de troca, tudo isso independente das proximidades geográficas e das filiações institucionais (LÉVY, 1999, p. 127).

Viana (2010) aponta, ainda, que os interesses que geram a constituição dessas comunidades podem ser de ordens diversas: lúdica, econômica, intelectual, etc. Castells (2003) aponta que uma série de pesquisas demonstrou que o perfil dessas comunidades é bastante diversificado, não apresentando um sistema integralmente coerente de valores e regras. Dentro dessas diferenças, o autor identifica duas características fundamentais comuns: a comunicação livre e a formação autônoma de redes. A primeira relaciona-se com a horizontalidade e liberdade da comunicação nas comunidades virtuais. Já a segunda aponta para a “possibilidade dada a qualquer pessoa de encontrar sua própria destinação na Net, e, não a encontrando, de criar e divulgar sua própria informação, induzindo assim, a formação de uma rede” (CASTELLS, 2003, p. 49).

É fundamental pontuar que não caracterizo os fóruns de comentários das reportagens, utilizados para análise nesta pesquisa, enquanto uma comunidade virtual, fundamentalmente porque, uma vez mediado por uma empresa de comunicação, não é um espaço de autonomia e autogestão. Além disso, o simples fato de algumas pessoas comentarem uma mesma reportagem, em si, não determina que possuam interesses comuns a ponto de estabelecerem relações a fim de formarem uma comunidade. Apesar disso, acredito que os padrões de comportamento das comunidades virtuais, ligados à publicação autônoma, auto-organização, autopublicação e formação autônoma de redes, influenciam, direta ou indiretamente, o comportamento nos demais ambientes virtuais e se difundem a partir dela para todo o domínio social (CASTELLS, 2003). É possível citar inúmeros exemplos do transbordamento da lógica das comunidades virtuais para ambientes acessíveis a usuários “comuns” da rede⁸⁹: inclusão pelas mídias tradicionais de ferramentas para comentários e botões que conectam um conteúdo acessado às mídias sociais – Twitter, Facebook, etc.; sites de compras coletivas⁹⁰,

⁸⁹ Estou chamando de usuários “comuns” da rede pessoas não ligadas a comunidades virtuais, mas que fazem uso regular da internet com objetivos diversos (e-mail, compras, acesso a banco, acesso a informação, etc).

⁹⁰ Os sites de compras coletivas oferecem produtos e serviços com grandes descontos, proporcionando como contrapartida ao vendedor um número grande de compradores num curto espaço de tempo.

organização de financiamentos coletivos⁹¹; compartilhamento de conteúdos – músicas, vídeos, livros, etc.; entre outros.

Nesse sentido, percebo que a participação dos leitores-comentaristas possui características em consonância com tais padrões de uso constituídos. Para fins analíticos, os comentários podem ser divididos em duas categorias:

- a) Comentários que tratam diretamente da reportagem, opinando acerca do que foi tratado em seu texto, não dialogando com os demais leitores-comentaristas;
- b) Comentários entre leitores-comentaristas que, fazendo referência ou não ao texto, estabelecem diálogos com os outros usuários.

A partir da segunda categoria, nota-se, então, que, apesar da reportagem ser o fator que desencadeia a discussão e que, de alguma forma, unifica aquele conjunto de textos, ela pode, em alguns momentos, ser superada, abrindo espaço para diálogos paralelos. Nessa possibilidade, a lógica de rede é claramente percebida.

É necessário esclarecer que isso não ocorre a todo tempo. Em uma série de matérias, é possível encontrar comentários bastante semelhantes e que não fazem menção ao anterior, passando a impressão de que o leitor-comentarista apenas leu a reportagem e registrou suas ponderações, sem, contudo, ler os comentários já publicados. Por outro lado, também é perceptível a continuidade de linhas de raciocínio diversas ao longo dos comentários, por vezes até mesmo com textos de resposta direcionados a outro leitor-comentarista, como exemplificado abaixo:

Osmando: Francisco Assis!! Deixe de ser otário!! Não tente se comparar ao analfabeto Lula! Seja mais você mesmo!! “Aszelite Belorizontina” só existem na imaginação de um fraco!! Lula é um deles!! Não tente ser o outro!⁹²

⁹¹ Os financiamentos coletivos – do inglês *crowdfunding* – são a obtenção de capital para ações de interesse coletivo. Essa estratégia já há algum tempo é utilizada com fins filantrópicos, tendo como exemplos iniciativas como o LiveAid, o Criança Esperança ou o Teleton. O advento da internet possibilitou a ampliação e a constituição de novos usos ao financiamento coletivo, como possibilitar a produção de um álbum ou a realização de uma turnê de uma banda, a exibição ou a produção de um filme, financiar campanhas políticas, etc.

⁹² Comentário da reportagem do site do Estado de Minas intitulada “Vôlei Futuro vence o Cruzeiro em casa e força o terceiro jogo, em Contagem”, de autoria de Patrick Vaz, de 9 de abril de 2011. Disponível em: <http://www.rj.superesportes.com.br/app/1,15/2011/04/09/noticia_volei,181416/volei-futuro-derrota-cruzeiro-em-casa-e-forca-terceiro-jogo.shtml>. Acesso em: 15 de janeiro de 2012.

Nesse exemplo, percebe-se outro aspecto interessante. A utilização de referências externas à temática discutida. No caso, Osmando demonstra seu posicionamento político contrário ao ex-presidente Lula, diante da seguinte afirmação de Francisco Assis:

JosÃ© (sic) Francisco Assis: Um jogo fácil para o SADA-Cruzeiro acabou ficando difícil em função do preconceito latente da ELITE BELORIZONTINA da zona sul, aquela mesma que foi mal-educada com Presidente Lula recentemente. Agora, pelo menos, comportem-se. Larguem o seu preconceito em casa⁹³.

Assim, o leitor-comentarista propõe uma comparação entre as manifestações da torcida cruzeirense contra Michael e de militantes políticos contra o ex-presidente⁹⁴. Não me propondo a responder se há ou não pertinência na comparação, considero relevante para esta pesquisa apontar que essa atitude demonstra que os leitores-comentaristas opinam não apenas a partir das informações contidas na reportagem. Os posicionamentos apresentados são constituídos a partir da informação apresentada pelo jornalista, mas também pelo conjunto de dados que cada um possui previamente. Assim, JosÃ© Francisco Assis expõe seu entendimento de que as manifestações da torcida são a expressão de uma elite local mal educada, característica que se expressa não só em eventos esportivos. Esse pensamento é então publicado como forma de divulgar ou até defender seu ponto de vista.

Esse acréscimo de dados ao texto permite a ampliação do repertório de informações disponibilizada naquele ambiente para a compreensão do assunto tratado, situação que não ocorre nas mídias tradicionais como imprensa, rádio ou televisão, na qual o público interpreta individualmente a notícia, apenas com seus próprios conhecimentos⁹⁵.

Nessa perspectiva, alguns leitores-comentaristas parecem fazer uso da inclusão de dados, também como forma de se legitimarem enquanto conhecedores do assunto discutido, como no exemplo:

⁹³ Comentário da reportagem do site do Estado de Minas intitulada “Vôlei Futuro vence o Cruzeiro em casa e força o terceiro jogo, em Contagem”, de autoria de Patrick Vaz, de 9 de abril de 2011. Disponível em: <http://www.rj.superesportes.com.br/app/1,15/2011/04/09/noticia_volei_181416/volei-futuro-derrota-cruzeiro-em-casa-e-forca-terceiro-jogo.shtml>. Acesso em: 15 de janeiro de 2012.

⁹⁴ É relevante apontar que o Cruzeiro é um clube que, no imaginário popular, está associado às elites da cidade de Belo Horizonte.

⁹⁵ Obviamente, é possível que as notícias possam ser comentadas com outras pessoas provocando, talvez, o mesmo efeito final. Contudo, não se pode ignorar que, na internet, há a potencialização desse processo a partir de uma plataforma de interconexões.

Rodrigo Santos: Consulte o site da OMS. Não há doença ou distúrbio, bróder. Se quer afirmar com base em ciência, seja científico: pesquise. Normal demais amar um ser adulto que corresponde. Homossexualidade não degenera e nem impede o indivíduo de ter uma vida normal. Acho válido informar que no restante do reino animal (grupo de seres vivos a que pertencemos) existem outras espécies com indivíduos homossexuais, confira. Ciência é isso. Bons estudos e fique inteligente.⁹⁶

Na citação, o autor do comentário responde a um leitor-comentarista que afirma que a homossexualidade seria uma doença. De forma a legitimar sua resposta, Rodrigo Santos faz referência à principal instituição responsável por determinar o que é ou não uma doença (Organização Mundial de Saúde - OMS) e, em tom didático, informa que essa orientação sexual é, também, encontrada em outras espécies. O autor ainda provoca seu interlocutor: “Se quer afirmar com base em ciência, seja científico: pesquise”; “Bons estudos e fique inteligente”. Rodrigo parece, assim, ter o intuito não só de expor sua opinião, mas também de colocar-se enquanto uma autoridade dentro do conjunto de leitores-comentaristas. Essa afirmação de autoridade, de conhecimento, dá-lhe credibilidade para desqualificar a fala ofensiva de seu interlocutor.

Seja pelo conhecimento acerca dos assuntos discutidos, pela frequência nos ambientes de interação ou pelo nível de competência na constituição de laços com outros membros, os papéis exercidos pelos nós que compõem as redes são diferentes. O próprio veículo de comunicação, representado pelo texto do jornalista, constitui-se enquanto um nó que detém maior poder dentro daquele grupo, mas, mesmo assim, não possui uma centralidade capaz de desfazer a organização reticular.

Por vezes, o texto é até mesmo ignorado e o fórum de comentários é utilizado como um espaço de encontro entre pessoas com um interesse comum, assemelhando-se a uma comunidade virtual. Nesse sentido, alguns leitores-comentaristas utilizaram aquele ambiente para estabelecer uma comunicação coletiva com aquele determinado grupo, como percebido nos casos:

⁹⁶ Comentário da reportagem do site da Folha de São Paulo intitulada “Equipes trocam acusações em caso de homofobia no vôlei”, de autoria da editoria do site, de 6 de abril de 2011. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/esporte/899157-equipes-trocaram-acusacoes-em-caso-de-homofobia-no-volei.shtml>>. Acesso em: 15 de janeiro de 2012.

Vander Lopes: Alô torcida, nosso foco deve ser a arbitragem.

Fernando Teixeira: Vamos lá cruzeiro, vamos calar a imprensa Paulista, ex-jogadores (Maurício), o timinho do Vôlei Futuro. Vamos acabar com eles..... zeeeeeeeeiiiiiiiiiro.⁹⁷

A demanda pela discussão de interesses comuns parece ser percebida pelo site do Estado de São Paulo. Como dito anteriormente, nas reportagens do veículo, a forma predominante de inserção de comentários foi por meio de um fórum que reunia mensagens de uma série de matérias sob a temática da homofobia. O fórum reunia 732 comentários sobre um conjunto de reportagens. Devido à extensão desse material, ele não foi incluído na análise. Por meio de uma leitura superficial⁹⁸, contudo, notou-se que as reportagens tratavam da homofobia a partir de casos não necessariamente similares. Isso demonstra a intenção do site de que sujeitos que, diante de interesses distintos, costumam acessar diferentes editoriais do jornal, mas que têm em comum o interesse por opinar sobre a questão da homofobia, encontrem um espaço de diálogo⁹⁹. Além disso, é possível que o site tenha, também, o objetivo comercial de atrair os leitores de um texto para algum dos demais.

⁹⁷ Ambos comentários da reportagem do site do Estado de Minas intitulada “Venda de ingressos para Cruzeiro x Vôlei Futuro começa nesta terça-feira”, de autoria da editoria do Superesportes, de 9 de abril de 2011. Disponível em: <http://www.superesportes.com.br/app/1,15/2011/04/11/noticia_volei_181594/>. Acesso em: 15 de janeiro de 2012.

⁹⁸ Com o objetivo de averiguar quais reportagens estavam reunidas nesse fórum, fez-se uma leitura superficial das primeiras 199 páginas de comentários acessados no dia 13 de janeiro de 2012. Nelas, havia comentários das seguintes reportagens “Projeto que criminaliza a homofobia é adiado de novo, mas diálogo avança”, “Av. Paulista tem nova agressão a gays: centro concentra ataques homofóbicos”, “Grupo agride 2 homens na Paulista”, “Prefeitura do Rio lança conjunto de ações contra homofobia na cidade”, “Para Sada Cruzeiro, Vôlei futuro tenta ganhar jogo no “tapetão” com caso Michael”, “Jogo em Contagem revolta Vôlei Futuro”, “STJD multa Cruzeiro em R\$50 mil por ato de homofobia contra Michael”, “Advogada do Vôlei Futuro vê falta de rigor em pena posta ao Cruzeiro”, “Número de assassinatos de gays sobe 31% no Brasil, afirma entidade”, “Vôlei Futuro pinta ginásio de rosa em homenagem a Michael; veja as fotos”, “Assessor do governo de Minas pede desculpas a Michael por caso de homofobia”, “Vôlei: jogador acusa rivais de homofobia e gera polêmica na Superliga”, “Sada/Cruzeiro minimiza homofobia contra Michael e ataca o Vôlei Futuro”, “Hackers postam notícias homofóbicas no site da ABGLT”, “Militante GLBT é agredido na Rua Augusta, em São Paulo”, “Estudante de medicina é expulso após e-mail homofóbico”, “Grupo organiza marcha contra homofobia na Av. Paulista neste sábado”, “Bombeiro confessa ter espancado homossexual na Praia Grande”, “MIP pede internação definitiva de jovens acusados de agressão na Av. Paulista”, “Justiça decide soltar 3 dos quatro menores agressoras da Paulista”, “Grupo organiza beijação contra homofobia em confeitaria de SP”, “Último menor acusado de agressão na Avenida Paulista se entrega”, “Terceiro menor agressor da Avenida Paulista se entrega”, “Agressor da Avenida Paulista é encaminhado à Fundação Casa”, “Internado segundo menor acusado de agressão na Av. Paulista”, “Acusados de agredir jovens na Av. Paulista serão internados”, “Sargento que atirou em jovem na Parada Gay será indiciado por homicídio” e “Vigia que presenciou crime diz que agressão foi motivada por homofobia”.

Essas reportagens foram publicadas ao longo do intervalo de novembro de 2010 a dezembro de 2011, o que indica que esse fórum foi criado em um determinado momento e, ao longo do tempo, as reportagens consideradas afins àquela temática tiveram seus comentários direcionados a ele, aumentando o seu número de mensagens.

⁹⁹ Como esse fórum não fez parte do corpus de análise, não pude verificar se, de fato, esse diálogo ocorre.

Por fim, diante do rompimento do padrão unidirecional de comunicação, no qual grandes conglomerados são os responsáveis pela constituição e circulação da notícia, o consumidor torna-se também um produtor em potencial. Passamos a ser autorizados a nos expressar em escalas inimagináveis. Diante disso, o próximo item visa analisar os parâmetros legais que balizam a manifestação de opiniões, além da discussão de tais expressões enquanto um fenômeno social.

2.4 Entre a censura e a liberdade de expressão

Alguns argumentos destacam-se em meio aos diversos pontos levantados nos comentários das reportagens analisadas neste trabalho. Esse destaque ocorre pela grande frequência com que aparecem em todos os veículos, ainda que sob diferentes nuances. É o caso do questionamento sobre a liberdade de expressão, que, pela visão de uma série de comentários, deveria garantir toda e qualquer opinião, independente da natureza, preconceituosa ou não de seu conteúdo. O leitor-comentarista abaixo representa essa visão:

Igor Rodrigo: Viva a liberdade de expressão. Eu sinceramente não sei onde os gays estão querendo chegar!! Querem colocar rolnha na boca de tudo mundo? Quer ser gay, que seja!!!! Mas assumam as consequências!!!!¹⁰⁰

Cabe apontar que, no material analisado, há dois movimentos que demandam a liberdade de expressão. Tais movimentos, ainda que relacionados, são diferentes. O primeiro é formado por falas que questionam as críticas e, sobretudo, a punição aplicada à equipe do Sada Cruzeiro devido à manifestação da torcida. Um segundo movimento questiona a censura – como nomeado pelos leitores-comentaristas – sobre os textos publicados no próprio fórum de comentários do site em que escrevem. Assim, no segundo caso, além de considerar os princípios éticos e morais que devem nortear o comportamento humano, devo refletir, também, sobre as especificidades que a internet provoca enquanto ambiente de registro e exposição pública de discursos.

Num primeiro momento desta subseção, desenvolvo algumas reflexões acerca da liberdade de expressão e da censura, embasada, primordialmente, pelos apontamentos de Wilson Gomes (2001). Em seguida, tratarei das questões específicas que o ambiente

¹⁰⁰ Comentários da reportagem do site da Folha de São Paulo intitulada “Equipes trocam acusações em caso de homofobia no vôlei”, de autoria da editoria do site, de 6 de abril de 2011. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/esporte/899157-equipes-trocaram-acusacoes-em-caso-de-homofobia-no-volei.shtml>>. Acesso em: 15 de janeiro de 2012.

virtual suscita. Esclareço que as análises acerca do questionamento dos direitos de manifestação da torcida serão abordadas no capítulo 3. Isso porque, apesar desse assunto vincular-se à relação entre controle e liberdade de expressão, o teor dos comentários encontrados demonstrou que a especificidade desse contexto diz respeito à construção social do espaço esportivo, tema central do capítulo em questão.

2.4.1 Os direitos de se expressar

É importante ponderar que, quando tratamos da possibilidade de limitar a liberdade de expressão – ou liberdade de imprensa ou de opinião –, estamos tratando não apenas da segurança contra discursos indesejáveis, mas abarcando também:

desde as formas de expressão de posições ideológicas tidas como desumanas, anti-sociais, lesivas da honra e da dignidade de grupos, instigadoras do ódio racial ou de classe, extremistas ou fundamentalistas até materiais considerados ofensivos à moral de determinados grupos ou subculturas, como os materiais relacionados à pedofilia, particularmente na Itália, ou relativos ao aborto, nos Estados Unidos, ou ainda ao consumo de drogas e pornografia, em geral. Incluem-se, ainda, materiais relativos a atividades políticas e/ou culturais subversivas, revolucionárias ou simplesmente não desejadas por algum governo em algum país e materiais relativos a atividades terroristas (GOMES, 2001, p. 6)¹⁰¹.

Essa se mostra, assim, uma discussão que interessa a inúmeros grupos, sob posições diversas. No episódio Michael, tratamos de (possíveis¹⁰²) manifestações de preconceito, que seriam formas de ofensa à dada orientação sexual.

Roberto Luiz Silva: É direito da pessoa comentar o que quiser! [...] ¹⁰³

¹⁰¹ Se consideramos, ainda, a especificidade da internet, cabe também a inclusão das práticas comerciais invasivas, que vão desde o spamming - envio de um ou mais e-mail(s) a alguém desconhecido, que não tenha solicitado expressamente a informação – até a manipulação e comércio de dados pessoais e os direitos autorais on-line.

¹⁰² O material mostrou que não é unânime o pensamento de que as manifestações dos torcedores foram formas de preconceito. Essa questão será abordada no Capítulo 2.

¹⁰³ Comentário da reportagem do site da Folha de São Paulo intitulada “Vi um ginásio inteiro gritando ‘bicha’, diz Michael”, de autoria de Mariana Bastos, de 6 de abril de 2011. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/esporte/898787-vi-um-ginasio-inteiro-gritando-bicha-diz-michael.shtml>>. Acesso em: 15 de janeiro de 2012.

O exemplo de comentário acima, semelhante a uma série de outros encontrados nesta pesquisa, propõe que a liberdade de expressão é inquestionável. Assim, tal direito é posto como um valor absoluto, não estando submetido a nenhuma limitação ou dependência. Nesse sentido, para Gomes (2001), o conflito central que se apresenta entre os defensores de medidas de controle a certas manifestações, e seus opositos, advogados da liberdade de opinião e expressão, se encontra no embate entre os valores morais e constitucionais da dignidade humana, da igualdade, da honra e da intimidade, frente ao princípio da liberdade de expressão. Assim, se considerarmos que as manifestações contra Michael foram atos de ofensa e humilhação, um dos dois valores terá que ser desconsiderado em função da garantia do outro.

Criticando uma visão apriorística de que a liberdade de expressão é um valor imaculado garantido por um Estado Democrático, Gomes (2001, p. 11) afirma que nem “mesmo o código de direitos mais humanista, democrático e liberal jamais afirmou que a liberdade de expressão seria um direito absoluto”. Suas restrições são, assim, dependentes de sua acomodação junto a outros direitos de igual ou maior importância. Dessa forma, o autor defende que, quando o conteúdo material da livre expressão gera prejuízo a outros indivíduos, é a própria expressão que deve ser controlada. Esse princípio entende que o bem comum e a segurança de todos deve valer mais do que a expressão livre de uma opinião singular ou coletiva. Por consequência, a liberdade de expressão possui legitimidade ética apenas quando o seu exercício não desrespeita a dignidade de outros indivíduos.

Vale afirmar que não apenas a liberdade de expressão, mas todo direito é relativo, podendo esse ser restringido ou até suprimido em determinadas circunstâncias. (CAMPOS, 2004). Isso tem se mostrado claro inclusive em posicionamentos do Superior Tribunal Federal (STF):

Na contemporaneidade, não se reconhece a presença de direitos absolutos, mesmo de estatura de direitos fundamentais previstos no art. 5º, da Constituição Federal, e em textos de Tratados e Convenções Internacionais em matéria de direitos humanos. Os critérios e métodos da razoabilidade e da proporcionalidade se afiguram fundamentais neste contexto, de modo a não permitir

que haja prevalência de determinado direito ou interesse sobre outro de igual ou maior estatura jurídico-valorativa (DISTRITO FEDERAL, 2008, p.645).¹⁰⁴

Ao enfatizar a relativização dos direitos, a Ministra do STF, Ellen Gracie, reconhece que, em determinadas situações, ocorre um choque de direitos, demandando critérios que avaliem qual deles deverá prevalecer sobre o outro. Esses critérios não visam definir qual o direito de maior valor, de forma a desconsiderar o outro, atribuindo-o primazia absoluta. Objetivar-se-á a harmonia e o equilíbrio entre ambos, ainda que, no caso de conflito, um tenha prevalência sobre o outro, atenuando-o em alguma medida (CAMPOS, 2004).

Campos (2004) aponta que não há uma hierarquia pré-determinada entre direitos, na qual um é mais importante ou fundamental que outro. A importância de cada direito se faz analisando cada caso específico. Assim, ela afirma:

Afinal, poderá em certos casos ter maior peso a honra e a vida privada e, em outros a liberdade de expressão. Como saber? Não há. Porque somente diante de um caso concreto, de uma hipótese fática e real é que se poderá dizer qual prevalecerá (CAMPOS, 2004, p. 28).

Assim, até mesmo baseando-se em documentos jurídicos, a polêmica estabelecida no episódio Michael é uma questão complexa. A presença desse choque de direitos não é, contudo, identificado por muitos leitores-comentaristas, que apenas questionam a limitação da liberdade de expressão, como é possível notar:

douglas albuquerque lima: E agora! O MP [Ministério Público] vai denunciar a torcida!?!? Mandar prender todo mundo!?!? As pessoas têm sim direito de se manifestar - erradas ou não [...].¹⁰⁵

Assim, para o leitor, punir uma manifestação – errada ou não – fere os direitos do cidadão. Esse ato restritivo foi muitas vezes nomeado pelos leitores-comentaristas como “censura”, como notado abaixo:

¹⁰⁴ Disponível em: <http://www.jusbrasil.com.br/filedown/dev4/files/JUS2/STF/IT/HC_93250_MS_1278988808080.pdf> Acesso em: 01 de dezembro de 2012.

¹⁰⁵ Comentário da reportagem do site de O Estado de São Paulo intitulada “Se ficar calado, todo mundo vai achar que é normal, diz Michael”, de autoria da editoria do site, de 9 de abril de 2011. Disponível em: <<http://radio.estadao.com.br/audios/audio.php?idGuidSelect=85E170506925492D8546CBC5492D715E>> Acesso: em 15 de janeiro de 2012.

Guilherme Navarro: Concordo com quem disse que o politicamente correto está ganhando ares de censura¹⁰⁶

É importante ponderar que, na atualidade de nosso país, esse termo traz consigo a carga do que representou o controle da informação no período ditatorial. Assim, o uso dessa palavra parece sempre remeter a um controle de conhecimentos repressor e ilegítimo. Raramente ele é, dessa maneira, usado para se referir à restrição à circulação de conteúdos imposta por empresas, anunciantes, etc. Essa ligação é tal que alguns leitores-comentaristas referem-se ao ocorrido, ainda, como “ditadura gay”, “ditadura cor-de-rosa” ou “ditadura das minorias”¹⁰⁷, como ocorre no seguinte trecho:

Fabio Siqueira Ferreira: *Colocaram uma venda ROSA na boca do torcedor. Absurdo. De agora pra frente o torcedor vai se manifestar através de LIBRAS (Linguagem brasileira de sinais) sem nenhum menosprezo às LIBRAS. Basta de ditadura de minorias. Maioria MANDA. Princípio da democracia.*¹⁰⁸

No comentário, além da palavra ditadura, traz-se a imagem da venda tapando a boca, novamente remetendo ao controle agressivo exercido no período ditatorial. Atribui-se ainda a cor rosa à venda, remetendo a uma cor tradicionalmente associada às mulheres e, “por consequência”, aos gays¹⁰⁹. Fábio Siqueira recorre ainda à democracia, definindo-a como um sistema governado pelas imposições da maioria. Se, por um lado, outros comentários compartilhem de visão semelhante, também há divergências, como no seguinte comentário:

João André Ribeiro Lepsch: Democracia é exatamente respeitar as diferenças sociais e pessoais¹¹⁰.

Nesse posicionamento, não prevalece a imposição da maioria, mas formas de negociação que considerem a totalidade. A divergência merece ser considerada. No

¹⁰⁶ Comentário da reportagem do site da Folha de São Paulo intitulada “Jogador do Vôlei Futuro revê torcida que o ofendeu”, de autoria de Mariana Bastos, de 15 de abril de 2011. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/esporte/903013-jogador-do-volei-futuro-reve-torcida-que-o-ofendeu.shtml>>. Acesso em: 15 de janeiro de 2012.

¹⁰⁷ Todos os termos foram encontrados em reportagens do site da Folha de São Paulo.

¹⁰⁸ Comentário da reportagem do site da Folha de São Paulo intitulada “Cruzeiro é multado em R\$ 50 mil em caso de homofobia no vôlei”, de autoria da editoria do site, de 13 de abril de 2011. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/esporte/902110-cruzeiro-e-multado-em-r-50-mil-em-caso-de-homofobia-no-volei.shtml>>. Acesso em: 15 de janeiro de 2012 (grifo do autor)

¹⁰⁹ A constante associação dos homossexuais a símbolos tradicionalmente femininos será abordada no capítulo 2.

¹¹⁰ Comentário da reportagem do site da Folha de São Paulo intitulada “Vi um ginásio inteiro gritando ‘bicha’, diz Michael”, de autoria de Mariana Bastos, de 6 de abril de 2011. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/esporte/898787-vi-um-ginasio-inteiro-gritando-bicha-diz-michael.shtml>>. Acesso em: 15 de janeiro de 2012.

comentário, a democracia está associada ao direito de expressão e participação de todos os cidadãos. Ao delegar tais direitos apenas às maiorias, desconsideramos os demais. Aparentemente, o que o modelo de a “maioria manda” propõe é que os homossexuais, enquanto minoria, não devam expor indícios de sua orientação sexual, além de aceitar as ofensas e jocosidades com relação a ela. Sob essa lógica, em função de respeitar o direito democrático de comunicação de opiniões de um grupo majoritário, os homossexuais teriam tolhido o seu direito de expressão enquanto sujeitos sexuados. Assim, sob o pano de fundo da democracia, retomamos a questão previamente discutida: qual valor será desconsiderado em função do outro?

Voltando à discussão sobre censura, aponto que ela é entendida neste trabalho como uma atividade de supervisão ou seleção praticada sobre publicações ou expressões orais como forma de evitar que se publique ou afirme aquilo que se considera indevido. Dessa forma, ela não surgiu no Brasil na ditadura militar, tampouco se encerrou com ela.

Gomes (2001) aponta que há duas formas de censura: 1) a censura prévia, que consiste em um exame dos materiais antes de sua publicação, permitindo o descarte do que é considerado indevido antes de qualquer exposição pública; 2) a censura repressiva, que pune conteúdos já publicados considerados impróprios, eventualmente exigindo retratação e/ou proibição de circulação.

Nos Estados democráticos, de maneira geral, a censura prévia feita pelas instâncias governamentais foi extinta¹¹¹. A censura repressiva, contudo, mantém-se, tomando forma de leis e regulamentações¹¹². Em um exercício de memória, não é difícil lembrar de episódios em que esse tipo de controle foi aplicado, como por exemplo: a proibição da venda de alguns jogos eletrônicos devido a seu caráter supostamente violento ou subversivo, caso dos jogos Counter Strike e Duke Nuken; proibição da comercialização do livro “Minha Luta”, de Adolf Hitler, por solicitação do governo alemão, e da biografia de Roberto Carlos, por ação judicial movida pelo cantor; a proibição do uso de imagens de pessoas sem suas prévias autorizações; entre outros. Assim, conclui Gomes (2001, p. 13), “que a liberdade de expressão, no Estado democrático, é liberdade de apenas dizer, mas ao mesmo tempo a obrigação de responsabilizar-se, mesmo penalmente, por aquilo que se diz”. A maioria dos leitores-comentaristas

¹¹¹ Em certos espaços do ambiente privado, contudo, esse tipo de censura ainda é presente.

¹¹² As leis que dispõem acerca da regulação da comunicação social no Brasil estão dispostas no art. 220 da Constituição Federal. Disponível em: <http://www.senado.gov.br/legislacao/const/con1988/CON1988_05.10.1988/CON1988.pdf>. Acesso em: 08 de novembro de 2012.

parece, contudo, desconhecer esse aspecto que diz respeito à responsabilização. É o que demonstra o exemplo abaixo:

Breno Braga: O Brasil deveria respeitar a constituição que diz que é livre a liberdade de expressão vedado o anonimato. Portanto, todos deveriam poder se expressar livremente sem que sofra retaliação por ter se expressado. Os presidentes últimos, não gostam de dizer que o país é democrático. Está aí. Toda liberdade de expressão é válida, desde que não seja com agressão física.¹¹³

O leitor-comentarista parece fazer menção ao artigo 5º da Constituição Brasileira, que assim afirma:

Art. 5º Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes:

[...]

IV - é livre a manifestação do pensamento, sendo vedado o anonimato; (BRASIL, 1988, p. 5)

O fato de Breno Braga, em seu comentário, ter citado a Constituição, lembrando da proibição ao anonimato, indica que ele conhece tal documento. Contudo, é possível questionar seu posicionamento a partir de outras determinações da Constituição. No mesmo artigo, observamos os seguintes itens:

V - é assegurado o direito de resposta, proporcional ao agravo, além da indenização por dano material, moral ou à imagem;

[...] (BRASIL, 1988, p. 5)

Assim, apesar da lei defender a liberdade de manifestação do pensamento, ela também aponta a necessidade de responsabilização pelo conteúdo de tal expressão, estando sujeito a indenizar por possíveis danos a sujeitos, grupos ou instituições.

No caso de que trato, o dano se constituiria a partir de um ato de preconceito.

¹¹³ Comentário da reportagem do site da Folha de São Paulo intitulada “Equipes trocam acusações em caso de homofobia no vôlei”, de autoria da editoria do site, de 6 de abril de 2011. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/esporte/899157-equipes-trocam-acusacoes-em-caso-de-homofobia-no-volei.shtml>>. Acesso em: 15 de janeiro de 2012.

Apesar da homofobia não ter sido criminalizada, o artigo 5º apresenta um item que proíbe outra forma de preconceito, o racismo, reiterando o fato de que a expressão está, sim, sujeita a relativizações, como mostrou desconhecer o leitor-comentarista previamente citado. Assim diz o inciso a que me refiro:

[...] XLII - a prática do racismo constitui crime inafiançável e imprescritível, sujeito à pena de reclusão, nos termos da lei; [...] (BRASIL, 1988, p. 5).

Ainda que a homofobia e o racismo caracterizem-se como manifestações de preconceito de naturezas diferentes, esse item demonstra que a própria lei impõe determinados limites à expressão. Dessa maneira, me parece clara a coerência da defesa de Gomes (2001) e Campos (2004) de que os direitos não são absolutos, sendo relativizados a partir de contextos nos quais mais de um deles podem se chocar, demandando ponderações com vias a prevalência do direito de maior valor, estando o(s) outro(s) sujeito(s) a atenuação ou supressão.

2.4.2 A liberdade de expressão no ambiente virtual

Se a discussão sobre liberdade de informação sempre foi conflituosa, o debate que se constrói sobre os limites dentro do ambiente de rede são ainda mais complexos. Nos primórdios da internet, muitos acreditavam que ela marcaria uma nova era, na qual a informação seria capaz de circular pelo mundo independentemente da mídia de massa. A propriedade intelectual teria de ser partilhada, pois não havia modos de controlá-la e a privacidade seria protegida pelo anonimato (CASTELLS, 2003). Apesar de uma série de expectativas utopicamente libertárias não terem se concretizado, de fato, a internet veio a se constituir como, senão um ambiente totalmente livre, uma realidade de maior mobilidade, mais flexível e descentralizada. Para Castells (2003), a liberdade não está na “natureza” da internet, é a própria internet, conforme projetada por seus criadores. Um fator contribui para o livre trânsito de dados, como descreve o autor:

Institucionalmente, o fato de a internet ter se desenvolvido nos Estados Unidos significou que surgiu sob a proteção constitucional da livre expressão, imposta pelos tribunais americanos. Como o *backbone* da internet global baseava-se em grande parte dos Estados Unidos, qualquer restrição a servidores em outros países podia

em geral ser contornada por re-roteamento através de um servidor dos EUA (CASTELLS, 2003, p. 139).

Apesar disso, os próprios Estados Unidos sabiam do risco de não impor nenhuma forma de controle a uma plataforma com tamanho poder de disseminar informações. Sinal disso foram as tentativas – frustradas – do governo Clinton de constituir atos de censura à rede, sob o argumento de proteção às crianças das perversidades sexuais expostas no ambiente virtual¹¹⁴. Uma ameaça recente ao controle de informações foi a criação do Wikileaks, no ano de 2006. Diante da exposição de informações comprometedoras de Estados e empresas, seus fundadores são alvo de constantes tentativas de repressão, chegando a ter suas contas fechadas no PayPal, Visa, Mastercard e em seu banco na Suíça, além de ter seu domínio cancelado (CASTELLS, 2010).

Castells (2003) aponta que a transformação da liberdade e da privacidade da internet é resultado direto de sua comercialização. Ele, assim, afirma:

A necessidade de assegurar e identificar a comunicação na Internet para ganhar dinheiro com ela, e a necessidade de proteger direitos de propriedade intelectual nela, levaram ao desenvolvimento de novas arquiteturas de software [...] (CASTELLS, 2003, p. 140-141).

Assim, tecnologias de liberdade, mas também tecnologias de controle, desenvolveram-se de forma a atender essa demanda. Estados e instituições adotam, ou por vezes apenas toleram tais tecnologias, garantindo algum nível de segurança de suas informações.

Segundo Castells (2003), as tecnologias de controle podem ser diferenciadas em três categorias: a) As *tecnologias de identificação*, utilizadas, geralmente, para acessar informações pessoais e/ou sigilosas. Elas incluem o uso de senhas, *cookies*¹¹⁵ e procedimentos de autenticação¹¹⁶; b) as *tecnologias de vigilância*, usadas, com objetivos diversos, para rastrear fluxos de comunicação pelo monitoramento ininterrupto da

¹¹⁴ Uma primeira tentativa foi o Communications Decency Act, de 1995, seguida pelo Child On-line Protection Act, de 1998 (CASTELLS, 2003)

¹¹⁵ “Os cookies são marcadores digitais automaticamente inseridos por websites nos discos rígidos dos computadores que se conectam com eles. Uma vez que um cookie foi inserido num computador, este passa a ter todos os seus movimentos on-line automaticamente registrados pelo servidor do website que fez a inserção (CASTELLS, 2003, p. 141).”

¹¹⁶ Procedimentos de autenticação usam assinaturas digitais, frequentemente baseadas em tecnologia de criptografia. Essas permitem que outros computadores verifiquem a origem e as características do correspondente que interage com elas (CASTELLS, 2003).

máquina que produz as mensagens. Elas são de um tipo diferente, mas muitas vezes utilizam de tecnologias de identificação para localizar o usuário individual. O rastreamento é possível por meio da interceptação de mensagens e instalação de marcadores; c) as *tecnologias de investigação* referem-se à construção de bancos dados a partir dos resultados da vigilância e do armazenamento de informação rotineiramente registrada.

Percebe-se que essas tecnologias foram criadas especificamente para responder a conflitos e demandas de um mundo informatizado. Assim, dentro de um contexto que desafia o controle de todo tipo de informação – não apenas de opiniões, mas também dados pessoais, informações sigilosas de empresas e do governo, comunicações entre suspeitos de um crime, produtos culturais, etc –, o conflito entre uma ideologia libertária e uma prática controladora é renovado e toma novos contornos.

Nos fóruns de comentários das reportagens analisadas nesta pesquisa, percebe-se que os sites exercem o controle da informação utilizando de filtros de conteúdo. Essas ferramentas funcionam pela identificação e comparação das palavras utilizadas no comentário com palavras-chave de listas de negação (*blacklists*). Se há uma palavra-chave no comentário, sua publicação é automaticamente negada. Isso pode ser evidenciado por algumas falas de leitores-comentaristas:

Albert Rangel: Tem censura... e o censor não ta gostando dos meus comentários...

Albert Rangel: Chega... estão tesourando meus comentários...¹¹⁷

Pelas falas, o leitor-comentarista parece ter utilizado de expressões que impediram a publicação de suas mensagens. Essa hipótese é reforçada pelo fato de seus outros comentários incluírem ofensas aos homossexuais, como o exemplo abaixo:

Albert Rangel: Infeliz é você que deve se gay ou *achá-los normais*.

Eu não sou preconceituoso porque já um conceito formado...¹¹⁸

Outra forma de controle possível é a utilização de moderadores. Os moderadores são pessoas responsáveis por acompanhar determinado fórum de discussão, tendo a

¹¹⁷ Ambos são comentários da reportagem do site da Folha de São Paulo intitulada “Equipes trocam acusações em caso de homofobia no vôlei”, de autoria da editoria do site, de 6 de abril de 2011. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/esporte/899157-equipes-trocam-acusacoes-em-caso-de-homofobia-no-volei.shtml>>. Acesso em: 15 de janeiro de 2012.

¹¹⁸ Comentário da reportagem do site da Folha de São Paulo intitulada “Equipes trocam acusações em caso de homofobia no vôlei”, de autoria da editoria do site, de 6 de abril de 2011. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/esporte/899157-equipes-trocam-acusacoes-em-caso-de-homofobia-no-volei.shtml>>. Acesso em: 15 de janeiro de 2012.

autonomia para excluir mensagens que forem consideradas inapropriadas. No site de Folha de São Paulo esse parece ser um método utilizado, como pude supor a partir do seguinte diálogo.

Albert Rangel: O seu texto infringe os termos de uso do serviço e por isso foi removido.

*Claudinei Thomas: De uma moça chamada Albert, só pode se esperar esse tipo de comentário mesmo. E viva o armário né Albert?*¹¹⁹

É importante informar que no site é possível inserir comentários da reportagem ou “comentários de outro comentário”. Na segunda opção, os textos que se referem a outro, ficam dispostos após o mesmo, com um recuo à direita, permitindo que um leitor reconheça que uma mensagem trata da anterior. Essa disposição espacial existia no diálogo citado, garantindo que o comentário de Claudinei apresenta uma resposta especificamente a esse comentário de Albert. Assim, o fato de um leitor-comentarista comentar um texto removido demonstra que, em algum momento, ele se manteve publicado. Nos demais sites, inexistiam indícios semelhantes, o que não indica necessariamente que essa estratégia não é utilizada.

Outra evidência da existência de métodos de controle do conteúdo veiculado nos fóruns de comentários são as formas que alguns usuários utilizam para escrever termos como “gay” ou “homossexual”, e palavras ofensivas. Tais modificações ortográficas, como trocar um o por 0, parecem estratégias para burlar os filtros de conteúdo. Eis dois exemplos dessa tática:

*Sérgio Matta: Reportagens tendenciosas provocam comentários irados. Na verdade, o foco da vitória foi desviado para o foco do atleta b0m0ssexual. O jogo onde os torcedores gritavam “b0m0ssexual aloprado” para o jogador do VF foi o primeiro da série. [...]*¹²⁰

¹¹⁹ Comentários da reportagem do site da Folha de São Paulo intitulada “Equipes trocam acusações em caso de homofobia no vôlei”, de autoria da editoria do site, de 6 de abril de 2011. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/esporte/899157-equipes-trocaram-acusacoes-em-caso-de-homofobia-no-volei.shtml>>. Acesso em: 15 de janeiro de 2012. Claudinei Thomas é bastante participativo no fórum de comentários. Sua postura é de defesa a Michael e crítica às manifestações da torcida. Contudo, suas intervenções, com frequência, visam ofender outros leitores-comentaristas que discordam dele, chamando-os de “bichas enrustidas”, “moça”, “comedores de bronha”, entre outros. Esse fenômeno no qual os próprios defensores de questões LGBT utilizam de estratégias heteronormativas para agredir verbalmente outrem será discutido no capítulo 2.

¹²⁰ Comentários da reportagem do site da Folha de São Paulo intitulada “Torcida vai a Michael e grita ‘Richarlyson’; Cruzeiro vence”, de autoria da editoria do site, de 15 de abril de 2011. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/esporte/903502-torcida-vaia-michael-e-grita-richarlyson-cruzeiro-vence.shtml>>. Acesso em: 15 de janeiro de 2012. (Grifo meu).

Giba SP: Se o ginásio em côro gritasse *guêi* em vez de *byschba* o jogador teria se ofendido? [...]¹²¹

Esses métodos foram bastante recorrentes, seja por uma precaução de um usuário habituado a ser submetido a filtros, ou como tentativa executada após uma mensagem ser bloqueada. A facilidade em burlar tais filtros chega a ser ridicularizada por um leitor-comentarista:

Rodolfo Valentino: Despreparo dos árbitros da CBV, pois eles deveriam perguntar ao Michael se ele não se incomodaria de ser citado como vítima de *homofobia* na súmula. A opção não pode ser condição *sine qua non* para determinar a carreira de um atleta, como já aconteceu com outro(s) atleta(s), prejudicado(s) por serem assumidamente gls. *E Folhb@ estúpida, aprenda a fazer filtros*¹²².

Apesar do leitor modificar a ortografia da palavra “homofobia”, essa é uma palavra frequentemente encontrada nos comentários, escrita corretamente, deixando claro que esse não é um termo proibido pelos filtros do site. Assim, aparentemente o leitor modificou-a como precaução, talvez por ter previamente censurado em comentários anteriores, no qual utilizou palavras não permitidas.

A despeito da aparente ineficiência dos métodos de controle de conteúdo, apontada por Rodolfo Valentino, sua simples existência demonstra que os grandes conglomerados de comunicação não estão dispostos a assumir uma postura de total liberdade de opinião dentro de suas fronteiras. Essa opção não é fruto de uma crença ideológica contra o livre trânsito de informações ou opiniões. É, sim, uma forma de garantir que, mesmo com a participação dos leitores, o site mantenha determinado perfil. Isso porque, mesmo o veículo não se responsabilizando judicialmente pelas mensagens publicadas pelos leitores, não é comercialmente interessante ter textos considerados agressivos ou de baixo calão vinculados à sua marca. Pois se Mouillaud (1997a, p. 34) aponta que textos “fora de norma” são capazes de deformar o dispositivo

¹²¹ Comentários da reportagem do site da Folha de São Paulo intitulada “Rivais voltam a duelar após polêmica no vôlei”, de autoria da editoria do site, de 9 de abril de 2011. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/esporte/900394-rivais-voltam-a-duelar-apos-polemica-no-volei.shtml>>. Acesso em: 15 de janeiro de 2012. (Grifo meu)

¹²² Comentários da reportagem do site da Folha de São Paulo intitulada “Vôlei Futuro reclama de homofobia em Minas: Cruzeiro rebate”, de autoria da editoria do site, de 4 de abril de 2011. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/esporte/898237-volei-futuro-reclama-de-homofobia-em-minas-cruzeiro-rebate.shtml>>. Acesso em: 15 de janeiro de 2012. (Grifo meu)

do jornal e até mesmo implodi-lo, parece apenas coerente que haja precaução com relação às contribuições de seus leitores.

Alguns leitores-comentaristas, contudo, questionam as intenções das censuras.

alvim carvalho: Infelizmente esse jornal não permite que expressemos nossos pensamentos, apenas o que eles querem que coloquem, estou fora desse site.

Lúcio Almeida: Alvim [outro leitor-comentarista], os outros jornais que destinam espaço para comentários não estão diferentes. Deixei de comentar no Estadão porque eles começaram a fazer censura prévia dos meus comentários que não insultavam ninguém apenas discordavam da reportagem. É a imprensa que quer ser livre para controlar o que seus leitores devem ler.¹²³

Os leitores-comentaristas defendem que os filtros e moderadores têm o intuito não apenas de garantir que a discussão ocorra “em bom tom”, sem insultos ou expressões preconceituosas, mas também evitar posições contrárias à que defende o jornal¹²⁴.

Assim, percebe-se que a liberdade de expressão é restringida por várias instituições e sob várias formas, gerando reações tanto de concordância quanto de oposição. No episódio analisado, o motivo maior pela regulação de manifestações, seja dos torcedores, seja dos leitores-comentaristas, foram expressões ou posicionamentos considerados homofóbicos. São esses discursos homofóbicos o tema central do próximo capítulo.

¹²³ Ambos são comentários da reportagem do site da Folha de São Paulo intitulada “Vi um ginásio inteiro gritando ‘bicha’, diz Michael”, de autoria de Mariana Bastos, de 6 de abril de 2011. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/esporte/898787-vi-um-ginasio-inteiro-gritando-bicha-diz-michael.shtml>>. Acesso em: 15 de janeiro de 2012.

¹²⁴ Esta pesquisa não possui dados capazes de confirmar ou negar tal acusação.

3 OS SUJEITOS DA HOMOFOBIA

Este capítulo centra-se nas categorias homossexualidades e homofobia. Primeiramente, exponho a divergência entre os que defendem ou refutam o fato das manifestações da torcida constituírem-se enquanto um ato de homofobia. Apresento, em seguida, a emergência dos estudos sobre homossexualidades no Brasil, de forma imbricada ao desenvolvimento do movimento militante LGBT, conduzindo a um entendimento plural das identidades sexuais em ambos os contextos. Num terceiro momento, abordo o fenômeno da homofobia relacionando-o com a construção social de uma expectativa de alinhamento entre sexo, gênero e sexualidade. Por fim, analiso as ofensas homofóbicas dentro da noção de violência simbólica.

3.1 Posicionamentos polêmicos

De forma simplificada, a homofobia é definida por Daniel Borillo (2001) como a repulsa contra homossexuais, marcada por atitudes de hostilidade, rejeição ou ódio. Nessa manifestação, qualifica-se o outro como contrário, inferior ou anormal. Tal definição parece clara e objetiva. Contudo, perceber o preconceito na prática não parece tarefa tão simples. É isso que se percebe nos textos de jornalistas e leitores-comentaristas das reportagens analisadas nesta pesquisa: a divergência de opiniões que transitam entre posições mais ou menos radicais, defendendo ou negando que as manifestações da torcida cruzeirense contra o jogador Michael foram um ato de homofobia.

Em todos os sites analisados, é comum o uso da palavra *polêmica* para se referir ao episódio. Segundo Wainberg (2010), um tema polêmico caracteriza-se pela ruptura com o trivial. O autor propõe, ainda, a existência de um discurso polêmico, ressaltando que “nem o tema polêmico nem a cobertura polêmica demandam uma mídia polemista. Ela existe, mas é um terceiro e distinto caso” (WAINBERG, 2010, p. 54). Para Petrik (2006), o

termo *polêmica* banalizou-se, difundiu-se nas manchetes jornalísticas e extrapolou seu significado original. A ancestralidade do assunto nos remete aos gregos, que têm nos filósofos pré-socráticos os primeiros observadores, ainda que não de forma tão explícita. O termo *polêmica* origina-se do grego *polemos*, luta embate,

conflito. Carrega, portanto, sempre consigo um dilema, algo a ser respondido (PETRIK, 2006, p. 12).

Ainda que o uso do termo para tratar desse episódio possa ser questionado, creio que sua definição como tal demonstra a existência de visões controversas e conflituosas sobre o caso.

Outra evidência das múltiplas e, por vezes, divergentes formas de olhar para o caso é a maneira de se referir a ele. Nos jornais Folha de São Paulo, Estado de São Paulo e O Globo, o caráter homofóbico das manifestações não é posto em dúvida.

[...] Na semifinal da Superliga, o atleta *foi alvo de ofensas homofóbicas* por parte da torcida do Cruzeiro.¹²⁵

O que mais chamou atenção no estádio Plácido Rocha, em Araçatuba, foi a enorme manifestação da torcida e do time do Futuro em apoio ao atleta Michael dos Santos, que na primeira partida, fora de casa, *sofreu ataques homofóbicos* da torcida adversária.¹²⁶

Após *ofensas homofóbicas da torcida do Cruzeiro serem dirigidas ao meio de rede Michael*, o “Vôlei Futuro” homenageou na manhã deste sábado, durante novo jogo entre as duas equipes, a diversidade sexual.¹²⁷

Já no jornal Estado de Minas, com grande frequência, os jornalistas não confirmam nem negam a presença de homofobia nas manifestações dos torcedores cruzeirenses, preferindo afirmar que houve uma *denúncia* ou *acusação* por parte do clube paulista ou do jogador, como podemos perceber:

O central Michael, do Vôlei Futuro, que *relatou ter sido vítima* de homofobia na partida do último dia 1º contra o Cruzeiro, pelas semi-finais da Superliga, [...]¹²⁸

¹²⁵ BARROS, Mariana. “Não importa se jogador tem namorado ou namorada”, diz Bernardinho. *Folha de São Paulo*. 27 de maio de 2011. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/esporte/921425-nao-importa-se-jogador-tem-namorado-ou-namorada-diz-bernardinho.shtml>>. Acesso em: 15 de janeiro de 2012. (Grifo meu).

¹²⁶ MICHAEL se diz surpreendido com manifestação da torcida em seu apoio. *O Estado de São Paulo* 09 de abril de 2011. Disponível em: <http://www.estadao.com.br/noticias/esportes,michael-se-diz-surpreendido-com-manifestacao-da-torcida-em-seu-apoio,704111_0.htm> Acesso em: 15 de janeiro de 2012. (Grifo meu).

¹²⁷ APÓS ofensas ao meio de rede Michael, Vôlei Futuro homenageia diversidade sexual e vence jogo dramático. *O Globo*. 09 de abril de 2011. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/esportes/apos-ofensas-ao-meio-de-rede-michael-volei-futuro-homenageia-diversidade-sexual-vence-jogo-dramatico-2798354>> Acesso em: 15 de janeiro de 2012 (Grifo meu).

¹²⁸ MICHAEL quer fim de homofobia e não espera revide em Araçatuba. *Estado de Minas*. 5 de abril de 2011. Disponível em: <http://www.superesportes.com.br/app/1,15/2011/04/05/noticia_volei,181109/>. Acesso em: 15 de janeiro de 2012.. (Grifo meu).

O confronto semifinal ganhou a condição de mais polêmico da história da competição devido à *acusação de homofobia* da torcida celeste nas provocações ao ponteiro Michael.¹²⁹

Apesar do Estado de Minas relutar quanto à ocorrência de um episódio homofóbico, é importante afirmar que, assim como os demais veículos, ele confirma a existência do coro quase generalizado do ginásio que entoava gritos de “Bicha! Bicha! Bicha!”. Dessa forma, a divergência entre os veículos encontra-se no sentido que se dá a esses brados¹³⁰.

Também não há consenso entre os clubes envolvidos. A equipe celeste refuta a acusação feita, como pode ser observada em suas notas oficiais:

A equipe Sada Cruzeiro abomina qualquer tipo de atitude discriminatória. Na partida em Contagem, *se isso efetivamente aconteceu, partiu de um grupo isolado* e não pode ser considerada uma atitude generalizada da torcida. [...] Quanto aos fatos relatados pela equipe Vôlei Futuro, sobre a primeira partida das semifinais no Ginásio Poliesportivo do Riacho, em Contagem, *refutamos as acusações* e suspeitamos que tais “denúncias” sejam uma nítida manobra no sentido de intimidar a nossa equipe e nossa torcida no jogo da volta em Araçatuba, no próximo sábado. [...]

Todo o Brasil, que assistiu à partida pelo Sportv e Esporte Interativo, e os 2.200 torcedores que estavam presentes podem atestar que o que viram foi uma bonita festa e uma torcida animada que deu um show nas arquibancadas e ajudou a equipe em todos os momentos.¹³¹

O texto demonstra que a equipe mineira não nega que os xingamentos tenham ocorrido, contudo, com a ponderação “se isso efetivamente aconteceu”, questiona o fato

¹²⁹ DRUMMOND, Ivan. A quadra decide. *Estado de Minas*. 15 de abril. Disponível em: <http://www.superesportes.com.br/app/1,15/2011/04/15/noticia_volei181899/>. Acesso em: 15 de janeiro de 2012. (Grifo meu).

¹³⁰ Os dados desta pesquisa não são suficientes para que eu possa afirmar os motivos da diferença de posicionamento entre os veículos.

¹³¹ SADA CRUZEIRO. *Nota oficial sobre a primeira partida das semifinais em Contagem*. 4 de abril de 2011. Disponível em: <http://www.sadacruzairo.com.br/le_noticia.asp?cod=968>. Acesso em: 20 de junho de 2012. (Grifo meu)

das manifestações terem sido “atitudes discriminatórias”¹³². Além disso, defendem que os gritos partiram de “um grupo isolado”, o que não corresponde com o relatado por todos os veículos analisados nesta pesquisa, como podemos perceber nos trechos abaixo:

O jogador do time de Araçatuba foi chamado de “bicha”, em coro, pelos torcedores do time mineiro.¹³³

Na sexta-feira, 1º de abril, Michael foi vítima de uma *manifestação generalizada* de homofobia vinda das arquibancadas do ginásio do Riacho, em Contagem (MG), casa do time rival, o Cruzeiro.¹³⁴

Outra nota oficial, ainda de forma a negar o caráter de preconceito das manifestações, aponta que fatos semelhantes aconteceram em outros jogos da Superliga.

Na última partida do Sada Cruzeiro contra o Vôlei Futuro, *nada ocorreu que já não tivesse acontecido*, em maior ou menor grau, em outros jogos da Superliga de Vôlei. Nossos atletas, em vários ginásios pelo Brasil, também recebem gritos das torcidas adversárias, mas como profissionais são treinados para conviver e atuar com as provocações¹³⁵.

De forma indireta, o Cruzeiro ainda questiona o preparo psicológico dos atletas do Vôlei Futuro, aparentemente não “treinados para conviver e atuar com as provocações”¹³⁶.

¹³² Proponho uma breve comparação com um episódio ocorrido no dia 29 de fevereiro de 2012, num jogo de vôleibol entre Minas Tênis Clube e Sada Cruzeiro. Nele, uma torcedora do Minas proferiu, ao longo da partida, insultos racistas contra Wallace, jogador do Cruzeiro. Nesse caso, ambas as equipes reconheceram o teor racista da manifestação e o clube celeste informou por nota que apoiaria Wallace em um protesto. (Informações disponíveis em: <<http://globoesporte.globo.com/mg/noticia/2012/03/minas-e-cruzeiro-lamentam-episodio-de-racismo-na-superliga-masculina.htm>>. Acesso em 20 de maio de 2012.) Tal episódio sugere que o racismo parece ser mais facilmente identificado e repudiado, diferentemente de casos relacionados com a sexualidade, como o envolvendo Michael. Tal diferença parece apontar para estágios diferentes em que se encontram a luta contra o racismo e contra a homofobia. Em boa medida por sua maior longevidade, o movimento negro parece ter maior organização e experiência de militância, já tendo sido capaz de provocar maior sensibilização à causa quando comparado aos movimentos LGBT. Um resultado disso foi a criminalização do preconceito racial a partir do ano de 1989, através da Lei 7.716 (Disponível em: <<http://www2.camara.gov.br/legin/fed/lei/1989/lei-7716-5-janeiro-1989-356354-norma-1989-356354-pl.html>>. Acesso em: 23 de julho de 2012).

¹³³ CRUZEIRO leva multa de R\$ 50 mil após caso de homofobia. *O Estado de São Paulo*. de abril de 2011. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/esportes/cruzeiro-leva-multa-de-r-50-mil-apos-caso-de-homofobia,705808,0.htm>>. Acesso em: 15 de janeiro de 2012. (Grifo meu).

¹³⁴ CRUZEIRO é multado em R\$ 50 mil em caso de homofobia no vôlei. *Folha de São Paulo*. 14 de abril de 2011. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/esporte/902110-cruzeiro-e-multado-em-r-50-mil-em-caso-de-homofobia-no-volei.shtml>>. Acesso em: 15 de janeiro de 2012. (Grifo meu).

¹³⁵ EM nota oficial, Cruzeiro minimiza fatos e critica Vôlei Futuro. *Estado de Minas*. 6 de abril de 2011. Disponível em: <http://www.supersportes.com.br/app/1,15/2011/04/06/noticia_volei_181163/>. Acesso em: 15 de janeiro de 2012. (Grifo meu).

Por fim, entendo que a equipe mineira se defende utilizando dois argumentos principais: 1) as acusações do Vôlei Futuro são formas de se aproveitar da situação com o intuito de desestabilizar o adversário para o próximo confronto; 2) manifestações semelhantes já teriam sido observadas em diversas outras partidas.

Ambos os argumentos são bastante recorrentes, também, entre os leitores-comentaristas:

José Andrade: Em verdade, o Vôlei Futuro está se lixando para a bandeira do preconceito. O que ele quer, e teve certo êxito principalmente em relação à arbitragem no primeiro e mais ainda no segundo jogo, é ganhar a qualquer custo.¹³⁷

Pedro Henrique Pignata Gonzaga: O Vôlei Futuro está querendo ganhar o jogo no tapetão, tentando punição para o Sada Cruzeiro.¹³⁸

Para além da desestabilização emocional da torcida e da equipe, proposta na nota do Sada Cruzeiro, as falas acima propõem ainda duas outras possibilidades do Vôlei Futuro tirar alguma vantagem do acontecimento: a primeira é a pressão sobre o árbitro da próxima partida, que pode sentir-se constrangido a beneficiar um outrora prejudicado Vôlei Futuro; já a segunda, chamada de vitória “no tapetão”, seria através de uma punição aplicada pelo STJD que facilitasse o confronto a favor do Vôlei Futuro.

Outros leitores-comentaristas corroboram, ainda, com a segunda linha de argumentação levantada pelas notas oficiais do Cruzeiro.

André Bastos: Na temporada 04/05 ele [Michael] era atleta do Banespa e veio a BH jogar os playoffs da final da superliga masculina de vôlei contra o Minas. Na ocasião todo o ginásio, durante toda a partida se manifestou da mesma forma.¹³⁹

¹³⁶ Tais expectativas acerca da postura profissional de um atleta serão mais exploradas no terceiro capítulo desse trabalho.

¹³⁷ Comentário da reportagem do site do Estado de Minas intitulada “Vôlei Futuro vence o Cruzeiro em casa e força o terceiro jogo, em Contagem”, de autoria de Patrick Vaz, de 9 de abril de 2011. Disponível em: <http://www.rj.superesportes.com.br/app/1,15/2011/04/09/noticia_volei_181416/volei-futuro-derrota-cruzeiro-em-casa-e-forca-terceiro-jogo.shtml>. Acesso em: 15 de janeiro de 2012.

¹³⁸ Comentário da reportagem do site da Folha de São Paulo intitulada “Vôlei Futuro reclama de homofobia em Minas; Cruzeiro rebate”, de autoria da editoria do site, de 4 de abril de 2011. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/esporte/898237-volei-futuro-reclama-de-homofobia-em-minas-cruzeiro-rebate.shtml>>. Acesso em: 15 de janeiro de 2012.

¹³⁹ Comentário da reportagem do site do Estado de Minas intitulada “Vôlei Futuro dispara acusações contra Cruzeiro, que pretende acionar Justiça”, de autoria da editoria de Gazeta Press, de 4 de abril de 2011. Disponível em: <http://www.superesportes.com.br/app/1,15/2011/04/04/noticia_volei_181024/>. Acesso em: 15 de janeiro de 2012.

Glisson de Campos: Só mais uma pergunta: Porque não reclamaram quando as mesmas ofensas aconteceram em Montes Claros?¹⁴⁰

Esse recorrente argumento mostra que também alguns leitores-comentaristas entendem que a constante reincidência de um fato é um motivo para que ele seja considerado normal. Além disso, ignoram a possibilidade de que diferentes contextos¹⁴¹ podem ter motivado o jogador a ter reações diferentes em cada uma das situações citadas. Por vezes são citados também exemplos de casos ocorridos com outros jogadores, geralmente de futebol, os quais eles julgam ter tido uma atitude mais acertada ao ignorar as ofensas.

w p: [...] Quando o Ronaldo se envolveu com travessos todas as torcidas o chamavam de bicha. Nem por isso ele ficou ofendido.¹⁴²

Ainda que a análise sobre o episódio ocorrido com Ronaldo não seja o foco desta pesquisa, é pertinente caracterizá-lo de forma a analisar a comparação proposta pelo leitor-comentarista. O caso a que w p se refere ocorreu em 2008, quando um travesti divulgou um vídeo do jogador em sua companhia, supostamente como punição por ele não ter pagado pelo programa. O jogador negou a versão e disse que o havia contratado acreditando tratar-se de uma mulher¹⁴³. É importante ponderar que ao longo de sua história, Ronaldo nunca teve sua sexualidade questionada. Com frequência era visto com mulheres bonitas, já teve uma série de casos e namoros divulgados na imprensa e já foi casado três vezes. O jogador é ainda pai de quatro filhos. Assim, enquanto Ronaldo se afirma vítima de um mal entendido, Michael declara-se, de fato, gay. Enquanto o futebolista, “na pior das hipóteses”, protagonizou um desliz em meio a suas práticas inquestionavelmente heterossexuais, Michael assume o atributo pelo qual é ofendido, a homossexualidade.

¹⁴⁰ Comentário da reportagem do site do Estado de Minas intitulada “Acusação de homofobia gera polêmica”, de autoria da Agência Estado, de 5 de abril de 2011. Disponível em: <http://www.superesportes.com.br/app/1,15/2011/04/05/noticia_volei_181097/>. Acesso em: 15 de janeiro de 2012.

¹⁴¹ É sensato afirmar que a luta contra a homofobia estava em um patamar diferente em 2004/2005, do momento em que o caso Michael ocorre (2011). Além do contexto social, cabem algumas hipóteses no âmbito pessoal: o jogador já lidava com sua sexualidade com naturalidade? Sua família já sabia de sua orientação sexual? Seus companheiros de equipe já sabiam de sua orientação sexual? Eles lidavam bem com isso? Ele já era um jogador com carreira consolidada?

¹⁴² Comentário da reportagem do site da Folha de São Paulo intitulada “Vôlei Futuro crítica multa dada ao Cruzeiro e ironiza STJD”, de autoria da editoria do site, de 14 de abril de 2011. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/esporte/902694-volei-futuro-critica-multa-dada-ao-cruzeiro-e-ironiza-stjd.shtml>>. Acesso em: 15 de janeiro de 2012.

¹⁴³ SOUZA, Richard; AMARAL, Luiz Cláudio; COSTA, Fabrício. Ronaldo: confusão com travesti no Rio. *globoesporte.com*. 28 de abril de 2008. Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/ESP/Noticia/Futebol/0,,MUL429370-4274,00.html>>. Acesso em: 22 de novembro de 2012.

Assim, observa-se que tanto o time cruzeirense como os autores dos trechos mencionados propõem uma situação de mútua exclusão entre manifestações homofóbicas da torcida e as circunstâncias que sustentam os argumentos. Sob esse raciocínio, entende-se que se o Vôlei Futuro aproveitou-se da situação para beneficiar-se e/ou, se em situações anteriores ocorreram manifestações semelhantes, então não houve uma legítima manifestação homofóbica contra Michael. Será que, de fato, essas assertivas se organizam de forma causal? Sob tais argumentos percebo a naturalização do ocorrido e a dificuldade de se tratar do caso de forma mais problematizadora e crítica.

Além das falas dos clubes e dos torcedores (ou assistentes) – esses últimos representados nas figuras dos leitores-comentaristas – é relevante, também, apontar o posicionamento da Confederação Brasileira de Voleibol. Apesar das múltiplas fontes de informação possíveis de serem analisadas de forma a responder assertivamente a um episódio que gerou tanta repercussão, a instituição se limitou a declarar que não houve problemas técnicos no jogo, balizada exclusivamente no fato de que nada foi registrado pelo árbitro na súmula da partida.

Parece, assim, que sob possíveis estratégias defensivas – pelo lado do Cruzeiro – marqueteiras – pelo lado do Vôlei Futuro – ou neutralizadoras – pela CBV – está presente a dificuldade de se articularem discussões amadurecidas sobre a homossexualidade e a homofobia, seja por dirigentes, torcedores, ou pela própria imprensa.

Concordo com vários teóricos¹⁴⁴ na crença de que tal incômodo, ou aversão, diante da homossexualidade é fruto de uma construção histórico-cultural que surge enquanto desdobramento da heteronormatividade, entendida como o processo de determinação da heterossexualidade enquanto regra e única opção natural de vivência afetiva e sexual. Nesse sentido, é importante discutir a construção dessa normatização.

3.2 As homossexualidades em movimento

Segundo Foucault (1988) até o fim do século XVIII três grandes códigos explícitos – além das normas consuetudinárias – regiam as práticas sexuais: o direito canônico, a pastoral cristã, e a lei civil. Eles eram, assim, os responsáveis pelo estabelecimento de fronteiras que separavam o lícito do ilícito. Nesse quadro, a relação matrimonial era o foco das restrições, sendo coberta de regras e recomendações. “O

¹⁴⁴ Entre diversos, cito Foucault (1988), Borillo (2001), Louro (2004; 2009), Leal et al. (2008) e Butler (2006).

“resto” permanecia muito mais confuso: atentemos para a incerteza do status da “sodomia” ou a indiferença diante da sexualidade das crianças” (FOUCAULT, 1988, p. 44).

Foucault (1988) explica que não havia maiores distinções entre a natureza de infrações de cunho sexual, sendo elas divididas apenas por sua gravidade. Assim, a sodomia figurava entre os pecados graves, juntamente com o estupro, o adultério, o incesto, a carícia recíproca, todos eles passíveis a condenações nos tribunais. A partir do ilegalismo global, o argumento “contra-a-natureza” se constitui, assim, simplesmente como uma forma extrema do “contra-a-lei”. Em suma, as proibições relativas à sexualidade eram, fundamentalmente, de natureza jurídica (FOUCAULT, 1988).

Já no século XIX, ainda segundo Foucault, a sexualidade dos adultos, mesmo que talvez funcionando sob normas mais rigorosas, caminha para a maior discrição. Figuras anteriormente ignoradas (loucos, crianças, criminosos), por sua vez, são interrogadas, escutadas e condenadas, mas acima de tudo identificadas, de forma a estabelecer os contornos das sexualidades periféricas que limitarão as fronteiras da sexualidade regular. Práticas anteriormente condenadas, como o adultério, sedução de religiosos, sadismo e violação de cadáveres ganham autonomia, passando a ser analisadas como coisas essencialmente diferentes.

Ainda nesse período, é desfeita a categoria devassidão e organiza-se um mundo da perversão, cujos pertencentes

correm através dos interstícios da sociedade perseguidos pelas leis, mas nem sempre, encerrados frequentemente nas prisões, talvez doentes, mas vítimas escandalosas e perigosas presas de um estranho mal que traz também o nome de “vício” e, às vezes de “delito”. Crianças demasiado espertas, meninas precoces, colegiais ambíguos, serviçais e educadores duvidosos, maridos cruéis ou maníacos, colecionadores solitários, transeuntes com estranhos impulsos: eles povoam os conselhos de disciplina, as casas de correção, as colônias penitenciárias, os tribunais e os asilos; levam aos médicos suas infâmias e aos juízes suas doenças. (FOUCAULT, 1988, p.47)

Se por um lado a severidade dos códigos impostos pela justiça se atenuou no século XIX, uma outra entidade toma frente no controle dos desvios sexuais: a medicina. Por meio da determinação de um “desenvolvimento normal” e da classificação de

patologias e perturbações, ela se torna a maior responsável pela gestão dos desejos. Aqui, o importante a ser analisado não é a transferência de autoridade, mas a alteração dos mecanismos de poder a que se recorre. Não ocasionalmente, é nesse momento, em que o discurso científico toma frente ao discurso religioso – controlado por estruturas jurídicas –, que ocorre o surgimento do homossexual¹⁴⁵ (FOUCAULT, 1988; LOURO, 2009). Se antes os autores da sodomia eram apenas sujeitos jurídicos, a criação do rótulo, mais do que identificar e nomear, determina a criação de um personagem. Se “o sodomita era um reincidente, agora o homossexual é uma espécie” (FOUCAULT, 1988, p. 51)¹⁴⁶.

Essa nova espécie passa, então, a ser posicionada de forma relacional ante seu oposto direto: o heterossexual. Essa diferenciação e classificação, pautadas em discursos científicos e sob o ponto de vista da saúde, moral e higiene, estabelecem ainda uma hierarquia entre as duas categorias, uma forma tida como norma ou padrão e a outra como desvio (LOURO, 2009). Aos desviantes homossexuais, resta, assim, o desprezo, a segregação, a rejeição e a violência.

Ao reconhecer a homossexualidade enquanto uma construção histórico-cultural, assumo que ela não é passível de uma definição que a caracterize de forma íntegra, sendo entendida e reconhecida de forma distinta em tempos, espaços e culturas diferentes (FRY; MACRAE, 1983; CUNHA JR.; MELO, 1996). Em consequência, as expressões de preconceito contra ela desenvolvidas são, também, diversas (CUNHA JR.; MELO, 1996).

Dessa forma, com o intuito de promover análises que coloquem as sexualidades como constructos sociais instáveis e conflituosos, que problematizem discursos heteronormativos e reconheçam as múltiplas possibilidades de usos e vivências dos corpos, me apoiarei, sobretudo, em referenciais teóricos dos Estudos *Queer*¹⁴⁷. Ainda que reconhecendo as divergências no interior desse conjunto de intelectuais, corroboro com as linhas centrais que os une enquanto um grupo: a crítica central à

¹⁴⁵ Foucault afirma que uma possível primeira referência do termo é o artigo de Westphal, do ano de 1870.

¹⁴⁶ Foucault (1988) entende que houve quatro operações no estabelecimento dessa nova forma de poder sobre as sexualidades: 1.A Substituição da penalidade exercida pela lei, pela tática do adestramento, ao mobilizar a sociedade a partir de argumentos de legitimidade científica; 2.A especificação dos indivíduos, não excluindo-os, mas classificando-os e analisando-os; 3.O aumento da curiosidade e sensualização dos corpos, a partir das medidas mesmas que visam controlá-los; 4.A proliferação de *dispositivos de saturação sexual*, como a família, as salas de aula, os dormitórios. Espaços que disseminam sexualidades múltiplas, que vão muito além da sexualidade conjugal, heterossexual e monogâmica, a partir de novas organizações que redistribuem o jogo dos prazeres e poderes. Para melhor compreensão, ver Foucault (1988, p. 48-57).

¹⁴⁷ Jayne Caudweel (2006) aponta que autores da linha Queer utilizam nomenclaturas diferentes, como Teoria Queer, Estudos Queer, Políticas Queer ou Teorias Queer. Nesse trabalho, farei a mesma opção feita pela autora citada, ao não diferenciar essas alcunhas.

heteronormatividade compulsória e a desconstrução da estabilidade dos corpos e das sexualidades materializadas na dualidade heterossexual/homossexual (LOURO, 2001).

Para Jayne Caudwell (2006), a Teoria *Queer*, de forma simplificada e rudimentar, é o estudo da sexualidade. Apesar da aparentemente fácil conceituação, a autora explica que há grande dificuldade em definir esses estudos¹⁴⁸. *Queer* é, inclusive utilizado como substantivo, adjetivo e verbo, em diferentes momentos. Vale pontuar que o termo, que, em inglês, quer dizer estranho ou esquisito, se tornou uma gíria para designar ofensivamente os homossexuais masculinos, com significado semelhante ao termo brasileiro “bicha”. Contudo, o significado pejorativo, foi ressignificado como algo positivo ao passar a ser utilizado por homossexuais¹⁴⁹ como um conceito que remete à radicalização de normais sexuais e de gênero¹⁵⁰. Assim, para Guacira Lopes Louro,

Queer é tudo isso: é estranho, é raro, é esquisito. *Queer* é também o sujeito da sexualidade desviante – homossexuais, bissexuais, transexuais, travestis, drags. É o excêntrico que não deseja ser integrado” e muito menos “tolerado”. *Queer* é um jeito de pensar e de ser que não aspira o centro nem o quer como referência; um jeito de pensar e de ser que desafia as normas regulatórias da sociedade, que assume o desconforto da ambiguidade, do “entre lugares”, do indecível. *Queer* é um corpo estranho, que incomoda, perturba e fascina (LOURO, 2004, P.7-8).

Para Lopes (2002), a posição *Queer* busca incluir homossexuais, bissexuais, transexuais e até mesmo heterossexuais anti-homofóbicos, definindo um multiculturalismo inclusivo que respeita diferenças étnicas, de gênero, de classe, sem, contudo, promover nem a homogeneização, nem um identitarismo isolacionista.

A emergência de tal perspectiva epistemológica para a análise das sexualidades nas últimas décadas não é ocasional. Louro (2001) explica que suas problematizações

¹⁴⁸ Diana Fuss (1991 citada por CAUDWELL, 2006) chega a afirmar que a tentativa de uma definição comum que resume a Teoria *Queer* é nada mais que um sonho.

¹⁴⁹ O grupo Queer Nation é exemplo de instituição que popularizou o uso ressignificado do termo, criando slogans como “We’re Here! We’re Queer! Get used to it!” (Estou aqui! Sou bicha! Se acostume com isso!). (Disponível em: < http://en.wikipedia.org/wiki/Queer_Nation>. Acesso em: 15 de agosto de 2012.)

¹⁵⁰ O conceito de gênero será abordado no item 2.2, As marcas da homofobia. Por ora, afirmo que o conceito de gênero é aqui entendido enquanto uma construção social e histórica dos sujeitos masculinos e femininos, produzida dentro de relações de poder. Assim, gênero relaciona-se com processos de formação histórica, linguística e cultural, socialmente demarcados relacionados ao sexo biológico, mas não por ele determinado (Louro, 1997).

devem ser compreendidas dentro de um quadro mais amplo do pós-estruturalismo. Nesse sentido, para a autora, o primeiro abalo ao sujeito moderno – racional, estável e unificado – ocorre no início do século XX, a partir das formulações de Freud sobre o inconsciente e a vida psíquica. Tais ideias propõem a impossibilidade do sujeito de ser um “senhor de si”, uma vez que ele seria incapaz de conhecer e controlar por completo suas ideias e desejos. Mais tarde, Lacan afirma que o sujeito só sabe de si pelo olhar do outro, se constituindo, assim, nos termos do outro e estando sempre em busca de uma inalcançável completude. Louro aponta, ainda, o valor das teorizações de Althusser ao enfatizar a importância da ideologia em nossos processos de sujeição. Por fim, ao lado dessas teorizações que problematizaram a racionalidade moderna, as produções de Foucault, denunciando os poderes por trás dos discursos acerca das sexualidades, contribuíram sensivelmente para a formulação das teorias *Queer*.

Para Hall (2003), o processo que encadeia na fragmentação do indivíduo moderno surge a partir da chamada “crise de identidade”¹⁵¹, processo amplo de mudança que abala quadros de referência que davam estabilidade aos indivíduos no mundo social. Os novos arranjos que surgem são expressos pela flexibilização dos modos de ser e estar no mundo. Nele, as identidades são constituídas de múltiplas facetas – religiosas, sexuais, étnicas, profissionais, nacionais, linguísticas, de classe – que se contrapõem e por vezes se contradizem, e estão em constante mudança, sendo produzidas pelas diversas instâncias sociais das quais o sujeito participa. Os indivíduos, até então unificados, assumem, então, identidades “descentradas”, deslocadas, fragmentadas.

Tal deslocamento epistemológico pode ser também observado dentro dos Movimentos LGBT. Ao longo da década de 1970, segundo Louro (2001, p. 543), o movimento propunha um projeto coletivo que “buscava alcançar igualdade de direitos no interior da ordem social existente”, afirmando, discursiva e praticamente, uma identidade homossexual. Nas décadas seguintes, apesar do sucesso desse modelo em dar maior visibilidade a gays e lésbicas, emergiram críticas internas de grupos que não se viam representados e que tinham suas reivindicações secundarizadas, mantendo sua condição de marginalizados. Sobreretudo lésbicas, negros, latinos e jovens questionavam que as campanhas políticas do movimento estavam marcadas pelos valores brancos e de classe média e adotavam, sem questionar, ideais convencionais, como o relacionamento comprometido e monogâmico. Sobre essas críticas, Louro (2001) afirma que:

¹⁵¹ Essa crise de identidade, para Hall (2003), gera um duplo deslocamento: “descentração dos indivíduos de seu lugar no mundo social e cultural e quanto de si mesmos” (HALL, 2003, p. 9)

Mais do que diferentes prioridades políticas defendidas pelos vários ‘sub-grupos’, o que estava sendo posto em xeque, nesses debates era a concepção da identidade homossexual unificada que vinha se constituindo na base de tal política de identidade (LOURO, 2001, p. 544-545).

Para a autora, as mudanças observadas nas teorias e nos movimentos é uma via de mão dupla. “A nova dinâmica dos movimentos sexuais e de gênero provoca mudanças nas teorias e, ao mesmo tempo, é alimentada por elas” (LOURO, 2001, p. 546).

O Movimento é obrigado a se reorganizar, não de forma a reconstruir uma identidade, mas sim de incluir várias: lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais. Mais do que criar e incluir nomes, tal movimento envolve a formação de conceitos e simbolismos inerentes a cada uma delas (TAVARES, 2011). Retrato disso é que o até então nomeado *Movimento Gay*, em 1993 passa a ser chamado de *Movimento de Gays e Lésbicas* (MGL). Já em 1995, passa a ser *Movimento de Gays, Lésbicas e Travestis* (Movimento GLT) e, em 1999, *Movimento de Gays, Lésbicas, Bissexuais e Transgêneros* (GLBT), sendo a sigla alterada para LGBT em 2008, como forma de dar visibilidade à causa lésbica¹⁵² (FACCHINI e FRANÇA, 2009). Tais alterações demonstram que o ativismo LGBT passa a reconhecer que a homossexualidade não é a opção avessa à heterossexualidade, mas sim uma identidade sexual dentre várias possíveis. Louro (2001), contudo, faz a ressalva de que:

O grande desafio não é apenas assumir que as posições de gênero e sexuais se multiplicaram e, então, que é impossível lidar com elas apoiadas em esquemas binários; mas também admitir que as fronteiras vêm sendo constantemente atravessadas e – o que é ainda mais complicado – que o lugar social no qual alguns sujeitos vivem é exatamente a fronteira (LOURO, 2001, p. 542).

Assim, a teoria passa a analisar esse quadro não apenas por meio do questionamento de mecanismos de poder que hierarquizam categorias sociais (mulheres/homens, homossexuais/heterossexuais), mas pelo questionamento das próprias categorias enquanto estruturas fixas.

Tal coerência entre a teorização e o cotidiano vivido pelos sujeitos só é possível

¹⁵² Facchini e França (2009) ressaltam que não há concordância absoluta com relação a tais siglas e que diferentes atores sociais por vezes criam suas formas de identificação, como é o caso do GLS (Gays, Lésbicas e Simpatizantes) criado pelo mercado e do HSH (homens que fazem sexo com homens) e MSM (mulheres que fazem sexo com mulheres) utilizado pelo Estado em suas políticas públicas de saúde.

pela sensibilização da academia para as dinâmicas da sociedade. Nesse sentido, para Lopes (2002), os estudos gays são, em boa parte, resultado da aproximação entre as diversas áreas do conhecimento e as militâncias políticas, entre a universidade e a vida cotidiana. Para o autor, essa politização da Academia é um acontecimento, sobretudo estadunidense, percebido a partir dos anos 1970.

É também principalmente nessa década que um conjunto de circunstâncias passa a questionar e abalar os discursos tradicionais que creditavam uma anormalidade à homossexualidade. Um marco histórico foi a manifestação ocorrida nos Estados Unidos em 1969, conhecida como a Rebelião de Stonewall. Fry e MacRae (1983) descrevem o ocorrido da seguinte forma:

[...] na noite de 28 de junho de 1969, uma sexta-feira, alegando o descumprimento das leis sobre a venda de bebidas alcoólicas, a polícia tentou interditar um bar chamado 'Stonewall Inn', localizado em Christopher Street, a rua mais movimentada da área conhecida como o 'gueto' homossexual de Nova York. O que era para ser simplesmente uma ação policial rotineira suscitou uma reação inédita. (FRY; MACRAE, 1983, p. 96)

Os frequentadores do bar se revoltaram e reagiram, protagonizando um violento conflito com a polícia. Durante três noites que se seguiram, uma multidão retornava à rua do Stonewall Inn para protestar contra as frequentes batidas policiais, que junto a um conjunto de atitudes repressivas, desrespeitava os direitos civis dos homossexuais em nome de uma retrógrada moralidade conservadora. A partir dessa rebelião passam a ocorrer uma série de ações, nos Estados Unidos, mas também em outros países, que visam defender os direitos dos homossexuais (FRY e MACRAE, 1983).

No Brasil, segundo Regina Facchini (2003), o movimento homossexual surge na segunda metade da década de 1970, sendo conceituado como o

conjunto das associações e entidades, mais ou menos institucionalizadas, constituídas com o objetivo de defender e garantir direitos relacionados à livre orientação sexual e/ou reunir, com finalidades não exclusivamente, mas necessariamente políticas, indivíduos que se reconheçam a partir de qualquer uma das identidades sexuais tomadas como sujeito desse movimento.

Dessa forma, não se afirma que antes do período citado não havia ações que envolviam os homossexuais enquanto grupo. Adelman (2000) explica o deslocamento entre as ações politizadas anteriores e os chamados movimentos de libertação homossexual:

A grande mudança foi, de fato, ter se transformado de uma subcultura estigmatizada, circunscrita à clandestinidade e obrigada a agir defensivamente, em um movimento que elaborava abertamente uma crítica às relações sociais com que se oprimia e marginalizava a homossexualidade. Como movimento, as atividades eram amplas e diversas: iam desde *community building*, quer dizer, a construção de uma comunidade alternativa, com organização política, social e empresarial próprias; incluíam a atividade cultural, através da qual a experiência subjetiva de ser homossexual era reivindicada, legitimada e divulgada; e passavam pelas estratégias voltadas à reforma das instituições políticas existentes, como por exemplo as campanhas contra a discriminação no trabalho e através da lei (ADELMAN, 2000, p. 169).

Green (2000) afirma, inclusive, que, durante a década de 1960, havia no Brasil uma série de jornais caseiros voltados ao público homossexual que costumavam lidar com assuntos de seu interesse de forma bem-humorada. Os impressos eram produzidos artesanalmente por grupos de homossexuais, e distribuídos em meio a suas redes sociais, geralmente de forma gratuita. O mais duradouro e influente foi *O Snob*, publicado entre 1963 e 1969, com 99 números regulares e uma edição retrospectiva. Ainda segundo o autor, entre 1964 e 1969, mesmo sob a política linha dura do governo militar que desarticulou essas redes e sua produção editorial, surgiram, em todo o país, mais de trinta publicações similares como *Vagalume* (Rio de Janeiro, 1964), *Sophistique* (Campos, RJ, 1966), *Mais* (Belo Horizonte, MG, 1966), *Fatos e Fofocas* (Salvador, BA, 1966), *Sputinik* (Rio Grande do Sul, 1967). Tais impressos podem ser considerados, em alguma medida, precursores de jornais de mesma temática que surgem na década seguinte, entre os quais se destaca *O Lâmpião da Esquina*. Contudo, Facchini (2003) não inclui tais ações dentro do bojo do movimento homossexual por considerá-las de cunho não-politizado, com fins voltados exclusivamente para a sociabilidade.

A autora propõe que, para fins analíticos, observemos a trajetória do movimento no Brasil organizando-o em três “ondas”. A primeira compreende entre o seu surgimento e expansão, durante o período de abertura política nacional, até a emergência da AIDS, em meados da década de 1980. A segunda onda se inicia no fim da década de 1980, e representa um momento de declínio das ações ativistas. Com início na década de 1990, a terceira onda caracteriza-se pela retomada das iniciativas militantes, com maior presença na mídia, vinculação a redes e associações internacionais de defesa de direitos humanos, ações junto a parlamentares reivindicando direitos por meio de projetos de lei, organização de grupos e associações, e eventos de rua.

Marcando o início da primeira onda, em abril de 1978 surge um jornal nacional que trata abertamente a questão da homossexualidade: *O Lâmpião da Esquina*. Esse impresso se estabeleceu como importante veículo das ideias homossexuais, compondo parte da chamada “imprensa alternativa”¹⁵³, que produzia publicações que se opunham ao regime militar, ao modelo econômico, à violação dos direitos humanos e à censura. O periódico divergia de muitos outros por defender que a luta dos homossexuais não deveria se dissociar das lutas de outras minorias (ROSA, 2010). É notória a contribuição de *O Lâmpião* para a articulação das primeiras iniciativas dos movimentos homossexuais (GREEN, 2000; FACCHINI, 2003; ROSA, 2010; TREVISAN, 2011).

Nesse mesmo ano, em São Paulo, um grupo de estudantes, artistas e intelectuais homossexuais organiza um coletivo tido por muitos estudiosos¹⁵⁴ como marco inicial da safra de instituições que se propõem a organizar politicamente a causa homossexual: o “SOMOS - Grupo de Afirmação Homossexual”¹⁵⁵.

O grupo, inicialmente formado apenas por homens, reunia-se semanalmente com o objetivo de trazer ao Brasil do final do Regime Militar as discussões sobre a sexualidade, que já há algum tempo existiam nos EUA e na Europa, de forma a tornar a homossexualidade algo visível à sociedade brasileira, tida como conservadora e preconceituosa. Visando discutir as implicações sociais e pessoais acerca da orientação

¹⁵³ Apesar de ser identificado como integrante dessa imprensa nanica, Rosa (2010) esclarece que *O Lâmpião da Esquina* era um jornal de circulação nacional, atingindo 21 cidades do país. Sua produção contava com uma equipe especializada de funcionários, sendo que o jornal se auto-financiava por meio de vendas pro via postal ou em bancas.

¹⁵⁴ Entre eles, posso citar: MacRae (1990), Green (2000), Facchini (2005) e Trevisan (2007).

¹⁵⁵ MacRae (1990) conta que, em abril de 1978, a Revista Versus, ligada a Convergência Socialista, promoveu uma semana de debates com um dia reservado à imprensa alternativa. O boicote ao *Lâmpião da Esquina* e a resistência à especificação das minorias que seriam apoiadas teriam estimulado João Silvério Trevisan, ativista recém-chegado do exílio, e outros homossexuais presentes no último dia de debates a formarem um grupo para refletir sobre a causa homossexual. O grupo de 15 a 20 pessoas, posteriormente denominado de SOMOS, passou, então, a reunir-se semanalmente.

sexual, sua primeira manifestação pública foi através de uma carta aberta ao Sindicato dos Jornalistas, em que protestaram contra a forma difamatória com que a homossexualidade era apresentada pela imprensa sensacionalista (FRY; MACRAE, 1983).

Um episódio fundamental para o crescimento do SOMOS, o surgimento de outros grupos e a disseminação de manifestações em defesa dos direitos homossexuais foi o debate sobre a temática da homossexualidade, inserido em uma série sobre o tema “Minorias”, organizado pela Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de São Paulo (USP). Segundo João Silvério Trevisan, um dos fundadores do SOMOS e integrante daquela mesa de discussão, esse episódio foi responsável por conquistar novos adeptos ao grupo, tornando-o numericamente expressivo, passando, inclusive, a incluir lésbicas. Ele afirma ainda que, após o debate, a sensação dos debatedores era de que o movimento tinha finalmente conquistado o espaço devido e estava, enfim, nas ruas (TREVISAN, 2011). Além da inclusão de novos integrantes ao SOMOS, o debate da USP deu origem a dois novos grupos: Eros e Libertos (FACCHINI, 2003). Em todos esses grupos é marcante a presença de intelectuais exilados da ditadura militar que traziam, de sua experiência no exterior, inquietações políticas feministas, sexuais, ecológicas e raciais que então circulavam internacionalmente (LOPES, 2002).

Enquanto no Brasil a ditadura militar continha a disseminação das ideias homossexuais, de certa forma limitando-a a formas mais clandestinas ou disfarçadas, no mesmo período surge, especialmente nos Estados Unidos e na Europa, um relativamente amplo aparato cultural gay e lésbico formado por jornais, revistas, literatura e obras de arte (SEIDMAN, 1995; LOURO, 2001; LOPES, 2002). O aumento da tolerância perante os homossexuais permitiu, também, que ocorresse um aumento do número de intelectuais gays que fizeram da homossexualidade tema de suas pesquisas, implicando a criação de centros de estudo, linhas de pesquisa, programas, congressos, etc. (SEIDMAN, 1995; LOPES, 2002).

Segundo Lopes (2002), os estudos que surgem nesse primeiro momento buscam apontar as relações e práticas sexuais entre pessoas do mesmo sexo como experiência comum na história da humanidade. Sobretudo em uma série de trabalhos socioantropológicos, evidenciou-se como as práticas homossexuais e os desvios de gênero foram e são aceitas em culturas diversas. Tais estudos se mostraram importantes, porém insuficientes para responder aos anseios do grupo de intelectuais que emergia.

Ainda que de forma mais tímida, ainda na década de 1970, a homossexualidade também passava a ser mais percebida no Brasil, em especial nas artes (LOURO, 2001).

Podem ser citados enquanto símbolos de transgressões de gênero da época os cantores Ney Matogrosso e Caetano Veloso, e o grupo Dzi Croquettes. Cada um à sua forma, os cantores e os atores/bailarinos questionavam e criticavam convenções, padrões e tabus – especialmente rígidos em função do regime militar – por meio de suas performances andróginas¹⁵⁶.

A aparente linearidade com que a homossexualidade vai ganhando visibilidade e aceitação na sociedade brasileira é fortemente abalada pelo surgimento da AIDS nos anos 80. Sendo chamada de o *câncer gay*, a doença renovou a homofobia, antes aparentemente abrandada pela militância homossexual (LOURO, 2001).

Ainda nesse período, um outro impacto à causa homossexual: o fim de *O Lâmpião da Esquina*. Entre disputas acerca de um projeto editorial e dificuldades financeiras, o jornal encerrou suas atividades em junho de 1981, deixando vazio o seu lugar de importante divulgador de ideias e atividades do movimento LGBT (FACCHINI, 2003).

Também na década de 1980, a desarticulação dos movimentos é notável. Facchini (2003) expõe que o número de grupos ativistas brasileiros caiu drasticamente. Ela traz como hipóteses exatamente o surgimento da epidemia da AIDS, tanto enquanto fator desmobilizador das propostas de liberação sexual como, também, por provocar o deslocamento de lideranças que passaram a focar no combate à epidemia¹⁵⁷. Acima de tudo, os movimentos parecem não ter conseguido se adaptar a um ideal e estilo de militância coerente com o período democrático após o fim da ditadura militar¹⁵⁸. Richard Green (1998) cita, ainda, alguns fatores que poderiam ter contribuído para esse declínio: o crescimento da inflação e do desemprego como fator que dificultaria a mobilização dos ativistas; a falsa ideia de que em tempos democráticos os direitos civis dos homossexuais poderiam expandir-se mais facilmente; o espaço dado para a homossexualidade em meios de comunicação comerciais e a expansão de um mercado voltado para homossexuais produzindo uma ilusão de liberdade e de que a organização política não era necessária.

¹⁵⁶ Para ilustrar a ação desses grupos em tal período, sugiro assistir ao documentário *Dzi Croquettes* (2009).

¹⁵⁷ Trevisan (2011) e Facchini (2003) apontam que outros grupos conjugaram a luta pela legitimidade da homossexualidade e o combate à epidemia, desenvolvendo um novo tipo de militância gay.

¹⁵⁸ Facchini (2003) descreve algumas características de grupos militantes que mantiveram sua existência ao longo da segunda onda, como o Grupo Gay da Bahia e Triângulo Rosa. Destaca-se: o caráter formal e institucionalizado, afastando-se do perfil comunitário; a formulação de estratégias de ação mais pragmáticas, focadas exclusivamente na causa gay e não em uma transformação social mais ampla.

Principalmente ao longo desse período de declínio, ainda que também anteriormente, identifica-se uma série de rupturas, dissidências, dissoluções e novas formações de grupos ativistas LGBT. Em boa parte das ocorrências o motivo era a divergência quanto a reivindicações e projetos para os movimentos (FACCHINI, 2003). Na redemocratização do país, a possibilidade de integrar-se a partidos políticos, diante da opção de seguir uma luta independente, proporcionou, ainda, mais um motivo de tensão interna (LOURO, 2001).

Apesar da desarticulação da causa LGBT percebida na segunda onda, Louro (2001) aponta alguns impactos “positivos” para o movimento, pelo surgimento da AIDS. A partir de sua disseminação, foi criada uma rede de sociabilidade, que ultrapassava os contornos dos movimentos homossexuais, promovendo encontros plurais. Assim depõe Trevisan (2011):

Para discutir um problema (então) primordialmente relacionado com a vida homossexual, juntavam-se tanto homossexuais interessados quanto familiares das vítimas, voluntários/as, gente à procura de informação etc. [...] Ficou claro, por um lado, que homossexuais não existem à parte, num mundo confinado. Por outro, ali se via como homossexuais estavam sendo “integrados” da melhor maneira possível: através de sua “doença” (TREVISAN, 2011, p. 465).

O desconfinamento dos homossexuais foi ainda mais agudo a partir da década de 1990. Apesar do imaginário popular manter a preconceituosa associação entre a AIDS e a homossexualidade, os números demonstraram que o vírus não escolhia predileções sexuais: se na década de 1980 a proporção de mulheres infectadas era de uma para cada quarenta homens, no final da década de 1990 passou a ser de uma para cada dois, sendo que, na faixa de 15 a 19 anos, o número de homens e mulheres com o HIV era igual. Desfazia-se a fantasia da “peste gay”, ficando claro que a humanidade é um grande grupo de risco (TREVISAN, 2011).

O medo e preocupação que a AIDS despertou teve, ainda, outro desdobramento sobre os discursos acerca dos homossexuais. Se antes eles se atentavam às identidades, definindo comportamentos e características desse grupo e seu lugar na sociedade, agora se concentram nas práticas sexuais, sendo a saúde a preocupação central (LOURO, 2001).

Facchini (2003) afirma que poucos estudos abordam o período que corresponde à terceira onda dos movimentos LGBT. Ela afirma que houve sensível aumento do número de grupos LGBT, assim como de sua participação nos encontros nacionais realizados pelo Movimento. Organizados por algumas dessas entidades, essas reuniões visavam discutir e deliberar propostas de ação, de forma a promover uma luta comum e organizada. Algumas resoluções desses encontros demonstram o novo perfil que a causa LGBT constituía. No 7º encontro, realizado em 1993, era evidente a marca da pluralidade de atores presentes. Entre as discussões citadas por Facchini (2003), aponto: 1. A referência às discussões de gênero; 2. A definição do movimento enquanto “Movimento de gays e lésbicas”; 3. A preocupação com a participação do movimento no consórcio de vacinas contra o HIV; 4. A resolução sobre a participação no 1º Congresso de Movimentos Populares.

Essa pluralidade se organiza não só em um número maior de grupos, mas em grupos com diferentes formatos institucionais e propostas de atuação. Nesse novo cenário presenciamos, ainda, a intensificação da presença de alguns atores, como a mídia, ONGs e o próprio Estado.

Entendo que tais organizações refletem não só o amadurecimento organizacional do movimento, mas a emergência da multiplicidade de subjetividades, posicionamentos, necessidades, desejos. É nesse contexto multifacetado que analiso o caso Michael.

3.3 As marcas da homofobia

Apesar da homofobia acompanhar boa parte da história das homossexualidades, há quem afirme que foi apenas em 1971 que o termo foi usado pela primeira vez, em um artigo de K. T. Smith, que tratava das características de uma personalidade homofóbica (BORILLO, 2001). Isso aponta que, até então, as atitudes de discriminação e intolerância contra homossexuais não recebiam atenção suficiente para gerar uma denominação específica.

Esse cenário mudou. Em parte porque, atualmente, em vez de estudarmos o comportamento homossexual, tratado no passado como uma aberração, a atenção está centrada na compreensão das razões que levaram a reconhecer esta forma de sexualidade como anormal (BORILLO, 2001). A homofobia, como reação de repulsa diante dessa suposta anormalidade, torna-se um importante elemento de análise.

Apesar do uso corrente, o termo *homofobia* apresenta algumas limitações. Além da ambigüidade de *homo*, podendo referir-se imprecisamente ao que é igual, Leal e Carvalho (2009, p.3) ressaltam o fato de que a “expressão ‘fobia’ dá um peculiar acento psicológico a essa repulsa, ressaltando, talvez em demasia, aspectos individuais de um fenômeno social”. Nesse sentido, os autores ressaltam que compreender a homofobia ultrapassa os estudos isolados de preconceito social e de cunho psicanalítico, exigindo atenção às relações de poder, de gênero e de sexualidade presentes na cultura e que definem a própria constituição dos indivíduos. Dessa forma, a homofobia, como o sexismo e a violência de gênero, manifesta-se tanto na esfera do indivíduo – na relação com si e com o outro – quanto nas matrizes culturais de uma sociedade.

É com vias a esse entendimento que Daniel Borillo (2001) distingue duas formas de homofobia. A homofobia geral, também chamada de cognitiva ou social, refere-se à discriminação de pessoas em razão de seu sexo, e mais concretamente “contra pessoas que mostram, ou a quem se atribuem, algumas qualidades (ou defeitos) atribuídos ao outro gênero” (p. 27). Essa forma de homofobia atinge, assim, não apenas homossexuais, mas qualquer sujeito que não se adeque às normas de gênero impostas a seu sexo. Produtos desse tipo de homofobia são as piadas e insultos, habituais na linguagem coloquial, mas que subjulgam homossexuais e transgêneros, reduzindo-os a personagens caricaturais. Outras formas são ligadas a falta de reconhecimento de direitos que conduziriam a equidade perante os heterossexuais, como o direito ao casamento e a adoção, e até mesmo a legitimidade social de demonstrações públicas de afeto.

A homofobia específica – psicológica ou individual –, por sua vez, é uma forma de intolerância direcionada especialmente e individualmente a gays e lésbicas. Nesse caso, assistir a um casal gay na televisão ou a simples proximidade física de um homossexual é motivo para incômodo ou raiva.

O autor entende que os dois fenômenos podem ser identificados tanto juntos quanto isolados. É, assim, a partir dessa distinção entre homofobia geral e específica, que Borillo (2001) explica que o fato de uma pessoa ter amigos homossexuais, gostando de sua companhia, não implica o reconhecimento de seus direitos civis ou a legitimação de determinado estilo de vida.

A homofobia tem suas raízes bastante imbricadas à heteronormatividade, sendo essa entendida como a histórica naturalização da heterossexualidade como referência à normalidade do comportamento e identidade sexual. A matriz heteronormativa

pressupõe que a ideia de masculinidade repousa sobre a repressão necessária de aspectos femininos – do potencial bissexual do sujeito – e introduz o conflito na oposição do masculino e do feminino.

As noções de masculinidade e feminilidade são comumente relacionadas ao gênero. Nesse sentido, é importante compreender que perspectivas acerca desse conceito são utilizadas neste trabalho.

Segundo Oliveira et al. (2009), o conceito de gênero foi cunhado em 1957 por John Money, psicólogo e sexólogo americano que desenvolvia protocolos médicos de intervenção em crianças intersexuais, consideradas anatomicamente “ambíguas” pelos padrões tradicionais da diferença sexual. O termo foi criado para definir o pertencimento de tais crianças aos grupos masculino ou feminino. O gênero era, então, associado a uma verdade psicológica anterior à morfologia dos corpos.

Mais adiante, o termo foi apropriado pelas feministas americanas como forma de se referir à organização social entre os sexos. Nesse contexto, o intuito é de enfatizar o caráter fundamentalmente social das distinções baseadas no sexo, rejeitando a máxima “biologia é destino” (SCOTT, 1995; BUTLER, 2006)¹⁵⁹. Têm-se, assim, a intenção de passar a utilizar uma expressão que não aludisse ao determinismo biológico (caso de “papéis sexuais”, por exemplo). Segundo Joan Scott (1995), o termo contribuiu, ainda, para a constituição de uma noção relacional nos estudos sobre mulheres, reconhecendo que, para analisá-las, era preciso também compreender o homem, e que suas histórias não poderiam ser lidas como experiências paralelas e não relacionadas.

Com o desenvolvimento dos estudos sobre sexo e sexualidade, gênero se tornou uma categoria útil para distinção entre as práticas sexuais e os modelos impostos socialmente a homens e mulheres. Sobre a relação de gênero e sexualidade, Butler (2006) afirma que, ainda que as práticas sexuais não produzam, de maneira causal, determinados gêneros, sob a condição da heterossexualidade normativa, policiar o gênero é, por vezes, usado como forma de assegurar a heterossexualidade. Além disso, reconhecendo que a regulação de gênero é um instrumento de regulação sexual, ela se constitui, também, como dimensão do funcionamento da homofobia. Assim, compreender como se constituem os dispositivos de poder que regulam as normas de gênero é uma atitude fundamental para os estudos acerca de identidades sexuais não-normativas, entre as quais as homossexualidades.

¹⁵⁹ Vale pontuar que Scott (1995) e Butler (2006) não abordam a utilização do termo gênero por John Money, entendendo que o termo surge com as feministas.

É unânime entre os estudiosos que o gênero é fruto de uma construção. As divergências surgem quando nos perguntamos como ocorre essa construção. Corroboro com a visão de que ele não é o produto direto do sexo, constituído a partir de uma relação causal ou fixa¹⁶⁰. Butler (1986) chega a afirmar que, levando a distinção de corpo (sexo) e gênero ao seu limite, podemos entender que o corpo feminino seria apenas um lócus arbitrário do gênero *mulher* e não há motivo para que esse mesmo corpo não seja o lócus de alguma outra construção de gênero. A autora acrescenta também que “ainda que os sexos pareçam inquestionavelmente ser dois, em sua morfologia e construção (o que virá a se tornar uma dúvida), não há razão para assumir que os gêneros devem, também, manterem-se como dois” (BUTLER, 2006, p. 9. Tradução livre do inglês)¹⁶¹.

O distanciamento de gênero enquanto uma identidade fixa, coerente, constante e, conseqüentemente, dualizada é explicada por Butler (2006) a partir do conceito de performatividade. Para a autora, ao construirmos uma expectativa de gênero, constituímos uma espécie de essência a ser descoberta, uma expectativa que acaba produzindo o exato fenômeno pelo qual esperávamos. Assim, é a própria antecipação do gênero que acaba por produzir aquilo que se postula estar fora do sujeito. Além disso, ela defende que o gênero impõe sua existência no cotidiano, no engajamento constantemente repetido em determinados comportamentos, valores e ideais, alcançando seus efeitos por meio de sua naturalização. A visão de que o gênero é performativo, dessa forma,

busca mostrar que o que entendemos ser uma essência interna de gênero é construída através de um sustentado conjunto de atos, postulados através de uma estilização generificada do corpo. Dessa forma, ele mostrou que o que pensamos ser uma característica “interna” de nós mesmos é algo que antecipamos e produzimos através de certos atos corporais, em um extremo, efeitos alucinatórios de gestos naturalizados (BUTLER, 2006, p. 15-16. Tradução livre do inglês)¹⁶².

¹⁶⁰ Butler (2006) nega o que chama de “metafísica da substância”, um termo apropriado de Nietzsche, que remeteria à ideia de que *somos* gênero, sob um esforço de interiorização de uma essência de *ser* homem ou *ser* mulher.

¹⁶¹ “[...] even if the sexes appear to be unproblematically binary in their morphology and constitution (which will become a question), there is no reason to assume that genders ought also to remain as two.”

¹⁶² “[...] sought to show that what we take to be an internal essence of gender is manufactured through a sustained set of acts, posited through the gendered stylization of the body. In this way, it it showed that what we take to be an ‘internal’ feature of ourselves is one that we anticipate and produce through certain body acts, at an extreme, an hallucinatory effect of naturalized gestures.”

Assim, as normas de gênero são reiteradas e constantemente legitimadas pela expressão e repetição dessas mesmas normas pela via prática, pelas performances.

Seguindo esse raciocínio, o gênero não é um produto da cultura passivamente incorporado pelos sujeitos. Não há, nesse sentido, regras universais que regem sua constituição. Butler (1986), a partir da leitura de Simone de Beauvoir, defende que, em alguma medida, o gênero é um processo de construção de nós mesmos¹⁶³. Assim, sob a famosa frase de Beauvoir, “Não nascemos mulher, tornamo-nos mulher”, esconde-se uma ambiguidade interna. Ao mesmo tempo em que o verbo “tornar-se” remete a uma ação voluntária, a uma escolha, é também aculturação. É, assim, simultaneamente projeto e construção. Ao sustentar essa ambiguidade, Beauvoir formula a ideia de gênero como um lócus corpóreo de possibilidades culturais, ao mesmo tempo recebidas e inovadas (BUTLER, 1986).

É importante enfatizar que essa perspectiva não cria uma dualidade corpo-gênero. Sobre isso, Butler (2006) afirma que:

Gênero não deve ser concebido meramente como a inscrição cultural de significado em um sexo pré-determinado (uma concepção jurídica); gênero deve, também, designar os aparatos de produção pelos quais os sexos em si são estabelecidos. Como um resultado, gênero não está para a cultura como sexo está para a natureza; gênero é, também, o significado discursivo/cultural pelo qual a “natureza sexuada” ou o “sexo natural” é produzido e estabelecido como “pré-discursivo”, anterior à cultura, uma superfície política neutra na qual a cultura age (BUTLER, 2006, p. 10. Tradução livre do inglês, grifos do original)¹⁶⁴

Assim, essas duas categorias analíticas intimamente relacionadas não se organizam uma se adicionando a outra, como forma de darem sentido ao sujeito generificado e

¹⁶³ Beauvoir não utiliza o termo gênero, mas tece reflexões acerca do que chama de sexo social, que hierarquiza e impõe padrões a homens e mulheres. Assim, as análises de Butler partem a partir de posicionamentos que a autora faz ao longo do texto, ainda que sem utilizar o termo “gênero”.

¹⁶⁴ “Gender ought not to be conceived merely as the cultural inscription of meaning on a pregiven sex (a juridical conception); gender must also designate the very apparatus of production whereby the sexes themselves are established. As a result, gender is not to culture as sex is to nature; gender is also the discursive/cultural means by which “sexed nature” or “a natural sex” is produced and established as ‘predisursive’, prior to culture, a politically neutral surface *on which* culture acts.”

sexuado. Sua relação é mais conflituosa do que essa visão parece propor. Reconhecendo que as representações do corpo são, também, gestadas na cultura, percebemos que a relação corpo-gênero gera sobreposições, por vezes desconexas e conflituosas.

Mais adiante, a regulação de gênero e da sexualidade repousa, com frequência, sob expectativas de identidades coerentes, especialmente constituídas a partir de um alinhamento entre sexo, desejo – ou sexualidade¹⁶⁵ – e gênero. Sob essa lógica, homens (machos) necessariamente deveriam desenvolver afetos e desejos por mulheres (heterossexuais) e possuir características ligadas à virilidade e agressividade (masculinos). As mulheres (fêmeas), por sua vez, deveriam ser sexualmente e afetivamente atraídas por homens (heterossexuais) e ter traços ligados à sensibilidade e à graciosidade (feminilidade). Como explica Louro (2009), tal controle apresenta muitos desdobramentos:

Esse alinhamento (entre sexo-gênero-sexualidade) dá sustentação ao processo de heteronormatividade, ou seja, à produção e à reiteração compulsória da norma heterossexual. Supõe-se, segundo essa lógica, que todas as pessoas sejam (ou devam ser) heterossexuais – daí que os sistemas de saúde ou de educação, o jurídico ou o midiático sejam construídos à imagem e à semelhança desses sujeitos. São eles que estão plenamente qualificados para usufruir desses sistemas ou de seus serviços e para receber os benefícios do Estado. Os outros, que fogem à norma, poderão na melhor das hipóteses ser reeducados, reformados (se for adotada uma ótica de tolerância e complacência); ou serão relegados a um segundo plano (tendo de se contentar com recursos alternativos, restritivos, inferiores); quando não forem simplesmente excluídos, ignorados ou mesmo punidos (LOURO, 2009, p. 90).

A reprodução desse alinhamento é perceptível de diferentes formas nas falas de uma série de leitores-comentaristas, como citado abaixo:

¹⁶⁵ Para tratar do mesmo fenômeno, Judith Butler faz uso do termo *desejo*, enquanto Louro utiliza *sexualidade*. Nesse contexto, não fazemos distinção entre os dois.

Full Metal Jacket: Vôlei masculino é pra homem.¹⁶⁶
 ekaliu alencar: Ele não é gay??? Porque sentir-se ofendido se o chamam de bicha? Se o chamassem de homem, homem, homem...aí sim ele deveria ficar ofendido, já que estariam contrariando sua vontade (“orientação”) sexual.¹⁶⁷

Nas citações acima o termo *homem* é utilizado para se referir a um indivíduo heterossexual do sexo masculino. Assim, sexo e sexualidade são entendidos quase como uma categoria única, gerando um novo binarismo: homem/gay. Fixados no alinhamento sexo-gênero e no binarismo homem-mulher, alguns leitores-comentaristas acabam por definir o homossexual como um indefinido, um sem lugar, como é possível evidenciar no trecho a seguir:

Ronaldo Mitt: Uma coisa básica. Quando fiz o cadastro no UOL para fazer este comentário, me perguntaram pelo sexo; masculino ou feminino. Perceberam a sutileza, não existe outro. Se o cara opta por ser gay, não tem problema, aliás é problema dele.[...]¹⁶⁸

Outro leitor-comentarista vai mais adiante:

José Miranda Lima: [...] Ora, se o sujeito é homem, não pode ser gay, havendo assim, uma grande contradição. Ser gay, é a autonegação da condição de ser homem, é o desejo desenfreado e incontido do indivíduo, em ser mulher, embora possuir alguns atributos masculinos. Portanto, se o indigitado é “homem”, por ser gay, há contradição.¹⁶⁹

¹⁶⁶ Comentário da reportagem do site do Estado de Minas, intitulada “Cruzeiro faz a festa da torcida, atropela Vôlei Futuro e chega à decisão inédita”, de autoria de Vicente Ribeiro, de 15 de abril de 2011. Disponível em: <http://www.superesportes.com.br/app/1,15/2011/04/15/noticia_volei181976/>. Acesso em: 15 de janeiro de 2012.

¹⁶⁷ Comentário de reportagem do site da Folha de São Paulo intitulada “Vi um ginásio inteiro gritando ‘bicha’, diz Michael”, de autoria de Mariana Bastos, de 6 de abril de 2011. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/esporte/898787-vi-um-ginasio-inteiro-gritando-bicha-diz-michael.shtml>>. Acesso em: 15 de janeiro de 2012.

¹⁶⁸ Comentário de reportagem do site da Folha de São Paulo intitulada “Equipes trocam acusações em caso de homofobia no vôlei”, de autoria da editoria do site, de 6 de abril de 2011. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/esporte/899157-equipes-trocam-acusacoes-em-caso-de-homofobia-no-volei.shtml>>. Acesso em: 15 de janeiro de 2012.

¹⁶⁹ Comentário de reportagem do site da Folha de São Paulo intitulada “Equipes trocam acusações em caso de homofobia no vôlei”, de autoria da editoria do site, de 6 de abril de 2011. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/esporte/899157-equipes-trocam-acusacoes-em-caso-de-homofobia-no-volei.shtml>>. Acesso em: 15 de janeiro de 2012.

Na fala, o gay é tido não só como oposto ao homem, mas também como aquele que deseja ser uma mulher. Essa visão parece ser guiada pela necessidade de uma organização binária. Enquanto um indivíduo que se relaciona sexualmente com homens, o gay revelaria seu desejo de não sê-lo, enquadrando-se assim na única outra opção: ser mulher. De forma semelhante, em outros discursos propõem-se a simetria entre homossexuais e mulheres, como nos seguintes trechos:

Leo Augusto: Existem times de vôlei masculino e feminino. É só trocar o ofendido de time.¹⁷⁰

Cristiano Neves da Silva: Também não entendi o boiola ficar ofendidA¹⁷¹

@sojacity: Acho que esta é a hora de quebrar tabus e permitir que gays entrem no time feminino e as lésbicas migram para o masculino.¹⁷²

Parece-me que a maioria dos leitores-comentaristas que utilizaram de artigos femininos para identificar Michael ou que afirmaram que ele deveria jogar em times femininos o fazem, acima de tudo, com intenções jocosas ou agressivas. Os discursos que afirmam a suposta impossibilidade de ser gay e homem simultaneamente são, assim, formas simbólicas de enfatizar o afastamento entre homossexuais e heterossexuais masculinos. Essa perspectiva reforça ainda a visão binária de homem e mulher. Se o gay não se enquadra dentro do modelo masculino imposto, automaticamente ele é qualificado como mulher.

Um outro recurso também acionado é negar sua relação com qualquer dos dois sexos, incluindo-o dentro de uma terceira categoria que necessita ser demarcadamente separada das demais:

Fernando TF: [...] Se continuar assim, melhor fazer um campeonato só para gays, pois não se encaixam em nenhum dos dois sexos conhecidos [...]¹⁷³

¹⁷⁰ Comentário de reportagem do site da Folha de São Paulo intitulada “Vôlei Futuro crítica multa dada ao Cruzeiro e ironiza STJD”, de autoria da diretoria do site, de 14 de abril de 2011. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/esporte/902694-volei-futuro-critica-multa-dada-ao-cruzeiro-e-ironiza-stjd.shtml>>. Acesso em: 15 de janeiro de 2012.

¹⁷¹ Comentário da reportagem do site do Estado de Minas intitulada “Cruzeiro faz a festa da torcida, atropela Vôlei Futuro e chega à decisão inédita”, de autoria de Vicente Ribeiro, de 15 de abril de 2011. Disponível em: <http://www.superesportes.com.br/app/1,15/2011/04/15/noticia_volei_181976/>. Acesso em: 15 de janeiro de 2012.

¹⁷² Comentário da reportagem do site da Folha de São Paulo intitulada “Vi um ginásio inteiro gritando ‘bicha’, diz Michael”, de autoria de Mariana Bastos, de 6 de abril de 2011. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/esporte/898787-vi-um-ginasio-inteiro-gritando-bicha-diz-michael.shtml>>. Acesso em: 15 de janeiro de 2012.

¹⁷³ Comentário de reportagem do site da Folha de São Paulo intitulada “Equipes trocam acusações em caso de homofobia no vôlei”, de autoria da editoria do site, de 6 de abril de 2011. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/esporte/899157-equipes-trocam-acusacoes-em-caso-de-homofobia-no-volei.shtml>>. Acesso em: 15 de janeiro de 2012.

Fatima Merola: [...] Vai entender essa gente “quase mulher”¹⁷⁴

eduardo daniel: Eu tenho a solução para tal situação: Já que existe a liga masculina e a liga feminina, porque não se cria a liga GLBT??? Pronto!! A confederação de vôlei iria agradar a gregos e troianos, e ninguém encheria mais o saco!!¹⁷⁵

Fernando TF: este terceiro sexo não quer se encaixar em nenhum dos dois...deveriam então criar mais uma modalidade: *vôlei nem-masculino-nem-feminino*.¹⁷⁶

Em três das falas, representativas de um conjunto mais amplo encontrado na pesquisa, propõe-se que seja criado um espaço exclusivamente para os homossexuais. A sugestão da constituição desses locais, comumente chamados de guetos homossexuais, é, assim, claramente uma estratégia segregacionista. É fundamental diferenciar essa proposta da constituição dos guetos como iniciativa dos próprios homossexuais, ainda que esse também seja objeto de críticas.

Em 1983, Edward MacRae publicou o artigo “Em defesa do gueto”, no qual defende a existência de tais espaços. O autor argumentava que o gueto não somente amplia as possibilidades de encontro com parceiros sexuais, mas se constitui enquanto ambiente em que o preconceito é momentaneamente afastado, potencialmente reduzindo sentimentos de desconforto e culpa dos homossexuais com relação à sua própria sexualidade. Para MacRae (1983), a sensibilização sobre novas formas de gerenciar comportamentos homossexuais e a reflexão acerca das regulações de sexo e de gênero que ocorria no gueto faria com que, mais cedo ou mais tarde, ele atenuasse o preconceito, também, em outras áreas da sociedade.

¹⁷⁴ Comentário da reportagem do site da Folha de São Paulo intitulada “Vôlei Futuro reclama de homofobia em Minas; Cruzeiro rebate”, de autoria da editoria do site, de 4 de abril de 2011. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/esporte/898237-volei-futuro-reclama-de-homofobia-em-minas-cruzeiro-rebate.shtml>>. Acesso em: 15 de janeiro de 2012.

¹⁷⁵ Comentário da reportagem do site da Folha de São Paulo intitulada “Vôlei Futuro vence Cruzeiro e força terceiro jogo na Superliga”, de autoria da editoria do site, de 9 de abril de 2011. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/esporte/900524-volei-futuro-vence-cruzeiro-e-forca-terceiro-jogo-na-superliga.shtml>>. Acesso em: 15 de janeiro de 2012.

¹⁷⁶ Comentário da reportagem do site da Folha de São Paulo intitulada “Cruzeiro é multado em R\$ 50 mil em caso de homofobia no vôlei”, de autoria da editoria do site, de 13 de abril de 2011. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/esporte/902110-cruzeiro-e-multado-em-r-50-mil-em-caso-de-homofobia-no-volei.shtml>>. Acesso em: 15 de janeiro de 2012 (grifo do autor do comentário).

Simões e França (2005) defendem que o gueto não deve ser entendido como um espaço físico delimitado em que a totalidade ou maioria dos frequentadores são homossexuais. Para eles, a partir da observação dos deslocamentos dos sujeitos por lugares em que se exercem atividades relacionadas à orientação e à prática (homos)sexual é possível identificar manchas e circuitos¹⁷⁷ que comportam indivíduos agrupáveis não só por sua orientação sexual, mas por sexo, poder de consumo, “estilo de vida”, modo pelo qual expressa suas preferências sexuais, etc. Para eles, esses conceitos são mais adequados para a descrição do “gueto homossexual” no contexto brasileiro.

Tendo isso em vista, Simões e França (2005) apontam para a mercantilização dessas manchas e circuitos ao longo das duas décadas que se seguiram à publicação do artigo de MacRae. A sigla GLS é um símbolo desse momento. Termo que designa “gays, lésbicas e simpatizantes”, ela surge na década de 1990 e refere-se ao mercado criado em torno da identidade homossexual. Ao abarcar os *gay friendly* brasileiros, o conceito de GLS propõe um convívio pluralista que se materializa na multiplicação de atividades ligadas às homossexualidades, mas de repercussão social para além da cena gay (TREVISAN, 2011). Nesse contexto, um caso exemplar é o Festival Mix Brasil da Diversidade Sexual, que surgiu no ano de 1993, com o intuito inicial de exibir filmes que investigam expressões marginais de sexualidade, inspirado em eventos similares de Nova York, Paris, Tóquio e México.

O desenvolvimento do mercado GLS é marcado não só por meio da multiplicação de boates, clubes, saunas, etc., mas também pela organização de novos eventos, crescimento da Parada do Orgulho LGBT, aumento do número de artistas focados no público gay, oferta de atividades ou espaços LGBT em eventos ou locais tidos como heterossexuais (como boates que possuem um dia focado nesse público ou a organização de espaços LGBT no Carnaval, por exemplo), entre outros. Para Simões e França (2005) esse desenvolvimento da cena homossexual demonstra tendências em favor da massificação e da integração.

¹⁷⁷ Magnani (2002) propõe algumas categorias de análise úteis, em especial, para pesquisas etnográficas urbanas. Entre elas, estão os conceitos de manchas e circuitos. Manchas são “áreas contíguas do espaço urbano dotadas de equipamentos que marcam seus limites e viabilizam – cada qual com sua especificidade, competindo ou complementando – uma atividade ou prática predominante. Numa *mancha* de lazer, os equipamentos podem ser bares, restaurantes, cinemas, teatros, o café da esquina etc., os quais, seja por competição seja por complementação, concorrem para o mesmo efeito: constituir pontos de referência para a prática de determinadas atividades” (MAGNANI, 2002, p.49). O circuito, por sua vez, é “uma categoria que descreve o exercício de uma prática ou a oferta de determinado serviço por meio de estabelecimentos, equipamentos e espaços que não mantêm entre si uma relação de contigüidade espacial, sendo reconhecido em seu conjunto pelos usuários habituais” (MAGNANI, 2002, p.48).

Apesar de não ser possível generalizar os usos e desdobramentos dessas manchas e circuitos homossexuais, concordo com a posição dos autores de que a expansão, diversificação e mercantilização dos espaços de sociabilidade homossexual, tratando especificamente dos centros urbanos brasileiros, de forma geral, não segue uma lógica isolacionista e vem contribuindo para a visibilidade desses sujeitos. Parece óbvio, contudo, que não é sob essa ótica que os leitores-comentaristas, citados anteriormente, propõem a criação de uma “liga LGBT” de voleibol. Ao identificar um problema – o incômodo de Michael com as manifestações “dos heterossexuais” –, eles apontam uma solução: que o jogador se isole em um espaço onde isso não ocorrerá. Contudo, sob a fala que diz que essa ação “irá agradar a gregos e troianos”, um dos leitores-comentaristas enfatiza o que está presente na fala dos demais, ainda que de forma menos explícita: a preocupação deles não é o incômodo de Michael, mas sim o dos indivíduos que não toleram terem suas crenças e concepções sobre a sexualidade questionadas pela existência e visibilidade dos homossexuais. A “liga LGBT” seria, assim, uma forma de ocultar e silenciar o que, para eles, é indesejável.

Seja por meio da transferência dos gays para os torneios femininos ou através da criação de uma liga própria, o objetivo a que se propõe é o mesmo: demarcar as diferenças entre heterossexuais e homossexuais, delimitando as fronteiras que os separam. O tom com que essa diferenciação acontece deixa claro que ela é acompanhada de uma hierarquização em que o gay é o desviante, o anormal, o inferior.

A expectativa de coerência nas relações sexo-gênero também foi notada:

Ana Carolina Ventura: Graças aos gays, hoje os evangélicos usam ternos, pois foram eles que desenharam os 1os moldes desde o século XVII e até o século XIX. Todos eram gays¹⁷⁸

Watch Tower: Se o cara é uma moça e quer que a torcida fique calada, vai dançar balé.¹⁷⁹

Ainda que se reconheça a possibilidade da ironia ou humor em tais falas, há uma reiteração de que os valores associados aos homossexuais são os hegemonicamente

¹⁷⁸ Comentário da reportagem do site da Folha de São Paulo intitulada “Não importa se jogador tem namorado ou namorada, diz Bernardinho”, de autoria de Mariana Bastos, de 27 de maio de 2011. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/esporte/921425-nao-importa-se-jogador-tem-namorado-ou-namorada-diz-bernardinho.shtml>>. Acesso em: 15 de janeiro de 2012.

¹⁷⁹ Comentário da reportagem do site da Folha de São Paulo intitulada “Vôlei Futuro critica multa dada ao Cruzeiro e ironiza STJD”, de autoria da editoria do site, de 14 de abril de 2011. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/esporte/902694-volei-futuro-critica-multa-dada-ao-cruzeiro-e-ironiza-stjd.shtml>>. Acesso em: 15 de janeiro de 2012.

ligados ao feminino, de forma a diferenciar os homossexuais de homens heterossexuais, sendo qualquer identificação entre eles algo impensável. Mais além, ao propor tais estereótipos, a flexibilidade das construções dos sujeitos é negada. As afirmações, contudo, não são dignas de estranhamento. Apesar de uma série de ações, executadas especialmente pelos movimentos feministas, terem desestabilizado sensivelmente as normatizações de gênero, em especial no cotidiano das mulheres, determinados espaços e atividades parecem ainda estar fortemente associadas a um ou outro sexo. Além disso, mesmo os padrões que na prática já foram desconstruídos ainda são, por vezes, usados para promover deboches ou ofensas.

Para Borillo (2001), apesar de argumentações diversas que defendem uma suposta naturalidade da heterossexualidade por motivos biológicos, ligados, sobretudo, à reprodução da espécie, a divisão de gêneros e a imposição do desejo heterossexual são, acima de tudo, dispositivos de manutenção da ordem social. Nesse sentido, qualquer abalo a essa estrutura é resistido, intolerado, reprimido. O desejo de conservação desse *status quo* parece ser, assim, o motivo pelo qual um grande número de leitores-comentaristas se incomoda com o espaço que é dado à questão da homossexualidade, como evidenciado nos comentários abaixo:

Alexandre Boechat: Já está começando a encher o saco esta frescuragem.¹⁸⁰

Orlando Miranda: Não se fala mais nada nesse país que não seja sobre gays não??? Ta chato isso já...¹⁸¹

Adalberto Martins Fereira: Essa apelação gay já está enchendo o saco. Será que não tem outro assunto para se publicar em jornal? [...]¹⁸²

O argumento de que o tema tratado “é chato” soa como pretexto para a sua não discussão. Tomando como parâmetro a pesquisa realizada por Leal e colaboradores (2008) – que analisou os veículos *O Globo*, *Folha de S. Paulo*, *O Tempo*, *Vêja*, *Jornal Nacional*

¹⁸⁰ Comentário da reportagem do site da Folha de São Paulo intitulada “Jogador do Vôlei Futuro revê torcida que o ofendeu”, de autoria de Mariana Bastos, de 15 de abril de 2011. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/esporte/903013-jogador-do-volei-futuro-reve-torcida-que-o-ofendeu.shtml>>. Acesso em: 15 de janeiro de 2012.

¹⁸¹ Comentário da reportagem do site da Folha de São Paulo intitulada “Não importa se jogador tem namorado ou namorada, diz Bernardinho”, de autoria de Mariana Bastos, de 27 de maio de 2011. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/esporte/921425-nao-importa-se-jogador-tem-namorado-ou-namorada-diz-bernardinho.shtml>>. Acesso em: 15 de janeiro de 2012.

¹⁸² Comentário da reportagem do site da Folha de São Paulo intitulada “Não importa se jogador tem namorado ou namorada, diz Bernardinho”, de autoria de Mariana Bastos, de 27 de maio de 2011. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/esporte/921425-nao-importa-se-jogador-tem-namorado-ou-namorada-diz-bernardinho.shtml>>. Acesso em: 15 de janeiro de 2012.

e *MGTV 2ª edição* –, parece que os veículos impressos tratam do tema primordialmente por meio de material noticioso, fruto não necessariamente de um desejo de exposição da causa, mas talvez por uma busca pelo factual¹⁸³. A pesquisa encontrou, também, um baixo número de editoriais dedicado à temática, o que pode indicar que os veículos não possuem uma linha editorial explícita que privilegia a temática LGBT e o combate à homofobia.

Para além da visão de que as discussões do caso Michael são enfadonhas, encontrei outra linha de raciocínio semelhante, que defende que as manifestações homofóbicas, ainda que existentes, não deveriam ser dignas de tanta atenção, uma vez que tomam espaço de assuntos considerados de maior importância.

Paulo Adriano: O país está infestado de traficantes e criminosos, com malucos atirando pelas ruas e a sociedade está mais preocupada com homofobia???

Chega de BESTEIRA e *vamos cuidar do que interessa*.¹⁸⁴

Raphael Brasil: Virou moda agora falar que tudo é homofobia. Galera gosta de criar polêmica. Daqui a pouco não vamos poder mais xingar os juizes de FDP porque será Put...fobia? Acorda Brasil, *temos questões de segurança mais importantes para discutir* do que caso com torcida. [...]¹⁸⁵

Marcelo Mesquita: DESRESPEITO é o que fazem com os menos favorecidos nos hospitais públicos. *Só isso já é uma questão muito mais importante* que essa baboseira toda sobre pederastia!¹⁸⁶

¹⁸³ Vale pontuar que, no período da coleta da pesquisa citada, ocorreram dois fatos bastante noticiados envolvendo identidades LGBT: envolvimento do jogador de futebol Ronaldo com travestis e os dois sargentos do Exército que se revelam gays.

¹⁸⁴ Comentário da reportagem do site de O Estado de São Paulo intitulada “Se ficar calado, todo mundo vai achar que é normal, diz Michael”, de autoria da editoria do site, de 9 de abril de 2011. Disponível em: <<http://radio.estadao.com.br/audios/audio.php?idGuidSelect=85E170506925492D8546CBC5492D715E>>. Acesso em: 15 de janeiro de 2012. (Grifo meu).

¹⁸⁵ Comentário da reportagem do site do Estado de Minas intitulada “Acusação de homofobia gera polêmica”, de autoria de Mariana Bastos, de 5 de abril de 2011. Disponível em: <http://www.superesportes.com.br/app/1,15/2011/04/05/noticia_volei_181097/>. Acesso em: 15 de janeiro de 2012. (Grifo meu).

¹⁸⁶ Comentário da reportagem do site da Folha de São Paulo intitulada “Vi um ginásio inteiro gritando ‘bicha’, diz Michael”, de autoria de Mariana Bastos, de 6 de abril de 2011. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/esporte/898787-vi-um-ginasio-inteiro-gritando-bicha-diz-michael.shtml>>. Acesso em: 15 de janeiro de 2012. (Grifo meu).

Gil Queiroz: [...] a roubalheira no Congresso é sempre calada, fica aquele monte de deputados fingindo que nada está acontecendo, rabos presos com medo de serem descobertos, mas quando o assunto é sobre gay, aí aparece um monte de deputado bravo, querendo cassar mandato, apoiando parada e movimento gay, exatamente porque não lhes constrange a questão da corrupção e a miséria do povo.

[...] Este é o Brasil, a inversão dos valores é o que manda: *esconde-se os verdadeiros problemas* com assuntinhos de depravação sexual.¹⁸⁷

Tal visão propõe a hierarquização de questões reservando a atenção apenas às consideradas mais importantes (nos trechos citados, saúde, segurança e corrupção). Remeto a um cenário semelhante, ocorrido no já citado debate sobre Homofobia, organizado pela Faculdade de Filosofia e Letras da USP no ano de 1979, que contou com a participação do Grupo SOMOS. Trevisan (2011) relembra que, no encontro, a maior resistência às visões apresentadas pelo incipiente movimento homossexual não era a de grupos conservadores tradicionais, mas sim de grupos de esquerda fiéis à luta de classes. Aqueles oponentes defendiam, assim, prioridades revolucionárias, entendendo que as demais lutas eram não só irrelevantes, mas também divisionistas. Os homossexuais – assim como negros, feministas e índios – eram, naquele momento, minorias dentro da minoria.

Apesar de, por vezes, testemunharmos o retorno dessa visão, como evidenciado nas falas de leitores-comentaristas citadas, muito avançamos em relação àquele ano de 1979, quando proclamar a importância de se defender identidades que não fossem as de classe era um grande tabu e motivo de discórdia. Hoje, temos cotas em muitas universidades para negros e indígenas – além dos egressos de escolas públicas –, possuímos no Governo Federal as Secretarias dos Direitos Humanos, de Políticas de Promoção da Igualdade Racial e de Políticas para as mulheres. O Supremo Tribunal Federal reconheceu a união civil entre casais homossexuais, foi criada a Lei Maria da Penha para proteger as mulheres contra agressões de parceiros. Essas, entre tantas

¹⁸⁷ Comentário da reportagem do site da Folha de São Paulo intitulada “Vi um ginásio inteiro gritando ‘bicha’, diz Michael”, de autoria de Mariana Bastos, de 6 de abril de 2011. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/esporte/898787-vi-um-ginasio-inteiro-gritando-bicha-diz-michael.shtml>>. Acesso em: 15 de janeiro de 2012.

outras conquistas, só se tornaram realidade a partir das lutas de grupos diversos, e demonstram que, ao menos em parte, nossa sociedade reconheceu que as causas de tantas minorias não podem ser ignoradas em função de “prioridades”.

A desconstrução dessas prioridades pode ser localizada principalmente a partir da década de 1970, com a emergência da previamente citada política de identidades. Nessa política, indivíduos que compartilham de determinada identidade comum se unem para, enquanto grupo, contarem suas histórias e lutar por seus direitos. Nesse sentido, para Hall (2003):

Cada movimento apelava para a ‘identidade’ social de seus sustentadores. Assim, o feminismo apelava às mulheres, a política sexual aos gays e lésbicas, as lutas raciais aos negros, o movimento antibelicista aos pacifistas, e assim por diante. Isso constituiu o nascimento histórico do que veio a ser conhecido como ‘política de identidade’ – uma identidade para cada movimento (HALL, 2003, p. 45).

Tratando especificamente do movimento LGBT, é notável a utilização de estratégias que visam à ampliação da visibilidade, caso das Paradas gays¹⁸⁸ e dos “beijaços”¹⁸⁹. Essas ações parecem fundamentais diante de uma sociedade que por vezes alega tolerância, desde que mediante determinados limites, como é possível evidenciar nos seguintes trechos:

Igor Tienko: O problema de Michel é que ele não se contenta, apenas, ser homossexual - ele quer festejar - ele quer mostrar - ele quer desafiar. Tenho que o preconceito maior das pessoas não é contra o homossexual (comportado - discreto) e sim contra o deslumbrado -

¹⁸⁸ Também chamadas de “Marchas do Orgulho LGBT”, as Paradas Gays são eventos organizados geralmente na forma de desfile, realizados em muitas cidades do mundo, com o intuito de sensibilizar e dar visibilidade causa LGBT.

¹⁸⁹ Os “beijaços” são manifestações utilizadas por homossexuais como forma de protesto. Nela, uma série de casais de gays e lésbicas se beijam dentro ou diante de um local em que tenha ocorrido alguma forma de preconceito. Eles se proliferaram a partir de uma primeira manifestação na cidade de São Paulo, em 2002. Segundo Simões e França (2005) os “beijaços” tem inspiração e seguem os mesmos moldes dos *kiss-in*, realizados nos Estados Unidos e Europa, inspirados, por sua vez, nos *sit-in* ocorridos desde 1960, no qual negros de movimentos por direitos civis sentavam em estabelecimentos onde sua presença fosse proibida ou mal vista.

contra o deslumbre - contra o exibido que normalmente não deve estar satisfeito e seguro com sua opção.¹⁹⁰

Sergio Pinheiro: Particularmente, não tenho nada contra homossexuais. Por outro lado, entendo que as manifestações de carinhos explícitos, principalmente, beijos na boca, deveriam ser executadas entre quatro paredes¹⁹¹

É clara a visão heteronormativa desses leitores-comentaristas. Alegam não ter preconceito contra indivíduos homossexuais, mas não reconhecem o direito desses de serem “deslumbrados” ou demonstrarem “carinhos explícitos” como “beijos na boca”. Cobram de Michael – e dos demais homossexuais – que, em troca de sua misericordiosa tolerância, porte-se com discrição, de forma a não evidenciar seu “caráter desviante” entre os “normais”. Borillo (2001) rechaça tal pensamento defendendo que o gozo de direitos não pode estar subordinado a prerrogativas como a orientação sexual. Concordo com o autor, rejeitando que a “minorias” homossexual deveria aceitar tais restrições estabelecidas por padrões e normas de uma maioria.

Ademais, o primeiro leitor-comentarista citado refere-se à orientação sexual de Michael como uma “opção”, como se a orientação sexual fosse fruto de uma escolha voluntária de cada sujeito.

Alguns leitores questionam a legitimidade da reivindicação dos direitos pelos homossexuais, baseados em certas representações desse grupo:

Gil Queiroz: Não se esqueça, minorias que pregam a depravação sexual como se fosse normal, que querem aparecer vestidos de dragqueen, ficam se pegando em qualquer lugar, adoram gritar e dar ataques de histeria e euforia em público, andam pelados pelas ruas, fazem festas onde tudo pode (drogas, fumo, bebidas, sexo), paradas gays que mais parecem as orgias de Roma

¹⁹⁰ Comentário da reportagem do site da Folha de São Paulo, intitulada “Não importa se jogador tem namorado ou namorada, diz Bernardinho”, de autoria de Mariana Bastos, de 27 de maio de 2011. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/esporte/921425-nao-importa-se-jogador-tem-namorado-ou-namorada-diz-bernardinho.shtml>>. Acesso em: 15 de janeiro de 2012.

¹⁹¹ Comentário da reportagem do site da Folha de São Paulo, intitulada “Não importa se jogador tem namorado ou namorada, diz Bernardinho”, de autoria de Mariana Bastos, de 27 de maio de 2011. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/esporte/921425-nao-importa-se-jogador-tem-namorado-ou-namorada-diz-bernardinho.shtml>>. Acesso em: 15 de janeiro de 2012.

atualizadas, e aí quando voltam a si mesmos por alguns minutos, vem exigir direitos de igualdade, dignidade, PLC 122¹⁹², cassação de deputado.¹⁹³

Percebe-se que, para esse leitor-comentarista, os homossexuais estão relacionados a todo tipo de depravação. A descrição feita demonstra o preconceito enraizado em estereótipos que relacionam o gay a uma pessoa de comportamento reprovável. Sob esse argumento, o leitor-comentarista parece propor que os homossexuais justificam a rejeição e o preconceito que recebem devido a seu comportamento inapropriado. Um outro comentário complementa essa representação de devassidão homossexual:

Denilson Braz Bicudo: O que mais me incomoda nestes comentários defendendo um gay é que algumas pessoas não entendem que ninguém é obrigado a gostar de gay só porque alguém quer que seja assim. Quando alguém comete imoralidade sexual de fazer sexo com criança querem que matem o cara, mas quando um homem faz sexo com outro homem ai querem que todo mundo goste e fale que esta tudo bem, Quer ser gay seja mas não queira forçar alguém a gostar disto.¹⁹⁴

Denilson, ao comparar a homossexualidade à pedofilia, assemelha essa orientação sexual a uma prática não apenas repugnante, mas que se constitui como um distúrbio e um crime. Assim, de forma semelhante ao comentário anterior, o homossexual seria o responsável pela repulsa que recebe, a partir de seus atos socialmente condenáveis. O leitor-comentarista questiona ainda que “ninguém é obrigado a gostar de gay”, transformando a reivindicação de direitos em uma busca por aprovação.

É, em parte, no sentido de negar tais imposições sobre formas de se comportar que o *coming out*¹⁹⁵ é um ato político quando pensado sob a ótica militante. Assumir-se homossexual é, assim, recusar-se a se silenciar, com vias de tornar as homossexualidades cada vez mais visíveis na sociedade, normalizando-as enquanto uma variação legítima

¹⁹² Projeto de lei que criminaliza a homofobia.

¹⁹³ Comentário da reportagem do site da Folha de São Paulo intitulada “Vi um ginásio inteiro gritando ‘bicha’, diz Michael”, de autoria de Mariana Bastos, de 6 de abril de 2011. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/esporte/898787-vi-um-ginasio-inteiro-gritando-bicha-diz-michael.shtml>>. Acesso em: 15 de janeiro de 2012.

¹⁹⁴ Comentário da reportagem do site da Folha de São Paulo intitulada “Vi um ginásio inteiro gritando ‘bicha’, diz Michael”, de autoria de Mariana Bastos, de 6 de abril de 2011. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/esporte/898787-vi-um-ginasio-inteiro-gritando-bicha-diz-michael.shtml>>. Acesso em: 15 de janeiro de 2012.

¹⁹⁵ Versão mais curta de “coming out the closet”, a expressão se refere ao ato de assumir publicamente a homossexualidade. No Brasil, há o correspondente “sair do armário”.

da sexualidade humana (SAGGESE, 2008). Tal exposição, contudo, é, com frequência, recebida com formas de resistência desrespeitosas ou agressivas, como discuto na próxima sessão.

3.4 A violência simbólica e a homofobia

No relatório anual do Grupo Gay da Bahia (GGB), do ano de 2011, foram documentados 266 assassinatos a gays, lésbicas e travestis. Esse número representa um aumento de 118% nos últimos seis anos. Para o antropólogo Luiz Mott¹⁹⁶, responsável pelo relatório,

99% destes homicídios contra gays têm como motivo seja a homofobia individual, quando o assassino tem mal resolvida sua própria sexualidade; seja a homofobia cultural, que expulsa as travestis para as margens da sociedade onde a violência é mais endêmica; seja a homofobia institucional, quando o Governo não garante a segurança dos espaços frequentados pela comunidade LGBT¹⁹⁷.

O site da entidade informa ainda que entre janeiro e março de 2012 foram registrados 104 mortos, quase o dobro do ano anterior, representando um homicídio a cada 21h. É clara, assim, a necessidade da preocupação com a violência contra esse grupo.

Essa realidade revela uma aparente contradição. Ao mesmo tempo em que cresce a força dos movimentos LGBT, colocando seus questionamentos da agenda política nacional, sendo percebida maior aceitação da pluralidade sexual por alguns setores sociais que passam, até mesmo a consumir seus produtos culturais, por outro lado cresce também a renovação ainda mais rigorosa de setores conservadores, cobrando a retomada dos valores familiares tradicionais, e as expressões de intolerâncias, muitas vezes exercidas na forma de violência física (LOURO, 2001).

¹⁹⁶ Além de antropólogo da Universidade Federal da Bahia, Luiz Mott é também o fundador do GGB.

¹⁹⁷ Os resultados da pesquisa estão disponíveis em: <<http://adss.com.br/client/ggb/downloads/balanco2011.pdf>>. Acesso em: 29 de julho de 2012.

Os depoimentos de Luiz Mott estão disponíveis em: <<http://adss.com.br/client/ggb/noticia.asp?id=3>>. Acesso em: 29 de julho de 2012.

A violência física, com ocorrências extremas como os homicídios, não são, contudo, as únicas manifestações de violência com as quais os homossexuais sofrem diariamente. É o que parece propor alguns leitores-comentaristas das reportagens sobre Michael, que utilizam esse termo para definir o ocorrido:

Ana Farias: Por isso o mundo de hoje está cheio de violência. O que esses torcedores fizeram foi de uma violência e isso, como estão dizendo por aí, é bullying.¹⁹⁸
 Felipe da Silva: preconceito é para pessoas pequenas como a torcida do cruzeiro. É lamentável ver que ainda há pessoas que praticam esse tipo de violência, mas também na torcida só tinha gente pequena moralmente. Já é de se esperar¹⁹⁹

Na primeira fala há menção ao *bullying*²⁰⁰. A associação é possível fruto da grande disseminação de conhecimentos, por vezes até mesmo equivocados, sobre esse fenômeno, tanto por meio de campanhas educativas de prevenção, quanto pela mídia. Muito em função do aumento de ocorrências ou da visibilidade de casos de assassinatos em massa executados por adolescentes e jovens que, supostamente, na infância e/ou adolescência foram alvos dessa forma de ação, o termo acabou se popularizando²⁰¹. Assim, como ocorre no trecho citado, outras formas de agressão verbal por vezes são imprecisamente categorizadas como *bullying*. Contudo, o fato de não se caracterizar como tal não torna as manifestações da torcida um ato necessariamente aceitável.

A associação à violência também foi notada em camisas vestidas pela torcida do Vôlei Futuro no jogo realizado em Araçatuba. Nela, era estampada a frase “preconceito

¹⁹⁸ Comentário da reportagem do site da Folha de São Paulo intitulada “Vi um ginásio inteiro gritando ‘bicha’, diz Michael”, de autoria de Mariana Bastos, de 6 de abril de 2011. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/esporte/898787-vi-um-ginasio-inteiro-gritando-bicha-diz-michael.shtml>>. Acesso em: 15 de janeiro de 2012.

¹⁹⁹ Comentário da reportagem do site da Folha de São Paulo intitulada “Não importa se jogador tem namorado ou namorada, diz Bernardinho”, de autoria de Mariana Bastos, de 27 de maio de 2011. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/esporte/921425-nao-importa-se-jogador-tem-namorado-ou-namorada-diz-bernardinho.shtml>>. Acesso em: 15 de janeiro de 2012.

²⁰⁰ O fenômeno *bullying*, segundo Botelho e Souza (2007), compreende todas as formas de atitudes agressivas, intencionais e repetidas (de maneira insistente e perturbadora), que ocorrem sem motivação evidente e de forma velada, sendo adotadas por um ou mais indivíduos contra outro(s), dentro de uma relação desigual de poder. Este tipo de violência se manifesta, sutilmente, sob a forma de brincadeiras, apelidos, trotes, gozações e agressões físicas.

²⁰¹ Cabe citar que, no dia 07 de abril de 2011, aconteceu um assassinato em massa na Escola Municipal Tasso de Oliveira, conhecido como Massacre do Realengo. Nele, um jovem de 23 anos, supostamente motivado por um histórico de *bullying*, invadiu a escola disparando contra os alunos, matando 12 deles e, em seguida, cometendo suicídio. A proximidade temporal do caso com os jogos entre Sada Cruzeiro e Vôlei Futuro pode ter motivado a utilização do termo *bullying*.

é a pior violência”.²⁰² Tais visões compactuam com o conceito de violência utilizado por Tavares dos Santos (2002). Para o autor, ela está ligada ao uso da coerção e da força como formas de provocar dano, físico ou simbólico, a um indivíduo ou a um grupo social. Ainda para ele, o reconhecimento coletivo de uma ação enquanto dano – ou ato de violência – passa pelo estabelecimento de normas e limites que determinam o que é ou não violência para esse grupo. Ela é, dessa forma, um fenômeno cultural e histórico, variável em contextos, tempos e espaços diferentes. Sob essa perspectiva, a divergência de opinião dos torcedores com relação à gravidade das manifestações dos torcedores contra Michael é, primeiramente, uma discordância acerca das balizas que regem a relação entre aqueles indivíduos.

É importante pontuar que os desacordos são necessários para a constituição de normas sociais de convívio (Simmel, 1955). Sobre isso, Zaluar e Leal (2001, p.149) dizem que “o conflito é necessário e inevitável nas sociedades justamente porque o consenso nunca é total, nem fechado, nem muito menos permanente.” O conflito, é, assim, fruto do exercício da autonomia dos sujeitos em situações de negociação, sendo uma forma de socialização ou interação (Simmel, 1955). Não se pode, contudo, confundir-lo com a violência. Enquanto o primeiro remete a uma negociação, possivelmente conduzindo à constituição de regras de conduta e meios de expressão de divergências adaptados a um novo contexto, o segundo é o desrespeito a tais normas, lesando e submetendo o outro.

O conceito de violência que adotamos entende, ainda, que ela é um dispositivo de poder, um instrumento disciplinar e de controle, que atua em uma lógica reticular, compreendendo sujeitos e grupos sociais, ainda que reconhecendo que nem todos possuem a mesma força de ação.

Diferente dos leitores-comentaristas que entenderam a própria ofensa contra Michael como ato de violência, outros defendem que essas manifestações são fatores que podem vir a desencadear reações agressivas:

Suzi de Melo Miranda: Com atitudes como esta, de omissão²⁰³, e dizer que não á nada, é que o preconceito

²⁰² VÔLEI Futuro ganha e dá lição contra o preconceito. *O Estado de São Paulo*. 10 de abril de 2011. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/impreso,volei-futuro-ganha-e-da-licao-contra-o-preconceito,704305,0.htm>>. Acesso em: 15 de janeiro de 2012.

²⁰³ A leitora-comentarista parece remeter a atitude da CBV, que em seu pronunciamento apenas disse que “a súmula do jogo não continha nenhum relato do gênero”. Essa fala foi publicada na reportagem por ela comentada.

perdura, e a discriminação e até mesmo a violência aumentam, passadas de pai para filho. Uma vergonha.²⁰⁴

Assim, tais sujeitos entendem que os brados dos torcedores contribuem para a reprodução do preconceito e até mesmo da violência, quando não são corretamente problematizados. Um ator que poderia desencadear essa problematização é a própria mídia. Boa parte das reportagens, contudo, adotam posturas descritivas sobre o fato e em nenhum deles há utilização da palavra “violência” ou mesmo de termos afins como “agressão”, por exemplo.

Outro sinal da desvalorização dessa forma de violência é a frequente preocupação mostrada em uma série de reportagens e comentários acerca da culpabilização do clube pela ação de seus torcedores. Isso é evidente em uma reportagem do site do *Estado de Minas* que lista um conjunto de episódios semelhantes aos de Michael²⁰⁵, o que poderia propor reflexões sobre tais casos dentro de um contexto mais amplo. Contudo, o texto se encerra com a seguinte questão: “O caso de Michael deixa no ar a pergunta: o Cruzeiro pode ser punido?” Dessa maneira, as manifestações de preconceito são colocadas como secundárias diante da punição ao Cruzeiro. Essa priorização é presente, também, entre os leitores-comentaristas do site mineiro, como demonstram alguns trechos:

Mauro Almeida: o time que paga?? o que o time tem a ver??²⁰⁶

Ivan Castro Aguiar: Não concordo com preconceitos homofóbicos, no entanto, culpar o Sada-Cruzeiro pela atitude da torcida é como culpa-lo também por um acidente de transito na ida ao estádio, por um torcedor bêbado que agride alguém ou por uma discussão de um casal na porta do ginásio. É exagero e falta de cultura.²⁰⁷

²⁰⁴ Comentário da reportagem do site do Estado de Minas intitulada “Michael quer fim de homofobia e não espera revide em Araçatuba”, de autoria da editoria de Gazeta Press, de 5 de abril de 2011. Disponível em: <http://www.superesportes.com.br/app/1,15/2011/04/05/noticia_volei,181109/>. Acesso em: 15 de janeiro de 2012.

²⁰⁵ Na reportagem intitulada “Entre o direito e o limite à livre manifestação”, de Ivan Drummond, de 7 de abril de 2011, são citados exemplos como o do jogador de vôlei Lilico, que acusou o então técnico da seleção brasileira masculina de vôleibol de não convocá-lo devido à sua orientação sexual, além dos jogadores Ricahrllyson, Raul Plasman e Leão (futebol), Martina Navratilova e Amélie Mauresmo (tênis) e John Amaechi (basquete). (Disponível em: <http://www.superesportes.com.br/app/1,15/2011/04/07/noticia_volei,181246/>. Acesso em: 15 de janeiro de 2012.)

²⁰⁶ Comentário da reportagem do site do Estado de Minas intitulada “Cruzeiro é multado em R\$ 50 mil, pelo STJD, por ato homofóbico dos torcedores”, de autoria da editoria de Superesportes, de 13 de abril de 2011. Disponível em: <http://www.mg.superesportes.com.br/app/noticias/volei/2011/04/13/noticia_volei,181731/cruzeiro-e-multado-em-r-50-mil-pelo-stjd-por-ato-homofobico-dos-torcedores.shtml>. Acesso em: 15 de janeiro de 2012.

²⁰⁷ Comentário da reportagem do site do Estado de Minas intitulada “Cruzeiro quer superar polêmica e Vôlei Futuro para chegar à final inédita”, de autoria de Vicente Ribeiro, de 14 de abril de 2011. Disponível em: <http://www.superesportes.com.br/app/1,15/2011/04/14/noticia_volei,181869/>. Acesso em: 15 de janeiro de 2012.

Não pretendo defender que tais questionamentos não são relevantes²⁰⁸, porém acho importante que eles não obliquem a possibilidade de discussão da questão central do episódio: as manifestações da torcida. Nesse sentido, a necessidade de discussões críticas e questionadoras é evidente quando analisamos algumas perspectivas de leitores-comentaristas acerca do preconceito:

Patriota brasileiro: Preconceito seria o jogador não ser escalado, ou não poder trabalhar porque é homossexual. Pelo que vemos, ele está trabalhando e em destaque. QUE RAIOS DE PRECONCEITO É ESSE? [...] ²⁰⁹

A noção de preconceito apresentada parece limitada ao plano concreto, ao “deixar de trabalhar”, “às agressões físicas”, denotando uma visão pragmática que tem dificuldade em perceber o que não é físico, material, evidente.

Day (2003) propõe o reconhecimento da violência que não causa lesões físicas a partir do conceito de violência psicológica. Nesse termo, o autor abarca ações ou omissões que causam ou visam causar dano à autoestima, à identidade ou ao desenvolvimento da pessoa. Essa forma de violência, com frequência, se materializa sob a forma de agressões verbais e ameaças de agressão.

Entendo-a, ainda, dentro de um quadro mais amplo na qual ela, enquanto uma forma de violência ou coerção simbólica é vista enquanto um dispositivo de poder.

Parto da ideia que, nas sociedades modernas, o poder não rege a sexualidade pela lei e pela soberania, mas por uma complexa “tecnologia” do sexo em que todos são convocados a exercê-lo, mas sempre coagidos a fazê-lo dentro de determinados padrões (FOUCAULT, 1988).

Para Foucault (1988), o poder não é algo que se adquire, perde ou compartilhe. Ele não está, assim, externo às relações – econômicas, sociais, políticas –, mas lhes são imanentes. O poder não é, ainda, fruto da escolha ou decisão de um sujeito ou instituição. Ainda que reconheça forças desiguais nesse emaranhado de células potentes, o filósofo localiza a causa ou racionalidade do poder nas próprias táticas que o mantém, que a todo o tempo encontram novos pontos de apoio e condição, que esboçam conjunto sem autoria, como grandes estratégias anônimas.

²⁰⁸ A questão da legitimidade da culpabilização do clube será abordada no Capítulo 3.

²⁰⁹ Comentário da reportagem do site de O Estado de São Paulo intitulada “Se ficar calado, todo mundo vai achar que é normal, diz Michael”, de autoria da editoria do site, de 9 de abril de 2011. Disponível em: <<http://radio.estado.com.br/audios/audio.php?idGuidSelect=85E170506925492D8546CBC5492D715E>>. Acesso em: 15 de janeiro de 2012.

Dentro dessa rede de poder disforme e dinâmica, Foucault (1988) enfatiza que as resistências não são exteriores ao poder, como elementos que escaparam às suas ações coercitivas. Reconhecendo o caráter relacional das correlações de poder, os pontos de resistência estão em toda a rede de poder, tidos não como *um* lugar da recusa e da oposição, mas como tantos casos únicos. Foucault nega, ainda, que as resistências sejam uma posição de simples oposição binária à dominação. Para ele, elas são

distribuídas de forma irregular: os pontos, os nós, os focos de resistência disseminam-se com mais ou menos densidade no tempo e no espaço, às vezes provocando o levante de grupos ou indivíduos de maneira definitiva, inflamando certos pontos do corpo, certos momentos da vida, certos tipos de comportamento. Grandes rupturas radicais, divisões binárias e maciças? Às vezes. É mais comum, entretanto, serem pontos de resistência móveis e transitórios, que introduzem na sociedade clivagens que se deslocam, rompem unidades e suscitam reagrupamentos, percorrem os próprios indivíduos recortando-os e remodelando-os, traçando neles, em seus corpos e almas, regiões irredutíveis (FOUCAULT, 1988, p. 106-107)

Assim, retomo que a violência simbólica é uma estratégia empreendida, muitas vezes de forma silenciosa e até inconsciente, pelos múltiplos agentes que colocam em prática as tecnologias de dominação do sexo.

Essa nova forma de pensar o poder – em oposição à forma proibitiva, centrada na figura do Estado – foca nas estratégias que, empreendidas reticularmente pelos sujeitos, normalizam o padrão, a norma. Nesse sentido, treinados a não estranhar ações que regulem os limites do sexo, não é uma surpresa a evidência de que, no material analisado, não tenha sido encontrado nenhum tipo de argumentação mais aprofundada acerca do tema, seja pelos próprios jornalistas, seja pelas fontes por eles utilizadas²¹⁰. Eles parecem, assim, dar visibilidade à questão, mas pouco contribuir para uma maior reflexão sobre as homossexualidades, tanto no esporte como na sociedade de forma mais ampla.

²¹⁰ Sobre as fontes utilizadas, recorrer ao Capítulo 1. Pondero que, apesar das matérias não problematizarem a homofobia, alguns leitores-comentaristas propuseram reflexões e argumentações referentes à essa temática.

Em meio a argumentos simplistas, destaca-se o de que as manifestações não foram homofóbicas, uma vez que a torcida apenas gritou “bicha”, termo que define a orientação sexual assumida pelo jogador.

José Maria: Como pode alguém ser ofendido em ser chamado de gay (ou suas variâncias), sendo-o?²¹¹

Em concordância com a visão acima, outros leitores-comentaristas cobram, ainda, que Michael se orgulhe dessa identificação em coro da torcida:

Thiago nascimento: Como assim!... A figura assumiu o que é?!... Cadê o orgulho!!!! Agora ficou ofendido... Não compreendo! Quem tá errado? [...] ²¹²

Discordo do posicionamento exposto, reconhecendo que nossa sociedade ainda tem fortes parâmetros heteronormativos, nos quais identificar a homossexualidade é, com frequência, dizer do desvio, do anormal, do pecador, do doente. Assim, o incômodo de Michael ao ser chamado de “bicha” não parece refletir vergonha diante da própria orientação sexual, mas sim a rejeição perante a associação de tais valores negativos à homossexualidade, levando a utilização do termo “bicha” como ofensa. Um leitor-comentarista faz uma defesa nessa perspectiva:

Rodrigo Santos: Não é isso, amigo Alex [outro leitor-comentarista que defende o posicionamento exposto anteriormente]. Segundo a matéria, a torcida parece atribuir a essa característica do cara, as mazelas do time. Soa como “tinha que ser gay”. É como estar passeando nas ruas de Fortaleza e um ver um nativo jogando lixo no chão público, toma-lo de cima até embaixo e dizer: “cearense”, por exemplo. Tão besta quanto “tinha que ser negro, loira, português ou paraíba”. O problema não é a auto-aceitação nessas horas. É que é um saco ser sentenciado injustamente. ²¹³

²¹¹ Comentário da reportagem do site da Folha de São Paulo intitulada “Jogador do Vôlei Futuro revê torcida que o ofendeu”, de autoria de Mariana Bastos, de 15 de abril de 2011. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/esporte/903013-jogador-do-volei-futuro-reve-torcida-que-o-ofendeu.shtml>>. Acesso em: 15 de janeiro de 2012.

²¹² Comentário da reportagem do site do Estado de Minas intitulada “Cruzeiro faz a festa da torcida, atropela Vôlei Futuro e chega à decisão inédita”, de autoria Vicente Ribeiro, de 15 de abril de 2011. Disponível em: <http://www.superesportes.com.br/app/1,15/2011/04/15/noticia_volei181976/>. Acesso em: 15 de janeiro de 2012.

²¹³ Comentários da reportagem do site da Folha de São Paulo intitulada “Equipes trocam acusações em caso de homofobia no vôlei”, de autoria da editoria do site, de 6 de abril de 2011. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/esporte/899157-equipes-trocam-acusacoes-em-caso-de-homofobia-no-volei.shtml>>. Acesso em: 15 de janeiro de 2012.

Rodrigo do Santos defende, assim, que utilizar o termo “bicha” como ofensa representa atribuir valores negativos à homossexualidade. Acrescento que negar que a expressão foi usada como ofensa é simplificar o contexto em que é feita a afirmação, que necessariamente influi para o valor associado às expressões. Vale levantar, inclusive, que boa parte dos insultos não são palavras já criadas como tal, mas que assumem determinados significados negativos em contextos específicos. Assim, uma série de palavras usadas cotidianamente como galinha, vaca, macaco, baiano ou pedreiro, por exemplo, em determinados contextos se tornam ofensas.

Tendo o insulto como foco de estudos, Grossi (2008, p.1) o define como a “atribuição de características julgadas negativas, visando à desqualificação e produção de uma identidade estigmatizada” por meio de atos, gestos ou expressões. A torcida fez, assim, uso intencional do termo “bicha” com intuito de ofender e, assim, prejudicar o desempenho do atleta. Dessa maneira, gritar “bicha”, nesse contexto, não é apenas verbalizar uma informação, mas utilizar um termo associado a valores negativos. No caso, “bicha” possui uma conotação pejorativa que remete ao homossexual efeminado e que assume, na relação sexual, a posição passiva, sendo assim uma figura socialmente indesejada e frequentemente rejeitada.

Sob a determinação de que o homossexual efeminado necessariamente assume o papel passivo nas relações sexuais, dando existência a figura do “bicha”, vemos a expectativa de um alinhamento entre gênero e sexualidade²¹⁴. Dessa forma, espera-se que homens que se vestem e se comportam de forma destoante a norma masculina também, sexualmente, exerçam esse papel desviante.

Nesse sentido, é interessante apontar que mesmo dentro do conjunto de homossexuais há uma hierarquia: os “bichas”, dentro do alinhamento gênero-desejo caracterizados pela passividade na relação sexual e pelo comportamento efeminado, são inferiorizados, por vezes até pelos próprios homossexuais. Leal e colaboradores (2008) explicam que a hierarquia ativo/passivo que estrutura as relações de poder entre homens e mulheres organiza também as relações entre pessoas do mesmo sexo. Assim, a

atividade nas relações entre homens assegura a manutenção da masculinidade culturalmente construída. O homem passivo, por outro lado, desvaloriza sua própria masculinidade, sacrifica sua classificação de *homem* e passa

²¹⁴ O alinhamento entre gênero e sexualidade é mais amplamente abordado no subcapítulo 3.2.

a ser designado com termos como “viado” ou “bicha”, por exemplo. (LEAL et al., 2008, p. 115).

Green (2000) adota argumento semelhante. Também para o autor, a divisão dos homossexuais masculinos entre “homem” (ativo) e “bicha” (passivo) é um espelho da oposição binária das relações de gênero heterossexuais polarizadas em homem (ativo) e mulher (passiva)²¹⁵. Também, assim, na relação entre homens, a passividade na relação sexual marca uma posição social inferior. Por outro lado, o homossexual que exerce o papel sexual ativo, característico do “homem verdadeiro”, não perde seu status de “homem”. A própria criação do conceito de *entendido*²¹⁶ pelos homossexuais da década de 1960 demonstra a vontade de constituir uma identidade gay que se diferencie do imaginário do “bicha”.

Assim, para Leal e colaboradores (2008), citando Richard Parker (2002), o cerne da violência física e simbólica contra homossexuais, que marginaliza performances sexuais e de gênero desviantes de padrões normativos, encontra-se nessa estigmatização do homem passivo.

No diálogo abaixo, um leitor-comentarista responde a um outro comentário que questiona o preconceito contido em chamar Michael de gay:

Joaquim RON: [...]Será que se chamar um atleta “pegadores de mulheres”, (“trator”, como diz o Renato Gáúcho) - de heterossexual também é preconceito?

Bruno Menezes: Não é preconceito porque a palavra heterossexual nunca teve uma aplicação pejorativa. Não é preconceito porque um heterossexual nunca foi espancado apenas por sê-lo. Não é preconceito porque heterossexual reflete aquilo que a maioria entende por normal... Já homossexual...²¹⁷

²¹⁵ Vale pontuar que até mesmo a relação heterossexual dita ativa/passiva pode ser questionada uma vez que a diferença entre os órgãos sexuais de homens e mulheres não denotam, por essência, o caráter de atividade ou passividade. Tal ideia é construída pelos dispositivos de poder que associam ao homem toda forma de controle e superioridade.

²¹⁶ O “entendido” definia um homossexual que prezava por uma atitude mais reservada no ambiente público e que adotava um comportamento sexual mais igualitário, negando a díade ativo-passivo. Por vezes, contudo, o termo era utilizado para, genericamente, definir os homossexuais (GREEN, 2000).

²¹⁷ Comentários da reportagem do site da Folha de São Paulo intitulada “Não importa se jogador tem namorado ou namorada, diz Bernardinho”, de autoria de Mariana Bastos, de 07 de maio de 2011. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/esporte/921425-nao-importa-se-jogador-tem-namorado-ou-namorada-diz-bernardinho.shtml>>. Acesso em: 15 de janeiro de 2012.

O autor do segundo comentário expõe, assim, outra forma de analisar os gritos, entendendo as palavras como carregadas de historicidade. Em concordância, para Grossi (2008), a forma que utilizamos para ofender os outros é capaz de deflagrar valores e normas culturais inscritos e institucionalizados na realidade social cotidiana através de práticas linguísticas e sociais.

O teórico destaca, ainda, que aprendemos tais padrões linguísticos de forma silenciosa, muitas vezes oculta e inconsciente. Eles são aprendidos no cotidiano, de maneira informal, por meio da imitação e naturalização dessa forma de comunicação tão difundida em nossa sociedade. Reproduzindo tais insultos, e seus opostos semânticos elogiosos, continuamos a reiterar hierarquias, identidades positivas e negativas, comportamentos incentivados e proibidos, ensinando, assim, valores e normas dominantes em determinada cultura (GROSSI, 2008). Assim, reconhecendo que os insultos são produtos e indicadores da sociedade em que estão inseridos, a alta recorrência da utilização de atribuições de caráter sexual em ofensas²¹⁸ demonstra a centralidade que o sexo possui em nossa cultura.

Refletindo sobre ofensas e elogios populares, percebemos uma assimetria linguística, reflexo de relações de poder assimétricas. Ela pode ser percebida em diversos grupos. Exemplifico a partir dos apontamentos de Gabriele Grossi (2008) sobre a relação entre homens e mulheres. Para os dois grupos, as ofensas de cunho sexual são bastante difundidas, contudo apresentam características distintas. As mulheres são comumente ofendidas como “putas”, “vadias” e “piranhas”, expressões que insultam diretamente a própria mulher, identificando-a como promíscua. As ofensas utilizadas contra os homens, por sua vez, não são sinônimos dos referentes às mulheres (“puto” ou “vadio”). O padrão recorrente são expressões como “corno” e “filho da puta”. Nota-se que, nesse tipo de ofensa, para insultar o homem faz-se referência de um comportamento inapropriado de uma mulher próxima a ele (mãe ou esposa/namorada).

Dessa forma, às mulheres são negadas, a nível simbólico, a possibilidade de ofender ou responder a insultos, a não ser reentrando na lógica de classificação masculina, das ofensas, servindo-se dos termos citados

²¹⁸ Em pesquisa realizada por Roselli-Cruz (2011), entre os “palavrões” citados por um grupo de estudantes de 9 a 14 anos, 85% tinha cunho sexual. Cameiro (2006), citando as pesquisas de Peter Burke (1989) e Garrioch (1996), aponta, também, para a importância social de tais ofensas.

anteriormente, como filho da puta e corno, que permitem atingir a honra do homem, mas ofendendo uma mulher que lhe é próxima. (GROSSI, 2008, p. 8)

Um terceiro padrão de ofensas, por sua vez, questiona diretamente o comportamento sexual do homem, caso de termos como “veado” ou “bicha”. Como dito anteriormente, tais termos fazem referência ao sujeito que assume o papel de passividade na relação sexual entre dois homens. Sujeito esse que, nessa função, abdica da virilidade, marca primordial da masculinidade. Desrespeitando barreiras sexuais e de gênero, tal sujeito constitui-se, assim, enquanto ameaça à ordenação simbólica da sociedade (GROSSI, 2008).

Assim como no caso das mulheres, os homossexuais, ou seus “defensores”, não parecem possuir insultos simétricos para ofender os heterossexuais, acabando, também, por se enquadrar na lógica heteronormativa para insultar os sujeitos contrários aos direitos LGBT:

Claudinei Thomas: Qual é o problema, você também não escolheu seu opção sexual, agora aguenta ora bolas, seja UMA ByCHA ENRUSTIDA!²¹⁹

O autor do comentário está se dirigindo ao leitor-comentarista anterior que defendia que Michael deveria aguentar agressões verbais, visto que ele teria escolhido ser gay. Assim, ao discordar dessa fala, Claudinei Thomas opta por agredir seu oponente acusando-o, também, de homossexual, e não de nenhum sinônimo de heterossexual, como propõe uma série de leitores-comentaristas como exemplificado no trecho abaixo:

Marcos Borges: O jogador se sentiu ofendido, ou elogiado? Alguém perguntou para ele?

Se uma moça gritar, em um jogo de futebol, que um jogador é “machão”, ou qualquer coisa que o valha, ela estaria xingando o cara?

Claro que não!

O cara não é gay?

Os gays não são conhecidos como “bichas”?

²¹⁹ Comentário da reportagem do site da Folha de São Paulo intitulada “Equipes trocam acusações em caso de homofobia no vôlei”, de autoria da editoria do site, de 6 de abril de 2011. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/esporte/899157-equipes-trocaram-acusacoes-em-caso-de-homofobia-no-volei.shtml>>. Acesso em: 15 de janeiro de 2012.

Não entendi o motivo da multa.

É um contracenso, e um desrespeito a democracia.²²⁰

Sob o argumento de que não se ofenderiam ao serem chamados de “homem”, tais leitores-comentaristas ignoram que enquanto uma palavra (bicha) é, de fato, comumente utilizada como um insulto, servindo para desqualificar e subjugar, a outra (homem ou machão) não só não o é, como, com frequência, é um elogio aos heterossexuais.

Não se pode deixar de fazer, contudo, algumas ressalvas. A primeira delas reconhece que nem sempre palavras que são, tradicionalmente, insultos são ditas com essa conotação. Grossi (2008) propõe a existência do que chamam de “insultos rituais”. Tal modalidade refere-se a troca de ofensas entre amigos, que denota intimidade e não tem a intenção de agredir. Não cabe, assim, nesse contexto dizer que essa forma de relação é uma forma de violência simbólica entre os envolvidos. Como exemplos disso, no contexto da homossexualidade, é comum que gays refiram-se uns aos outros utilizando de artigos femininos, ou chamando-se de “bicha”.

Contudo, ainda que na forma de brincadeiras, a escolha de palavras não deixa de ser um indício de normas e valores culturais inscritos em nossa sociedade. Alguns leitores-comentaristas alegam que o que ocorreu com Michael assemelha-se a essa modalidade de ofensa:

Ricardo Adalberto: Nossa! Que atire a primeira pedra quem nunca cumprimentou um amigo em um churrasco com o famoso FALA VIADO! Ou jogando futebol PASSA A BOLA SEU BICHA! O pessoal tem que parar com a viadagem de que toda e qualquer referência aos homossexuais é preconceito. Xingar faz parte e pronto. Todo mundo xinga e é xingado, faz parte da vida. Retruque verbalmente ou fisicamente e ponto final.²²¹

O autor entende que “toda e qualquer referência aos homossexuais” vem sendo considerada preconceito. Desconsiderando a especificidade da situação na qual Michael

²²⁰ Comentário da reportagem do site da Folha de São Paulo intitulada “Cruzeiro é multado em R\$ 50 mil em caso de homofobia no vôlei”, de autoria da editoria do site, de 13 de abril de 2011. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/esporte/902110-cruzeiro-e-multado-em-r-50-mil-em-caso-de-homofobia-no-volei.shtml>>. Acesso em: 15 de janeiro de 2012.

²²¹ Comentário da reportagem do site do Estado de Minas intitulada “Cruzeiro faz a festa da torcida, atropela Vôlei Futuro e chega à decisão inédita”, de autoria de Vicente Ribeiro, de 15 de abril de 2011. Disponível em: <http://www.superesportes.com.br/app/1,15/2011/04/15/noticia_volei,181976/>. Acesso em: 15 de janeiro de 2012.

foi ofendido, Ricardo propõe que tal entendimento seja substituído pela generalização oposta, na qual “xingar faz parte e pronto”, ou seja, nenhuma referência a homossexuais deve ser considerada homofóbica.

É clara, ainda, a diferença entre a situação descrita – uma partida de futebol entre amigos, possivelmente heterossexuais – e o episódio Michael, no qual um homossexual assumido, desempenhando sua profissão, é obrigado a escutar ao longo de uma partida inteira gritos de “bicha” de toda a torcida adversária. É notável que o segundo caso não trata de um momento ritual, que denota intimidade entre os envolvidos. Essa argumentação é encontrada em um comentário:

Benjamin Gadagnotto: Pessoas que acham normal não têm noção de dimensões e alcances..Uma coisa é você já ter um relacionamento com PESSOA ou GRUPO onde te chamam de “baianão”, “minha Judiazinha”, “meu Chucrute”, “gordo”, “minha piranha”, “chifrudo”, etc. Com permissão de intimidade e cumplicidade à PIADA ou como um tipo de “carinho grosseiro” - “provocação divertida-sem-intenção-de-depreciar” - outra coisa é apelar para o sentimento de raiva e agressividade, presentes nas competições, para promover o MENOSPREZO, DESRESPEITO e CONSTRANGIMENTO²²²

Benjamin Gadagnotto, assim, defende que as ofensas podem ter sentidos diferentes, corroborando com o proposto por Grossi (2008). Não me aprofundo na análise dessa modalidade de ofensa, entendendo que ela claramente não foi utilizada pela torcida do Sada Cruzeiro no episódio analisado nesta pesquisa.

A outra ressalva a ser feita diz respeito ao espaço no qual tais ofensas foram proferidas. Os ambientes esportivos, como ginásios e estádios, são locais em que, tradicionalmente, há permissividade com relação a práticas agressivas, tais quais os insultos verbais. Dessa forma, para analisarmos as manifestações da torcida contra Michael, não podemos deixar de atentarmos às especificidades desse contexto, fator esse que será desenvolvido no capítulo 3. Adiante, contudo, minha concordância com Toledo (1993), que aponta que, ainda que naturalizadas e, por vezes, relativamente

²²² Comentário da reportagem do site da Folha de São Paulo intitulada “Vi um ginásio inteiro gritando ‘bicha’, diz Michael”, de autoria de Mariana Bastos, de 6 de abril de 2011. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/esporte/898787-vi-um-ginasio-inteiro-gritando-bicha-diz-michael.shtml>>. Acesso em: 15 de janeiro de 2012.

amistosas, as agressões verbais observadas no esporte são diferentes das ofensas rituais trocadas entre amigos. Para o autor, enquanto na amizade busca-se o equilíbrio e o consenso, o esporte busca a superação do adversário. No caso das torcidas, a superação é buscada xingando mais, cantando mais, torcendo mais.

Não é apenas por meio do questionamento do caráter preconceituoso do termo “bicha” que alguns leitores-comentaristas naturalizam as manifestações da torcida. Entre outros discursos, há os que defendem a anormalidade dos homossexuais, por vezes fazendo uso de argumentos biologicistas, como nos casos abaixo:

frederico laviso: Qual a sanidade mental de um H que faz sexo anal com outro H ou duas M que ficam se lambendo eca!!!²²³

André Duque Grijó: Se querem tornar o homossexualismo uma coisa normal então que tornem também normal a demência, o psicopata, o pedófilo e todas as doenças associadas a distúrbios de personalidade pois isso não é normal e nunca será perante a natureza humana!!!²²⁴

Percebe-se, assim, que ainda há fortes marcas de argumentos que há décadas serviam para proclamar a proibição da homossexualidade. É interessante citar que, em 1990 a Organização Mundial de Saúde retirou a homossexualidade – chamada então de homossexualismo²²⁵ – de sua lista de doenças mentais, sendo que, desde 1973, ela já não figurava na lista de distúrbios e perversões da Associação Americana de Psiquiatria e na Classificação internacional de doenças (sigla CID). Esse dado é pontuado por um leitor-comentarista em resposta às afirmações previamente citadas que visam questionar a sanidade ou a “normalidade” dos homossexuais:

²²³ Comentário da reportagem do site da Folha de São Paulo intitulada “Equipes trocam acusações em caso de homofobia no vôlei”, de autoria da editoria do site, de 6 de abril de 2011. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/esporte/899157-equipes-trocam-acusacoes-em-caso-de-homofobia-no-volei.shtml>>. Acesso em: 15 de janeiro de 2012.

²²⁴ Comentário de reportagem do site da Folha de São Paulo intitulada “Equipes trocam acusações em caso de homofobia no vôlei”, de autoria da editoria do site, de 6 de abril de 2011. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/esporte/899157-equipes-trocam-acusacoes-em-caso-de-homofobia-no-volei.shtml>>. Acesso em: 15 de janeiro de 2012. Percebe-se que o leitor-comentarista faz uso do termo “homossexualismo”, enfatizando seu entendimento da homossexualidade enquanto doença.

²²⁵ O termo homossexualismo era usado para se referir à doença, perversão, transtorno ou distúrbio a qual a homossexualidade era identificada pela medicina, especialmente a partir do final do século XIX. Pela remissão patológica, o movimento LGBT brasileiro buscou extirpar o termo de qualquer referência à homossexualidade.

Rodrigo Santos: [...] Concordo que “Se ser gay [fosse] doença, [teria] cura”. Mas segundo a OMS não é. [...] Rodrigo Santos: Consulte o site da OMS. Não há doença ou distúrbio, bróder. Se quer afirmar com base em ciência, seja científico: pesquise. Normal demais amar um ser adulto que corresponde. Homossexualidade não degenera e nem impede o indivíduo de ter uma vida normal. Acho válido informar que no restante do reino animal (grupo de seres vivos a que pertencemos), existem outras espécies com indivíduos homossexuais, confira. Ciência é isso. Bons estudos e fique inteligente.²²⁶

Como já dito no capítulo 1, tratando do segundo comentário de Rodrigo Santos, ele recorre a sua sabedoria – o conhecimento sobre as normas da OMS – para desbancar os argumentos de seu interlocutor. Tanto nos comentários desse leitor-comentarista, quanto nos de André Grijo e Frederico Laviso, é dada grande importância e legitimidade à medicina, na qual parece ser confiada a razão de afirmar a verdade sobre a homossexualidade. Foucault (1988) aponta que essa área de conhecimento passou a ser forte referência para a determinação de normas e padrões sexuais especialmente no século XIX. Contudo, isso denota não uma “conquista de poder” por essa instituição, mas uma reordenação social que alimenta sua força. Como já previamente discutido, a partir da perspectiva foucaultiana, entendo que o poder não é propriedade a ser conquistada, nem emana de um ponto, mas é organizada como uma rede que permeia todo o corpo social, articulando e integrando focos de poder (Estado, escola, prisão, hospital, asilo, fábrica, etc.) (MAIA, 1995).

Sob essa perspectiva, a medicina é um dispositivo fortemente acionado para o exercício do poder, não sendo, contudo, o único, nem o central, uma vez que não o detém ou controla. A vigília e o controle sobre a sexualidade encontram-se, assim, dispersos, sendo mais eficientes na medida em que forem cada vez menos evidentes.

Dessa forma, em muitos momentos a homossexualidade é, já de antemão, assumida como padrão de desvio, sendo seus “defensores” vítimas de questionamentos diversos. Um tipo de reação comum dentro do fórum de comentários é a acusação de

²²⁶ Comentários da reportagem do site da Folha de São Paulo intitulada “Equipes trocam acusações em caso de homofobia no vôlei”, de autoria da editoria do site, de 6 de abril de 2011. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/esporte/899157-equipes-trocam-acusacoes-em-caso-de-homofobia-no-volei.shtml>>. Acesso em: 15 de janeiro de 2012.

que tais sujeitos, que argumentam que as manifestações da torcida foram atos de preconceito ou que mostram algum tipo de incômodo com relação ao ocorrido, são necessariamente homossexuais, como na citação abaixo:

Walkimar Aleixo: Quem apoia gay, ou é ou está com vontade ser.²²⁷

Essa postura expõe a visão de um suposto egoísmo de nossa sociedade, entendendo que o único motivo de um sujeito defender ou apoiar determinada causa é o de estar diretamente associada a ela. Se observarmos outras militâncias, como o movimento negro, o movimento feminista ou movimentos separatistas diversos, por exemplo, é fácil perceber que seus participantes ou apoiadores não estão restritos a seus interessados. Essa fala soa, assim, como uma resposta reativa, sem reflexão ou embasamento.

Tal argumento evidencia, ainda, uma visão limitada acerca dos movimentos homossexuais. A evolução tanto dos movimentos ativistas LGBT, quanto dos estudos que os tematizam, demonstram que seus desdobramentos vão muito além da libertação de gays, lésbicas, travestis e transexuais. A luta empreendida contra a homofobia, como guardiã do alinhamento sexo-gênero-sexualidade, propõe que a vivência do sexo e o uso dos corpos seja livre de normas e padronizações, libertando-nos de imposições de gênero que enclausuram homens e mulheres dentro de estereótipos, incidindo inclusive na heterossexualidade, ao punir, entre tantos, mulheres de personalidade forte ou homens delicados.

A tradição religiosa é, também, lembrada por um leitor-comentarista como motivo para justificar o preconceito em nosso país.

Gabriel F. Marinho: [Em resposta a outro leitor-comentarista] Cara, não é assim também não. Essa idéia de que justificar tudo que não gostamos no país pelo seu subdesenvolvimento (termo que detesto) é equivocado. O Brasil discute essa questão porque temos uma cultura religiosa forte - e isso nada tem a ver em ser rico ou pobre. Esse debate pode ser facilmente superado em países como a Holanda, Rússia ... mas gerariam debates enormes nos EUA, Espanha, Portugal ou Itália.

²²⁷ Comentário de reportagem do site da Folha de São Paulo intitulada "Vi um ginásio inteiro gritando 'bicha', diz Michael", de autoria de Mariana Bastos, de 6 de abril de 2011. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/esporte/898787-vi-um-ginasio-inteiro-gritando-bicha-diz-michael.shtml>>. Acesso em: 15 de janeiro de 2012.

Outro sujeito, contudo, apresenta o seguinte contra-argumento:

Julio Antonio Macedo Jr.: Mas, Gabriel, na Espanha e em Portugal, por exemplo, até o casamento entre pessoas do mesmo sexo já é uma realidade... Será que temos uma cultura religiosa forte ou uma forte cultura de exclusão?²²⁸

De fato, são encontrados alguns exemplos que denotam o apelo religioso, como no seguinte trecho:

Walkimar Aleixo: Eu não apoio [a homossexualidade], porque até mesmo o grande homem (Jesus Cristo) já condenava o homossexualismo.²²⁹

Nessa citação, o leitor-comentarista propõe que a decisão sobre a condenação aos homossexuais seja baseada numa suposta condenação de Jesus a essa orientação. Essa visão, contudo, é contestada mesmo por outros sujeitos que também fazem uso de argumentos religiosos, como no exemplo abaixo:

Richard Wurzler: Eu concordo que todos devem ser respeitados, e isso inclui respeito às pessoas homossexuais. Eu sou da tese que o respeito ao ser humano está acima de nossas opiniões sobre crença e opção sexual, ou seja, eu posso ter minhas crenças e minhas convicções sobre opção sexual, sem com isso ser agressivo e não respeitar o ser humano. Jesus amou e respeitou Maria Madalena, sem com isso aprovar a prostituição que ela fazia, este é o ponto. Tolerância sem perda da opinião, porque não?!²³⁰

Para o autor desse comentário, a partir dos exemplos de amor de Jesus Cristo, a postura com relação a Michael deveria ser de tolerância e respeito. Dessa forma, ainda

²²⁸ Ambos, comentários da reportagem do site da Folha de São Paulo, intitulada “Não importa se jogador tem namorado ou namorada, diz Bernardinho”, de autoria de Mariana Bastos, de 27 de maio de 2011. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/esporte/921425-nao-importa-se-jogador-tem-namorado-ou-namorada-diz-bernardino.shtml>> Acesso em: 15 de janeiro de 2012.

O argumento do subdesenvolvimento, que introduz o comentário de Gabriel F. Marinho, será discutido no capítulo 3.

²²⁹ Comentário de reportagem do site da Folha de São Paulo intitulada “Vi um ginásio inteiro gritando ‘bicha’, diz Michael”, de autoria de Mariana Bastos, de 6 de abril de 2011. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/esporte/898787-vi-um-ginasio-inteiro-gritando-bicha-diz-michael.shtml>>. Acesso em: 15 de janeiro de 2012.

²³⁰ Comentário de reportagem do site da Folha de São Paulo intitulada “Vôlei Futuro reclama de homofobia em Minas; Cruzeiro rebate”, de autoria de Mariana Bastos, de 4 de abril de 2011. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/esporte/898237-volei-futuro-reclama-de-homofobia-em-minas-cruzeiro-rebate.shtml>>. Acesso em: 15 de janeiro de 2012

que aparentemente entendendo que a homossexualidade não é uma *opção* apropriada, ele defende uma reação diferente a do leitor-comentarista anterior. Outro sujeito reforça o desalinhamento da homossexualidade com seus preceitos religiosos, mas aponta para a necessidade de garantia da integridade física do atleta:

Zé Goulart: Esse cidadão do Vôlei Futuro que se sentiu ofendido pela reação da torcida frente à sua opção sexual deve mesmo é ir procurar a Deus e se converter a Ele, e mudar sua postura que agride a Palavra. Por outro lado, o que se deve preocupar é com a integridade física dele e de sua equipe e só.²³¹

Além de citações que usam abertamente argumentos religiosos, não nego a possibilidade de que as marcas de nossa “cultura religiosa forte” se evidenciem de modo silencioso, ou até mesmo inconsciente, nos demais comentários. Contudo, não tendo a pretensão de identificar, nesta pesquisa, se os motivos que levam à homofobia no Brasil são, de fato, de cunho religioso, me limito, com relação a esse aspecto, a apontar que foram poucos os argumentos explicitamente cristãos encontrados nos fóruns de comentários.

Outra questão por vezes percebida é o entendimento de alguns leitores-comentaristas de que o episódio foi uma forma de Michael conquistar notoriedade:

JORGE Souza Ramos: Coitado, ele não era conhecido. Agora é. Belo jeito de sair do armário! A torcida merece.²³²
Sérgio Matta: [...] Menos, meu caro, menos. Você, caro atleta homossexual assumido, já teve seus minutos de glória, luzes, lantejoulas e paeâtês. A vocês defensores homo, não queiram calar as torcidas. A função dos torcedores é, também, mexer psicologicamente com os adversários. E podem até chorar, mas isso foi conseguido!²³³

²³¹ Comentário da reportagem do site do Estado de Minas intitulada “Centro das polêmicas, Michael é preservado antes da partida em Contagem”, de autoria de Ivan Drummond, de 15 de abril de 2011. Disponível em: <http://www.superesportes.com.br/app/1,15/2011/04/15/noticia_volei,181961/>. Acesso em: 15 de janeiro de 2012.

²³² Comentário da reportagem do site da Folha de São Paulo, intitulada “Cruzeiro é multado em R\$ 50 mil em caso de homofobia no vôlei”, de autoria da editoria do site, de 14 de abril de 2011. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/esporte/902110-cruzeiro-e-multado-em-r-50-mil-em-caso-de-homofobia-no-volei.shtml>>. Acesso em: 15 de janeiro de 2012.

²³³ Comentário da reportagem do site da Folha de São Paulo intitulada “Vôlei Futuro critica multa dada ao Cruzeiro e ironiza STJD”, de autoria da editoria do site, de 14 de abril de 2011. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/esporte/902694-volei-futuro-critica-multa-dada-ao-cruzeiro-e-ironiza-stjd.shtml>>. Acesso em: 15 de janeiro de 2012.

Dizer que tornar-se conhecido foi um “belo jeito de sair do armário” parece inferir não apenas que Michael quis ganhar atenção ao se assumir a partir desse episódio, mas também dizer que os homossexuais, de forma geral, usam desse momento de afirmação com esse fim.

Na segunda citação, a glória do homossexual é ainda associada às lantejoulas e paetês fazendo referência às roupas extravagantes utilizadas por travestis. Assim, assumir publicamente um traço identitário, a orientação sexual, é visto como uma estratégia para se destacar, afinal porque outro motivo alguém sairia do padrão heterossexual?

Ainda nessa linha, outro comentário questiona a legitimidade da reclamação de Michael pelo fato de ele não ser uma pessoa “famosa”:

Leo Bandeira: Manda esse “famoso” Michael jogar golfe, xadrez... [...]

Ao ironicamente chamá-lo de famoso, Leo Bandeira desqualifica a reclamação de Michael pelo fato de ele não ser uma figura suficientemente notória²³⁴.

Analisando o material empírico enquanto conjunto, é possível notar enfoques diversos em que, apesar da existência da possibilidade de diálogos, esses pouco são constituídos pelos sujeitos. Aparentemente guiados por suas certezas, lançam afirmações que, mesmo que pertinentes, por sua superficialidade pouco ajudam a promover debates qualificados. Pouco também fazem os jornalistas. Em sua maioria limitando-se a descrições, parecem desperdiçar a possibilidade de sensibilizar o público leitor.

Panoramicamente, é possível identificar dois grupos: um que defende que as manifestações da torcida foram atos de desrespeito e outro que rechaça ou rejeita tal possibilidade. O primeiro se pauta majoritariamente pela defesa da igualdade de direitos, pelo respeito e pela tolerância às diferenças. O segundo por sua vez, crente em uma suposta essencialidade do alinhamento sexo-gênero-sexualidade, naturaliza o episódio sob frentes diversas: liberdade de expressão, legitimidade do ambiente permissivo das arenas esportivas, defesa da maioria, o fato de o termo “bicha” não ser ofensa. Em que medida o fato do episódio ter ocorrido em um contexto esportivo interfere nos argumentos desses grupos? Como sexualidade e esporte se relacionam nos discursos de jornalistas e leitores-comentaristas? São essas as questões principais que nortearão o próximo capítulo.

²³⁴ O fato de Michael ser ou não famoso é questionável. Não problematizo tal questão, optando por analisar a partir da visão do leitor-comentarista.

4 A ARENA ESPORTIVA ENCAMPA A HOMOFOBIA

Em um vídeo promocional da Agência Kick it out²³⁵, órgão financiado por federações e ligas de futebol para reprimir o preconceito na modalidade, um homem é filmado fazendo atividades cotidianas: comprando jornal, pegando o metrô, chegando ao trabalho. Nesse trajeto, ele se dirige a uma série de pessoas de forma agressiva ofendendo-as usando termos de caráter homofóbico. Uma mensagem, então, é mostrada na tela: “Esse comportamento é inaceitável aqui”. Em seguida, o homem é visto em um estádio de futebol proferindo expressões semelhantes às anteriores, acompanhado dos dizeres: “então porque deveria ser aceitável aqui”²³⁶.

Esse vídeo desperta algumas reflexões pertinentes a este trabalho. Apesar da sociedade em que vivemos apresentar fortes padrões heteronormativos que regulam nossa sexualidade e comportamentos, as arenas esportivas destacam-se como espaço em que há maior permissividade para expressar tais construções de formas explícitas, ofensivas e agressivas. Assim, parece que, nesse ambiente, as normas que mantêm o alinhamento sexo-gênero-desejo possuem certa especificidade. Essa hipótese é reforçada nos textos analisados nesta pesquisa que, para justificar a naturalidade do ocorrido no episódio Michael, recorrem a argumentos ligados à constituição do cenário esportivo, como “isso é a forma como a torcida tradicionalmente torce”, “o jogador deve estar preparado para receber tais ofensas”, “outros casos como esse acontecem com frequência”, etc.

Assim, neste capítulo abordarei as especificidades que o contexto esportivo traz para o episódio Michael. Para tal, irei primeiramente discutir a constituição das arenas esportivas enquanto espaço de permissividade para manifestações violentas ou ofensivas. Faço uso das contribuições de Norbert Elias para apresentar a ideia do esporte moderno como espaço de violência controlada, estabelecendo diálogos com autores que relativizam algumas de suas proposições, como Toledo (1996) e Holanda (2009). Em seguida, recorro às teorias de Jean Lave e Etienne Wenger (1991), e Tim Ingold (INGOLD, 2010; HALLAM e INGOLD, 2007) para discutir como a propagação dos comportamentos dentro de uma arena esportiva se fazem por um processo constante de aprendizagem pela prática social. Utilizo, ainda, algumas reflexões de Stuart Hall

²³⁵ Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=IBc6oEWgFlk>> Acesso em: 08 de novembro de 2012.

²³⁶ As mensagens são traduções livres do apresentado no vídeo, em inglês. Apesar da frase apresentada no final aparentemente ser uma pergunta, não há utilização de ponto de interrogação no vídeo.

(1997), Michel Foucault (1988; 2012) e João Freire Filho (2004) para apontar a importância do discurso na construção de verdades que alimentam o imaginário do esporte enquanto espaço naturalmente violento.

4.1 A presença da violência no esporte

Marcio Andrade: Paulete [outro leitor-comentarista],
 esporte é isso mesmo. Sangue, violência, porrada,
 xingamentos. Parem de frescura, povão!²³⁷

O comentário acima, extraído de uma reportagem do site da *Folha de São Paulo*, resume uma série de falas encontradas no material desta pesquisa. Ele deixa clara a visão de seus autores de que o esporte é um espaço em que certo grau de violência é permitido. Cabe, contudo, perguntar como tal entendimento se legitimou ao longo da constituição social do que chamamos de esporte. Ainda que de forma sucinta, julgando a complexidade da tarefa, esse é o exercício a que me proponho neste item.

O esporte, afirmam uma série de estudiosos²³⁸, é um fenômeno moderno surgido do século XVIII, e mais marcadamente no século XIX, na Europa, em especial na Inglaterra. Ele teria surgido, segundo Bracht (1997) a partir da regulação (esportivização) de elementos da cultura corporal, tanto de origem popular quanto das elites, entre quais os jogos populares são os exemplos mais recorrentes. Nesse processo, as *public schools* (escolas públicas inglesas) foram espaços de grande importância histórica. Assim afirma o autor: “Vai ser nas escolas públicas que aqueles jogos (o caso clássico é o futebol) vão ser regulamentados e aos poucos assumir as características (formas) do esporte moderno.” (BRACHT, 1997, p.14). Junto à urbanização e à industrialização, o esporte desenvolveu-se e disseminou-se, para além dos limites europeus, como o símbolo do novo e do moderno, de certa forma negando os valores dos tempos que o precediam.

Elias e Dunning (1992) entendem que, nesse momento germinal do esporte moderno, essa manifestação emerge enquanto formas abrandadas de confronto, no qual são inseridos instrumentos de controle à violência mais rígidos do que os presentes em passatempos populares preexistentes.

²³⁷ Comentário da reportagem do site da Folha de São Paulo intitulada “Vôlei Futuro reclama de homofobia em Minas; Cruzeiro rebate”, de autoria da editoria do site, de 4 de abril de 2011. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/esporte/898237-volei-futuro-reclama-de-homofobia-em-minas-cruzeiro-rebate.shtml>>. Acesso em: 15 de janeiro de 2012.

²³⁸ Bracht (1997); Melo (2004); Pires (1998); Betti (1998), entre outros.

Assim, os autores demonstram que, desde o seu surgimento, o esporte moderno baseia-se no conflito, se apoiando no difícil equilíbrio entre o enfado e a violência. Dessa maneira, defendem que, para que um jogo interessante e prazeroso se constitua, é necessário controle, algo que limite o grau de risco de ferimentos, mas também é fundamental que haja tensão e excitação pela oposição. O prazer que existe no jogo não está, então, apenas em um possível resultado vitorioso, mas sim em uma antecedência do prazer excitante e prolongada. Dessa forma, exemplificam os autores, ganhar um jogo com um placar elástico contra uma equipe muito inferior é demasiado efêmero e, com frequência, decepcionante.

Ainda nessa obra, Dunning defende que “todos os desportos são, por natureza, competitivos e, por isso, possibilitam a emergência da agressão” (DUNNING, 1992b, p. 394). Em alguns casos, como no futebol e no boxe, é possível, até mesmo, observar um “confronto simulado”, uma “representação de luta” (DUNNING, 1992b, p. 394).

Nessa perspectiva, a emergência das manifestações esportivas ocorre em meio a um processo mais amplo chamado de processo civilizador, o cerne da sociologia elisiana. Esse conceito foi criado a partir da análise dos processos que historicamente provocaram modificações com vias à regulação rigorosa dos modelos de conduta e sensibilidade a partir do século XVI²³⁹, em especial nos grupos de elite europeia – modificações essas que transbordariam para outros grupos e espaços. Assim, aponta o autor, as mudanças observadas nas práticas de lazer relacionadas ao controle da violência, possuem afinidades com o desenvolvimento das estruturas de poder inglesas, mostrando que o esporte é uma manifestação que não pode ser analisada de forma isolada da sociedade em que se encontra (ELIAS, 1992). O processo civilizador é, então, fruto da articulação entre “a psicogênese da vida afetiva em seu foro mais íntimo – o medo, a vergonha, a delicadeza – e a sociogênese do controle das emoções por parte do Estado moderno” (HOLLANDA, 2009, p. 353). Dessa forma, nessa teoria, as esferas individual e social são consideradas indissociáveis.

Elias (1992) defende ainda que, apesar de haver muitas diferenças entre diversas atividades de lazer existentes, a maioria possui algumas características estruturais comuns. O autor afirma que, nas sociedades contemporâneas, enquanto a rotina pública e privada exige a manutenção de um perfeito domínio de nosso estado de espírito, sobre impulsos, afetos e emoções, nas atividades de lazer há um quadro mais flexível em que podemos

²³⁹ Apesar de analisar as mudanças sociais a partir do século XVI, Elias e Dunning (1992), tal como Bracht (2005), também localizam a emergência do esporte a partir do século XVIII, e mais marcadamente da segunda metade do século XIX.

exercê-las com maior liberdade. Assim, ele diz que “muitas ocupações de lazer fornecem um quadro imaginário que se destina a autorizar o excitamento, ao representar, de alguma forma, o que tem origem em muitas situações da vida real, embora sem os perigos e riscos.” (ELIAS, 1992, p. 70). Esse quadro imaginário cria tensões: perigo imaginário, medo ou prazer mimético, tristeza e alegria. “Desta maneira, uma criança lançada ao ar em segurança nos braços estendidos do pai pode sentir o prazer da excitação mimética do perigo e do medo, sabendo que o medo é imaginário e que existe a segurança dos braços do pai” (ELIAS, 1992, p. 71).

Sobre esse processo, Toledo (2002) faz duas ressalvas²⁴⁰. A primeira é a de que a consolidação do fenômeno esportivo em detrimento dos jogos deve ser relativizada, de forma a não transparecer a ideia corrente de que a transformação de jogo em esporte foi um fenômeno histórico contínuo e linear. Ainda que, por vezes, a teoria do processo civilizador transpareça essa visão, Dunning (1992a) afirma que as esferas responsáveis pelo controle de nossos impulsos²⁴¹, apesar de interdependentes, podem atuar em proporção ou direção diferentes, uma podendo impedir ou ameaçar o funcionamento da outra. Por meio dessa justificativa, o autor reconhece que as modificações tanto no que concerne às práticas de lazer – em especial o processo de esportivização dos jogos populares –, quanto a outros cenários sociais e políticos, não ocorrem, necessariamente, de forma linear, progressiva ou irreversível.

A segunda ressalva de Toledo (2002) diz respeito a uma atribuição de certos valores a essas manifestações – jogo e esporte – como traços inerentes, ora com vias a denúncia de características degradantes do esporte, ora valorizando seu aspecto pacificado – em comparação aos jogos – ou democrático. Naturalizar esses atributos pode prejudicar uma análise crítica sobre ambos os fenômenos.

O autor, contudo, também corrobora com o entendimento de que o esporte é capaz de constituir-se enquanto espaço diferenciado, no qual formas de expressão de emoções são controladas sob outros moldes, mais flexíveis. Nesse sentido, ao analisar o futebol, ele defende que a natureza dos comportamentos em uma partida é de ordem ritual, em oposição a outras vivências sociais, que são de natureza cotidiana. É esse

²⁴⁰ Ao fazer tais ponderações, Toledo (2000) está tratando não do processo civilizador como um todo, mas especificamente do processo de esportivização dos jogos populares.

²⁴¹ Dunning explica que Elias sistematiza as dimensões de controle que provocam tais alterações, dividindo-as em três categorias, chamadas por ele de tríade dos controles básicos. São elas: “1) Das hipóteses de controle das relações de acontecimentos extra-humanos, isto é, sobre aquilo a que nos referimos, por vezes, de um modo vago, como “acontecimentos naturais”; 2) Das hipóteses de controle das relações inter-humanas, isto é, sobre aquilo que nos referimos habitualmente como “relações sociais”; 3) Do que cada membro individual aprendeu, desde a infância, no sentido de exercer o autocontrole” (DUNNING, 1992a, p. 31).

caráter ritualístico²⁴² que legitimaria certas práticas consideradas incomuns em outros espaços ou atividades, entre elas as manifestações de agressividade.

Nesse quadro de práticas de lazer que evocam diversos estados emocionais, podemos analisar não só a prática do esporte, mas também sua assistência. Lembremos que, já há séculos, multidões se reuniam para assistir a peças teatrais ou confrontos de gladiadores como forma de diversão. Também, então, na posição de plateia somos convidados a transitar em diferentes estados de espírito, expressando-os de diversas formas: chorando ao assistir um filme emocionante, cantando durante uma partida de futebol, silenciosamente e atentamente ouvindo a uma história, etc. Tais reações dependem não apenas do espetáculo assistido, mas, sobretudo da relação que se estabelece com o mesmo. Nesse sentido, quando leitores-comentaristas demandam a legitimidade dos xingamentos em uma arena esportiva, eles parecem demonstrar que aquela atitude é parte fundamental da expressão das sensações sentidas durante aquela atividade de lazer.

Isso não as torna, contudo, naturais e inquestionáveis. É pertinente apontar que uma série de práticas que seriam hoje, no contexto em que vivemos, consideradas intoleráveis, como combates entre humanos e animais ou o enforcamento público, já foram formas de divertimento em tempos antigos. Outras dinâmicas de violência, por sua vez, ainda que disfarçadas, ainda hoje são legitimadas como diversão, indicando a complexidade e aparente incoerência de nossos padrões de civilidade. Nesse sentido, posso citar programas veiculados na mídia que expõem imagens ou relatos de assassinatos, ou as ascendentes lutas de MMA²⁴³.

Percebe-se, novamente, que os significados sociais que as manifestações são frutos de uma constituição histórica fluída, em constante modificação, nem sempre coerente ou linear, fazendo com que transformações sociais levem a alterações no quadro de permissividade que se percebe nas arenas esportivas. Elías (1994) reconhece, também, que a dinâmica desse processo se faz em função de contextos históricos particulares, negando generalizações. Assim, cada sociedade, diante de configurações específicas, constrói o seu caminho civilizatório.

Vale pontuar que a não-linearidade do processo civilizador foi um entendimento construído especialmente a partir da emergência do fenômeno do *hooliganismo* que, contra as expectativas de apaziguamento contínuo da sociedade, aumentou radicalmente

²⁴² Esclareço que a ritualidade não determina a liberdade total, mas sim códigos de controle específicos, construídos para servir a uma atividade cujos significados destoam dos do cotidiano.

²⁴³ Sigla em inglês para artes marciais mistas (mixed martial arts).

os episódios de violência nos estádios e suas imediações, pubs, meios de transporte e tantos outros locais. Assim, tais acontecimentos demonstraram que há possibilidade de processos de descivilização, em momentos e épocas específicos.

O dever de explicar tal retrocesso ficou a cargo principalmente dos discípulos de Elias, capitaneados por Eric Dunning, acompanhado de John Williams e Patrick Murphy. Tais autores justificam a intensificação da violência a partir de dois argumentos principais, ambos ancorados na ideia de que os *hooligans* eram jovens e adolescentes do sexo masculino egressos da classe operária. O primeiro baseia-se no conceito de “segmentação ordenada”, de Gerald Suttles, que explica o processo de construção de identidades comunitárias, influenciadas por questões de gênero, idade e etnia, gerando associações bilaterais entre grupos, que ora se opunham, ora de aliavam. Nessa perspectiva, a violência dos encontros era espelho das relações violentas e arbitrárias dos pais, e as rivalidades eram alimentadas por seus frequentes encontros em espaços públicos (HOLLANDA, 2009).

A segunda explicação advém da observação da curva de violência no futebol associada ao momento histórico vivido. O momento de retomada das manifestações de agressividade coincide com a incidência desigual das taxas de incorporação social, na educação escolar e no mercado de trabalho. Seria a expansão desse contingente popular insatisfeito, a razão do desencadeamento das brigas e tumultos.

Vale pontuar que, mesmo reconhecendo avanços e recuos nesse processo e a especificidade de cada contexto de desenvolvimento, Elias defende a ideia de progresso, na qual sociedades que apresentam formas de controle das emoções mais eficientes são consideradas mais civilizadas e avançadas²⁴⁴. Assim, compreendo que os trabalhos descritivos e analíticos de Elias e de seus discípulos trazem valiosas contribuições para a compreensão do processo histórico no qual a violência se faz presente no esporte, ocorrências que possivelmente influenciam certos discursos presentes na atualidade. Contudo, não irei me apropriar dos argumentos sob os quais a agressividade e a violência são frutos de uma falha civilizadora. Evitando a identificação de *origens* da agressividade verbal evidenciada no caso Michael, proponho-me a debruçar-me sobre o

²⁴⁴ Hollanda (2009), contudo, lembra que o processo civilizador, segundo Elias, compreendia dois critérios de civilização: “o primeiro mensurava o grau de autocontrole de cada indivíduo no uso da violência física; o segundo, interligado, avaliava o estágio de organização da sociedade, notadamente o grau de centralização do poder do Estado.” (HOLLANDA, 2009, p. 357). Nesse sentido, para Elias, ainda que seja possível considerar uma sociedade mais desenvolvida do que outra, a teoria não apresentava um julgamento etnocêntrico por natureza.

que revelam *os discursos* ali encontrados²⁴⁵, nos quais acredito ser possível encontrar pertinentes questões que concernem aos saberes constituídos sobre esporte e sexualidade.

Uma forma possível de se analisar como certos padrões comportamentais se mantêm ou se transformam ao longo da história é a partir da ideia de aprendizagem pela prática social, abordagem que será desenvolvida no próximo item.

4.2 Esporte: aprender para participar

A aprendizagem, como propõem Lave e Wenger (1991), ocorre em todos os momentos de nossa vida social, não pressupondo, assim, uma relação professor-aluno ou mestre-aprendiz. O aprendizado é entendido, nesse sentido, como algo que acontece cotidianamente por meio das relações que estabelecemos com outros indivíduos, com os objetos e com o espaço ao nosso redor. É, então, por meio da participação e do engajamento que a aprendizagem acontece. Nesse sentido, é interessante perceber que é bastante comum que pessoas desvinculadas ao futebol não compreendam a atitude de louvor dos torcedores para com “um grupo de pessoas correndo atrás de uma bola”. Isso ocorreria porque tais pessoas não fazem parte daquela comunidade e, ao não se engajarem, desconhecem as relações, as sensações e a lógica que constitui aquele contexto. Os próprios leitores-comentaristas chegam a afirmar que o torcer é algo que se aprende:

valtervanio Araujo: Até parece que os paulistas nunca viram torcida de vôlei de minas gerais...esses chorões não viram nada! Na época do minas de pelé e Cia valia jogar gelo e moedas na quadra pra desconcentrar os adversários,que por ironia também eram paulistas. *Aprendam a torcer e respeitar a melhor torcida do brasil.*²⁴⁶

O aprendizado, dessa maneira, não compreende apenas o domínio de determinados gestos motores ou de certos conhecimentos, mas, sobretudo a compreensão das lógicas que cada contexto possui. É essa a dimensão de o torcedor trata em seu comentário. Foi notado, também, que algumas respostas de leitores-comentaristas a textos anteriores questionam a legitimidade de certas opiniões devido

²⁴⁵ Não tenho a pretensão de que o material que analiso seja representativo de todos os discursos que circularam acerca do episódio. Me refiro, assim, exclusivamente ao meu *corpus*.

²⁴⁶ Comentário da reportagem do site do Estado de Minas intitulada “Vôlei Futuro rebate Cruzeiro em nota oficial”, de autoria da Gazeta Press, de 6 de abril de 2011. Disponível em: <http://www.superesportes.com.br/app/1,15/2011/04/06/noticia_volei_181199/>. Acesso em: 15 de janeiro de 2012. (Grifo meu)

a esse aparente desconhecimento dos padrões de funcionamento do esporte. É o caso do exemplo abaixo:

Marcio Andrade: Foi uma torcida xingando um jogador do time adversário. Nossa, que coisa hein? Nunca aconteceu na história do esporte mundial.

Rodolfo Valentino: Claro, daqui a pouco você vai dizer que vandalismo, brigas coletivas, homicídios também são coisas normais, sempre acontecem no futebol. Não confunda agrupamento de marginais com torcedores de um esporte.

Leo Bandeira: Você já foi a um estádio de futebol??? Acho que não, né? Comparar torcida xingando com homicídios é f. Daqui a pouco não vão poder nem vaiar... Faz o seguinte, Rodolfo Valentino, vá ao estádio, de preferência num clássico, Corinthians x Palmeiras, por exemplo. Quando o juiz anular um gol e a torcida começar a xingá-lo, você chama os torcedores de mal educados e vândalos.

Agora, como eu falei, quem não quer ser vaiado, nem xingado, pode jogar golfe (onde você não pode nem tossir que te olham de cara feia).²⁴⁷

Assim, na primeira fala, Márcio Andrade demonstra naturalidade no xingamento da torcida, apontando ainda que o fato é corriqueiro não apenas em nosso país, mas em todo o mundo. Em contraposição, percebe-se que Rodolfo Valentino vê o xingamento como algo grave, chegando a aproximar essa manifestação a atos de vandalismo, brigas coletivas e homicídios. A ofensa, para ele, não é um comportamento típico de torcedor, mas sim de marginal. A discordância no comentário seguinte, de Leo Bandeira, é defendida a partir dos dizeres “Você já foi a um estádio de futebol??? Acho que não, né?”. Ele, assim, desvaloriza os apontamentos de seu interlocutor identificando-o

²⁴⁷ Comentários da reportagem do site da Folha de São Paulo intitulada “Vôlei Futuro reclama de homofobia em Minas; Cruzeiro rebate”, de autoria da editoria do site, de 4 de abril de 2011. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/esporte/898237-volei-futuro-reclama-de-homofobia-em-minas-cruzeiro-rebate.shtml>>. Acesso em: 15 de janeiro de 2012.

como um não-pertencente, alguém que, ao não frequentar jogos de futebol – e participar, se engajar –, desconhece os padrões que ali se constroem, sendo então incapaz de compreender seus acontecimentos²⁴⁸. Sob essa argumentação, parece que, para o leitor-comentarista, certos padrões de funcionamento do esporte estão fixamente postos, e a única explicação para o fato de alguém questioná-los seria não ser um participante desse espaço.

Uma forma complementar de analisar a questão é refletindo sobre a relação que os atores estabelecem com aquela atividade. É possível que as críticas tão exacerbadas de Rodolfo Valentino estejam cobrando comportamentos da torcida esperados em vivências associadas ao cotidiano, no qual o xingamento é uma ação reprovável. Já Marcio Andrade e Leo Bandeira, enquanto possíveis participantes legítimos do contexto esportivo, entendem a vivência do esporte sob uma natureza ritual, com um conjunto de valores, normas, proibições e permissões específicas. Dentro das regras específicas desse espaço, o xingamento é algo corriqueiro²⁴⁹. Nesse sentido, refletindo sobre o caráter ritualístico do futebol, Toledo (1993) afirma que:

Na percepção genérica dos torcedores, o acontecimento futebol é o momento e o lugar da permissividade, dos contatos verbais e corporais mais intensos e extremos, da subversão dos espaços, do ritmo das ruas e da ocupação dos equipamentos urbanos, trens, ônibus e metrô: irrupção de solidariedades, preferências, vontades gerais de grupos que se identificam e se contrapõem, mobilizando indivíduos em nações – corintianos, palmeirenses, são-paulinos, santistas, etc. (TOLEDO, 1993, p.21).

Em outra obra, o autor pondera, contudo, que a ritualidade do futebol em países como o Brasil está intimamente atrelada à sua rotinização e presença no dia a dia, articulada a outras esferas da vida social. Dessa forma, ele defende que o

futebol é entre os esportes aquele que adquiriu historicamente uma centralidade como um dos possíveis articuladores dessas duas “formas de consciência” [realidade do cotidiano e realidade ritual] numa sociedade como a brasileira (TOLEDO, 2002, p.33)

²⁴⁸ A oposição entre futebol – e vôlei - e golfe é um indicio interessante sobre representações que determinam expectativas diferentes para essas práticas. Tal assunto será abordado no item 3.3.2

²⁴⁹ Pondero que o fato de uma vivência ser de natureza ritual não a torna incólume a críticas e questionamentos.

Assim, a compreensão do fenômeno futebol perpassa a análise não apenas de seu caráter ritual, mas também de sua relação com o cotidiano. Ainda que tais reflexões tenham sido feitas no ambiente do futebol e o episódio de que trata essa pesquisa tenha ocorrido em um ginásio de voleibol, a dicotomia entre essas esferas – ritual e cotidiano – é presente no material analisado neste trabalho – tanto tratando do próprio futebol, quanto do voleibol – e será abordada ao longo deste capítulo.

Retomando as ideias de Lave e Wenger (1991), entendo que a aprendizagem de tais comportamentos, normas e padrões não ocorre por uma mera transmissão de saberes outrora descobertos ou definidos por outras pessoas. Rejeitando qualquer teoria que proponha a internalização de conhecimentos pré-existentes, para os autores o conhecimento é constantemente construído e reconstruído ao longo do processo de aprendizagem. Apesar disso, os autores não negam a existência de um mundo culturalmente e socialmente estruturado que influencia na constituição das subjetividades de quem aprende (FARIA, 2008), mas sim enfatizam “a independência relacional do agente e mundo, atividade, significado, cognição, aprendizagem e conhecimento”, não hierarquizando a importância de nenhum desses elementos (LAVE e WENGER, 1991, p.50).

Em consonância com esse pensamento, Tim Ingold (2010) defende que tradições não se mantêm por meio de repetições acríticas de comportamentos e atribuição de sentidos das gerações seguintes. Para o autor, as continuidades ocorrem pelo que ele chama de “educação da atenção”, processo entendido como um “redescobrimto dirigido”. Assim:

a contribuição de cada uma para a cognoscibilidade da seguinte não se dá pela entrega de um corpo de informação desincorporada e contexto-independente, mas pela criação, através de suas atividades, de contextos ambientais dentro dos quais as sucessoras desenvolvem suas próprias habilidades incorporadas de percepção e ação. Em vez de ter suas capacidades evolutivas recheadas de estruturas que *representam* aspectos do mundo, os seres humanos emergem como um centro de atenção e agência cujos processos *ressoam* com os de seu ambiente. (INGOLD, 2010, p.21)

A arquitetura da mente é tida, então, como o resultado de uma cópia, que não é, contudo, mera transcrição automática de dispositivos cognitivos (ou instruções para construí-los) de uma cabeça para outra. A cópia é uma tentativa de *seguir*, nas ações individuais, aquilo que as outras pessoas fazem, nunca sendo, assim, uma reprodução fiel. Hallam e Ingold (2007) propõem que entendamos nossa forma individual de aprendizagem e de experiência da cultura a partir do conceito de improvisação. Eles defendem que nenhum sistema de códigos, regras e normas seria capaz de prever todas as circunstâncias possíveis da vida, exigindo respostas específicas. Essas respostas, assim, tomam como base linhas gerais que nos são apresentadas, mas é a partir da improvisação que obtêm precisão e especificidade na ação.

Também para explicar a continuidade das tradições, Marcel Mauss (2003) utiliza do conceito de imitação prestigiosa das técnicas corporais. O autor entende o técnico enquanto um ato *tradicional* eficaz exercido por um corpo que compreende um conjunto de hábitos, costumes, crenças e tradições. Os estudos de Mauss são pertinentes na medida em que demonstram como as sociedades são capazes de transmitir determinadas técnicas corporais às gerações seguintes, ensinando modos específicos de uso do corpo, tidos não apenas como gestos motores, mas sim como fenômenos simultaneamente biológicos, psicológicos e sociais. Dessa forma, em todas as sociedades as pessoas dormem, comem, andam, se falam, mas cada uma o faz de um modo diferente. Ainda que sem utilizar o termo cultura, o autor demonstra entender a técnica corporal como um aspecto da mesma.²⁵⁰

Assim, retomando Hallam e Ingold (2007), mesmo utilizando a observação e a imitação como importante estratégia, enquanto vivem e respondem às contingências da vida, as pessoas constroem cultura. Junto a essa característica geradora da improvisação, os autores destacam seu caráter temporal e relacional. O aspecto temporal aponta para o fato de que a criatividade está presente em todo momento de nossa vida, e que estamos incorporados no tempo em que existimos, sendo a todo momento por ele afetados. O traço relacional, por sua vez, considera que as pessoas crescem e se desenvolvem na presença e na atividade de outros e são, assim, por eles afetadas. A partir da metáfora da caminhada de um pedestre, os autores explicam: andar na rua é determinar seu caminho não só a partir do seu destino e vontade, mas um constante

²⁵⁰ É importante pontuar que a perspectiva de Mauss (2003) entende que a continuidade das tradições se faz por meio da imitação e da transmissão, chegando a usar o termo “adestramento”. Corroboro com as ideias de Hallam e Ingold (2007) propondo que essa imitação é um processo ativo de “redescobrimto dirigido”.

processo decisivo a partir dos desvios que temos que fazer pela presença dos demais pedestres, carros, irregularidades da rua, etc. (HALLAM; INGOLD, 2007, p. 14).

Sob essa ótica, não há uma essência do torcer que emerge naturalmente no indivíduo, nem mesmo há uma forma de fazê-lo apriorística, fixa, única e estável que é ensinada de uma geração à seguinte. Assim, de forma dinâmica, e não imposta ou fixa, torcedores de tênis costumam torcer sentados, aplaudindo apenas quando o ponto é finalizado, porque assim eles aprenderam que deve ser feito ao se engajarem na prática. De forma semelhante, torcedores de determinados países costumam apoiar seu time o tempo inteiro com gritos e cantos, enquanto os de outros são mais contidos, apreciando silenciosamente o espetáculo. Isso ocorre porque seus aprendizados, processos de educação de atenção e emergências a partir das relações estabelecidas na prática convergiram para pontos diferentes, em seu tempo, espaço e contexto particulares²⁵¹. Assim, ainda que haja certa estabilidade em determinadas práticas, elas não são fruto da fidelidade com que copiamos regras de conduta. E, mais além, nada garante quais aspectos serão mantidos ou modificados nos comportamentos ao longo do tempo. Como afirma Sautchuk (2007), a partir das ideias de Ingold:

se é possível falar de observação e de imitação como processos importantes de aprendizado, não é como forma de copiar informações (regras, classificações...) ou de executar mecanicamente modelos de ações; trata-se antes de perceber ativamente o movimento de outros e de alinhar essa atenção com a orientação prática própria a cada um em relação com o ambiente (SAUTCHUK, 2007, p.248).

O processo de alinhamento, contudo, faz-se de forma bastante conflituosa, devido à fluidez e ao dinamismo das relações sociais. Outro ponto relevante é que um mesmo sujeito deve se adequar aos múltiplos contextos no qual se insere, obrigando-o a constituir identidades múltiplas, que mesmo não sendo sempre coerentes acabam por se afetar²⁵². Parece ser uma situação de conflito de identidades, o que encontro nos discursos do material desta pesquisa, no qual a identidade homossexual entraria em conflito com a identidade do homem e do esportista (jogador ou torcedor). Para

²⁵¹ Importante pontuar que, mesmo dentro de padrões relativamente estáveis (em uma mesmo país, analisando grupos de uma mesma classe social e faixa etária, na prática de uma mesma modalidade esportiva, por exemplo), podemos, também, observar nuances e distinções no comportamento.

²⁵² Sobre a descentralidade e multiplicidade das identidades, ver Hall (2003). Esse aspecto foi também abordado no capítulo 1 desta dissertação.

melhor refletir sobre esses aspectos, no próximo item focarei nas representações ligadas ao esporte, marcadas nos estereótipos do ser homem e ser torcedor.

4.3 Representações e estereótipos do vôlei e do futebol

Em muitos trechos desta dissertação, afirmei que determinadas manifestações, comportamentos ou discursos são “naturalizados”, “tidos como normais” pelos leitores-comentaristas. No item anterior, defendi a ideia de que essa naturalização se faz por meio da aprendizagem, por um processo de “redescobrimto dirigido”, como coloca Ingold (2010). De forma complementar, este item visa analisar como se dá esse processo, sobretudo no âmbito discursivo, colocando em foco as relações de poder e saber (Foucault, 2012).

O ser humano entende o mundo a partir da construção de sentidos sobre as coisas – objetos, sujeitos, grupos, comportamentos – que nos cercam. Assim, interagindo com esse mundo, o tornamos inteligível. Para Stuart Hall (1997) esse processo de atribuição de sentidos ocorre por meio das representações.

Dessa forma, a linguagem é vista como elemento fundamental para a produção de entendimentos comuns, de forma a possibilitar o diálogo entre os sujeitos. São esses significados comuns, segundo Hall (1997), que definem uma cultura. Assim,

dizer que duas pessoas pertencem a uma mesma cultura é dizer que elas interpretam o mundo grosseiramente das mesmas formas e podem se expressar, expressar seus pensamentos e sentimentos sobre o mundo, de formas nas quais serão entendidos uns pelos outros (HALL, 1997, p.2. Tradução livre do inglês)²⁵³.

Sem negar a existência material das coisas, Hall (1997) aponta que somos nós que construímos e fixamos seus significados por vezes de forma tão rígida, que parecem naturais. Esses significados, apesar de poderem apresentar certa estabilidade, não são capazes de tornarem-se fixos ou permanentes.

De forma geral, é possível identificar três abordagens para explicar como a representação produz significados na linguagem: a abordagem reflexiva, a abordagem intencionalista e a abordagem construcionista (HALL, 1997).

²⁵³ To say that two people belong to the same culture is to say that they interpret the world in roughly the same ways and can express themselves, their thoughts and feelings about the world, in ways which will be understood by each other.

A abordagem reflexiva assume que a realidade já possui um sentido verdadeiro. Dessa forma, qualquer representação dessa realidade apenas refletiria sua essência.

A abordagem intencionalista propõe que é o autor quem faz a representação, que impõe seu sentido individual à realidade. Essa perspectiva ignora que nossos sentidos foram ressignificados a partir de um sentido comum culturalmente aprendido e, partindo disso, não podem ser considerados absolutamente autorais. Além disso, essas representações, ainda que particulares, devem ser capazes de dialogar por meio de regras e códigos básicos comuns da linguagem, permitindo, assim, a comunicação entre os sujeitos.

A abordagem construcionista não acredita em um sentido verdadeiro e absoluto do real, nem num sentido atribuído puramente por seu autor. Ela defende uma separação entre o mundo real e o mundo em que a linguagem, os sentidos e as representações operam simbolicamente. Sob essa visão, somos capazes de entender o mundo e atribuir sentidos a ele ao nos comunicarmos por meio de um sistema de representações aproximadamente comum. Ela considera a existência do real e a capacidade de ressignificação do autor de sentidos hegemonicamente colocados, mas não os coloca como responsáveis únicos da formação das representações, e sim dentro de um sistema complexo. É essa a perspectiva que adoto neste trabalho.

Hall (1997) afirma, contudo, que a compreensão das representações não deve ser analisada unicamente enquanto processo semântico formal e técnico. Nesse sentido, o autor destaca as contribuições que Michel Foucault pode trazer para historicizar e politizar as análises sobre representação, significado e linguagem.

Ainda que as análises de Foucault reflitam sensivelmente nas relações de significado, sua preocupação principal eram as relações de poder. Seus estudos buscavam compreender a constituição dos *saberes*, para além dos significados. Nesse sentido, Foucault amplia suas teorizações para além da linguagem, tratando do *discurso* (HALL, 1997). Para Fischer:

o discurso ultrapassa a simples referência a “coisas”, existe para além da mera utilização de letras, palavras e frases, não pode ser entendido como um fenômeno de mera “expressão” de algo: apresenta regularidades intrínsecas a si mesmo, através das quais é possível definir uma rede conceitual que lhe é própria (FISCHER, 2001, p. 200)

Assim, mais do que o exercício de produção e interpretação de significados que ocorre por meio da linguagem, no discurso há produção de saberes, somente possível em contextos históricos e configurações de poder específicos.

Sob um novo paradigma, Foucault (2012) nega que o poder seja controlado por um centro – Estado, classes dominantes, lei –, emanando de forma verticalizada e unidirecional. O poder é visto em um sistema de rede, no qual estamos enquanto sujeitos, em algum nível, sempre envolvidos. Ele não é assim visto como uma coisa, algo material, mas uma prática social historicamente constituída. Dentro do que o autor chama de microfísica do poder²⁵⁴, o poder circula, estando presente em todas as dimensões de nossa vida, desde espaços familiares privados, até tradicionais esferas públicas como a política, a lei, a economia.

O poder, para Foucault, está intimamente relacionado ao saber. Segundo o autor, “não há relação de poder sem a respectiva constituição de um campo de saberes, nem há nenhum saber que não pressupõe e constitui, ao mesmo tempo, relações de poder” (FOUCAULT, 1977a *apud* HALL, 1997, p.49. Tradução livre do inglês)²⁵⁵.

O saber, quando impulsionado por tecnologias de poder e controle, assume o valor de verdade. Nesse sentido, para Foucault (1980), a verdade não existe enquanto valor absoluto. O regime de verdade, como o autor nomeia, é construído e sustentado por formações discursivas²⁵⁶ específicas.

Para tratar das representações percebidas neste trabalho, é interessante recorrer, ainda, ao conceito de estereótipo, entendido como “representações seletivas, parciais, ultra-simplificadas e instrumentais do Outro” (FREIRE FILHO, 2004, p. 46).

O termo, que inicialmente era usado apenas como jargão jornalístico, ingressou no vocabulário das ciências sociais no início da década de 1920, graças ao escritor e colunista político estadunidense Walter Lippmann, na obra *Public Opinion*, de 1922. Na década de 1960 sua utilização cresceu a partir da ampliação da atenção dada pelos estudos culturais e midiáticos às sub-representações e representações distorcidas das identidades sociais (FREIRE FILHO, 2004).

²⁵⁴ Na introdução da obra de Foucault (2012), Roberto Machado explica que a terminologia visa distinguir grandes transformações do sistema estatal, apontando para a penetração do poder em nossa vida cotidiana, pela nossa realidade mais concreta, nossos corpos. “O que Foucault chama de “microfísica do poder” significa tanto um deslocamento do espaço de análise quanto do nível em que se efetua” (MACHADO, 2012).

²⁵⁵ There is no Power relation without the correlative constitution of a Field of knowledge, nor any knowledge that does not presuppose and constitute at the same time, power relations

²⁵⁶ As formações discursivas são conjuntos de enunciados que se referem a um determinado tópico e apresentam certa regularidade. Não são sistemas fechados em si, mas apresentam força de conjunto. Assim, um discurso médico, econômico ou político compreendem enunciados apoiados num determinado sistema de formação discursiva: da medicina, da economia, da política.

Nas primeiras concepções tecidas por Lipmann, Freire Filho (2004) aponta, o conceito de estereótipo oscilava entre duas perspectivas. A primeira considerava-o um modo necessário de processamento de informação. Sobretudo em sociedades altamente diferenciadas, seria um instrumento indispensável para criar uma sensação de ordem em meio a tantas informações. A segunda concepção, por sua vez, destaca que os estereótipos são construções simbólicas enviesadas que comprometem o processo democrático e o acesso à multiplicidade de informações sobre as diversas questões da vida política e social.

Freire Filho expõe claramente sua contrariedade para com o valor utilitarista presente na primeira perspectiva. Para ele, o estereótipo

reduz toda a variedade de características de um povo, uma raça, um gênero, uma classe social ou um “grupo desviante” a alguns poucos atributos essenciais (traços de personalidade, indumentária, linguagem verbal e corporal, comprometimento com certos objetivos etc.), supostamente fixados pela natureza. Encoraja, assim, um conhecimento intuitivo sobre o Outro, desempenhando papel central na organização do discurso do senso-comum (FREIRE FILHO, 2004, p. 47).

Geralmente tendo como alvo as minorias sociais, entendidas como grupos “cujas vozes são marginalizadas pelas estruturas de poder e pelos sistemas de significação dominantes numa sociedade ou cultura” (FREIRE FILHO, 2004, p.46), o estereótipo “produz um efeito de verdade probabilística e previsibilidade que, no caso, deve sempre estar em excesso do que pode ser provado empiricamente ou explicado logicamente”. Assim, os estereótipos são produtos dos “regimes de verdade” mencionados por Foucault.

A noção de estereótipo, inserida no contexto mais amplo da representação, pode ser útil para a compreensão dos discursos presentes nos textos analisados nesta pesquisa.

Início a discussão empírica dessa questão a partir do que julgo ser a premissa mais presente no *corpus* desta pesquisa, que afirma que as manifestações da torcida ocorreram devido à presença de torcedores de futebol. Tal argumentação aparece até mesmo na fala do jogador Michael:

Não gostaria mais de falar neste assunto. Não espero retaliação. Entendo que *a torcida que estava lá era acostumada ao futebol, não ao vôlei*. Joguei várias vezes aqui em Minas e isso nunca tinha me acontecido. Aliás, em lugar nenhum por onde passei. Quero mesmo é jogar.²⁵⁷

Esclareço, primeiramente, que esta pesquisa não possui dados que possam responder se tal hipótese é ou não verdadeira. Assim, as análises que seguem visam propor reflexões, e não encontrar respostas.

A fala de Michael, dizendo que a torcida era “acostumada ao futebol, não ao vôlei”, denota a ideia de diferenciação entre os dois esportes. Segundo a fala, a torcida estaria expondo manifestações típicas da cultura futebolística, que destoam dos comportamentos observados em jogos de vôlei. Esse argumento se constrói ao longo do material analisado nesta pesquisa por meio de uma série de premissas que serão expostas neste capítulo. Primeiramente, contudo, é coerente refletir sobre possíveis razões que levam à tão marcante presença do futebol em textos que remetem a um episódio ocorrido em uma partida de vôlei.

Destaco duas questões, entre outras possíveis. Em primeiro lugar, o pensamento humano não se organiza de forma compartimentada, isolando o conhecimento em categorias desconectadas. Dessa forma, assim como foram construídos diálogos com o futebol, houve também, por vezes, menções à política, classes sociais, racismo, etc. Por outro lado, não se pode ignorar que a marcante presença do futebol na sociedade brasileira torna-o referência quando tratamos de qualquer modalidade. Nesse sentido, Daolio (2006, p. 108) defende que “o futebol faz parte da sociedade brasileira de uma maneira mais efetiva do que podemos supor à primeira vista”. Para ilustrar seu ponto de vista, o autor cita a mobilização nacional em momentos de Copa do Mundo, os vários casos de torcedores que abandonam seus compromissos para acompanhar seus clubes em momentos importantes, as tantas discussões futebolísticas que ocorrem em bares, o grande número de emissoras de rádio e televisão que transmitem futebol, o número de obras artísticas – músicas, filmes, quadros, fotografias, peças de teatro, poesias – que retratam, direta ou indiretamente, essa manifestação, etc.

²⁵⁷ MICHAEL. ‘Só quero jogar’. *Estado de Minas*. 15 de abril de 2011. Disponível em: <http://www.superesportes.com.br/app/1_15/2011/04/15/noticia_volei_181900/>. Acesso em: 15 de janeiro de 2012. (Grifo meu)

A riqueza que essa manifestação apresenta, contudo, não a torna imune a representações que acabam por limitar esse esporte a poucas características, acessadas conforme interesse, necessidade ou conjuntura. Possivelmente o estereótipo mais comum acerca do futebol tem até mesmo uma alcunha própria: ópio do povo. Sob esse rótulo, esse esporte é entendido como um mero instrumento utilizado para distrair as massas populares de seus “verdadeiros problemas”. Essa ideia de alienação já era presente, de forma semelhante, nas teorias de Adorno (1986 *apud* FREITAS, 2006), ao dizer que o esporte, como vítima da Indústria Cultural, estava se prestando ao mesmo serviço que a indústria, a de disciplinar e coisificar o indivíduo. Ele fazia coro aos demais estudiosos da Escola de Frankfurt que, ao longo das décadas de 1960 e 1970, por meio da Teoria Crítica do Esporte, apontavam que o esporte era um aparelho ideológico do Estado, cuja função era de controle, manutenção e reprodução do sistema político-econômico por meio da dominação do homem-massa (HOLLANDA, 2009).

Essa visão, apesar de já bastante criticada, ainda é eventualmente percebida, como demonstra o comentário abaixo:

Francisco Almeida: Estádios de futebol e ginásios de competições esportivas são estrategicamente ferramentas projetadas para servir aos poderes do sistema. Simplesmente prover as massas com uma poderosa válvula de escape para desaguar e manifestar as frustrações e impotências, sob a forma de xingamentos e vozerio agressivo. O Circus Maximus romano. Não faz sentido criticar a latrina por feder ao receber o dejetos fecal. Torcidas TODAS xingam e agridem verbalmente aos jogadores e juízes POR QUALQUER MOTIVO FUTIL !!!²⁵⁸

O comentário do leitor retoma a ideia do esporte enquanto espaço essencialmente alienante. Ele iguala todas as torcidas e, por consequência, todos os membros que a constituem. Dizer que “torcidas TODAS xingam” é ignorar que os sujeitos sentem tristezas e alegrias, sofrem, comemoram e se expressam de acordo, não apenas com o contexto em que estão inseridos, mas também com suas histórias e com suas

²⁵⁸ VÔLEI Futuro reclama de homofobia em Minas; Cruzeiro rebate. *Folha de São Paulo*. 4 de abril de 2011. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/esporte/898237-volei-futuro-reclama-de-homofobia-em-minas-cruzeiro-rebate.shtml>>. Acesso em: 15 de janeiro de 2012.

personalidades. Afirmar, ainda, que os motivos que levam uma torcida a xingar jogadores ou juízes é fútil é uma forma simplista de analisar a questão. Como aponta Toledo (1993),

[...] para além da gratuidade e obviedade das agressões disparadas nas arquibancadas, como pensam alguns, os duelos verbais travados entre torcedores devem ser compreendidos dentro de uma trama ritual de significações simbólicas, filtradas e codificadas em músicas e versos, a partir de temas e pares de oposição mais recorrentes na própria sociedade (TOLEDO, 1993, p.23)

Francisco Almeida identifica a possibilidade de utilizar o esporte como “válvula de escape” como um ato de alienação. Contudo, o fato de um grupo de pessoas desfrutar de momentos de diversão não necessariamente significa que eles se esqueceram de quaisquer problemas sociais que enfrentam. Uma evidência disso pode ser identificada no trabalho de Hollanda (2009) acerca das torcidas jovens do Rio de Janeiro. O autor demonstra que, ao longo de período por ele analisado, os torcedores organizaram uma série de movimentos contestatórios, envolvendo questões ligadas ou não ao futebol. Ele cita uma série de exemplo das duas situações, entre eles os boicotes organizados pelas torcidas no ano de 1981, devido ao aumento do preço dos ingressos, e as manifestações de apoio às Diretas já. Anjos (2011) também demonstrou como, na atualidade, grupos têm se organizado na forma de associações para questionar o processo de elitização do futebol. Percebe-se, assim, que na disputa futebolística, por meio de uma linguagem jocosa ou agressiva, expressam-se uma série de confrontos sociais mais amplos: diferenciação de classes, papéis sexuais, relações institucionais de poder, etc. (TOLEDO, 1993).

Outro ponto a ser questionado na visão do leitor-comentarista é a visão de poder implícita na fala. Ao dizer que “Estádios de futebol e ginásios de competições esportivas são estrategicamente ferramentas projetadas para servir aos poderes do sistema”, o autor propõe uma visão hierarquizada sobre o poder. Ao identificar os espaços esportivos enquanto “ferramentas projetadas”, o autor do comentário ignora o protagonismo que as classes populares exerceram na emergência de tantas práticas esportivas. Além disso, sob essa perspectiva, o poder é imposto de forma verticalizada. O “sistema” detém o poder e o mantém ao fazer uso de ferramentas estratégicas de

controle da sociedade. Como já exposto no capítulo 2, defendo que o poder é organizado de forma reticular, disperso dinamicamente no tecido social.

O principal foco das representações dos discursos analisados é o torcedor. Para conceituar essa categoria, recorro aos estudiosos do futebol, uma vez que são raros os trabalhos que tratam dos torcedores de outras modalidades. Para boa parte deles²⁵⁹, o torcedor é diferenciado do espectador. Heloísa Reis (1998) aponta que os espectadores apenas assistem às partidas, geralmente pelo simples prazer que aquela atividade proporciona. Os torcedores, por sua vez, possuem preferência por um clube, manifestando tal preferência *torcendo*. Damo (1998) vai além, afirmando que essa relação tem um viés afetivo e identitário. Nesse sentido, o autor propõe que esse vínculo seja definido pelo conceito de pertencimento clubístico, uma espécie de contrato perpétuo entre torcedor e clube, que deve resistir a qualquer insucesso da equipe. Trocar de clube representa, assim, um sinal de infidelidade intolerável.

Apesar de, teoricamente, haver muitas maneiras de manifestar afeto para com o clube pelo qual se torce, essa construção do ser torcedor acabou por legitimar também formas específicas – representações – do torcer. Assim explicam os leitores-comentaristas:

w p:[...] xingar adversário de bicha ou de outra coisa é comum e faz parte do ambiente dos estádios e ginásios. Não é politicamente correto, mas sempre foi assim. Existe um manual de xingamentos permitidos? *Torcer é incentivar o seu time, atrapalhar o time adversário e pressionar o juiz*:[...] ²⁶⁰

O leitor-comentarista defende que não há precedentes para questionar as manifestações da torcida pelo fato do xingamento “ser comum”, “fazer parte do ambiente”. É interessante pontuar que, pelo fato dessas expressões agressivas serem atualmente corriqueiras, w p afirma que “sempre foi assim”. Esse entendimento é contrariado pelos estudos de Toledo (1993), que aponta que há algum tempo o palavrão era usado, contudo o era apenas de forma esporádica e explosiva, e que foi especialmente a partir da década de 1970 que começou a ser proferido em coro e com grande frequência.

²⁵⁹ Damo (1998), Silva (2001), Reis (1998), Toledo (1996), entre outros.

²⁶⁰ Comentário da reportagem do site da Folha de São Paulo intitulada “Vôlei Futuro crítica multa dada ao Cruzeiro e ironiza STJD”, de autoria da editoria do site, de 14 de abril de 2011. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/esporte/902694-volei-futuro-critica-multa-dada-ao-cruzeiro-e-ironiza-stjd.shtml>>. Acesso em: 15 de janeiro de 2012.

Para o leitor-comentarista, ainda, o torcer é descrito a partir de duas ações básicas: incentivar o time e prejudicar o adversário²⁶¹. Por essa interpretação, o amor ao clube deve ser demonstrando por meios que colaborem para o seu sucesso nas partidas. Assim, as ofensas a Michael são vistas, também, como o cumprimento do papel da torcida para com sua equipe. Assim, quem não age dessa forma não é visto como torcedor, como demonstra o comentário:

Marcio Andrade: Tá provado que vôlei não tem torcida, tem platéia. É povo criado a leite com pêra...²⁶²

Márcio Andrade entende que o fato das ofensas contra Michael terem provocado questionamentos demonstra que o público presente não se constitui de torcedores, entre os quais essa forma de manifestação é normal e necessária. Eles seriam, então, uma plateia que, ao assistir a um espetáculo, deve portar-se de forma educada e controlada. Tal grupo é, ainda, desqualificado, tido como “povo criado a leite com pêra”, expressão jocosa que se refere a pessoas que receberam zelo excessivo em sua criação, vindo a se tornar adultos mimados e polidos em demasia. Assim, o leitor-comentarista coloca em oposição os mimados *espectadores*, aos corajosos e viris *torcedores*.

Ainda sob essa perspectiva, o torcer vai além de um momento individual de diversão, no qual se obtém prazer ao desfrutar de um espetáculo. Ele se relaciona também com as ações altruístas de dedicação ao time, em prol de seu sucesso e sua honra. Tal entrega apenas se justifica pela relação de vínculo que se estabelece entre clube e torcedor, o já citado pertencimento clubístico.

Para Silva (2001), o torcer é uma oportunidade de expressão pública de sentimentos. A intensidade de tal relação, construída por meio de experiências de tristeza e alegria, torna a identidade sujeito/torcedor indissociável. Como previamente dito, as especificidades desse momento, sobretudo no que tange à permissividade de expressões dos sentimentos, tornam-no digno de ser considerado uma realidade ritualística, em oposição à realidade cotidiana (TOLEDO, 1993).

²⁶¹ Entendo que as ações de pressão ao juiz podem ser inseridas em ambas as linhas, pois visam tanto ao benefício próprio, quanto ao prejudicando ao adversário.

²⁶² Comentários da reportagem do site da Folha de São Paulo intitulada “Vôlei Futuro reclama de homofobia em Minas; Cruzeiro rebate”, de autoria da editoria do site, de 4 de abril de 2011. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/esporte/898237-volei-futuro-reclama-de-homofobia-em-minas-cruzeiro-rebate.shtml>>. Acesso em: 15 de janeiro de 2012.

Essa permissividade é usufruída especialmente pelas manifestações verbais e gestuais do torcedor. Focando na primeira categoria, mais afeita a este estudo, Toledo (1993) observa quatro modalidades de expressão: vaias, xingamentos, cantos e/ou gritos de guerra.

O autor divide, ainda, os cantos e gritos de guerra dentro de quatro categorias: os de incentivo ao time preferido ou a personagens específicos (jogadores, treinador, ídolo, etc.); os de protesto em razão de situações diversas; os intimidadores (visando a adversários, juízes, torcedores do outro clube, etc.); os de autoafirmação das próprias torcidas. Em todas as categorias, Toledo (1993) identifica a presença dos palavrões, nos quais a temática da sexualidade é constante. Obviamente, as atribuições desses acontecem de forma distinta em cada um dos casos.

Utilizando como exemplos cantos de torcidas organizadas de São Paulo, o autor demonstra que, enquanto os cantos de incentivo e autoafirmação fazem referência a atributos masculinos de força e virilidade, os de protesto e intimidação com frequência referem-se à passividade sexual do adversário. No material analisado nesta pesquisa, encontramos fenômeno semelhante:

Erik Simões: [...] É uma boneca mesmo! [...] ²⁶³

Oberdan Almeida: Mas é a pura realidade. Está na formação histórica da torcida cruzeirense. Don Roberto Perfumo, um dos maiores jogadores do clube recentemente referiu-se à torcida do cruzeiro como “una inchada de homossexuales”, e esquivou-se a seguir: “con todo respeto”.

De onde vem a ironia do ocorrido.

Risível. ²⁶⁴

Na primeira citação, o leitor-comentarista chama Michael de boneca por não aceitar as ofensas recebidas em silêncio. O termo “boneca”, um brincado tradicionalmente feminino, é comumente utilizado para se referir a homossexuais, de forma ofensiva, ou a mulheres, de forma positiva, referindo-se à beleza ou a cuidados

²⁶³ Comentário da reportagem do site da Folha de São Paulo intitulada “Jogador do Vôlei Futuro revê torcida que o ofendeu”, de autoria de Mariana Bastos, de 15 de abril de 2011. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/esporte/903013-jogador-do-volei-futuro-reve-torcida-que-o-ofendeu.shtml>>. Acesso em: 15 de janeiro de 2012.

²⁶⁴ Comentários da reportagem do site da Folha de São Paulo intitulada “Equipes trocam acusações em caso de homofobia no vôlei”, de autoria da editoria do site, de 6 de abril de 2011. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/esporte/899157-equipes-trocaram-acusacoes-em-caso-de-homofobia-no-volei.shtml>>. Acesso em: 15 de janeiro de 2012.

estéticos. Já no segundo exemplo, de forma jocosa, Oberdan Almeida atribui uma fala ao ex-jogador cruzeirense Roberto Perfumo, aproveitando-se de seu sobrenome, que novamente alude a um objeto que, agora por ser associado à vaidade, seria do universo feminino, assim como a boneca. A caracterização feminina é, assim, usada como forma de subjulgar – ou intimidar – o adversário.

Toledo (1993), ainda na pesquisa na qual analisa a comunicação entre torcedores de futebol, identifica que muitas vezes atributos utilizados para ofender os torcedores adversários são assumidos por eles, esvaziando seu caráter negativo. É o caso, por exemplo, dos torcedores do Corinthians, que aceitaram os adjetivos de “favelados” e “cachorros”, de forma a reforçar sua identificação como um time do povo²⁶⁵. Contudo, esse processo não é observado quando tratamos de termos que fazem alusão à sexualidade ou à feminilidade. Assim, enquanto muitas vezes as próprias torcidas se autodenominam “cachorrada atleticana”, “maloqueiros corintianos”, “porcos palmeirenses”, etc., é impensável que a torcida do Cruzeiro assuma a alcunha de “marias”, ou o São Paulo de “bambis”. Enquanto um conflito imaginário²⁶⁶ de classe entre clubes de elite e clubes de massa pode ser teatralizado na rivalidade entre duas equipes, o mesmo não se percebe quando tratamos de conflitos de gênero ou de sexualidade. A heteronormatividade da sociedade, somada à masculinidade, virilidade e agressividade associada ao esporte, praticamente impede qualquer torcida de aceitar atributos ligados ao homossexual ou à mulher.

Ainda que possível, a relação de pertencimento clubístico é pouco observada em terrenos esportivos senão o do futebol. Tratando do vôlei, esporte que situa o episódio analisado nesta pesquisa, percebo dois fatores que dificultam a constituição de laços tão estreitos entre público e clube. O primeiro – e mais óbvio – motivo é o fato dessa modalidade não possuir similar popularidade e representatividade na cultura brasileira. Nesse sentido, Toledo (2002) chega a afirmar que o

futebol é o único esporte no Brasil que transcende, nessas proporções, os limites espaciais e temporais do ritual esportivo, as partidas em si, tornando-se um “fato da

²⁶⁵ Esse deslocamento de sentido, positivando um termo ofensivo, é observado, também, em ambientes externos ao futebol, como foi feito pela comunidade LGBT com o termo *queer*, conforme explicado no capítulo 2.

²⁶⁶ Afirmo que o conflito é imaginário, pois o fato de das torcidas se dizerem “populares” ou “elitizadas” está no plano do discurso, sendo as torcidas de grandes clubes bastante heterogêneas, incluindo torcedores oriundos de diversas classes sociais.

sociedade”, estabelecendo uma complexa trama entre as dimensões rituais e cotidianas” (TOLEDO, 2002, p. 193).

Assim, não é apenas o número de praticantes que qualifica a popularidade do futebol no Brasil, mas os sentidos a ele atribuídos, chegando a fazer com que o declaremos “o país do futebol”.

O segundo fator é a forma como ele se desenvolveu no Brasil: por meio de parcerias entre clubes e empresas. Esse modelo acabou fazendo com que a existência de um clube esteja atrelada a seu sucesso financeiro.

Marchi Júnior (2004), em um trabalho acerca das transições históricas do voleibol entre os anos de 1970 a 2000, caminhando do amadorismo à espetacularização, demonstra que o desenvolvimento da modalidade ao longo de tais décadas esteve sempre marcado por interesses mercadológicos. Entre as estratégias de venda do produto voleibol, está a associação da imagem do clube à de empresas que os financiavam, incluindo sua alcunha no nome das equipes. Referimo-nos, assim, aos times como Rexona, Telemig Celular, Banespa, entre outros. Esse vínculo intrínseco entre empresa e clube é, assim, apontado por alguns críticos, entre eles o jornalista Juca Kfourí, como um dos motivos para a dificuldade de construção de vínculos entre a equipe e os torcedores:

“[...] diferentemente dos Estados Unidos, onde a tradição esportiva nasce no colégio, diferentemente do Japão, onde a tradição esportiva nasce dentro da empresa, a nossa cultura esportiva é todinha formada pelo futebol. As pessoas são Botafogo, são Vasco (até Vasco), são Corinthians, são Palmeiras. [...] E os nossos times de vôlei são, ou eram, o Bradesco, a Pirelli, o Leite Moça, e por aí fora. E, definitivamente, ninguém me leva ao ginásio para berrar: “Pirelli, Pirelli”. Mas não há hipótese. Uma fábrica de pneus não vai me comover. E tanto não comovem que esses clubes aparecem e desaparecem [...]” (KFOURI, 1995 *apud* MARCHI JUNIOR, 2004, p.203)

Kfoury levanta, ao fim de sua fala, outro ponto que pode ser levantado como dificultador para a construção de vínculos de pertencimento nessa modalidade: a efemeridade das equipes, que constantemente modificam seus nomes ou são extintas, como discute, também, o jornalista Leister Filho:

[...] 59,1% das equipes que estavam na Superliga masculina ou feminina em 1995 já encerraram as atividades (dos 40,9% sobreviventes, 22,2% mantiveram o patrocínio, 66,7% mudaram de patrocinador, e 11,1% ficaram sem patrocínio). [...] Com exceção de equipes ligadas a clubes de futebol, como Vasco e Flamengo, o resto dos times sofre com a falta de torcedores. As contínuas alterações de nomes e cidades fazem com que o público se confunda e basquete e o vôlei não criem torcida” (LEISTER FILHO, 2000 *apud* MARCHI JUNIOR, 2004, p.203)

De fato, uma equipe instituída sob as bases quase únicas de empresas que a patrocinam têm sua continuidade intimamente dependente de seu sucesso econômico. Em pesquisa junto a torcedores de futebol do Vasco da Gama, Silva (2001) identificou os fatores que predominantemente fazem com que uma pessoa se identifique com um clube, sendo eles: vínculos familiares, vínculos de amizade, residir próximo ao clube, identificação com a origem ou história do clube, e vivenciar, na fase de escolha, momentos de sucesso ou insucesso da equipe. Percebe-se que muitos desses aspectos dependem da continuidade da equipe ao longo do tempo. Assim, no voleibol, são poucas as equipes que possuem uma longevidade tal que facilite a criação de um público fiel que venha a constituir com ela vínculos de pertencimento.

Diante desse cenário, no voleibol, trocar de clube ou não se filiar a nenhum não é uma atitude estranhada ou reprovada socialmente, como ocorre com o futebol. Evidenciamos isso no comentário de uma das reportagens analisadas:

Woshigton Lima de Carvalho: Sou cruzeirense, do futebol em primeiro lugar. Agora é o vôlei, que eu sempre torci para o Minas, desde os tempos do Fiat-Minas, de Pelé.²⁶⁷

²⁶⁷ Comentário da reportagem do site do Estado de Minas intitulada “Em nota oficial, Cruzeiro minimiza fatos e critica Vôlei Futuro”, de autoria de Gazeta Press, de 6 de abril de 2011. Disponível em: <http://www.superesportes.com.br/app/1,15/2011/04/06/noticia_volei_181163/>. Acesso em: 15 de janeiro de 2012.

Washington afirma que torcia há anos para o Minas, mas com a criação do Cruzeiro “virou folha”²⁶⁸ e passou a apoiar a equipe estrelada. Assim, clubes efêmeros acabam encontrando torcedores efêmeros. No caso apontado, contudo, a troca de clube ocorreu não devido à extinção da equipe, mas pelo surgimento de uma vinculada ao seu “clube de coração”, o Cruzeiro. O torcedor não parece demonstrar nenhum constrangimento com a atitude, pois, de fato, no voleibol essa mudança não se constitui enquanto atitude reprovável. Além disso, apesar das duas equipes – Sada Cruzeiro e Minas Tênis – serem da Região Metropolitana de Belo Horizonte, aparentemente não há laços de rivalidade entre elas, o que poderia tornar a atitude de troca de clube imprópria. A proximidade espacial que, no caso do futebol, é o motivo maior da constituição de rivalidades, não parece exercer influência semelhante no vôlei.

A afirmação “Sou cruzeirense, do futebol em primeiro lugar” transmite, ainda, a ideia de que o futebol é o aspecto central do pertencimento do leitor-comentarista, mas não o único. A naturalidade com que prossegue a fala ao dizer “Agora é o vôlei” passa uma ideia de que esse é um caminho óbvio, quase esperado. Parece que toda atividade que trazer consigo os símbolos do cruzeiro, ganhará, automaticamente, o seu apoio.

O exemplo apresentado, de um torcedor que já acompanhava voleibol e passou a torcer para o Sada a partir da vinculação ao Cruzeiro, é uma possibilidade de constituição da torcida do Sada Cruzeiro, entre tantas possíveis como: torcedores do Cruzeiro que nunca se interessaram pelo voleibol, mas com a criação dessa equipe passaram a acompanhá-la; torcedores do Sada Vôlei que continuaram torcendo para a equipe após a parceria com o Cruzeiro; pessoas desvinculadas ao futebol que passaram a acompanhar essa equipe por quaisquer outros motivos; etc. O que busco não é generalizar nenhuma dessas possibilidades, mas evidenciar que o vínculo clubístico do futebol está, também, presente no episódio que analiso.

Outros são os indícios desse trânsito entre, senão necessariamente pessoas, certamente alguns símbolos do futebol. A rivalidade entre Cruzeiro e Atlético é um exemplo disso. Apesar do clube alvinegro não possuir, há algumas décadas, uma equipe de vôlei, a torcida celeste, durante o confronto contra o vôlei futuro entoou cânticos que o citavam. Além disso, no segundo confronto substituíram os gritos de “bicha”, por

²⁶⁸ O termo “virar folha” se refere à troca de time, sendo um termo bastante pejorativo no universo futebolístico.

“Richarlyson”, jogador que atualmente joga no Atlético e que já foi alvo de homofobia. Algumas reportagens descrevem essa atitude:

Aproveitando a rivalidade futebolística, os cruzeirenses se dirigiram a Michael com gritos de “Richarlyson” - jogador que também sofreu, sobretudo em sua passagem pelo São Paulo, de ataques homofóbicos e, atualmente, é atleta do Atlético/MG. Além disso, a torcida improvisou um cântico: “Doutor, eu não me engano, o Michael é atleticano”.²⁶⁹

Apesar do nome de Richarlyson ter sido utilizado pela torcida, o mesmo fenômeno não se observou entre os comentários do material analisado.

É interessante pontuar que nenhuma das reportagens ou comentários destacou o fato da torcida estar gritando o nome do Atlético, apesar dessa equipe ser alheia ao contexto da Superliga e do vôlei, de forma geral. Aparentemente o deslocamento da rivalidade futebolística para o vôlei não causa surpresa ou estranhamento. A menção ao Atlético é, também, encontrada nos comentários:

evandro machado: Essa torcida do cruzeiro é apaixonada. Mais um show à parte. Será que a galoucura vai estar lá para torcer para o Michael, com a camisa rosa delas? ui ui kkkkkkkk²⁷⁰

jose Mendonça: esse vôlei futuro, por acaso não é do galo??? Esse menina gay é atleticano doente mesmo, só anda de rosa kkkkkk²⁷¹

²⁶⁹ CRUZEIRENSES repetem provocação e chamam Michael de Richarlyson. *Estado de Minas*. 15 de abril de 2011. Disponível em: <http://www.superesportes.com.br/app/1,15/2011/04/15/noticia_volei_181994/>. Acesso em: 15 de janeiro de 2012.

Observo que, nessa reportagem, diferentemente da maioria das demais veiculadas no Estado de Minas, o jornalista afirma a existência de homofobia contra Michael.

²⁷⁰ Comentário da reportagem do site do Estado de Minas intitulada “Em 35min, torcida esgota ingressos para Cruzeiro x Vôlei Futuro em Contagem”, de autoria da redação do Superesportes, de 12 de abril de 2011. Disponível em: <http://www.mg.superesportes.com.br/app/noticias/volei/2011/04/12/noticia_volei_181682/em-35min-torcida-esgota-ingressos-para-cruzeiro-x-volei-futuro-em-contagem.shtml>. Acesso em: 15 de janeiro de 2012.

²⁷¹ Comentário da reportagem do site do Estado de Minas intitulada “Cruzeiro quer driblar polêmica e retornar de Araçatuba com a classificação”, de autoria de Vicente Ribeiro, de 8 de abril de 2011. Disponível em: <http://www.mg.superesportes.com.br/app/noticias/volei/2011/04/08/noticia_volei_181373/cruzeiro-quer-driblar-polêmica-e-retornar-de-aracatuba-com-a-classificacao.shtml>. Acesso em: 15 de janeiro de 2012.

Não por acaso, tais comentários são encontrados exclusivamente no site do Estado de Minas, no qual se espera que haja maior percentual de leitores – e leitores-comentaristas – cruzeirenses, quando comparados aos outros sites.

Assim, ainda que o Atlético não esteja envolvido, seja no confronto entre Cruzeiro e Vôlei Futuro, seja na Superliga, a situação é aproveitada para ridicularizar o rival dos gramados. Como discutido no capítulo 2, a homossexualidade se coloca como motivo de chacota, como uma característica negativa. Assim, ao questionar de forma jocosa se a Galoucura, tradicional torcida organizada do Atlético, irá torcer para Michael, o leitor-comentarista deixa claro que isso seria constrangedor. Torcer ou apoiar um jogador homossexual necessariamente implicaria ser, também, homossexual, o que dentro dos padrões heteronormativos é razão para extrema rejeição. De forma semelhante faz o segundo leitor-comentarista, ao afirmar que Michael seria atleticano. Ao ter um torcedor gay, o time se tornaria um *time de veados*.

Nos dois casos, ainda, a cor rosa é usada como referência de homossexualidade. Essa cor é, nesse caso, especialmente representativa, pois, no ano de 2010, o Atlético escolheu-a para estampar suas camisas de treino. Na época, isso gerou grande controvérsia, sendo, ao mesmo tempo, sucesso de vendas e motivo de piadas entre os torcedores²⁷². Antes de ser um marco da homossexualidade, o rosa é, sobretudo, a cor associada às mulheres, ao feminino. Assim, já quando bebês, somos apresentados ao padrão “rosa é para meninas e azul para meninos”. Afirma-se, ainda, que o gay, enquanto um não-homem, também se apropria dos códigos do feminino. Dessa maneira, a cor se constitui, sobretudo, como um símbolo que conecta a homossexualidade com a feminilidade. Outro sinal disso é o fato de Jose Mendonça se referir a Michael como “*menina gay*”.

Também é interessante pontuar que, enquanto é notável o confronto verbal entre cruzeirenses e atleticanos, não se identificou expressões de relações de rivalidade entre duas equipes de voleibol. Aparentemente, Vôlei Futuro e Sada Cruzeiro estabeleceram uma relação de confronto apenas pontual, ocasionada pela disputa daquela semifinal de Superliga. Assim, a partir do material analisado, as duas equipes não são consideradas *rivais*. Poder-se-ia esperar também que, caso houvesse um rival tradicional especificamente do voleibol, de uma das duas equipes, tal clube fosse citado, como aconteceu com o Atlético, o que não ocorreu²⁷³.

²⁷² Uma série de reportagens abordou o caso. Uma delas está disponível em: <http://esportes.terra.com.br/futebol/estaduais/2010/noticias/0,,OI4326052-EI14485,00-Camisa+rosa+do+AtleticoMG+e+sucesso+de+vendas.html> Acesso em: 17 de novembro de 2012.

²⁷³ Faço a ressalva de que, apesar de nenhuma equipe de voleibol ter sido citada nas reportagens e comentários com indícios de rivalidade com Vôlei Futuro e Sada Cruzeiro, não é possível afirmar que a rivalidade não exista.

Os comentários que mencionam o Atlético demonstram, também, o caráter torcedor desses leitores-comentaristas. Nos casos citados, o fórum não está sendo utilizado prioritariamente para defender uma opinião, mas para estabelecer uma relação de disputa por meio de ofensas (confronto verbal) ou de relações de jocosidade, típicas da rivalidade clubística. Outro uso dado ao fórum pelos torcedores foi a inflamação da torcida:

Fernando Teixeira: Vamos lá Cruzeiro, vamos calar a imprensa paulista, ex jogadores (Maurício), o timinho do vôlei futuro, vamos acabar com eles.....zeeeeeiiiiiiiiiro²⁷⁴

No exemplo acima, Fernando Teixeira indiretamente afirma que a imprensa paulista apresenta um discurso favorável ao Vôlei Futuro, assim como o ex-jogador Maurício. Contudo, a questão central de sua fala é a expressão de apoio ao time: “Vamos lá Cruzeiro”, “vamos acabar com eles”, “zeeeeeiiiiiiiiiro”. Nesse caso, o espaço do fórum foi, utilizado, sobretudo, para exposição das sensações do autor enquanto torcedor, de certa forma ampliando o espaço do estádio/ginásio.

A passionalidade serve, assim, de impulso para a dedicação ao clube, demonstrada primordialmente pelo apoio em quadra – ou campo. Enquanto profissionais inseridos nesse contexto, os jogadores se veem cobrados a preparar-se para conviver com a pressão vinda das arquibancadas. Nesse sentido, foram identificados questionamentos quanto ao despreparo psicológico de Michael em uma nota oficial da equipe do Sada Cruzeiro:

Na última partida do Sada Cruzeiro contra o Vôlei Futuro, nada ocorreu que já não tivesse acontecido, em maior ou menor grau, em outros jogos da Superliga de Vôlei. Nossos atletas, em vários ginásios pelo Brasil, também recebem gritos das torcidas adversárias, *mas como profissionais são treinados para conviver e atuar com as provocações.*

²⁷⁴ Comentário da reportagem do site do Estado de Minas intitulada “Venda de ingressos para Cruzeiro x Vôlei Futuro começa nesta terça-feira”, de autoria da editoria do Superesportes, de 9 de abril de 2011. Disponível em: <http://www.superesportes.com.br/app/1,15/2011/04/11/noticia_volei,181594/>. Acesso em: 15 de janeiro de 2012.

A torcida emoldura o esporte competitivo. Campeões do mundo e olímpicos, consagrados na história do vôlei, já passaram por inúmeras provas. E as venceram por sua capacidade profissional.²⁷⁵

Esse trecho, já citado no capítulo 1, a fim de discutir outros aspectos, demonstra uma visão que, além de ter sido defendida pelo Cruzeiro, foi também citada por leitores-comentaristas, como no caso abaixo:

renan pandu: [...] O que esta faltando ao jogador MICHAEL é estrutura psicológica [...] ²⁷⁶

Leo Bandeira: [...] Se não tem estrutura pra jogar com torcida contra xingando... é melhor mudar de profissão. ²⁷⁷

renan pandu: A limitação dos ofendidos – PARTE 1... A pressão da torcida funcionou e o jogador demonstrou e ainda demonstra falta de preparo psicológico para aguentar momentos decisivos e torcida contra. ²⁷⁸

Nessa perspectiva, atletas profissionais devem preparar-se psicologicamente para serem capazes de exercer o máximo de seu potencial físico, técnico e tático durante uma partida, mesmo sob condições adversas. A referência ao profissionalismo parece trazer a ideia de que todo profissional deveria se preparar para tais pressões. Contudo, se observarmos uma partida de xadrez, uma apresentação de ginástica olímpica, um jogo de tênis, todos realizados por profissionais, não observaremos manifestações semelhantes do público. E, além disso, se tal fato ocorresse e o atleta fizesse uma reclamação pública, dificilmente ele seria questionado acerca de seu profissionalismo.

²⁷⁵ EM nota oficial, Cruzeiro minimiza fatos e critica Vôlei Futuro. *Estado de Minas*. 6 de abril de 2011. Disponível em: <http://www.superesportes.com.br/app/1,15/2011/04/06/noticia_volei,181163/>. Acesso em: 15 de janeiro de 2012. (Grifo meu)

²⁷⁶ Comentário da reportagem do site da Folha de São Paulo intitulada “Vôlei Futuro critica multa dada ao Cruzeiro e ironiza STJD”, de autoria da editoria do site, de 14 de abril de 2011. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/esporte/902694-volei-futuro-critica-multa-dada-ao-cruzeiro-e-ironiza-stjd.shtml>>. Acesso em: 15 de janeiro de 2012.

²⁷⁷ Comentários da reportagem do site da Folha de São Paulo intitulada “Vôlei Futuro reclama de homofobia em Minas; Cruzeiro rebate”, de autoria da editoria do site, de 4 de abril de 2011. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/esporte/898237-volei-futuro-reclama-de-homofobia-em-minas-cruzeiro-rebate.shtml>>. Acesso em: 15 de janeiro de 2012.

²⁷⁸ Comentários da reportagem do site da Folha de São Paulo intitulada “Equipes trocam acusações em caso de homofobia no vôlei”, de autoria da editoria do site, de 6 de abril de 2011. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/esporte/899157-equipes-trocaram-acusacoes-em-caso-de-homofobia-no-volei.shtml>>. Acesso em: 15 de janeiro de 2012.

No segundo comentário citado, Leo Bandeira, em argumento em consonância às ideias expressas na nota do Sada Cruzeiro, defende que a capacidade de lidar com essas manifestações deveria ser um pré-requisito de um jogador profissional de voleibol.

Por fim, renan pandu, em seu segundo comentário, parece propor que a atleta mostrou despreparo não apenas ao longo do jogo, ao ser afetado pelos gritos, mas também após, ao alimentar as críticas ao ocorrido. Além disso, o leitor-comentarista defende que a torcida obteve sucesso nos objetivos de sua manifestação. Nesse sentido, a manifestação teria sido um ato intencional, com objetivo definido: desestabilizar o adversário. Outro comentário complementa essa ideia:

fabio siqueira ferreira: Torcedor vai ao ginásio para torcer pro seu time e CONTRA O ADVERSÁRIO. Não é partida de Curling. [...]

Em uma primeira consideração, Fabio Siqueira reafirma o que o leitor-comentarista w p já tinha dito: que o torcer envolve manifestar-se a favor de seu time e contra o adversário. Em seguida, ao dizer “não é partida de curling”, ele defende que, enquanto em determinados esportes – no caso, o voleibol – tais manifestações seriam consideradas normais, em outro – o curling – não o são. Assim, é possível perceber que a cobrança a Michael não se faz pelo fato de ser remunerado pela atividade que exerce, obrigando-o a aceitar e lidar com qualquer intempérie que ali venha a acontecer. Trata-se da representação de atleta que se constrói a partir de uma noção estereotipada do contexto no qual ele está inserido, no caso, o voleibol. Assim, os discursos acerca do modelo de atleta que deve participar de uma ou outra atividade revelam relações de poder que buscam controlar nossos corpos, nossas relações com o espaço e com seus pertencentes. Dessa forma, ao ser construída e sustentada uma legitimação social para determinada forma de manifestação da torcida, por consequência, os jogadores são cobrados a desempenhar suas funções de forma eficiente sob tais condições.

Assim, questiono que certos padrões de comportamento sejam vistos como fixos e imutáveis. Retomo a afirmação de Toledo (1993) de que, antes da década de 1970, o palavrão era utilizado de forma esporádica no futebol. Não é assim, necessariamente, a história, vista como sequencia de fatos, que justifica e legitima uma determinada verdade. São os múltiplos discursos que cotidianamente a alimentam. São os mecanismos de poder presentes nas práticas sociais que produzem esses *efeitos de verdade* (CANDIOTTO, 2006). Assim, como previamente registrado, estamos todos imersos nas redes de poder, articulando nós, reafirmando ou desestabilizando saberes por meio de nossas práticas.

Destaco, contudo, que o cerne do questionamento acerca do ocorrido no episódio Michael não é a conduta da torcida, vista de modo genérico como atos de incentivo ao clube e prejuízo ao adversário, como propuseram dois leitores-comentaristas previamente citados. O que, de fato, gerou tamanho conflito foi o teor das expressões que visavam comprometer o desempenho adversário. O conteúdo homofóbico é o que gerou o questionamento. Assim, os discursos analisados que criticam a torcida celeste não propõem, necessariamente, uma ruptura nas maneiras estabelecidas de se torcer, mas demandam mudanças, rejeitando uma suposta fixidez e estabilidade desses padrões. É o que demonstra essa citação:

Fábio Rodrigues da Silva: [...] Podemos sim xingar nos estádios e ginásios, o que não podemos é humilhar e desestabilizar um atleta do modo que foi feito. RAZÃO AO VOLEI FUTURO²⁷⁹

Vê-se que o que leitor-comentarista propõe é que a permissividade das arenas esportivas não seja inquestionável e que haja um limite para a liberdade de expressão das torcidas. Assim, o “xingar” não é entendido como uma manifestação genérica e única, passível de uma simples permissão ou proibição. Na fala de Fábio Rodrigues da Silva, enquanto alguns xingamentos são inofensivos e podem permanecer no cotidiano das partidas, outros humilham e desestabilizam, devendo ser extintos.

Assim, as ofensas devem ser analisadas dentro de suas especificidades e efeitos próprios. No caso de Michael, chama-lo de bicha é remeter a um estereótipo de homossexual efeminado, sobretudo um não-homem. Como exposto no Capítulo 2, defendo que tais manifestações que ridicularizam uma determinada orientação homossexual ou certos comportamentos e características, com frequência, são expressões homofóbicas, uma vez que reforçam imagens caricaturais dos homossexuais, além de funcionarem enquanto instrumentos de reprodução de padrões heteronormativos. Assim, fazer uso do termo “bicha” como forma de ofensa é negativizar a homossexualidade.

Em outros comentários, o torcer parece condicionado ao enquadramento do vôlei a determinados estereótipos de esporte, estabelecendo padrões de comportamento para todos os seus agentes: jogadores, comissão técnica, torcedores, espectadores de

²⁷⁹ Comentário da reportagem do site da Folha de São Paulo intitulada “Vôlei Futuro critica multa dada ao Cruzeiro e ironiza STJD”, de autoria da editoria do site, de 14 de abril de 2011. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/esporte/902694-volei-futuro-critica-multa-dada-ao-cruzeiro-e-ironiza-stjd.shtml>>. Acesso em: 15 de janeiro de 2012.

TV, cobrados a portar-se de forma coerente com a representação construída e alimentada dessa modalidade. É interessante perceber, contudo, que há enquadramentos antagônicos. Para discutir tais estereótipos de forma mais clara, apresentá-los-ei separadamente.

4.3.1 O vôlei como esporte de elite

Renato Lobo: Lamentável que uma torcida de um *esporte de elite* demonstre tanta ignorância, falta de educação, preconceitos, etc. [...].²⁸⁰

O leitor-comentarista acima apresenta duas premissas centrais. A primeira considera o vôlei um esporte de elite. A segunda entende que a elite não possui ignorância, falta de educação ou preconceito. Apesar da história mundial e o cotidiano serem repletos de exemplos que demonstram que a elite não pode ser tida como modelo de conduta cordial, educada e tolerante, esse tipo de declaração foi encontrada com alguma frequência nesta pesquisa.

Nessa primeira perspectiva, ainda, o vôlei representa o oposto do futebol, como demonstra a citação:

Rodolfo Valentino: Um dos piores erros do voleibol é permitir que a torcida de futebol se misture com o público do vôlei. O que é um esporte familiar, saudável em breve pode ser tomado por atos de vandalismo, agressões mútuas, homicídios e toda a barbárie que todos nós conhecemos dos jogos de futebol.²⁸¹

Assim, na visão de Rodolfo Valentino, a torcida do futebol e do vôlei são grupos de pessoas necessariamente diferentes. Enquanto o público do primeiro seria formado por famílias, o do segundo seriam vândalos, agressores, assassinos. Percebe-se ainda que o conceito de família da fala do autor não se refere unicamente a um grupo de pessoas que compartilham de laços de parentesco. Sob a ideia de uma

²⁸⁰ Comentário da reportagem do site da Folha de São Paulo intitulada “Equipes trocam acusações em caso de homofobia no vôlei”, de autoria da editoria do site, de 6 de abril de 2011. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/esporte/899157-equipes-trocam-acusacoes-em-caso-de-homofobia-no-volei.shtml>>. Acesso em: 15 de janeiro de 2012

²⁸¹ Comentário da reportagem do site da Folha de São Paulo intitulada “Vôlei Futuro reclama de homofobia em Minas; Cruzeiro rebate”, de autoria da editoria do site, de 4 de abril de 2011. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/esporte/898237-volei-futuro-reclama-de-homofobia-em-minas-cruzeiro-rebate.shtml>>. Acesso em: 15 de janeiro de 2012

família tradicional, formada por marido, esposa e filhos, dizer que um esporte é familiar significa afirmar que esse lugar apresenta uma ambiência segura e convidativa para mulheres e crianças, vistas como grupos frágeis. A descrição do que observa no futebol – “tomado por atos de vandalismo, agressões mútuas, homicídios e toda a barbárie” – é colocada, ainda, não como um ponto de vista, mas como uma verdade, ao dizer que é um cenário que “todos nós conhecemos”. O torcedor nega a possibilidade de que uma mesma pessoa possa interessar-se pelos dois esportes. Em sua visão, torcedores de futebol e de voleibol são necessariamente grupos distintos, não apenas formados por pessoas diferentes, mas com características divergentes.

Ele culpabiliza, ainda, o voleibol por *permitir* a mistura desses dois grupos. Assim, em prol da conservação do caráter familiar e saudável dessa modalidade, o esporte (seus dirigentes? A federação?) deveria criar estratégias que o protegessem dos invasores futebolistas. Talvez, o que Rodolfo propõe é que não haja clubes de futebol representados no vôlei, estratégia que pode minimizar o interesse de tradicionais torcedores de futebol pelo outro esporte.

Outra leitora-comentarista propõe que a manutenção de uma aura pacífica no vôlei se faça de forma diferente:

Paulete Lee: O fato de tal comportamento ser rotineiro no futebol não o torna correto. Se no futebol já virou tradição xingar e humilhar o adversário, é bom que se proteste e muito agora para evitar que essa agressividade chegue também ao vôlei. Esporte é alegria e não guerra.²⁸²

Sem identificar que as manifestações foram geradas pelos torcedores de futebol, Paulete Lee acredita que há *tradições* diferentes nos dois esportes. Assim, para evitar a transmissão desses hábitos, considerados incorretos, ela defende não a exclusão de um determinado grupo, mas protestos que demonstrem a insatisfação com a presença de expressões de agressividade no voleibol.

Apesar de encontrarmos exemplos da perspectiva exemplificada, são muitos os exemplos de falas que responsabilizam o torcedor de futebol. O estereótipo de pessoas agressivas e violentas, e por isso dignas de repressão, é divulgado não só nos

²⁸² Comentário da reportagem do site da Folha de São Paulo intitulada “Vôlei Futuro reclama de homofobia em Minas; Cruzeiro rebate”, de autoria da editoria do site, de 4 de abril de 2011. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/esporte/898237-volei-futuro-reclama-de-homofobia-em-minas-cruzeiro-rebate.shtml>>. Acesso em: 15 de janeiro de 2012.

comentários, mas também nas reportagens. O jornalista Ary Cunha, d'O Globo, assim introduz uma citação de Michael:

Intimidado pelos gritos homofóbicos que ecoavam entre os cerca de 2.200 torcedores no Ginásio do Riacho, em Contagem (MG), ele se surpreendeu ao perceber que a intolerância não partia apenas dos habituais vândalos de facções de torcidas organizadas.²⁸³

Ao identificar os torcedores organizados (de futebol) como “habituais vândalos”, o repórter traz uma visão restrita e ofensiva acerca desse grupo. É importante pontuar que, diferentemente de outras falas que direcionam suas críticas aos torcedores de futebol de forma genérica, Ary Cunha faz menção especificamente aos torcedores organizados. De forma semelhante, alguns leitores-comentaristas também se referem a esse agrupamento:

Alexandre Boechat: A sorte do Michel é que ele não é jogador de futebol. Se fosse, ia ver o que é realmente homofobia. O que ele viu em BH foi a “infiltração” de torcedores de torcida organizada de time de futebol que puxaram o coro e a massa foi atrás por pressão. E funcionou, já que o time perdeu no susto. E do outro lado, sem hipocrisia, deve ter sido bom para ele para usar este momento para “sair do armário”. Há males que vem para bem, não é? E não se faça de coitadinho, dê a volta por cima.²⁸⁴

Ao usar o verbo infiltrar para definir a presença dos torcedores organizados no ginásio, Alexandre Boechat, transmite a ideia de que a presença desse grupo não é legítima ou permitida. Seria ainda a torcida, a responsável por guiar os gritos contra Michael, sendo apenas acompanhados pelos demais “por pressão”. Aparentemente, o leitor-comentarista inocenta esse segundo grupo por não ter iniciado

²⁸³ CUNHA, Ary. Vítima de preconceito, central Michael, que assumiu ser gay, quer levantar a discussão sobre intolerância no esporte. *O Globo*. 6 de abril de 2011. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/esportes/vitima-de-preconceito-central-michael-que-assumiu-ser-gay-quer-levantar-discussao-sobre-intolerancia-no-esporte-2799962>>. Acesso em: 15 de janeiro de 2012.

²⁸⁴ Comentário da reportagem do site da Folha de São Paulo intitulada “Vi um ginásio inteiro gritando ‘bicha’, diz Michael”, de autoria de Mariana Bastos, de 6 de abril de 2011. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/esporte/898787-vi-um-ginasio-inteiro-gritando-bicha-diz-michael.shtml>>. Acesso em: 15 de janeiro de 2012.

o coro. Os torcedores organizados, por sua vez, ainda que responsabilizados pela manifestação, têm sua culpa amenizada, visto que ofereceram uma oportunidade para que Michael “saia do armário”. Sob esse ponto de vista, Michael tinha a necessidade de, em algum momento, assumir publicamente sua homossexualidade.

Luiza Batista: Isso é que dá misturar futebol com vôlei. Se você for a um estádio de futebol você vai escutar disso para muito pior, e não acontece nada, nenhum tipo de punição para essas torcidas organizadas que transformam o esporte em uma verdadeira guerra.

Agora com isso do Cruzeiro ter um time de vôlei competitivo, a Máfia Azul, por exemplo, invadiu as arquibancadas para torcer pelo time da mesma forma como faz no futebol, com os mesmos gritos de guerra e a mesma falta de respeito. É como uma praga.²⁸⁵

Assim como em outros comentários previamente citados, Luiza Batista defende a ideia de que a *mistura* entre futebol e vôlei é nociva ao segundo. Tal qual Alexandre Boechat, que diz que as torcidas organizadas (TOs) se infiltraram, Luiza Batista afirma que a Máfia Azul, maior TO do Cruzeiro, “invadiu” as arquibancadas, novamente denotando o caráter quase criminoso de sua presença, reforçando seu entendimento de que TOs são as responsáveis pela violência no futebol. As expressões utilizadas pela autora do comentário demonstram sua imagem acerca do contexto desse esporte: “transformam o esporte em uma verdadeira guerra”, “invadiu as arquibancadas”, “é como uma praga”. Outro leitor-comentarista também corrobora com tal visão:

Watch Tower: O Cruzeiro é um time que se sobressai no futebol, logo, nos jogos de vôlei, a torcida (máfia azul) também marca presença. Infelizmente torcida organizada deveria ser banida dos estádios, mas enquanto isso não acontece teremos esse tipo de público nos eventos.²⁸⁶

²⁸⁵ Comentário da reportagem do site da Folha de São Paulo intitulada “Equipes trocam acusações em caso de homofobia no vôlei”, de autoria da editoria do site, de 6 de abril de 2011. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/esporte/899157-equipes-trocam-acusacoes-em-caso-de-homofobia-no-volei.shtml>>. Acesso em: 15 de janeiro de 2012.

²⁸⁶ Comentário da reportagem do site da Folha de São Paulo intitulada “Vôlei Futuro reclama de homofobia em Minas; Cruzeiro rebate”, de autoria da editoria do site, de 4 de abril de 2011. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/esporte/898237-volei-futuro-reclama-de-homofobia-em-minas-cruzeiro-rebate.shtml>>. Acesso em: 15 de janeiro de 2012.

Watch Tower retoma a ideia de que os torcedores de futebol passaram a frequentar os jogos de vôlei para acompanhar o Cruzeiro, agora fazendo referência especificamente à TO Máfia Azul. Responsabilizando o grupo pela violência no esporte, o leitor-comentarista defende uma atitude extrema: seu banimento dos estádios. É interessante pontuar que o leitor-comentarista utiliza a palavra estádio, e não ginásio. Ainda que seja possível que ele esteja se referindo de forma genérica às arenas esportivas, há, também, a possibilidade de que, novamente, o futebol esteja sendo tomado como referência, o lócus central do problema da violência.

Praça et al. (2010) nos lembram de que as imagens das TOs transmitidas pela mídia, que influenciam sensivelmente em nossas informações acerca desse grupo, são muito associadas a uma das duas facetas: a primeira, da violência e dos confrontos entre torcidas, e a segunda, da beleza do espetáculo que protagonizam nas arquibancadas.

Num primeiro momento, é interessante problematizar essa visão maniqueísta. Em um estudo antropológico acerca das torcidas organizadas de São Paulo, Toledo (1996) defende que as TOs respondem a uma forma de sociabilidade, entre tantas outras formas de interação social. Nesses grupos, inseridos em um contexto que propõe determinadas posturas políticas e estéticas, os sujeitos se engajam em projetos coletivos em torno de um clube e, sobretudo, da própria torcida. Assim, tanto as “batalhas campais” quanto as festas estão inseridas em um contexto identitário amplo e complexo.

Retomando a citação, de Luiza Batista, aponto que a fala “e não acontece nada, nenhum tipo de punição para essas torcidas organizadas” demonstra a sensação de parte da sociedade. Ainda que haja medidas punitivas a transgressores, sejam indivíduos ou TOs, a cobertura midiática dessas sentenças judiciais e medidas administrativas que condenam os infratores, quando ocorre, é discreta. Isso, somado a recorrência de novos episódios e ao tratamento polemista que recebem dos meios de comunicação, faz com que esse imaginário seja alimentado.

Parte das estratégias de contenção da violência no esporte, especialmente associada às TOs foi a criação do Estatuto de Defesa do Torcedor (EDT)²⁸⁷. Criado em 2003, e modificado em 2010, o EDT é válido para todos os espetáculos esportivos do país. Pela fala da leitora-comentarista, é possível que ela desconheça a lei, ou a considere ineficiente. Em pesquisa realizada em jogos de futebol e voleibol em Belo Horizonte no ano de 2006, Silva et al. (2010) identificaram que a maioria das pessoas desconhece o

²⁸⁷ Lei 10.671/2003. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.671.htm>. Acesso em: 17 de novembro de 2012.

estatuto (79,7% nos jogos de voleibol e 66,7% nos jogos de futebol), sendo que boa parte dos que conheciam possuíam informações bastante superficiais.

Vale pontuar que o documento possui um capítulo destinado a dispor sobre a “segurança do torcedor participe do evento esportivo”, além de outro para “punições” e um terceiro para “crimes”. Assim, evidencia-se a preocupação com esse fator. Além disso, há um inciso pertinente ao episódio em questão:

Art. 13-A. São condições de acesso e permanência do torcedor no recinto esportivo, sem prejuízo de outras condições previstas em lei:

[...]

V - não entoar cânticos discriminatórios, racistas ou xenófobos;

Incluído em 2010.

[...]

Parágrafo único. O não cumprimento das condições estabelecidas neste artigo implicará a impossibilidade de ingresso do torcedor ao recinto esportivo, ou, se for o caso, o seu afastamento imediato do recinto, sem prejuízo de outras sanções administrativas, civis ou penais eventualmente cabíveis.

Assim, percebe-se que o documento se preocupa com a prevenção do preconceito nas arquibancadas e poderia, também, ter embasado a decisão do STJD de punir o Sada Cruzeiro.

Apesar da punição ao Cruzeiro ter sido noticiada em todos os sites analisados, apenas o site do Estado de Minas fez menção ao estatuto ao tratar da decisão do STJD:

PENAS O caso de Michael deixa no ar a pergunta: o Cruzeiro pode ser punido? Segundo a assessoria de imprensa da CBV, não há menção ao caso nos relatórios do árbitro Sérgio Cantini (RJ) e do delegado do jogo em Contagem, José Maurício Rios.

Para o advogado Antônio Sérgio Figueiredo Santos, especialista em Justiça Desportiva, há duas questões: do próprio CBJD [Código Brasileiro de Justiça Desportiva]

e do Estatuto do Torcedor. “O parágrafo 1º do artigo 243-G do CBJD diz: se a infração nele prevista for praticada simultaneamente por número considerável de pessoas vinculadas a uma mesma entidade esportiva, ela também será punida com perda do número de pontos atribuídos por vitória no regulamento da competição, independentemente do resultado da partida; na reincidência, com a perda do dobro de pontos. Caso não haja atribuição de pontos pelo regulamento, a entidade será excluída da disputa”.

Quanto ao Estatuto do Torcedor, o jurista diz que a torcida organizada responde pelos próprios atos e seu chefe ou presidente tem de ser identificado, processado e julgado. Como o regulamento da competição nada prevê sobre o assunto, o que pode ocorrer com o Cruzeiro é sofrer uma multa.²⁸⁸

Considerando exclusivamente o artigo do CBJD citado, fica claro que a punição aplicada ao Cruzeiro deveria ser a perda dos pontos daquele confronto. Contudo, diante do ineditismo do episódio, seria uma surpresa se medida tão drástica fosse tomada. Em seguida, o advogado Antônio Sérgio Figueiredo Santos afirma que, segundo o EDT, o que poderia ocorrer ao Cruzeiro seria a multa, como de fato ocorreu, deixando a responsabilidade maior ao chefe da torcida organizada. Destaco, contudo, que a ponderação do jurista já supõe que os autores da infração foram torcedores organizados.

Acessando o CBJD na íntegra, entendo que os parágrafos 2º e 3º são de suma importância para o entendimento da decisão tomada.

§ 2º A pena de multa prevista neste artigo poderá ser aplicada à entidade de prática desportiva cuja torcida praticar os atos discriminatórios nele tipificados, e os torcedores identificados ficarão proibidos de ingressar na respectiva praça esportiva pelo prazo mínimo de setecentos e vinte dias.

²⁸⁸ DRUMMOND, Ivan. Entre o direito e o limite à livre manifestação. *Estado de Minas*, 7 de maio de 2011. Disponível em: <http://www.superesportes.com.br/app/1,15/2011/04/07/noticia_volei.181246/>. Acesso em: 15 de janeiro de 2012.

§ 3º Quando a infração for considerada de extrema gravidade, o órgão julgante poderá aplicar as p penas dos incisos V, VII e XI do Art. 170 [perda de pontos, perda de mando de campo e exclusão de campeonato ou torneio, respectivamente].²⁸⁹

Assim, considerando que o artigo 2º faz menção especificamente à torcida, é plausível que o artigo 1º não se aplique a esse grupo. Contudo, a opção de punir a equipe do Sada Cruzeiro por meios senão a multa seria possível caso os promotores julgassem que a infração fosse considerada de extrema gravidade, como consta no artigo 3º. Em uma reportagem da Folha de São Paulo, o procurador Fábio Lira chega a explicar que usou o artigo com punição mais branda por se tratar do primeiro julgamento de um caso de homofobia no esporte e pela possibilidade de o Cruzeiro fazer uma campanha educativa com sua torcida. Ele considerou exemplar a multa de R\$50mil.²⁹⁰

Assim, apesar da revolta do Vôlei Futuro com a decisão do tribunal, juridicamente a decisão parece plausível.

Se o EDT não foi tão lembrado, o mesmo não ocorreu com o CBJD. Possivelmente por ter sido esse o documento utilizado para definir a punição ao Cruzeiro, várias foram as matérias que especificaram o artigo no qual os procuradores se basearam:

Os mineiros foram denunciados por ‘praticar ato discriminatório, desdenhoso ou ultrajante, relacionado a preconceito em razão de origem sexual’, previsto no artigo 243-G do Código Brasileiro de Justiça Desportiva (CBJD).²⁹¹

²⁸⁹ Código Brasileiro de Justiça Desportiva. Disponível em: <<http://www.esporte.gov.br/arquivos/conselhoEsporte/resolucoes/resolucaoN29.pdf>> Acesso em: 30 de novembro de 2012.

²⁹⁰ BASTOS, Mariana. Jogador do Vôlei Futuro revê torcida que o ofendeu. *Folha de São Paulo*. 15 de abril de 2011. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/esporte/903013-jogador-do-volei-futuro-reve-torcida-que-o-ofendeu.shtml>>. Acesso em: 15 de janeiro de 2012.

²⁹¹ VÔLEI Futuro critica multa dada ao Cruzeiro e ironiza STJD. *Folha de São Paulo*. 14 de abril de 2011. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/esporte/902694-volei-futuro-critica-multa-dada-ao-cruzeiro-e-ironiza-stjd.shtml>>. Acesso em: 15 de janeiro de 2012.

Apesar do Vôlei Futuro considerar a multa uma punição ineficaz, foram muitos os leitores-comentaristas que consideraram que o Cruzeiro não deveria sofrer nenhuma sanção, visto que não deveria se responsabilizar pelos atos de seus torcedores, questão também apontada no capítulo 2.

Ivan Castro Aguiar: Não concordo com preconceitos homofóbicos, no entanto, culpar o Sada-Cruzeiro pela atitude da torcida é como culpa-lo também por um acidente de trânsito na ida ao estádio, por um torcedor bêbado que agrida alguém ou por uma discussão de um casal na porta do ginásio. É exagero e falta de cultura.²⁹²

Ivan Castro Aguiar: Quando um torcedor fizer xixi no chão do banheiro, por que a saúde pública não multa o clube mandante? Se um torcedor for pego com uma arma ilegal, deve-se prender o Presidente do clube mandante do jogo? Quem sabe o técnico ou capitão do time? O STJD é ridículo e mostra o atraso destes “juizes”. Palhaços!²⁹³

O mesmo leitor-comentarista, em duas reportagens diferentes, argumenta contra a culpabilização do clube a partir de uma série de exemplos de atitudes inapropriadas de torcedores que poderiam ocorrer no evento esportivo. É importante diferenciar que as manifestações contra Michael foram proferidas, não só como expressão de preconceito, mas como intuito de apoiar o clube. A mesma intenção não é observada no torcedor que faz xixi no chão ou discute com a namorada. Ainda que discutível, a responsabilização do clube baseada no CBJB é prática comum no futebol, em situações nas quais torcedores invadem o campo ou nele lançam objetos²⁹⁴. Nesses casos, a punição comum é a perda

²⁹² Comentário da reportagem do site do Estado de Minas intitulada “Cruzeiro quer superar polêmica e Vôlei Futuro para chegar à final inédita”, de autoria de Vicente Ribeiro, de 14 de abril de 2011. Disponível em: <http://www.superesportes.com.br/app/1,15/2011/04/14/noticia_volei_181869/>. Acesso em: 15 de janeiro de 2012.

²⁹³ Comentário da reportagem do site do Estado de Minas intitulada “Cruzeiro é multado em R\$ 50 mil, pelo STJD, por ato homofóbico dos torcedores”, de autoria da redação do Superesportes, de 13 de abril de 2011. Disponível em: <http://www.mg.superesportes.com.br/app/noticias/volei/2011/04/13/noticia_volei_181731/cruzeiro-e-multado-em-r-50-mil-pelo-stjd-por-ato-homofobico-dos-torcedores.shtml>. Acesso em: 15 de janeiro de 2012.

²⁹⁴ Exemplos podem ser vistos em: <<http://globoesporte.globo.com/futebol/times/cruzeiro/noticia/2012/09/cruzeiro-e-punido-com-perda-de-seis-mandos-de-campo-em-bh.html>>, <http://marcabrasil.ig.com.br/palmeiras/html/2012/11/palmeiras_perde_mais_mandos_de_campo_48157.html> e <<http://www.goal.com/br/news/229/brasil/0C3%A3o-s%0C3%A9rie-a/2012/10/25/3478650/flamengo-tem-perda-de-mando-de-campo-confirmada-pelo-stjd>>. Acesso em: 23 nov. 2012.

do mando de campo. Talvez baseados nisso ou em função da posição do Vôlei Futuro que declaradamente defendia essa punição²⁹⁵, alguns comentários afirmam que essa sim deveria ter sido a decisão do STJD:

Antonio Martins: Para onde será que vai o dinheiro dessa multa ? A melhor maneira de punir a torcida é fazer o jogo com portões fechados.²⁹⁶

Paulo Ferreira Machado: Essa multa é troco.

Deveria retirar o mando do Cruzeiro.

A televisão deveria não passar jogo nas cidades onde tem povinho.²⁹⁷

Além do argumento de que a torcida é desmotivada a repetir determinado comportamento ao ser desprovida da possibilidade de ir ao ginásio apoiar seu clube, o primeiro comentarista apresenta também outra questão: o destino do dinheiro da multa paga pelo clube. Sem saber onde esse dinheiro será aplicado, parece-lhe mais seguro a opção que não envolve transações financeiras. Essa postura de desconfiança pode ser motivada pelo imaginário do dirigente esportivo desonesto, questão frequente nos noticiários em casos que tratam de clubes, confederações e federações tanto de futebol, quanto de esportes olímpicos.

O segundo leitor-comentarista citado ainda defende que, além do mando de campo, o jogo não seja transmitido na televisão²⁹⁸. Paulo Ferreira Machado transmite ainda uma visão negativa de Contagem, como uma cidade “onde tem povinho”.

²⁹⁵ Posição exposta em notas oficiais. Entre outros, disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/esporte/902694-volei-futuro-critica-multa-dada-ao-cruzeiro-e-ironiza-stjd.shtml>>. Acesso em: 15 de janeiro de 2012.

²⁹⁶ Comentário da reportagem do site de O Estado de Minas intitulada “Cruzeiro é multado em R\$ 50 mil, pelo STJD, por ato homofóbico dos torcedores”, de autoria da redação do Superesportes, de 13 de abril de 2011. Disponível em: <http://www.mg.superesportes.com.br/app/noticias/volei/2011/04/13/noticia_volei.181731/cruzeiro-e-multado-em-r-50-mil-pelo-stjd-por-ato-homofobico-dos-torcedores.shtml>. Acesso em: 15 de janeiro de 2012.

²⁹⁷ Comentário da reportagem do site da Folha de São Paulo intitulada “Cruzeiro é multado em R\$ 50 mil em caso de homofobia no vôlei”, de autoria da editoria do site, de 13 de abril de 2011. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/esporte/902110-cruzeiro-e-multado-em-r-50-mil-em-caso-de-homofobia-no-volei.shtml>>. Acesso em: 15 de janeiro de 2012.

²⁹⁸ Apesar de não haver clareza se a defesa do leitor-comentarista é pela não transmissão da partida como forma de punição, acho pouco provável que ele esteja apoiando que a televisão assumia, como um critério para a transmissão ou não de jogos de um clube, o comportamento dos habitantes do município que o abriga.

Em nota, o Vôlei Futuro também questionava a efetividade da multa como punição:

Quem foi punido? Os ofensores? Os torcedores? Os que praticavam os atos discriminatórios? A equipe que se beneficiou da desestabilização do jogador do Vôlei Futuro? Enfim, alguém que fosse sofrer em função do envolvimento do mesmo com aquela equipe? Não, o único sofrimento e punição proporcionada por essa decisão é no setor financeiro, na frieza dos números de um caixa.²⁹⁹

Assim, primordialmente por ser uma punição que não atinge os alvos da manifestação, os torcedores, o clube paulista discorda da punição aplicada³⁰⁰.

4.3.2 O vôlei como esporte de massa

cláudio mesquita: [...] vai jogar golfe, tênis...esporte de massa é assim no mundo inteiro!! [...] ³⁰¹

Como demonstra a citação acima, a segunda linha de pensamento identifica o vôlei, assim como o futebol, enquanto um *esporte de massa*. É colocado, também, em oposição os tênis e ao golfe³⁰², *esportes de elite*. A representação socialmente difundida da elitização de tais esportes pode ser associada tanto a seus praticantes, como aos seus torcedores/assistentes. No caso dos praticantes, é notável em nosso país o baixo número ou a total inexistência de espaços públicos para a sua prática e o alto custo de seus equipamentos, o que dificulta ou inviabiliza a prática pelas camadas populares, justificando o imaginário. Tratando, por sua vez, dos torcedores, tanto o golfe quanto o tênis são modalidades nas quais a torcida tradicionalmente não demonstra apoio por

²⁹⁹ VÔLEI Futuro critica multa dada ao Cruzeiro e ironiza STJD. *Folha de São Paulo*, 14 de abril de 2011. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/esporte/902694-volei-futuro-critica-multa-dada-ao-cruzeiro-e-ironiza-stjd.shtml>>. Acesso em: 15 de janeiro de 2012.

³⁰⁰ Como já previamente discutido, essa posição é questionada por muitos leitores-comentaristas que apontam que essa defesa do Vôlei Futuro busca beneficiar-se de uma outra punição, a perda do mando de quadra do Cruzeiro.

³⁰¹ Comentário da reportagem do site do Estado de Minas intitulada “Vôlei Futuro vence o Cruzeiro em casa e força o terceiro jogo, em Contagem”, de autoria de Patrick Vaz, de 9 de abril de 2011. Disponível em: <http://www.rj.superesportes.com.br/app/1,15/2011/04/09/noticia_volei_181416/volei-futuro-derrota-cruzeiro-em-casa-e-forca-terceiro-jogo.shtml>. Acesso em: 15 de janeiro de 2012.

³⁰² Em outro comentário citado no item 3.1 o golfe também foi colocado como contraponto ao vôlei.

meio de gritos e cânticos. Além disso, neles não é comum que haja vaias ou qualquer manifestação visando atrapalhar o atleta adversário. Tal comportamento da torcida é entendido, assim, como típico de um esporte de elite, como descreve o leitor-comentarista:

otavio viegas: A intenção era desestabilizar o jogador para que seu time perdesse a partida. Só isso. É um jogo de vôlei, e a torcida quer derrubar o time adversário. Não era um jogo de ténis em que os torcedores se comportam como lords.³⁰³

Assim, a figura do rico, elegante e educado *lord* é usada para definir o já citado comportamento dos torcedores de esportes de elite. Outro comentário que opõe massa e elite traz novas questões:

eu eueu: por essas e outras que perderemos competições importantes que poderiam ser feitas no Brasil...a educação que é a base está podre, então, quem vai a estádios e ginásios, solta o seu lado animal para intimidar. Não considero torcedor, considero uns ignorantes e olha que tem gente letrada no meio, mas xinga por xingar. Por isso não tem muita torcida em jogo de cricket, polo, golfe, xadrez, tiro, hipismo, pois são competições que exigem inteligência, destreza, concentração, raciocínio, conhecimento.³⁰⁴

O(A) leitor(a)-comentarista entende que o comportamento agressivo dos torcedores é fruto de uma má educação. Os “letrados” são colocados como exceção, que “xingam por xingar”, aparentemente conduzidos pelo contexto. Em oposição aos esportes que alimentam o “lado animal” desses “ignorantes”, temos os jogos que desenvolvem a destreza, a inteligência e a concentração. Para o(a) autor(a) do comentário, o motivo de tais esportes não possuírem torcida seria o baixo número de pessoas devidamente educadas para entendê-los e apreciá-los.

³⁰³ Comentário da reportagem do site da Folha de São Paulo intitulada “Vi um ginásio inteiro gritando ‘bicha’, diz Michael”, de autoria de Mariana Bastos, de 6 de abril de 2011. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/esporte/898787-vi-um-ginasio-inteiro-gritando-bicha-diz-michael.shtml>>. Acesso em: 15 de janeiro de 2012.

³⁰⁴ Comentário da reportagem do site da Folha de São Paulo intitulada “Vôlei Futuro reclama de homofobia em Minas; Cruzeiro rebate”, de autoria da editoria do site, de 4 de abril de 2011. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/esporte/898237-volei-futuro-reclama-de-homofobia-em-minas-cruzeiro-rebate.shtml>>. Acesso em: 15 de janeiro de 2012.

É claro perceber que a oposição apresentada entre o vôlei ou futebol (não há clareza sobre qual deles se trata) e “cricket, polo, golfe, xadrez, tiro, hipismo” é uma categorização, sobretudo, entre modalidades consideradas, no Brasil, como de elite e modalidades populares. Ao propor que modalidades tradicionalmente populares não exigem atributos preponderantemente cognitivos, o(a) leitor(a)-comentarista caracteriza o pobre como ignorante, incapaz de praticar atividades que exijam algo além esforços físicos.

A afirmação da necessidade de um comportamento considerado apropriado como pré-requisito para sediar competições internacionais é bastante lembrada em outras citações. Em função da proximidade da realização da Copa do Mundo e das Olimpíadas no país, o caso é apontado como motivo de preocupação até mesmo por um dos procuradores responsáveis por julgar o caso, Fábio Lira:

Recebi a denúncia com tristeza. É difícil ver, em 2011, atitudes como esta em um país que vai receber a Copa do Mundo e a Olimpíada em alguns anos³⁰⁵

Uma série de leitores-comentaristas também demonstra tal receio.

Luís Queiroz: Imagine se ele fosse um atleta estrangeiro na copa do mundo? A nossa torcida pode execrar motivada pela opção sexual pessoal do atleta?³⁰⁶

Assim como na citação acima, vários comentários avaliam que a manifestação seria mais grave caso ocorresse na Copa ou nas Olimpíadas, pois julgam que tal atitude teria repercussão internacional negativa. Não foi encontrada nenhuma fala que contraponha essas afirmações, defendendo que esse padrão seria visto com naturalidade. Houve, contudo, um leitor-comentarista que apresentou outro ponto de vista:

Paulo Bruno Cardoso: Vergonha é esse seu pensamento. Já teve copa do mundo no Brasil e a única vergonha foi o Brasil ter perdido a final para o Uruguai. Em 2007 teve Panamericano no Rio, exceto Oscar, ex-atleta da seleção brasileira de basquete, ter vaiado atletas de outros

³⁰⁵ BARSETTI, Sílvio. Cruzeiro recebe punição inédita por homofobia. *O Estado de São Paulo*. 14 de abril de 2011. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/impresso,cruzeiro-recebe-punicao-inedita-por-homofobia,706055,0.htm>>. Acesso em: 15 de janeiro de 2012.

³⁰⁶ Comentário da reportagem do site de O Estado de São Paulo intitulada “Se ficar calado, todo mundo vai achar que é normal, diz Michael”, de autoria da editoria do site, de 9 de abril de 2011. Disponível em: <<http://radio.estadao.com.br/audios/audio.php?idGuidSelect=85E170506925492D8546CBC5492D715E>>. Acesso em: 15 de janeiro de 2012.

países em provas de ginástica, nada ocorreu que envergonhasse o Brasil. Esses casos de homofobia se acentuaram desde as eleições, por conta da PEC 122/06 lei da homofobia e pastor Malafaia com seus discursos histéricos.³⁰⁷

Assim, Paulo Bruno Cardoso, a partir de exemplos recentes, não acredita que o Brasil irá desempenhar um papel vergonhoso. Contudo, lembrando dos Jogos Panamericanos, ele afirma que a “exceto Oscar, ex atleta da seleção brasileira de basquete, ter vaiado atletas de outros países em provas de ginástica, nada ocorreu que envergonhasse o Brasil”, demonstrando que ele também considera que determinadas manifestações – ainda que no caso, não proferidas pela torcida – são, sim, motivo de constrangimento à nação.

Essas duas categorias, *esporte de massa* ou *esporte de elite*, carregam consigo, assim, uma série de valores. A partir dos textos analisados nesta pesquisa, o primeiro é reconhecido como um esporte popular, cujo público é pobre, não civilizado, sem educação, agressivo. Já o segundo é um esporte de público seletivo, cortês, disciplinado. Assim, percebe-se que, para alguns leitores-comentaristas, a naturalização ou não das manifestações contra Michael está relacionada ao enquadramento do voleibol enquanto um *esporte de massa* ou um *esporte de elite*. Assim, associar uma suposta entrada de torcedores de futebol à ocorrência manifestações agressivas nos ginásios de voleibol é não só enquadrar o futebol ou o vôlei dentro de um conjunto de características, mas associar todos os esportes de massa a tais padrões, demonstrando um julgamento de valores referente a classes sociais. Essa visão pode, também, ser observada na citação de Raul Plasmann, publicada em matéria do Estado de Minas:

Entendo o caso do vôlei como grande oportunismo do time paulista. *Esse tipo de ofensa, normal no futebol, está chegando agora ao outro esporte porque este se popularizou. O torcedor de futebol virou também torcedor do vôlei e carrega essa cultura do campo para a quadra. Até no tênis lembro que aconteceu isso numa Copa Davis no Rio. Sinto também que às vezes há exagero.*³⁰⁸

³⁰⁷ Comentário da reportagem do site da Folha de São Paulo intitulada “Equipes trocam acusações em caso de homofobia no vôlei”, de autoria da editoria do site, de 6 de abril de 2011. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/esporte/899157-equipes-trocaram-acusacoes-em-caso-de-homofobia-no-volei.shtml>>. Acesso em: 15 de janeiro de 2012.

³⁰⁸ Raul Plasmann, entrevistado em Reportagem do site de O Estado de Minas intitulada “Nos tempos de Vanderléa”, de autoria de Ivan Drummond, de 14 de maio de 2011. Disponível em: <http://www.rj.superesportes.com.br/app/1,15/2011/04/14/noticia_volei_181822/nos-tempos-de-vanderlea.shtml>. Acesso em: 15 de janeiro de 2012.

No relato, a permissividade às ofensas homofóbicas é creditada à popularização do voleibol. Assim, a transformação do contexto dessa modalidade teria ocorrido pela inserção desse novo grupo, da *massa*, que *carregaria* consigo a cultura de agressividade já normalizada no futebol.

Além disso, o torcedor popular, associado ao futebol, é apontado como o transmissor de um determinado comportamento, marcado exclusivamente pelas ofensas. Questiono, contudo, a justificativa simples de que são os torcedores de futebol que passaram a frequentar outros espaços, difundindo a “cultura do campo”. Será que, na Copa Davis no Rio, as pessoas que se portavam de uma maneira considerada inapropriada para o tênis eram torcedores de futebol? Ou eram pessoas quaisquer que, inseridas na sociedade brasileira e vivenciando seu contexto esportivo, estão acostumadas a vibrar com um ponto (gol, cesta) e vaiar para o adversário?

Novamente “esse tipo de ofensa” é visto como natural. Dessa forma, a atitude do vôlei futuro é vista como oportunista e exagerada.

4.3.3 O vôlei como esporte de bicha ou como esporte de macho

Além do enquadramento em esporte de massa ou esporte de elite, outra classificação também foi proposta. Apesar dessa segunda dicotomização não ser nomeada nos textos, tratá-la-ei como: *esporte de macho x esporte de bicha*³⁰⁹.

Mind Munch: Desde quando torcedor de vôlei tem moral para questionar a orientação sexual de alguém? Hahaha³¹⁰

Cezar Tiziani: No vôlei não dá nem para discutir. Homem que fica jogando bola com a mãozinha, não precisa nem dizer. É tudo, apaguei porque a moderação não permite, mas começa com boi e termina com ola. Por isso é normal eles terem namorado. Seria incomum não ter.

³⁰⁹ Proponho o uso de tais termos – macho e bicha –, pois foram recorrentemente usados nos comentários de leitores para se referir aos estereótipos do homem heterossexual – agressivo, rude, interessado por práticas físicas – e do homem homossexual – sensível, frágil, efeminado – respectivamente.

³¹⁰ Comentário da reportagem do site da Folha de São Paulo intitulada “Equipes trocam acusações em caso de homofobia no vôlei”, de autoria da editoria do site, de 6 de abril de 2011. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/esporte/899157-equipes-trocaram-acusacoes-em-caso-de-homofobia-no-volei.shtml>>. Acesso em: 15 de janeiro de 2012.

Discutir é perder tempo. Tchau meninas do vôlei
iiiiuuuu. ³¹¹

Nos casos acima, o voleibol é enquadrado como um esporte de homossexuais, um *esporte de bicha*. Na segunda citação, ao dizer “jogando bola com a mãozinha”, parece que o autor opõe essa modalidade ao futebol, esporte disputado com os pés. Como já foi discutido no segundo capítulo dessa dissertação, defendo que tais associações são fruto de um falso alinhamento sexo-gênero-desejo. Assim, o homem “verdadeiro” deveria praticar atividades “de homem”, *esportes de macho*, entre os quais o futebol é exemplo recorrente. A fala dos leitores-comentaristas enquadra o vôlei fora desse leque de atividades de macho. Dentro dos padrões de gênero, por conseguinte, o vôlei é considerado uma atividade de mulheres, assim como cozinhar, ler poesia, cuidar de crianças, entre outros. Um sujeito que exerce uma atividade feminina, descumprindo esses padrões, tem, automaticamente, suspeitas levantadas sobre a sexualidade. Dessa forma, segundo propõem os leitores-comentaristas, enquanto prática tipicamente feminina, o vôlei atrairia homossexuais, tanto nas quadras, quanto nas arquibancadas.

A expectativa desse alinhamento entre sexo-gênero-sexualidade constrói, assim, uma rígida homogeneização dos sujeitos. A desestabilização da normalidade proposta por essa tríade, justificada por argumentos diversos – patologia, instabilidade psicológica, escolha – provocaria, enquanto sintomas ou desdobramentos, o desenquadramento das três variáveis, tornando o homem uma “bicha” – perdendo seu status de homem –, com comportamentos e preferências associadas às mulheres – apresentando voz fina, sendo vaidosos, sensíveis, gostando de dança, etc – e se relacionando afetiva e sexualmente com outros homens. Um torcedor faz menção a esses padrões:

Watch Tower: Você vai a um campo de futebol e o que mais se ouve é uma torcida chamando um técnico ou jogador de bich....., etc. Vai a um jogo de vôlei e vê a torcida feminina chamar o jogador de lindo, tes..., bonito e gostos..... e nada disso é falado ou punido, porém se o cara é “alegre” não pode. Vamos parar com isso, quem tá na chuva é para se molhar. Se não quiser ouvir torcida, vai dançar balé. ³¹²

³¹¹ Comentário da reportagem do site da Folha de São Paulo intitulada “Não importa se jogador tem namorado ou namorada, diz Bernardinho”, de autoria de Mariana Bastos, de 27 de maio de 2011. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/esporte/921425-nao-importa-se-jogador-tem-namorado-ou-namorada-diz-bernardinho.shtml>>. Acesso em: 15 de janeiro de 2012.

³¹² Comentários da reportagem do site da Folha de São Paulo intitulada “Equipes trocam acusações em caso de homofobia no vôlei”, de autoria da editoria do site, de 6 de abril de 2011. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/esporte/899157-equipes-trocaram-acusacoes-em-caso-de-homofobia-no-volei.shtml>>. Acesso em: 15 de janeiro de 2012.

O leitor-comentarista inicia sua argumentação de modo semelhante a outros já citados previamente, que defendem que a recorrência de certas manifestações tornam-na normal, invalidando os questionamentos proferidos no episódio Michael. Enquanto profissional ciente desse contexto, é cobrado do jogador adequar-se a ele: “quem tá na chuva é pra se molhar”. Ao final, ao remeter ao balé como opção de atividade na qual ele não receberá semelhante tratamento, Watch Tower aciona não apenas o estereótipo de uma atividade considerada elitizada, mas também associada às mulheres.

Assim como na oposição massa x elite, o enquadramento do vôlei como esporte de macho ou de bicha não é unânime. Dessa maneira, alguns comentários se opõe à visão acima:

Celso Coelho: Cruzeiro 3 x 0 Vôlei Futuro. Eu sempre tive a certeza que para o MINEIRO o jogo de vôlei masculino, sempre foi um jogo para MACHO. Uai Sô. (rsrsrsrs..).³¹³

Ao mesmo tempo em que Celso Coelho afirma que o vôlei masculino “sempre foi um jogo para macho”, o fato de condicionar essa afirmação aos mineiros parece afirmar de forma indireta que isso não se observa em São Paulo, que abriga o Vôlei Futuro. Assim, ele parece colocar Minas Gerais como uma exceção entre os tantos lugares no qual o vôlei é um *esporte de bicha*.

Outros comentários, contudo, sem se ater a questão *esporte de bicha* e *esporte de macho*, defendem que o vôlei masculino deve ser praticado por homens. Contudo, tais apontamentos se valem do alinhamento sexo-gênero-desejo para excluir os homossexuais da categoria homem e, por consequência, do vôlei masculino, como se observa:

Full Metal Jacket: Vôlei masculino é pra homem³¹⁴

Assim, na citação acima, o leitor-comentarista, ao dizer que o “vôlei masculino é para homens”, além de inferir que essa é uma modalidade fechada às mulheres, parece se referir a um modelo específico de homem no qual Michael não se adequa, por ser homossexual, mas também – e, talvez, principalmente – por ser assumido e não apresentar o estereótipo de virilidade.

³¹³ Comentário da reportagem do site de O Estado de Minas intitulada “Cruzeiro faz a festa da torcida, atropela Vôlei Futuro e chega à decisão inédita”, de autoria de Vicente Ribeiro, de 15 de abril de 2011. Disponível em: <http://www.superesportes.com.br/app/1,15/2011/04/15/noticia_volei_181976/>. Acesso em: 15 de janeiro de 2012.

³¹⁴ Comentário da reportagem do site de O Estado de Minas intitulada “Cruzeiro faz a festa da torcida, atropela Vôlei Futuro e chega à decisão inédita”, de autoria de Vicente Ribeiro, de 15 de abril de 2011. Disponível em: <http://www.superesportes.com.br/app/1,15/2011/04/15/noticia_volei_181976/>. Acesso em: 15 de janeiro de 2012.

Oliveira (2004), defendendo que os ideais modernos de masculinidade e os ideais societários ocidentais são imbricados, afirma que modernidade e a valorização de características masculinas caminham juntas. É possível, então, notar que certos valores masculinos medievais permaneceram na sociedade moderna, ainda que sob algumas modificações, enquanto outros foram abandonados e novas características foram incorporadas. O autor descreve contingentes históricos nos quais percebeu essas permanências e modificações, deixando claro que esse processo não é contínuo ou linear³¹⁵.

Coragem, força e bravura são valores que, segundo Oliveira (2004), sofrem transformações de forma ao se adequarem aos ideais burgueses. Se antes eles eram expressos por meio da violência explícita, são paulatinamente substituídos³¹⁶ por formas ritualizadas de confronto, tendo como maior exemplo o esporte. Assim, Oliveira (2004, p. 60) afirma que a “conexão da prática dos esportes com os valores masculinos é algo que atravessou toda a modernidade e se estende até os nossos dias”.

O autor destaca como, ao longo do século XVIII, a ginástica era incentivada como atividade importante para que os meninos atingissem o modelo ideal de corpo masculino, tanto no aspecto estético quanto comportamental. Os esportes coletivos, ainda que sob algumas críticas³¹⁷, também eram espaços de desenvolvimento de coragem, disciplina, autocontrole e resistência à dor. Assim, eles acabam por se tornar símbolos dessa masculinidade marcada pelo vigor, robustez, força e coragem. Um exemplo encontrado no material analisado nesta pesquisa que demonstra a força dessa representação é o fato de leitores-comentaristas dizerem que Michael é “muito homem” de se assumir homossexual.

Tiago Oliveira: Esse Michael é muito homem,
independentemente de sua orientação sexual, [...] ³¹⁸

³¹⁵ Um exemplo citado é o fato da I e II Guerras Mundiais retomarem a exacerbação de uma masculinidade aguerrida e belicosa, mais sóbria e menos sentimental (OLIVEIRA, 2004).

³¹⁶ Ainda que a violência explícita destituída de normas de controle não seja mais a forma primordial de demonstrar bravura nas sociedades ocidentais é importante pontuar que ela não desapareceu. Em certos contextos ou grupos ela se torna recorrente, especialmente quando um homem “desafia a honra” de outro, ofendendo mulheres à ele próximas, por exemplo.

³¹⁷ Oliveira (2004) cita que Ludwig Jahn, importante divulgador da ginástica na Alemanha no século XIX acreditava que o esporte fomentava o espírito de competição, prejudicando a formação de um espírito de solidariedade e patriotismo.

³¹⁸ Comentário da reportagem do site da Folha de São Paulo intitulada “Vi um ginásio inteiro gritando ‘bicha’, diz Michael”, de autoria de Mariana Bastos, de 6 de abril de 2011. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/esporte/898787-vi-um-ginasio-inteiro-gritando-bicha-diz-michael.shtml>>. Acesso em: 15 de janeiro de 2012.

Claudinei Thomas: Claro, só porque ele é macho o suficiente para assumir o que é. Parece que a “boneca” é quem se esconde atrás do pseudônimo de Watch Tower, mais enrustido do que isso impossível!³¹⁹

Nas duas citações, o fato de Michael ter se assumido homossexual, por ser considerada uma situação difícil, que demanda coragem e segurança, lhe rendem os atributos de “macho” e “homem”. Assim, os leitores-comentaristas defendem que a masculinidade não está relacionada à orientação sexual – como defendido por muitos outros leitores-comentaristas –, mas a certos padrões comportamentais, notadamente a coragem. Outro leitor-comentarista remete a esse atributo de forma diferente:

Gustavo von Krüger: Caro Inelegível [outro leitor-comentarista], heterofóbico é assim mesmo! É se sentir ofendi-da e já sai dando queixa na delegacia!

Torcida adversária está aí é para desestabilizar o time visitante. Cabe ao time visitante ter personalidade.

Tem para assumir, mas não tem para jogar?³²⁰

Gustavo Von Krüger afirma que se assumir homossexual seria sinal de personalidade, contudo, questiona se esse atributo deveria ser manifestado, também, não reclamando da torcida, aparentemente como um sinal de fraqueza. Assim, o autor do comentário parece compactuar com uma linha de pensamento previamente problematizada, na qual o jogador deve assumir as condições que lhe são impostas, uma vez que optou por assumir sua homossexualidade.

Percebe-se, assim, que uma série de valores é associada ao vôlei e ao futebol e que eles não são necessariamente unânimes ou coerentes. Como já dito anteriormente, não é possível determinar que foi o deslocamento de um grupo de torcedores de futebol – em alguns argumentos, oriundos das classes sociais baixas – para os ginásios de vôlei que provocaram o surgimento de manifestações como as proferidas contra Michael. Pode-se afirmar, contudo, que, de forma geral, essa foi a explicação, a narrativa,

³¹⁹ Comentário da reportagem do site da Folha de São Paulo intitulada “Jogador do Vôlei Futuro revê torcida que o ofendeu”, de autoria de Mariana Bastos, de 15 de abril de 2011. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/esporte/903013-jogador-do-volei-futuro-reve-torcida-que-o-ofendeu.shtml>>. Acesso em: 15 de janeiro de 2012.

³²⁰ Comentário da reportagem do site da Folha de São Paulo intitulada “Vi um ginásio inteiro gritando ‘bicha’, diz Michael”, de autoria de Mariana Bastos, de 6 de abril de 2011. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/esporte/898787-vi-um-ginasio-inteiro-gritando-bicha-diz-michael.shtml>>. Acesso em: 15 de janeiro de 2012.

a verdade predominante entre os leitores-comentaristas, expondo a percepção de um deslocamento dos padrões de comportamento daquele espaço. Assim, seja no clamor pela manutenção de um suposto ambiente mais harmônico ou pacífico, ou pela naturalização de modos mais agressivos de torcer, ambas as perspectivas apontam para modificações geradas não necessariamente – ou unicamente – pelo trânsito de pessoas, mas, sobretudo pelo trânsito de valores, discursos, modos de agir e de pensar sobre um espaço e uma atividade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Seria uma tarefa difícil apontar algum trabalho acadêmico que não traga consigo intuítos políticos. Apesar disso, os temas centrais desse texto, gênero e sexualidade, são questões que parecem destacar-se na veemência com que clamam sua importância para além dos muros de uma universidade. Em meio a essas afirmações, parece claro, também, o entendimento de que a Academia tem papel fundamental nessa discussão tão cara à sociedade.

O episódio Michael, ocorrido aproximadamente um mês após o início de meu mestrado, foi escolhido como ponto de partida para a discussão de uma série de questões relacionadas não apenas às homossexualidades, mas também ao esporte, e, mais amplamente, ao lazer.

Parece-me claro que a construção de padrões que legitimam a participação em determinadas atividades – no caso, atividades esportivas – potencialmente afasta os sujeitos que não se adequam. Alguns estudos que analisaram a prática de lazer de homossexuais reforçam essa percepção.

Cunha Jr. e Melo (1996), em pesquisa junto a um grupo de dez homossexuais masculinos, mostram que a educação física escolar foi apontada como um espaço que contribui para o estabelecimento de preconceito e discriminação. O professor de Educação Física é apontado, ainda, como um cúmplice disso, seja ignorando atos de preconceito dos demais alunos, reiterando estereótipos em seus discursos, ou até mesmo impedindo os homossexuais de frequentar as aulas.

Knijnik (2006) demonstra, ainda, que a escolha de determinadas práticas de lazer coloca a sexualidade desses praticantes sob suspeita, demandando certas atitudes compensatórias. Tratando especificamente do futebol, o autor demonstra que as

praticantes mulheres, de forma a minimizar os questionamentos sobre sua heterossexualidade, são cobradas a expressar características tradicionalmente ligadas ao feminino, especialmente vaidade e delicadeza.

Vale lembrar também que, no ano de 2001, a Federação Paulista de Futebol organizou um campeonato estadual de futebol feminino, chamado de Paulistana. No torneio só era permitida a participação de atletas na faixa etária de 17 a 23 anos e que tivessem cabelo comprido. Essas prerrogativas, segundo os dirigentes, visavam constituir um campeonato bom e bonito, unindo o “futebol à feminilidade” (KNIJNIK; VASCONCELLOS, 2003). Knijnik (2006) demonstrou, ainda, que mesmo após a exclusão de tal norma em campeonatos posteriores, as atletas revelam que algumas equipes continuam a fazer esse tipo de seleção estética. Tais achados fazem coro a dados encontrados nesta pesquisa, que, além de negativizarem a homossexualidade – parecer homossexual é algo evitado –, supõem um alinhamento entre sexo, gênero e sexualidade. Assim, como exposto no capítulo 2, controlar o gênero é, também, uma forma de policiar a sexualidade e, por consequência, controlar a sexualidade, tendo a homofobia como prática, é uma forma de normatizar os corpos.

Dentro desse alinhamento, o gênero e o desejo são vistos como prolongamentos naturais do sexo. Qualquer desvio em uma das categorias imediatamente causa a desestabilização das demais. Nessa perspectiva, ao romper com o padrão de desejo imposto, relacionando-se sexual e afetivamente com outros homens, Michael perde também seu status de “homem”, sendo associado, também, a atividades ou características consideradas femininas como balé, moda, vaidade, etc.

A partir das ideias de Foucault (1980; 1988), defendi neste trabalho que a aparente rigidez das representações que propõem um modelo de torcedor e atleta, que não vislumbram a possibilidade da presença de um homossexual, são alimentadas pelos *discursos*, que afetados/produzidos por uma rede de poder, ganham status de verdade.

Assim, as “verdades” constituem padrões, estabelecendo expectativas sobre o gênero. Para Butler (2006), essa expectativa é responsável por produzir o exato fenômeno pelo qual se espera. Assim, esse resultado que se supõe estar externo ao sujeito é exatamente produzido por ele, ao se engajar em determinados comportamentos, valores e ideais que são tidos como apropriados, tendo como efeito sua naturalização.

Modelos normatizados tornam-se, assim, a única referência pensada para um sujeito expressar-se de forma sexuada e generificada. Nesse sentido, a palavra *homem* foi comumente utilizada por leitores-comentaristas para se referir a esse padrão específico

– heterossexual, viril, dominador, agressivo – negando a pluralidade das formas de ser homem. Em oposição a esse modelo, tem-se a *bicha*, que por ser homossexual, característica abominável, foi caracterizado de forma a distanciar-se ao máximo do *homem*.

Entendendo que bicha é um simples sinônimo de homossexual, independente do contexto em que se usa o termo, uma série de leitores-comentaristas questionou, também, que as manifestações tenham sido ofensivas ou, menos ainda, homofóbicas. Nessa perspectiva, o termo foi visto a partir unicamente de seu significado, ignorando o contexto em que é utilizado. Acreditando que foi claro o objetivo de insulto presente nas manifestações, o uso do argumento de que chamar Michael de bicha foi apenas a verbalização de um fato, expõe a dificuldade de se reconhecer atitudes de preconceito, em parte pelo seu uso irrefletido e corriqueiro.

Assim, defendi que a naturalização de termos como “bicha” ou “viado” como insultos são evidências de uma sociedade carregada de padrões heteronormativos, no qual ser homossexual é motivo de constrangimento e rejeição. Nesse sentido, os dados encontrados demonstraram que mesmo os leitores-comentaristas que criticam as manifestações da torcida cruzeirense fazem uso da lógica heteronormativa para ofender seus “adversários ideológicos”, chamando-os especialmente de “bichas enrustidas”. Ademais, afirmam, também, que Michael “é muito homem” por assumir-se homossexual publicamente, recorrendo ao termo como sinônimo de coragem, de alguma forma contribuindo para a padronização do ser homem.

Outra evidência encontrada nesta pesquisa que demonstra a força dos padrões heteronormativos socialmente disseminados é o fato de muitos leitores-comentaristas terem apontado que, apesar de reprovarem a atitude da torcida e entenderem que os homossexuais devem ser respeitados, eles deveriam ser discretos e evitar demonstrações públicas de carinho. Em concordância, na pesquisa previamente citada de Knijnik (2006) junto a jogadoras de futebol, parte das atletas entende que “ter cabelo curto e andar que nem homem, atrapalha o futebol feminino” (KNIJNIK, 2006, p. 177). De forma semelhante, Lopes (2011), estudando a produção das masculinidades homossexuais na revista *Rose*, periódico gay editado entre as décadas de 1970 e 1980 no Brasil, identifica a discrição enquanto um signo de masculinidade importante a esse grupo, rejeitando, em contrapartida, atitudes efeminadas. Esses exemplos visam demonstrar que também os homossexuais, por vezes, compactuam com certos modelos comportamentais, afinal estão eles também inseridos na mesma cultura heteronormativa dos heterossexuais. Assim, mesmo rompendo com a norma sexual, parte deles defende a manutenção de

parâmetros de gênero, inclusive como forma de amenizar o preconceito. Discordando dessa prerrogativa, ao fazer referência a Borillo (2001), defendi que a exigência desses enquadramentos constitui-se como uma atitude homofóbica.

Os meios de comunicação foram utilizados nesta pesquisa sob dois vieses. O primeiro, como objeto empírico, de onde extraí os textos que foram analisados, entendendo-os como um espaço de exposição da sociedade. O segundo foi com vias à reflexão do sobre o papel da mídia na manutenção/desestabilização de padrões heteronormativos. A internet, mídia escolhida para tal análise, tem como atributo a possibilidade ampliada da participação dos leitores, diluindo a dicotomia das posições produtor e receptor.

Essa desfiguração de um modelo comunicacional linear e unidirecional é a característica central do que Castells (2005) chama de sociedade em rede. Nessa perspectiva, o conhecimento não é produzido por um núcleo central que a transmite aos receptores. Potencializados por tecnologias fundamentadas na microeletrônica e em redes digitais de computadores, todo sujeito é visto como um nó de uma rede, capaz de receber, produzir e distribuir informações.

Esse modelo reticular foi identificado em alguns textos analisados, como na apresentação de informações novas nos comentários ou na constituição de diálogos entre leitores-comentaristas, por vezes tratando de questões paralelas à da matéria à qual estão associados. Apesar disso, essa articulação não foi hegemônica. Boa parte dos comentários apenas faz referência à matéria, ignorando os textos de outros leitores-comentaristas, de alguma forma, mantendo a unidirecionalidade do modelo linear e hierárquico de comunicação. A expectativa de uma possível circularidade mais elaborada de informações, remetendo a conteúdos assistidos na TV ou enviando links de outras reportagens ou de vídeos do Youtube, por exemplo, não ocorreu. Isso demonstra que, apesar da lógica em rede, juntamente com o uso de dispositivos tecnológicos, estar cada vez mais difundida, o padrão de comunicação “tradicional”, marcado pela separação da figura do produtor e do receptor, ainda é recorrente.

A análise das reportagens demonstrou um tratamento superficial da questão da homofobia, atendo-se predominantemente às questões ligadas ao âmbito esportivo: qual seria a punição ao Cruzeiro; qual o impacto psicológico do ocorrido nas duas equipes; etc. Ainda que reconhecendo a relevância de tais questões, esperava-se que o fato pudesse proporcionar uma discussão focada na temática da homofobia, o que não foi encontrado.

Hipótese semelhante foi lançada no primeiro capítulo dessa dissertação a partir de dois dados: 1. O fato do número de reportagens dos sites de jornais dos estados de origem das equipes ser consideravelmente superior ao do site de O Globo; 2. O fato da grande maioria das matérias reportar o episódio de Michael, mas ter como foco central o “jogo em si” (placar, desempenho das equipes, preparativos para o próximo confronto, etc.).

Nesse sentido, não surpreende, também, que as orientações de postura dadas pelo Cruzeiro à sua torcida no terceiro jogo tenham sido chamadas de “campanhas educativas” ou “campanhas de conscientização”. Tais ações, expostas pela equipe durante seu julgamento no STJD, consistiriam basicamente na distribuição de panfletos e no aumento do efetivo policial, assim descritos em matéria da Folha de São Paulo:

Os papéis [entregues pelo Cruzeiro aos torcedores no 3º jogo] trarão impressos quatro recomendações de conduta: “incentive nossos jogadores”, “respeite o adversário”, “não lance nenhum objeto em quadra” e “não prejudique o seu time”. De acordo com o capitão Gláucio Porto, responsável pelo policiamento da partida, será maior o número de policiais dentro e fora do ginásio. Haverá ainda escolta para o time de Araçatuba.³²¹

Uma outra reportagem do site do Estado de Minas informa que o Cruzeiro optou por não distribuir panfletos, evitando que eles fossem amassados e lançados na quadra, planejando em seu lugar a exposição de faixas e cartazes nas proximidades do ginásio pedindo respeito ao Vôlei Futuro e seus jogadores, somadas a falas similares feitas ao longo da partida pelo locutor no alto-falante. As reportagens informam apenas essas ações, sugerindo que não haverá continuidade da campanha.

Destaco que, aparentemente³²², as ações empreendidas não dizem respeito à conscientização acerca das homossexualidades, mas sim a uma adequação do comportamento da torcida, de forma a evitar novas punições ao clube. Ações bastante semelhantes, utilizando das mesmas orientações – “incentive nossos jogadores”,

³²¹ BASTOS, Mariana. Jogador do Vôlei Futuro revê torcida que o ofendeu. *Folha de São Paulo* 15 de abril de 2011. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/esporte/903013-jogador-do-volei-futuro-reve-torcida-que-o-ofendeu.shtml>>. Acesso em: 15 de janeiro de 2012.

³²² Relativo a afirmação, pois as observações se fazem a partir das informações divulgadas nos textos analisados informando a estratégia traçada pelo Sada Cruzeiro, e não por uma observação *in loco* do que, de fato, foi empreendido.

“respeite o adversário”, “não lance nenhum objeto em quadra” e “não prejudique o seu time” – poderiam ser utilizadas caso a torcida tivesse lançado objetos na quadra ou a invadido por outros motivos quaisquer, o que demonstra que não há preocupação em conscientizar ou educar acerca do combate à homofobia.

Encontrei, nos textos analisados, algumas comparações entre a homofobia e o racismo, a grande maioria identificando semelhanças entre os fenômenos³²³, chegando a defender que elas são expressões de um mesmo problema, como evidenciado abaixo:

Não é simples, mas tente visualizar a cena: Fla x Flu no Engenhão, Ronaldinho Gaúcho pega na bola e, pelo fato de ele ser negro, os torcedores do Fluminense começam a fazer sons de macaco, num grosseiro gesto de preconceito. A descrição parece absurda, mas, guardadas as devidas proporções, *foi exatamente isso que sofreu o jogador Michael [...]*.³²⁴

Houve, também, alguns leitores-comentaristas que questionaram o que chamam de “atitude politicamente correta”, criticando o fato de “tudo agora ser homofobia ou racismo”. Sem me ater a essa questão, identifico elementos de comparação entre a questão racial e a sexual e de gênero, que podem enriquecer a compreensão sobre ambos os fenômenos. Pesquisas futuras com essa proposta encontrariam cenários propícios à análise inclusive no próprio campo esportivo, percebendo que, se por um lado, a homofobia é um tema pouco abordado, o racismo já vem sendo tratado como preocupação há algum tempo. Tratando do futebol, esporte do qual recebemos um maior volume de informações, ainda que tomemos conhecimento de episódios racistas com alguma frequência, é notável a preocupação dos clubes e federações para bani-los, por meio de ações punitivas e preventivas, um processo que acompanha as medidas que vem sendo tomadas, também, fora do contexto esportivo.

Reforçando a possibilidade de diálogos, ao longo desse trabalho eu mesma propus uma comparação entre os desdobramentos do episódio Michael e de uma cena de racismo contra o jogador Wallace, do Sada Cruzeiro, em partida válida pela Superliga

³²³ Dois foram os comentários que diferenciaram as duas práticas de preconceito, sendo que os argumentos utilizados foram: os homossexuais optam por gostar de alguém do mesmo sexo, diferentemente dos negros que não escolhem nascer dessa cor, noção criticada no capítulo 2; a maior parte da população brasileira é negra, mas apenas uma minoria é formada de homossexuais.

³²⁴ BANUTH, Patrícia. Segundo especialistas, homofobia reflete uma sociedade hipócrita. *Correio Brasiliense*. 6 de abril de 2011. Disponível em: <http://www.superesportes.com.br/app/19,68/2011/04/06/noticia_volei_16569/segundo-especialistas-homofobia-reflete-uma-sociedade-hipocrita.shtml>. Acesso em: 15 de janeiro de 2012. (Grifo meu).

2011/2012. Assim, seja a partir da comparação entre esses episódios, ou por meio de outros objetos, creio ser essa uma questão que merece ser investigada.

Outro ponto que poderia ser aprofundado diz respeito à entrada de clubes de futebol em outros esportes. Essa pesquisa foi capaz de notar que, dentre os textos analisados, há a uma representação amplamente difundida dos torcedores de futebol como violentos e incivilizados, ainda que, por vezes, haja a defesa que tal postura é aceitável dentro das arenas esportivas. Além disso, tais pessoas são culpabilizadas pelas manifestações contra Michael. Essas informações suscitam, contudo, algumas perguntas que não puderam ser respondidas com os dados disponíveis neste trabalho: Quem são os torcedores de equipes de vôlei que representam tradicionais clubes de futebol? Há diferença nos modos de torcer dessas equipes e de outras equipes de vôlei não associadas a clubes de futebol? Há diferenças no modo de torcer de torcedores de futebol e de vôlei? O que os agentes envolvidos – tradicionais torcedores de voleibol, tradicionais torcedores de futebol, dirigentes de clubes de voleibol, federações e voleibol, etc. - pensam sobre forma de parceria? Essas, entre outras tantas questões, poderiam ser, também, objetos de outros estudos.

As inúmeras menções à naturalização de manifestações semelhantes no futebol, também me fazem acreditar que essa modalidade deveria ser analisada. Parece-me que a homossexualidade feminina é amplamente tratada nos estudos que abordam o futebol de mulheres, contudo, a homossexualidade masculina, quando abordada, se faz dentro de uma discussão mais ampla acerca da masculinidade, sendo pouco explorada enquanto foco central. Esclareço que essa é uma impressão obtida a partir do conjunto limitado de estudos a que tive acesso.

Por fim, volto a afirmar que o ocorrido com Michael mostra-se como uma moeda composta de duas faces. Se, por um lado, as manifestações da torcida e o volume de comentários que naturalizam o ocorrido demonstram que ainda formamos uma sociedade constituída de fortes parâmetros heteronormativos, por outro, o também amplo conjunto de críticas à atitude, assim como a decisão do STJD de punir o clube, sugere que estamos diante de uma alteração nos parâmetros de sensibilidade para com as expressões homofóbicas. A esses dados, somamos questões externas à pesquisa, como o fato do direito ao casamento gay e adoção fazerem parte dos debates políticos recentes, da criminalização da homofobia ser um projeto de lei em pauta no Congresso, do número e tamanho das Paradas de Orgulho Gay estarem aumentando, dos personagens homossexuais se multiplicarem no cinema e TV, chegando até mesmo às novelas globais, etc.

Encorpando o conjunto de episódios que colocam a questão LGBT em evidência, no período em que escrevo as linhas finais desse trabalho, um texto publicado na Revista Veja, intitulado “Parada gay, cabras e espinafres”, de autoria de José Roberto Guzzo³²⁵ ganhou os holofotes. Entre várias ponderações questionáveis e inconsistentes, cito sua afirmação de que a lei “não obriga nenhum cidadão a gostar de homossexuais, ou de espinafre, ou de seja lá o que for” e a discordância de que a impossibilidade de gays se casarem é uma forma de discriminação, visto que “um homem também não pode se casar com uma cabra, por exemplo”³²⁶. A dimensão da repercussão é, em parte, justificada pelo fato de Veja ser a revista de maior circulação do país, tendo uma tiragem semanal superior a um milhão de cópias. Um notável debate sobre o texto se instaurou, ainda que com a presença de argumentos que reforcem a fala de Guzzo. Assim, percebe-se um novo rompimento do silêncio. Mesmo entendendo que a homofobia ainda não é suficientemente discutida e combatida, as homossexualidades, mesmo que apenas a partir de alguns episódios esporádicos, parecem estar sendo tematizadas.

Nesse sentido, acredito que o episódio de Michael, mesmo que desconhecido para muitos, fica registrado como um marco. Ainda que a punição tenha sido questionada pelo Vôlei Futuro, foi a primeira vez no Brasil que uma atitude repressiva contra manifestações homofóbicas foi tomada pelo STJD. E toda caminhada começa pelo primeiro passo.

³²⁵ Texto publicado na revista do dia 11 de novembro de 2012. Não encontrei a coluna no site da revista, contudo, ele foi reproduzido por uma série de blogs. Entre outros, disponível em <<http://avaranda.blogspot.com.br/2012/11/parada-gay-cabra-e-espinafre-j-r-guzzo.html?m=1>>. Acesso em: 15 de dezembro de 2012.

³²⁶ Não me dedico a expor todas as questões do texto, nem a respondê-las. É possível encontrar na internet inúmeras repostas a Guzzo. Entre elas, cito a do deputado carioca Jean Wyllys, disponível em: <<http://jeanwyllys.com.br/wp/veja-que-lixo>>. Acesso em: 15 de dezembro de 2012.

REFERÊNCIAS

- ADELMAN, Míriam. Paradoxos da identidade: a política de orientação sexual no século XX. *Revista de Sociologia Política*, Curitiba, n. 14, p. 163-171, Jun. 2000.
- ANJOS, Luiza Aguiar dos. A Associação Nacional dos Torcedores como um movimento de resistência no futebol. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 17. CONGRESSO INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 4, 2011, Porto Alegre. *Anais...* Porto Alegre: UFRGS, p. 1-14, 2011.
- BARROS, Antônio Teixeira de. A ética de mercado na produção noticiosa do jornal Folha de S. Paulo. *Perspectivas*, São Paulo, v. 16, p. 265-294, 1993.
- BASTOS, Marco Toledo de Assis. Do sentido da mediação: às margens do pensamento In: BETTI, Mauro. *Janela de vidro: esporte, televisão e educação física*. 2. ed. São Paulo: Papirus, 1998.
- BETTI, Mauro. *A janela de vidro: esporte, televisão e educação física*. Campinas: Papirus, 1998.
- BORILLO, Daniel. *Homofobia*. Barcelona: Edicions Bellaterra, 2001.
- BOTELHO, Rafael Guimarães; SOUZA, José Maurício Capinussú de. *Bullying e educação física na escola: características, casos, consequências e estratégias de intervenção*. *Revista de Educação Física*, Rio de Janeiro, n.139, p.58-70, Dez. 2007.
- BRACHT, Valter. *Sociologia crítica do esporte: uma introdução*. Vitória: CEFD/UFES, 1997.
- BRASIL. Constituição (1988) *Constituição da República Federativa do Brasil*, 1988. Brasília: Senado Federal, Centro Gráfico, 1988. 168p.
- BUTLER, Judith. *Gender Trouble*. New York: Routledge, 2006.
- _____. *Sex and Gender in Simone de Beauvoir's Second Sex*. *Yale French Studies*. Simone de Beauvoir: Witness to a Century. n. 72, p. 35-49, 1986.
- CAMPOS, Helena Nunes. Princípio da proporcionalidade: a ponderação dos direitos fundamentais. *Cadernos de Pós-Graduação em Direitos Políticos e Econômicos*, São Paulo, v. 4, n. 1, p. 23-32, 2004.
- CASTELLS, Manuel. La ciberguerra de wikileaks. *La Vanguardia*. Barcelona, 11 de dezembro de 2010. Disponível em: <<http://www.lavanguardia.com/opinion/articulos/20101211/54086305259/la-ciberguerra-de-wikileaks.html>> Acesso em: 10 de janeiro de 2013.
- _____. A sociedade em rede: do conhecimento à política In CASTELLS, Manuel; CARDOSO, Gustavo. *A sociedade em rede: do conhecimento à ação política*. Belém: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2005.
- _____. *A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- CAUDWELL, Jayne. Introduction In: _____. (Org.) *Sport, sexualities and Queer/ theory*. New York: Routledge, 2006.

CUNHA JR, Carlos Fernando Ferreira de.; MELO, Victor Andrade de. Homossexualidade, educação física e esporte: primeiras aproximações. *Movimento*, Porto Alegre, v.3, n.5, p. 18-24, 1996.

DAMO, Arlei Sander. *Para o que der e vier: o pertencimento clubístico no futebol brasileiro através do Grêmio Foot-ball Porto Alegrense e seus torcedores*. 1998. 257f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1998.

DAOLIO, Jocimar. O drama do futebol brasileiro: uma análise socioantropológica. In: _____. *Cultura: educação física e futebol*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2006.

DAY, Vivian Peres. Violência doméstica e suas diferentes manifestações. *Revista de psiquiatria*. Rio Grande do Sul, v. 25, suppl. 1, p. 9-21, Abr. 2003.

DIAS, Dylia Lysardo. O discurso dos estereótipos na mídia. In: EMEDIATO, Wander; MACHADO, Ida Lúcia; MENEZES, William (Org.). *Análise do discurso: gêneros, comunicação e sociedade*. Belo Horizonte: Núcleo de Análise do Discurso, Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Faculdade de Letras da UFMG, 2006.

BRASIL. Superior Tribunal de Justiça. Habeas Corpus 93.250-9 Mato Grosso do Sul. Haroldo José Guimarães Dias e Ari Augusto de Freitas Dias. Relatora: Min. Ellen Gracie. Brasília, Acórdão de 10 de junho de 2008, *Diário da Justiça Eletrônica*, Brasília, n. 117, p. 644-659, junho de 2006. Disponível em: <http://www.jusbrasil.com.br/filedown/dev4/files/JUS2/STF/IT/HC_93250_MS_1278988808080.pdf> Acesso em: 13 de dezembro de 2012.

DUMAZEDIER, J. *Sociologia empírica do lazer*. São Paulo: Perspectiva: SESC, 1979.

DUNNING, Eric. Prefácio In: ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. *A busca da excitação*. Lisboa: Difel, 1992a.

_____. O desporto como uma área masculina reservada: notas sobre os fundamentos sociais na identidade masculina e as suas transformações. In ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. *A busca da excitação*. Lisboa: Difel, 1992b.

ECO, Umberto. *Viagem na irrealidade cotidiana*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

ELIAS, Norbert. *O processo civilizador: uma história dos costumes*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

_____. Introdução In ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. *A busca da excitação*. Lisboa: Difel, 1992.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. *A busca da excitação*. Lisboa: Difel, 1992.

ESCHER, Thiago de Aragão; REIS, Heloisa Helena Baldy. O futebol “na tela da TV”. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 15.; CONGRESSO INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 2, 2007, Recife. *Anais eletrônicos...* Recife: CBCE, p. 1-10, Set. 2007.

FACCHINI, Regina. Movimento Homossexual no Brasil: recompondo um histórico. *Cadernos AEL*, v.10, n.18/19, p. 81-125. 2003.

- FACCHINI, Regina; FRANÇA, Isadora Lins. De cores e matizes: sujeitos, conexões e desafios no Movimento LGBT brasileiro. *Sexualidad, Salud y Sociedad* – Revista Latinoamericana, n.3, p.54-81, 2009.
- FARIA, Eliene Lopes. *A aprendizagem da e na prática social: um estudo etnográfico sobre as práticas de aprendizagem do futebol em um bairro de Belo Horizonte*. 2008. 229f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.
- FISCHER, Rosa Maria Bueno. Foucault e a análise do discurso em educação. *Cadernos de Pesquisa*, n.114, p. 197-223, Nov. 2001.
- FORTES, Rafael. Lazer e meios de comunicação. In: ISAYAMA, Hélder Ferreira; SILVA, Silvio Ricardo da. (Org.). *Estudos do Lazer: um panorama*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2011, v. 1, p. 51-63
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade 1: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- _____. *Microfísica do poder*: 25.ed. São Paulo: Graal, 2012.
- FREIRE FILHO, João. Mídia, estereótipo e representação de minorias. *ECO-PÓS*, Rio de Janeiro, v.7, n.2, p.45-71, 2004.
- FREITAS, Marcel de A. Apontamentos sócio-histórico-culturais sobre o futebol no Brasil e em Belo Horizonte, Minas Gerais. *Motrivivência*, Florianópolis, ano XVIII, n.27, p.73-98, Dez. 2006.
- FRY, Peter; MACRAE, Edward. *O que é homossexualidade?* São Paulo: Brasiliense, 1983.
- GASTALDO, Édison. A Pátria na “imprensa de chuteiras”: futebol, mídia e identidades brasileiras. In: ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL EM PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM CIÊNCIAS SOCIAIS, 27, 2003, Caxambú, Out. 2003.
- GOMES, Wilson. Opinião política na Internet: uma abordagem ética das questões relativas a censura e liberdade de expressão na comunicação em rede. In: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 10, 2001, Brasília. *Anais...* Brasília, COMPÓS, 2001.
- GREEN, James Taylor. More love and more desire: the building of a Brazilian movement. In: ADAM, Barry D; DUYVENDAK, Jan Willem; KROUWEL, André. *The global emergence of gay and lesbian politics: national imprints of a worldwide movement*. Philadelphia: Temple University Press, 1998.
- _____. *Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.
- GROSSI, Gabriele. Valores e dominação: esboço de uma teoria das ofensas verbais. In: REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA, 26, 2008, Porto Seguro. CD Virtual da 26ª RBA, 2008.
- HALL, Stuart. *Representation: cultural representations and signifying practices*. Londres; Thousand Oaks, Calif.: Sage Publications/Open University, 1997.

- _____. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- HALLAM, Elizabeth; INGOLD, Tim. Creativity and cultural improvisation: an introduction. In: HALLAM, Elizabeth; INGOLD, Tim (orgs.) *Creativity and cultural improvisation*. New York: Berg, 2007.
- HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. *O clube como vontade e representação: o jornalismo esportivo e a formação de torcidas organizadas de futebol do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2009.
- INGOLD, Tim. Da transmissão de representações à educação da atenção. *Educação*, Porto Alegre, v. 33, n. 1, p. 6-25, Jan./Abr. 2010.
- KNIJNIK, Jorge Dorfman, VASCONCELOS, Esdras Guerreiro. Sem impedimento: coração aberto às mulheres que calçam chuteiras no Brasil. In: COZAC, João Ricardo. *Com a cabeça na ponta da chuteira: ensaios sobre a psicologia do esporte*. São Paulo: Annablume/Ceppe, 2003.
- KNIJNIK, Jorge Dorfman. *Femininos e masculinos no futebol brasileiro*. 2006. 475 f. Tese (Doutorado em Psicologia) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.
- LATOUR, Bruno. Como terminar uma tese de sociologia: pequeno diálogo entre um aluno e seu professor (um tanto socrático). *Cadernos de campo*, São Paulo, n. 14/15, p. 339-352, 2006.
- LAVE, Jean; WENGER, Etienne. *Situated learning: legitimate peripheral participation*. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.
- LEAL, Bruno Souza; CARVALHO, Carlos Alberto de. Sobre jornalismo e homofobia ou: pensa que é fácil falar? *Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação | E-compós*, Brasília, v.12, n.2, Mai./Ago., 2009.
- LEAL, Bruno Souza et al. *Mídia e homofobia: linguagem, construção da realidade e agendamento*. 2008. 182 p. Relatório final de projeto de pesquisa (Curso de Comunicação Social). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.
- LEMOS, André. *Cibercultura, tecnologia e vida social na cultura contemporânea*. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2004.
- LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. (Trad. Carlos Irineu da costa.) São Paulo: Editora 34, 1999.
- LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis: Vozes, 1997.
- _____. Teoria *Queer*: uma política pós-identitária para a educação. *Estudos Feministas*, Ano 9. 2 sem., p. 541-553, 2001.
- _____. *Um corpo estranho: Ensaios sobre sexualidade e teoria Queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- _____. Heteronormatividade e homofobia. In: JUNQUEIRA, Rogério Diniz (Org.). *Diversidade sexual na educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009.

- LOPES, Charles Roberto Ross. *Seja gay... mas não esqueça de ser discreto*: produção de masculinidades homossexuais na Revista Rose (Brasil, 1979- 1983). 2011. 101f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.
- LOPES, Denilson. *O homem que amava rapazes e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2002.
- MACHADO, Roberto. Introdução. In: FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*: 25.ed. São Paulo: Graal, 2012.
- MACRAE, Edward. Em defesa do gueto. *Novos Estudos*, São Paulo, v. 2, n.1, p. 53-60, 1983.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de dentro: notas de uma etnografia urbana. *Revista brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, vol.17, n. 49, Jun. 2002.
- MAIA, Antônio C. Sobre a analítica do poder de Foucault. *Tempo Social*: Revista de Sociologia. USP, São Paulo, v.7, n.1-2, p.83-103, Out. 1995.
- MARCHI JÚNIOR, Wanderley. *“Sacando” o voleibol*. São Paulo: Hucitec; Ijuí: Unijuí, 2004.
- MARQUES, Francisco Paulo Jamil Almeida. Debates políticos na internet: a perspectiva da conversação civil. *Opinião Pública*, Campinas, v. 12, n.1, Abril/Maio, 2006, p. 164-187.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Dos meios às mediações*: comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2003.
- MAUSS, Marcel. *Sociologia e antropologia*. São Paulo: Cosaz & Naify, 2003.
- MELO, V. A.. Esporte. In: GOMES, Christiane (Org.). *Dicionário crítico do lazer*: v.1. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p. 80-84
- MORIN, Edgar. *Ciência com consciência*. Paris: Fayard, 1982.
- MOUILLAUD, Maurice. Da forma ao sentido. In: MOUILLAUD, Maurice; PORTO, Sérgio Dayrell (org.). *O jornal da forma ao sentido*. Brasília: Paralelo 15, 1997a.
- _____. A informação ou a parte da sombra. In: MOUILLAUD, Maurice; PORTO, Sérgio Dayrell (org.). *O jornal da forma ao sentido*. Brasília: Paralelo 15, 1997b.
- OLIVEIRA, João Manuel de.; PINTO, Pedro; PENA, Cristiana; COSTA, Carlos Gonçalves. Feminismos *Queer*: disjunções, articulações e ressignificações. *ex aquo*, n. 20, p. 13-27, 2009.
- OLIVEIRA, Pedro Paulo de. *A construção social da masculinidade*. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2004.
- PETRIK, Manuel. *O duelo verbal*: um estudo sobre os polemistas no jornalismo. 2006. 122 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) - Faculdade de Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.
- PINTO, Manuel. Fontes jornalísticas: contributos para o mapeamento do campo. *Comunicação e Sociedade 2*, Cadernos do Noroeste, Série Comunicação, v. 14 (1-2), p. 277-294, 2000.
- PIRES, Giovani de Lorenzi. Breve introdução aos estudos dos processos de apropriação do fenômeno social esporte. *Revista da Educação Física/UEM*, v. 9, n. 1, p. 25-34, 1998.
- PONTE, Cristina. *Para entender as notícias* – linhas de análise do discurso. Florianópolis: Insular, 2005.

- PRAÇA, Gibson; SILVA, Tiago Felipe da; AUGUSTO, Isabela; DEBORTOLI, José Alfredo Oliveira; SILVA, Silvio Ricardo da. Perfil de torcedores organizados em Belo Horizonte: considerações metodológicas e primeiras impressões. In: CONGRESSO SUDESTE DO CBCE, 3, 2010, Niterói. *Anais eletrônicos...*2010. Niterói: CBCE, 2010.
- REIS, Heloísa Helena dos. *Futebol e sociedade: as manifestações da torcida*. 1998. 102 f. Tese (Doutorado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998.
- ROSELLI-CRUZ, Amadeu. Homossexualidade, homofobia e a agressividade do palavrão: seu uso na educação sexual escolar. *Educar em Revista*, Curitiba, n. 39, p. 73-85, Jan./Abr. 2011.
- ROSA, Rodrigo Braga do Couto. *Enunciações afetadas: relações possíveis entre homofobia e esporte*. 2010. 210f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.
- SAGGESE, Gustavo Santa Roza. Quando o armário é aberto: visibilidade, percepções de risco e construção de identidades no *coming out* de homens homossexuais. In: SEMINÁRIO FAZENDO GÊNERO, 8, 2008, Florianópolis. *Anais...*Florianópolis:Centro de Filosofia e Ciências Humanas da UFSC, 2008. p. 1-7.
- SAUTCHUK, Carlos. *O arpão e o anzol: técnica e pessoa no estuário do Amazonas* (Vila Sucurijú, Amapá). 2007. 310f. Tese (Doutorado em Antropologia) – Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Brasília, Brasília, 2007.
- SAMPAIO, Rafael Cardoso. Participação política e os potenciais democráticos da internet. *Revista Debates*, Porto Alegre, v.4, n.1, p. 29-53, Jan./Jun. 2010.
- SCHWARTZ, Gisele Maria. O conteúdo virtual do lazer: contemporizando Dumazedier. *Livere*, Belo Horizonte, v.6, n.2, p.23-31, 2003.
- SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 20, n.2 p.71-99, Jul./Dez. 1995.
- SEIDMAN, Steven. Deconstructing *Queer* theory or the under-theorization of the social and the ethical. In: NICHOLSON, Linda; SEIDMAN, Steven. (Orgs.). *Social postmodernism: beyond identity politics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995. p. 116-141.
- SIGNATES, Luiz. Estudo sobre o conceito de mediação. *Novos olhares*, n.2, 2º sem. 1998.
- SILVA, Gislene. Para pensar critérios de noticiabilidade. *Estudos em jornalismo e mídia*, v.2, n.1, 1º sem. 2005.
- SILVA, Silvio Ricardo da. *Tua imensa torcida é bem feliz*. 2001. 142f. Tese (Doutorado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.
- SIMMEL, Georg. *Conflict*. New York: The Free Press, 1955.
- SIMÕES, J. A. ; FRANÇA, Isadora Lins . Do gueto ao mercado. In: GREEN, James N.; TRINDADE, Ronaldo. (Org.). *Homossexualismo em São Paulo e outros escritos*. São Paulo: Editora Unesp, 2005. p. 309-333.

- TAVARES, Marie Luce. *Na parada do lazer: diagnóstico do campo de atuação profissional nas ONGs LGBT de Belo Horizonte/MG*. 2011. 183f. Dissertação (Mestrado em Lazer) - Faculdade de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.
- SANTOS, José Vicente Tavares dos Santos. Microfísica da violência, uma questão social mundial. *Ciência e Cultura*, São Paulo, v.54, n.1, Jun./Set. 2002.
- TOLEDO, Luiz Henrique de. *Lógicas no futebol*. São Paulo: Hucitec/Fapesp, 2002.
- _____. *Torcidas organizadas de futebol*. Campinas, SP: Autores Associados/ Anpocs, 1996.
- _____. Por que xingam os torcedores de futebol? *Cadernos de Campo*, São Paulo, n. 3, p.20-29, 1993.
- TREVISAN, João Silvério. *Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil da colônia à atualidade*. 8.ed. Rio de Janeiro: Record, 2011.
- VIANA, Juliana de Alencar. *Lazer e tecnologias da informação e comunicação (TICS): desafios para se pensar a animação cultural na rede – um estudo da comunidade estudiolivre.org*. 2010. 133f. Dissertação (Mestrado em Lazer) - Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.
- WAINBERG, Jacques A. *Línguas ferinas: um estudo sobre a polêmica e os polemistas*. Porto Alegre; EDIPUCRS, 2010.
- ZALUAR, Alba; LEAL, Maria Cristina. Violência extra e intramuros. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 16, n.45, p.145-164, 2001.



Prêmio CBCE de Literatura Científica

QUANDO O SILÊNCIO É ROMPIDO:
HOMOSSEXUALIDADES E ESPORTES
NA INTERNET

Luiza Aguiar dos Anjos

DEMAIS OBRAS DA COLEÇÃO:

- ❖ Educação Física: Atuação Profissional e Condições de Trabalho em Academias / *Adriana Cristine Koch Buttelli*
- ❖ Educação Física: Atuação Profissional e Condições de Trabalho em Academias / *Alessandra Dias Mendes*
- ❖ Nos domínios do corpo e da espécie: Eugenia e Biotípi na constituição disciplinar da Educação Física / *Anbdré Luiz dos Santos Silva*
- ❖ Efeitos de Diferentes Programas de Treinamento de Força no Meio Aquático com Diferentes Volumes nas Adaptações Neuromusculares de Mulheres Jovens / *Maira Cristina Wolf Schoenell*
- ❖ Efeitos Agudos e Crônicos do Treinamento em Hidroginástica no Perfil Lipídico e na Enzima Lipase Lipoprotéica de Mulheres Pré-Menopáusicas Dislipidêmicas / *Rochelle Rocha Costa*